

FRANK

- e e -

AMOR

DAVID YOUN

SEQUENCE



DAVID YOON
FRANK
- e e -
AMOR

Tradução
LÍCIA AZEVEDO

SEGUINTE

Para Nicki e Penny e mamãe e papai, todos juntos

Sumário

Capa

Rosto

Sumário

antes de começar

o outono do último ano do ensino médio da juventude humana

1. lagoa namorada
2. alerta de metáfora
3. mais melhor
4. ruim o bastante
5. realidades em colisão
6. morrendo
7. planeta frank
8. a proposta
9. controle perfeito da mente

frank e o amor

10. novos amores antigos
11. trocando pedras preciosas
12. brilhante
13. obrigada, bulit
14. mais verdadeiro
15. sozinhos juntos

vire o mundo de cabeça pra baixo e veja o que fica no lugar

16. vamos esperar para ver

17. talvez seja diferente
18. ovelha negra negra
19. ei, internet, o que são
20. nascido preso
21. nebulosa verde-limão
22. dia de incêndio
23. vocês come melão
24. o mesmo lugar
25. o melhor peido
26. uma piada ruim
27. tudo bem com a gente

seu caminho deve seguir

28. oi, ironia
29. magros e gordos
30. uma terra chamada hanna li
31. oobleck
32. alfa e ômega
33. luz cretina
34. se você diz
35. champanhe de champanhe
36. vida só sonho
37. risco baixo de incêndio

ação de graças

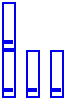
depois do fim

agradecimentos

entrevista com o autor

Sobre o autor

Créditos



antes de começar

Bom, tenho dois nomes.

É o que eu digo quando as pessoas me perguntam qual é meu nome do meio. Eu digo:

Bom, tenho dois nomes.

O primeiro é Frank Li. Mamãe-e-papai me deram esse nome levando em conta principalmente o número de letras.

Sério. F+R+A+N+K+L+I tem sete letras, e sete é o número da sorte nos Estados Unidos.

Frank é meu nome americano, ou seja, é meu nome mesmo.

Meu segundo nome é Sung-Min Li, que é meu nome coreano e segue a mesma cosmologia numerológica.

S+U+N+G+M+I+N+L+I tem nove letras, e nove é o número da sorte na Coreia. Ninguém me chama de Sung-Min, nem mesmo mamãe-e-papai. Eles só falam Frank.

Então não tenho nome do meio. Mas tenho dois nomes.

Bom, acho que a ideia dos dois números da sorte, o sete e o nove, era de que eu fizesse uma espécie de ponte entre as culturas ou qualquer merda dessas.

Estados Unidos, esta é a Coreia. Coreia, estes são os Estados Unidos.

Pronto? Posso cuidar da minha vida agora?

Ótimo.

o outono
do último ano
do ensino médio
da juventude humana

lagoa namorada

O último ano teve início.

“Teve início” é mais interessante do que “começou”, porque, quando dito da maneira certa, faz você parecer um cavaleiro solitário, o único sobrevivente capaz de dar a temível notícia a um rei cansado à beira da derrota, que passa a mão fraca pelo rosto apavorado. *O último suspiro foi dado, majestade. A queda da Casa Li teve início.*

Sou o rei nesse cenário, aliás, passando a mão no rosto apavorado.

Porque o último ano teve início.

Às vezes penso nos dias pacíficos do penúltimo ano, seis meses atrás. Em como saltitamos pelo campo depois de fazer o exame preparatório para o vestibular, que em Playa Mesa, Califórnia, Estados Unidos, é amplamente utilizado para determinar se um jovem humano está apto a entrar em uma instituição de ensino superior.

Mas o exame preparatório...

Não vale nada, nós cantarolávamos. Não conta merda nenhuma, não, senhor!

Ficamos de boa sob o sol, fazendo piada com a pergunta de interpretação de texto sobre o experimento para verificar se cachorros achavam mais fácil virar uma lata de lixo (mais fácil) ou puxar uma corda (mais difícil) para conseguir comida. Com base no texto e nos resultados apresentados na Tabela 4, era mais provável que os cachorros:

A) resolvessem a tarefa com a corda do que com a lata

B) se frustrassem mais com a corda do que com a lata

C) se ressentissem dos humanos que os colocavam em situações tão absurdas em vez de só botar comida na porcaria da tigela, como gente

normal

Ou

D) passassem a pata pelo rosto apavorado

A resposta certa era a D.

Porque no dia em que saíram os resultados, descobri que tinha tirado 1400, sendo que o máximo era 1520, o que significava que tinha acertado 96% das questões. Isso me rendeu muitos parabéns robustos e espontâneos dos meus amigos, com direito a tapas nas costas, que para mim pareciam mãos — *tap, tap, tap* — batendo na porta fechada de uma cripta.

Meu objetivo era tirar 1500.

Quando contei a mamãe-e-papai, eles olharam para mim com pena e descrença, como se eu fosse um pardalzinho morto no parque. Juro que minha mãe disse:

Não preocupa, ainda amamos você.

Minha mãe disse que me amava apenas duas vezes na vida. Uma vez por causa desse resultado, e a outra pelo telefone, depois do velório da mãe dela na Coreia, quando eu tinha dez anos. Hanna e eu não fomos. Meu pai estava na Loja, então também não foi.

Pensando bem, é esquisito não termos ido.

No fundo, secretamente fico feliz por não ter ido. Só vi minha avó materna uma vez, quando tinha seis anos. Ela não falava inglês e eu não falava coreano.

Pensando melhor, talvez não seja tão esquisito não termos ido.

Meu pai nunca disse que me amava.

Vamos voltar à nota do exame preparatório.

Como indicador principal, termômetro, augúrio, prenúncio e muitas outras palavras usadas no agora inútil guia de estudo para o simulado, uma pontuação de 1500 significaria que eu provavelmente me sairia bem o bastante no vestibular para chamar a atenção de Harvard, a Melhor Universidade do País Inteiro, de acordo com mamãe-e-papai.

Já 1400 significava que eu provavelmente “vestibularia” bem o bastante para ser aceito na Universidade da Califórnia em Berkeley, que na cabeça de mamãe-e-papai era o prêmio de consolação se eu não entrasse em Harvard. Às vezes, por uma fração de segundo, o mente-leão deles me faz pensar:

Berkeley é uma droga.

Minha irmã mais velha, Hanna, foi quem inventou o termo “mente-leão”, que é tipo um mata-leão, só que no cérebro. Hanna mora em Boston, perto de outra Berkeley, a Escola de Música Berklee.

Na verdade, Berklee é a faculdade dos meus sonhos. Mas mamãe-e-papai já descartaram essa opção. *Música? Como você ganhar dinheiro? Como você comer?*

Os dois nomes da minha irmã são Hanna Li (sete letras) e Ji-Young Li (nove). Meu pai escolheu Hanna Li por causa de Honali, o cenário de “Puff (The Magic Dragon)”, o famigerado hino à maconha dos anos 1960 disfarçado de música infantil. A música tinha chegado às aulas de inglês do ensino médio de Seul nos anos 1970. Meu pai nunca fumou maconha. Ele não tinha ideia do que estava cantando.

Hanna é a filha mais velha; Hanna fez tudo certo. Mamãe-e-papai disseram para ela estudar muito, e minha irmã só tirou dez. Disseram para ir para Harvard e ela foi, e se formou com distinção. Depois Hanna fez mestrado em direito, também em Harvard, o que lhe deu uma vantagem em relação aos assistentes da sua idade no Eastern Edge Consulting, escritório especializado em negociação de patentes ridículas para empresas bilionárias de tecnologia. Hanna está até se aventurando com capital de risco no escritório de sua casa, que fica no alto de Beacon Hill. Durante a semana, minha irmã usa terninhos caríssimos; nos fins de semana, vestidos sóbrios (mas ainda assim caríssimos). Deveria ser fotografada para a capa de uma revista de viagens a negócio ou coisa do tipo.

Mas então Hanna fez uma coisa errada. Ela se apaixonou.

Se apaixonar não é ruim em si. Mas se apaixonar por um cara negro assume proporção suficiente para anular tudo de bom que ela fez na vida. Ele deu uma aliança de compromisso à minha irmã, mas mamãe-e-papai não viram e talvez nunca vejam.

Em outra família talvez em outro planeta, o cara negro seria levado para conhecer os pais durante as férias e todos diríamos seu nome em voz alta: *Miles Lane*.

Mas estamos neste planeta e mamãe-e-papai são mamãe-e-papai, então nada de Hanna nestas férias. Estou com saudade dela. Mas entendo por que

não vai vir. Mesmo que signifique que não terei ninguém com quem tirar sarro do mundo.

A última vez que minha irmã veio pra casa foi no feriado de Ação de Graças, há dois anos. Ela veio para uma Reunião. Era a vez dos Chang bancarem os anfitriões. Não sei por que ela fez o que fez naquela noite. *Então, estou namorando*, Hanna disse. *Ele é o amor da minha vida*.

Ela mostrou uma foto de Miles no celular, para mamãe-e-papai e todo mundo. Foi como se tivesse lançado um feitiço para silenciar a sala. Ninguém disse nada.

Depois de um minuto, o celular apagou sozinho.

Mamãe-e-papai foram para a porta da frente, calçaram os sapatos e esperaram que nos juntássemos a eles sem nos encarar. Fomos embora sem nos explicar — nem precisávamos —, e na manhã seguinte Hanna pegou um voo de volta para Boston, quatro dias antes do planejado. Um ano depois, após seis ou sete Reuniões sem Hanna, Ella Chang ousou usar a palavra “deserdada”.

E a vida seguiu. Mamãe-e-papai não tocam no nome de Hanna. Eles agem como se ela tivesse mudado para outro país e estivesse incomunicável. Sempre que eu a mencionava, eles literalmente — literalmente — desviavam o olhar em silêncio até eu desistir. Depois de um tempo, desisti mesmo.

Hanna também desistiu. Passou de mandar mensagens todo dia a mandar dia sim, dia não, então uma vez por semana, e cada vez menos. É assim que se deserda alguém. Não é como uma sentença final declarada num tribunal familiar. É uma negligência gradual. Como mamãe-e-papai desistiram de Hanna, ela decidiu desistir também. Dá pra entender.

Mas eu não desisti dela. Ainda não.

É assustador ver alguém que você ama sumir de vista.

Falo bastante de Hanna com Q. Q é como chamo meu melhor amigo, que também me considera seu melhor amigo.

Vou ser eternamente grato pela paciência de Q comigo, porque imagino que ele não deva se sentir muito bem ao me ouvir falando sobre como mamãe-e-papai rejeitaram um garoto só porque tinha a mesma cor de pele que ele.

O sobrenome de Q é Lee. Ele é Lee e eu sou Li. Como irmãos, filhos de uma mãe coreana e uma mãe negra. Os pais dele, o sr. e a sra. Lee, são

peessoas normais que parecem eternamente surpresas por terem dado à luz tamanho nerd. Q tem uma irmã gêmea chamada Evon, tão maravilhosa que mal consigo olhar para ela. Para mim, Evon Lee soa como Étão Linda.

O Q de Q não é abreviação de nada; é só Q mesmo. Ele decidiu trocar de nome há alguns meses, em seu aniversário de dezoito anos. Originalmente, seu nome era Thomas.

Thomasturbando?, sempre diziam.

Você fez bem em mudar de nome, Q.

Como a maior parte dos nerds, Q e eu gostamos de ver filmes obscuros, jogar videogame, desconstruir os inúmeros absurdos da realidade, e por aí vai. Quase não falamos de garotas, por falta de material. Nunca saí com uma, nem ele. O mais longe a que me atrevi em águas femininas foi quando beijei Gina Não Sei o Quê sem querer durante uma brincadeira no ano passado. Tínhamos que nos beijar na bochecha, mas viramos ao mesmo tempo e nossos lábios acabaram se tocando. Opa.

A única hora e o único lugar em que tocamos indiretamente que seja no assunto é quando estamos sentados à beira da Lagoa Namorada.

A Lagoa Namorada fica no Westchester Mall, o maior shopping de Orange County. Por algum motivo, eles deixam as portas abertas até bem depois da meia-noite, quando todas as lojas estão fechadas faz tempo. O shopping se torna um espaço lindo e vazio, sereno e apocalíptico, sobre o qual ninguém no sul da Califórnia parece saber.

Só tem dois seguranças cuidando da enorme vastidão do shopping deserto. Eles se chamam Camille e Oscar. Conhecem Q e eu e entendem que não, não somos um casal. Somos só dois garotos com ideias estranhas para matar o tempo.

A Lagoa Namorada é uma fonte no átrio de vidro do Westchester Mall, perto de uma loja enorme da Nordstrom. É uma estrutura baixa e polida formada por ângulos modernos e simples. Ostenta uma placa de latão extravagante dizendo: NÃO BEBA: ÁGUA DE REUSO. Um jazz genérico tocando de fundo enche o espaço de arpejos ecoantes.

Eu a chamo de Lagoa Namorada porque se fizer oferendas e confissões suficientes, talvez uma garota se erga da superfície cintilante e estenda a mão para mim.

Q e eu nos sentamos de pernas cruzadas na amurada de pedra cor de chocolate. Ficamos observando a água borbulhar no tanque octogonal

superior, passar por uma pedra denteada e descer alguns degraus até o tanque inferior, cujo fundo está sempre cheio de moedas brilhando.

Pego minha mochila, tiro meu Tascam, um aparelho incrível do tamanho de um controle remoto, e gravo o som: baixo, em camadas ricas e pegajosas, ruído rosa e o ocasional estouro de bolhas maiores. Praticamente um riff completo por si só. Desligo o gravador para que Q e eu possamos começar.

— Qualidades ideais numa mulher — digo. — Você começa.

Q descansa o queixo nos punhos cerrados.

— Ela tem que falar pelo menos três línguas.

— E? — insisto.

— Tem que tocar oboé profissionalmente.

— Q...

— Ser professora de uma universidade de ponta durante o dia e dançar balé à noite.

— Imagino que você não esteja se baseando na realidade.

— Não posso sonhar? — Q diz.

É meio difícil ouvi-lo por cima do ruído da Lagoa Namorada, e acho que é isso que torna a fonte um lugar onde é mais fácil falar sobre coisas como garotas ideais. É como falar sozinho em voz alta, mas um na frente do outro.

— Sua vez — Q diz.

Penso. Centenas de rostos passam pela minha mente, todos lindos à sua maneira. Milhares de combinações possíveis. Todo mundo tem a beleza dentro de si, basta olhar com cuidado. Muita coisa no mundo é assim. Uma vez cortei uma cebola ao meio e descobri que suas camadas mais internas tinham se espremido uma a uma para formar um coração perfeito. Uma vez...

— Frank? — Q me chama. — Você tem que abrir a boca pra falar.

— Hum — eu digo. — Eu sei.

Q só fica me olhando, na espera.

— Acho que ela tem que ser gentil. É o mais importante.

Q levanta a sobrancelha.

— Então nada de garotas malvadas. Entendi.

— E ela tem que me fazer rir — eu digo.

— Algum outro critério essencial? — ele pergunta.

Penso. Qualquer outra coisa — hobbies, gosto musical, estilo de roupa — me parece irrelevante. Então só balanço a cabeça em negativa.

Q dá de ombros para a fonte.

— Isso é muito romântico. No sentido mais básico.

— Basicamente — digo.

Ficamos os dois olhando para a fonte por um momento. Então marco o fim da nossa visita à Lagoa Namorada enfiando a mão no bolso do jeans atrás das sagradas moedas, uma para mim, outra para Q. Ele joga a moeda fazendo um som de pum. Aperto a minha na palma e depois a atiro com um impulso do dedão. *Plim*. As moedas se juntam à pilha submersa de desejos aleatórios: tirar boas notas, ser promovido, ganhar na loteria e, acima de tudo, amor.

Ninguém emerge da água cintilante.

Q não sabe, mas deixei de fora um critério para minha mulher ideal. Prefiro não dizer em voz alta, ainda que seja aquele com que mais me preocupo.

Minha mulher ideal provavelmente teria ascendência coreana.

Não é estritamente necessário. Na verdade nem ligo. Mas facilitaria muito as coisas.

Ameacei entrar nas águas do namoro duas vezes apenas, e em ambas algo me impediu de mergulhar fundo. Uma paralisia. Acho que vinha de não saber o que seria pior: sair com uma garota que meus pais odiavam ou com uma garota que meus pais amavam. Ser jogado no ostracismo ou ter todos os meus movimentos controlados.

Então pensei em como os descendentes de coreanos representavam apenas 1% da população da República da Califórnia, 12% dos quais são garotas da minha idade, o que representava uma opção a cada oito quilômetros quadrados. Tirando aquelas que já eram comprometidas, aquelas com quem eu não ia me dar bem e, pior, acrescentando meus critérios de mulher ideal, ficava ainda mais difícil. A Lagoa Namorada se transformava em uma poça.

Então deixo a noção de garota ideal de lado. Percebo que estou fazendo isso há anos.

— Sonhar não custa nada — diz Q.

— Sonhar não custa nada — repito.

2

alerta de metáfora

A loja de mamãe-e-papai também tem dois nomes, como Hanna e eu.

O nome oficial é Mercado Fiesta Hoy, que nem vou me dar ao trabalho de traduzir porque é um nome muito idiota. O segundo é simplesmente A Loja. A Loja é o nome de verdade.

Mamãe-e-papai trabalham na Loja todos os dias, de manhã até a noite, incluindo fins de semana, feriados, Ano-Novo. São 365 dias por ano, sem jamais tirar férias desde que Hanna e eu nascemos.

Eles herdaram a Loja de um casal coreano mais velho, da primeira onda de imigração, que veio nos anos 1960. Não fizeram um contrato escrito nem nada do tipo. Só foram apresentados por um amigo próximo, tomaram chá, jantaram e finalmente trocaram medidas profundas e um aperto de mão entusiasmado. O casal queria se certificar de que a Loja ficaria em boas mãos. Em boas mãos coreanas.

A Loja fica a uma hora de carro da perfeição distópica que é o subúrbio de Playa Mesa, onde moramos. Ela fica em uma área pobre do sul da Califórnia, castigada pelo sol e povoada principalmente por comunidades mexicanas e negras. A um mundo de distância.

Os pobres clientes pagam mamãe-e-papai com vale-alimentação, que é trocado por dinheiro, que é guardado para pagar minha faculdade.

É a versão mais recente do sonho americano.

Espero que a próxima versão do sonho americano não envolva extorquir vale-alimentação de ninguém.

Estou na Loja agora. Apoiado contra o balcão. O verniz está gasto no meio, lembrando os anéis de um tronco, mostrando a história de cada transação feita em sua superfície: doce, cerveja, fraldas, leite, cerveja, sorvete, cerveja e cerveja.

— Eles entregam negócios no aeroporto de acordo com a etnia — expliquei a Q uma vez. — Os gregos ficam com as lanchonetes, os chineses ficam com as lavanderias, os coreanos ficam com as lojas de bebida.

— Ah, então é assim que esse país funciona — Q disse, dando uma mordida irônica em seu burrito.

Está quente dentro da Loja. Estou com uma camiseta do Hardfloor com furos de traça num tom frio de preto, combinando com minha bermuda de sarja da mesma cor. Nem todos os tons de preto são iguais. Tem o preto mais quente, o preto-amarronzado, o preto mais pra roxo. Minhas pulseirinhas são um arco-íris de tons de preto. Tudo o que visto acima dos tornozelos tem que ser preto. Mas meus sapatos podem ser de qualquer cor. Como meu tênis amarelo-berrante.

Meu pai se recusa a ligar o ar-condicionado, porque a única coisa que o calor afeta são os doces à base de chocolate, que ele guarda num depósito refrigerado.

Então estou suando. Observo um trio de moscas traçar uma série infinita de ângulos retos no ar, fazendo um zum-zum ininterrupto. Tiro uma foto e posto com a seguinte legenda: *Acho que acabei de entender o significado de “moscar”*.

Não faz o menor sentido estar aqui para ajudar mamãe-e-papai na Loja. Eles nunca me deixaram trabalhar.

Estuda bem, talvez vira médico, meu pai dizia.

Ou apresentador famoso, minha mãe completava.

Ainda não entendi a segunda opção.

Bom, fico na Loja apenas um dia por semana, aos domingos, sempre no caixa — sem levantar peso, separar itens, limpar, etiquetar ou lidar com fornecedores. Minha mãe está em casa descansando do turno da manhã, o que me deixa sozinho com meu pai no turno dele. Desconfio que é tudo uma armação da minha mãe para que eu me aproxime do meu pai nesse último ano antes de ir para a faculdade. Para que a gente passe um tempo juntos como pai e filho. Tenha conversas profundas.

Meu pai coloca uma daquelas cintas de suporte lombar para carregar peso e descarrega um caminhão cheio de caixas de licor de malte. Parece um pouco com um hobbit, atarracado e forte, com pernas grossas, carregando um estilete no cinto em vez de um saquinho de veludo cheio de

moedas preciosas. Ainda tem todo o cabelo, apesar dos quarenta e muitos anos. E pensar que se formou na faculdade em Seul e veio parar aqui. Me pergunto quantos imigrantes como ele existem, fazendo trabalho pesado mesmo tendo um diploma especializado.

Ele sai das garras do buraco-negro que é o depósito refrigerado.

— Você come — meu pai diz.

— Tá bom, pai.

— Você pega taco. Do lado. Dinheiro aqui.

Ele me entrega uma nota de vinte.

— Tá bom, pai.

Eu digo “Tá bom, pai” bastante. Não fica muito mais profundo que isso na maior parte do tempo. Na maior parte do tempo, eu não consigo. O inglês do meu pai não é muito bom, e meu coreano é quase inexistente. Cresci jogando videogame e vendo filmes independentes, e meu pai cresceu fazendo nem sei o quê.

Eu costumava perguntar a ele sobre sua infância. Ou sobre coisas básicas, tipo como ele tinha conseguido se dar ao luxo de fazer faculdade. Afinal, meu pai cresceu na pobreza, ou pior que isso. Minha mãe também, antes do crescimento econômico explosivo da Coreia no fim dos anos 1980. Meu pai dizia que ia pegar caranguejos no rio quando acabava a comida. Muita gente no campo fazia isso.

— Caranguejinho, tudo subindo na minha rede — ele me disse. — Subindo, subindo, subindo, em cima do outro, pisando no rosto, pra chegar no alto.

— Tá — eu disse.

— Coreia é assim — ele disse.

Quando perguntei o que queria dizer, ele encerrou a conversa.

— Estados Unidos melhor. Melhor escola aqui, aprender inglês. Mais oportunidade.

Meu pai encerrava muitas conversas daquele jeito, mesmo as que começavam com perguntas inocentes como “Por que nunca falamos coreano em casa?” ou “Por que velhinhos coreanos gostam tanto de uísque Chivas Regal?”.

Então, na maior parte do tempo, terminávamos o assunto no “Tá bom, pai”.

— Tá bom, pai — eu digo.

Pego o celular e saio para a rua ainda mais quente. Música *corrido* explode dos alto-falantes da *carnicería* ao lado, enchendo o estacionamento vazio. A música deveria deixar todo mundo feliz, convidar os clientes a entrar. Mas não está dando certo.

¡Dia de festa!

Meu celular vibra. É Q.

Saudações, cavalheiro. Vamos para LA. Entrada livre pros museus hoje à noite. Uma galera vai.

Sinto muitíssimo, meu caro, respondo. Tenho Reunião.

Sua falta será sentida, meu bom homem.

Posso dizer o mesmo, caro senhor.

Q sabe do que estou falando quando menciono a *Reunião*.

Estou falando da reunião de cinco famílias, que parece uma coisa meio mafiosa, mas na verdade são só os amigos de mamãe-e-papai se encontrando para jantar, cada vez em uma casa.

É um evento ao mesmo tempo comum e extraordinário: comum porque é só um jantar; extraordinário porque os cinco casais se conheceram na universidade em Seul, ficaram amigos, se mudaram juntos para o sul da Califórnia e começaram uma nova vida, mantendo encontros mensais por décadas.

O dia acaba. Meu pai troca de camisa, substituindo o dono de loja por alguém mais apropriado para uma Reunião: um homem que usa polo cinza mescla e que exala sucesso e prosperidade. Apagamos as luzes e trancamos a Loja. Então dirigimos por quarenta minutos até a casa dos Kim.

É a vez da família Kim sediar a Reunião, e eles capricharam: vão servir churrasco brasileiro feito por brasileiros de verdade que vão ensinar a palavra da noite (chur-ras-ca-ri-a), além de uma degustação de vinhos e uma televisão de setenta polegadas no salão com óculos de realidade virtual para que as crianças possam brincar de exploradoras do oceano.

Tudo isso grita: *Estamos nos saindo superbem nos Estados Unidos. E vocês?*

Os próprios filhos estão inclusos como símbolo de sucesso, principalmente nós, os mais velhos. Nascemos todos mais ou menos ao mesmo tempo. Estamos todos no mesmo ano na escola. Não param de

falar a nosso respeito, como se fôssemos subcelebridades. *Fulano virou capitão do time de pentatlo da escola. Sicrano vai ser orador da turma.*

Ser um símbolo é um trabalho cansativo, então nos escondemos no salão de jogos ou coisa do tipo enquanto as crianças mais novas correm furiosamente do lado de fora e os adultos se embebedam e cantam músicas pop coreanas de vinte anos atrás que nenhum de nós entende. Por isso, nossa amizade evoluiu para algo muito estranho:

Só ficamos juntos quatro horas por mês

Nunca saímos do cômodo nesse intervalo de tempo, a não ser para comer

Nunca nos encontramos fora das Reuniões

As Reuniões são um mundo à parte. Estar ali é como ser transportado para uma versão da Coreia eternamente presa em uma bolha — a Coreia do começo dos anos 1990, que mamãe-e-papai e seus amigos trouxeram para os Estados Unidos, depois de a bolha estourar. Nesse ínterim, os coreanos na Coreia seguiram em frente, ganhando dinheiro e experiência. Enquanto isso, do outro lado da porta dos Kim crianças americanas dançam k-pop diante do videogame em suas telas gigantescas.

Mas, durante as Reuniões, o tempo parece congelado por algumas horas. Os filhos só comparecem por causa dos pais. Seríamos amigos de outra forma? Provavelmente não. Mas não vamos ficar sentados ignorando um ao outro, porque seria chato demais. Por isso conversamos e filosofamos até que seja hora de ir. Então somos lançados de volta à realidade que nos espera do lado de fora das Reuniões, quando o tempo descongela e volta a correr normalmente.

Eu nos apelidei de Limbos.

Todo mês, temo ir às enfadonhas Reuniões com os Limbos, quando ficamos presos entre dois mundos. Mas todo mês sou lembrado de que a maior parte dos Limbos é bem legal.

Como John Lim (sete letras), que criou um jogo para celular que está vendendo superbem.

Ou Ella Chang (nove), que arrasa no violoncelo.

Ou Andrew Kim (nove), que escreveu um livro bem famoso com seu parceiro youtuber.

Eu costumava pensar que o número de letras nos nossos nomes era uma coisa esquisita dos coreanos.

Mas não é uma coisa esquisita dos coreanos. É só uma coisa esquisita.

Acho que o tipo de gente que se dispõe a viver em um país completamente diferente também se dispõe a criar suas próprias tradições esquisitas. Esquisitice gera esquisitice.

Esquisitice esta que também proporciona aos filhos uma vida incrivelmente privilegiada, e por isso sou grato. De verdade.

Na Reunião de hoje, os Limbos ficam todos no quarto de Andrew, jogando um game de luta.

— Oi — digo.

— Oi — eles dizem.

John Lim faz manobras com o controle, como se fosse ajudar em alguma coisa. Andrew Kim solta grunhidos de esforço. Ella Chang, de óculos, está dando um pau em todo mundo tranquilamente.

— Quer jogar? — Ella pergunta.

— Um segundo.

Tem um Limbo faltando. Vagueio pela casa até encontrá-la: Joy Song, sentada sozinha entre as peças de Lego no quarto em tom pastel da irmã mais nova de Andrew Kim.

Joy Song (sete letras), que também se chama Yu-Jin Song (nove).

Quando tínhamos cinco, seis ou sete anos, Joy e eu roubávamos petiscos da mesa do churrasco antes da hora de comer. Ficávamos de pé na cadeira, erguíamos o macarrão bem alto e o soltávamos na boca aberta do outro. Enfiávamos chumaços de grama dentro da calça um do outro, até que um dia vi sua calcinha de relance e compreendi que era hora de ter medo das garotas. E tenho medo desde então.

Joy Song está sentada no canto, fazendo bico. Ela olha para mim — *Ah, é só Frank* — e mantém a expressão concentrada. Isso dá um toque rebelde a seu rosto com traços ovais simples. Ela volta ao que estava fazendo: enfileirar as peças de Lego.

Joy também está ouvindo música pelos fones minúsculos. Parecem insetos gritando.

— Esse é o melhor jeito de ouvir música, não acha? — pergunto. — Respeita totalmente a intenção artística dos músicos.

— Oi, Frank — Joy fala, desanimada.

— Como você está?

— Ah, não muito — ela diz, respondendo uma pergunta diferente da cabeça dela.

Sento diante das peças de Lego, sentindo como se tivesse dez anos.

— Quer construir alguma coisa?

— As peças de cores sólidas são de plástico ABS, e as peças transparentes são de policarbonato.

— Tá bom.

Noto que Joy mudou o cabelo. Os fios externos estão do tom castanho normal, mas os fios internos foram tingidos em um tom de verde-limão que só consigo ver de relance.

Ela passa a mão pelo cabelo — lampejo verde — e para, mantendo a cabeça inclinada. Perdida em pensamentos.

— Não dá para usar plástico ABS nem policarbonato em uma impressora 3-D. Eu não consigo, pelo menos. Não tenho a tecnologia necessária.

Joy solta o cabelo, e a camada verde é escondida de novo.

Ambos estudamos no colégio Palomino. Não fazemos nenhuma aula juntos. Ninguém além dos Limbos sabe que somos amigos de Reunião. Quando nos cruzamos no corredor, só nos entreolhamos e seguimos em frente.

Agora que parei pra pensar, por que os Limbos não se encontram fora das Reuniões?

— Vamos fazer uma torre — ela diz.

Recorremos a um velho hábito: construímos uma torre de quatro por quatro com as cores ascendendo no padrão do arco-íris. *Tuc, tuc*, peça a peça. Fazemos isso por muito tempo, em silêncio.

Noto uma mudança nos ruídos da festa, e quando olho para cima minha mãe nos observa da porta. Ela não precisa dizer nada. Só olha para mim, depois para Joy, e abre um sorrisinho.

Depois que minha mãe vai embora, Joy revira os olhos e resmunga sozinha.

— Joy, quer casar comigo para que a Casa Li e a Casa Song possam finalmente se unir? — pergunto.

— Cala a boca — ela diz, jogando uma peça de Lego em mim.

Joy tem uma risada bizarra, que lembra um bando de esquilos.

— Estou ferrada — ela finalmente diz.

— O que está rolando?

— Wu... Você sabe quem é, né?

Claro que sei quem é Wu. Ele é da terceira geração de uma família de imigrantes chineses. Tem quase um metro e noventa de altura e oitenta e cinco quilos de puro músculo. Um príncipe guerreiro com olhos de falcão que veio parar na selva do ensino médio americano. Basta um olhar para as garotas darem de cara no armário.

Wu tem noventa e nove por cento de chance de ir para a USC, que fica em Los Angeles. O pai dele estudou lá. A mãe dele estudou lá. A placa do carro deles começa com USC. Eles ainda vão assistir às partidas do time de futebol americano da universidade.

Uma vez vi Joy e Wu se pegando entre duas pilastras. A visão do queixo ovalado dela se movimentando no mesmo ritmo do queixo pontudo dele produziu em mim aquela mistura paralisante de repulsa e fascinação de quando se está diante de algo que você sabe que deve existir, mas que nunca achou que veria com os próprios olhos.

Q acha Joy linda. Como alguém que não participa das Reuniões, ele pode achar isso.

O nome completo de Wu é Wu Tang.

Pois é.

Joy prossegue.

— Wu está querendo conhecer meus pais. Eu disse que não, mas ele insistiu. E tivemos a maior briga.

Para entender por que isso é um problema, é útil saber que, historicamente, todos os países da Ásia se odeiam. Os coreanos odeiam os chineses, e os chineses odeiam os coreanos, e sempre odiaram. Os chineses também odeiam os japoneses, que odeiam os coreanos, que odeiam os tailandeses, que odeiam os vietnamitas e por aí vai. Todos têm um histórico de invadir e ser invadidos. É a mesma coisa dos países europeus, que ficam falando mal uns dos outros.

— Que droga — eu digo, franzindo a sobancelha.

Joy e eu estamos nas peças verdes. Levanto uma e noto que é do mesmo tom de verde dos fios escondidos dela.

— Meu problema não é só um garoto — Joy diz. — Meu problema é um garoto chinês.

E os coreanos odeiam os chineses, que odeiam os coreanos e blá-blá-blá.

— Racistas — digo.

Joy só assente. Sabe que estou falando dos pais dela.

Sei que esse é o momento em que um de nós deveria falar sobre Hanna. Mas o quê?

Há muito a dizer. Mas eu já disse tantas e tantas vezes que nem preciso mais dizer de fato. Agora só estou cansado de repetir.

Nossos pais são racistas. Queria que as coisas fossem diferentes. Sinto saudade de Hanna. Queria que as coisas fossem diferentes. Nossos pais são racistas. Sinto saudade de Hanna.

Tuc, tuc. Construímos até chegar às peças roxas. Sobra só um monte de peças brancas, pretas e marrons.

— O que fazemos com elas? — pergunto. — Não são cores do arco-íris.

É uma metáfora ridícula e óbvia, e Joy dá um peteleco na minha testa para deixar isso claro.

— Alerta de metáfora, seu bobo — ela diz.

Então só ficamos olhando um para o outro.

— Malditos pais — digo.

3

mais melhor

Quem volta dirigindo é minha mãe. É um longo trajeto de Diamond Ranch a Playa Mesa. Primeiro vem uma comunidade coreana, depois uma mexicana, uma chinesa, uma negra, outra mexicana e afinal uma branca.

Playa Mesa fica na branca.

Estamos na primeira comunidade mexicana quando meu pai vomita em silêncio em um copo descartável vazio.

— Hum — faz minha mãe. — Você bebe demais.

— Tô bem — meu pai diz.

— Hum — repete minha mãe, abrindo todas as janelas.

Meu pai tampa o copo e se recosta no assento, fechando os olhos. O canudinho continua ali. É como se satã tivesse criado uma bebida e desafiasse qualquer um a dar um gole.

O ar fresco ajuda com o cheiro.

— Não bebe que nem papai, hum? — minha mãe diz, me olhando pelo retrovisor.

— Tá — eu digo.

— Uma vez, um homem, ele bebeu noite toda, bebeu muito, muito. Ele dormiu, vomitou e engasgou dormindo. Morreu.

Já ouvi essa história antes.

— Que chato.

— Não bebe mesmo, hum?

— Não precisa se preocupar, mãe.

Não precisa mesmo. Bebi duas vezes na vida, e nem tomei o copo todo. Q, a irmã dele e todos os meus amigos são assim também. Jovens sóbrios, os melhores do ano, que nunca são convidados para festas ou outros

lugares em que tem bebida disponível. E não beberíamos mesmo se fôssemos.

Somos todos das turmas avançadas, ou TAs. Não vamos pra *balada* nem pro *esquenta*. Em vez de ir a festas, encontramos estacionamentos vazios e fazemos leituras à meia-noite da peça *Rosencrantz e Guildenstern estão mortos*, de Tom Stoppard. Nos apertamos no meu carro, um Consta adolescente com tração dianteira e vidros manuais, e dirigimos até metade do caminho para Las Vegas para observar uma chuva de meteoros ou dar uma boa olhada na bainha de Órion no céu impecavelmente preto do deserto. Para deixar claro, não chegamos até Las Vegas. O que acontece em Vegas tanto faz, quem se importa? Damos meia-volta e voltamos para casa, pensando em vida fora da Terra, se vamos encontrar alienígenas em algum momento ou se estão nos ignorando porque ainda somos constrangedoramente primitivos, ou se o Paradoxo de Fermi está certo e somos mesmo os únicos seres inteligentes em todo o Universo.

O trânsito está bem tranquilo — só uma fileira de faróis se movimentando a mais de cento e trinta quilômetros por hora. Já estamos na comunidade chinesa. Meu pai nota isso.

— Tudo chinês agora — ele diz. — Antes mexicano, agora tudo chinês. Ocuparam toda área. Olha, placa diz Hong, Fu, Xian, blá-blá-blá. Hahaha!

— Chang-chong-ching-chong? — minha mãe brinca, rindo também.

— Gente... — digo.

— Eles comem tudo — meu pai continua. — Orelha de porco, rabo de porco, pé de frango, comem tudo.

Escondo o rosto no colo. Os coreanos comem muita coisa — abre aspas — esquisita — fecha aspas. Pepino-do-mar, polvo vivo, geleia de bolota. É tudo delicioso. Pessoas brancas, negras, indianas, jamaicanas, mexicanas e *humanas* comem coisas deliciosas e esquisitas.

Quero dizer tudo isso, mas descubro que não consigo. Não vai levar a lugar nenhum. Meus pais estão fadados a pensar que os coreanos são especiais.

— Ching-chong-chang-chang? — minha mãe repete.

Meu pai ri, segurando firme sua bebida dos infernos, e por um segundo posso imaginá-los antes de ter Hanna e eu. É uma cena paradoxalmente doce. Mamãe-e-papai murmuram afetuosamente um para o outro em coreano, e não consigo entender a maior parte do que dizem, até que levo

um susto quando dizem *jjangkkae*, um apelido preconceituoso para os chineses.

Se eu fosse como qualquer outro adolescente, ia me concentrar no meu espelho pra macaco (é assim que Q chama os smartphones), dando likes em posts banais, ou talvez compondo alguma coisa se me sentisse inspirado. Mas só ficaria enjoado. Então tudo o que posso fazer é estar presente e viver o momento racista.

— Vocês são tão racistas — eu digo de repente.

Estou tão acostumado com o racismo deles que nem me dou mais ao trabalho de argumentar. Seria como mandar o vento mudar de direção. *Vocês sabem que havia pessoas de outras origens neste país mesmo antes de vocês chegarem, né?*, eu costumava dizer. *E que a Coreia é um país bem pequenininho enquanto o mundo está cheio de gente sobre quem vocês não sabem muita coisa, né?*

Argumentar com mamãe-e-papai é inútil, porque o vento vai soprar para onde quiser, de acordo com sua lógica própria irritante. Só um louco continuaria tentando mudá-los. Principalmente quando eles encerram o assunto argumentando que “é só brincadeira”. Tipo agora.

— Racista, não — diz minha mãe, magoada. — Só brincadeira.

— Joy Song tem um namorado de ascendência chinesa — eu digo.

Mas é claro que não digo. Dizer isso tornaria a vida de Joy um inferno no mesmo instante, assim que minha mãe ligasse para a mãe dela, e minha mãe está sempre ligando para alguém. Então Joy construiria um drone em sua garagem e ordenaria que me dilacerasse com lasers enquanto eu dormia.

Mas parte de mim tem vontade de fazer isso mesmo assim. Porque estamos nos Estados Unidos, e porque quero forçar a discussão. Eu diria: *Vocês sabiam que americanos de ascendência coreana são apenas 0,5% da população? Pensaram nisso antes de vir pra cá? Acharam que poderiam evitar os outros 99,5% do país por muito tempo?*

Não digo nada disso. Escolho falar de Q.

— E se Q fosse chinês? Vocês fariam esse *ching-chong* na frente dele?

— Não — minha mãe diz, como se eu a tivesse insultado.

— Só pelas costas então...

— Não, Frank.

— Vocês chamam Q de *geomdungi* pelas costas dele?

— Frank, *aigu!* — Minha mãe me olha pelo retrovisor.

Geomdungi é um apelido preconceituoso para pessoas negras.

— Q bom menino — meu pai diz. Seus olhos continuam fechados. É como se ele estivesse falando enquanto dorme. Ele soa sensato e calmo, mesmo quando está bêbado. — Q família. Gosto dele.

Meu pai diz isso apesar de Q ter ido à minha casa pouquíssimas vezes desde que nos conhecemos, anos atrás. Tem um motivo secreto aí.

O segredo está nos sorrisos. Mamãe-e-papai sorriem o tempo todo. Q também. Todo mundo sorri, fingindo que o espectro de Hanna não está bem ali à nossa frente. Pela lógica interna de mamãe-e-papai, não tem nada de errado com Q. Ele é um amigo, um garoto. O nome da família não está em jogo aqui.

Ainda assim, tenho medo de que mamãe-e-papai acabassem dizendo ou fazendo algo que magoasse meu melhor amigo. Então, nas poucas vezes em que ele foi em casa, mantive as coisas simples e rápidas: diga oi a mamãe-e-papai, sorria-sorria-sorria escada acima, vá direto pro meu quarto pra jogar os games velhos do meu videogame velho. Acabou que sou eu que fico na casa dele o tempo todo. É mais fácil do que todos os sorrisos.

Faz silêncio no carro, a não ser pelo vento assoviando. Por um segundo, acho que consegui demonstrar meu ponto, fichas caíram em silêncio, houve uma pequena revolução de pensamento, somos todos parte da grande raça humana, estamos nos Estados Unidos da América, tenho o sonho de que um dia todos os vales serão elevados.

Então meu pai continua a falar.

Enquanto dorme.

— Q tem *alma branca*. Sabe como é?

— Não, ele não tem — eu digo, mas meu pai continua a falar.

— Dorme, papai — minha mãe diz.

Mas meu pai não dorme.

— Preto nunca tem dinheiro. Sempre crime, gangue, essas coisas. Filhos demais. É assim, preto.

— Meu Deus, pai — eu digo. Só posso balançar a cabeça. O território da divagação bêbada me é familiar. Procuro a linha pintada na via e a sigo conforme sobe e desce, então se divide em duas. Trocamos de pista e os pneus rangem como o rufar de tambores.

Então minha mãe fala.

— Verdade — ela diz. — Eu penso: por que preto se comporta assim? Os cliente. Tantos se comporta assim.

— Então são todos assim? — pergunto rispidamente. — Todos eles, até o último no planeta inteiro?

— Noventa e oito por cento — minha mãe diz. Ela gosta de dar estatísticas falsas. Meu pai também. É muito irritante.

— Pobreza e décadas de racismo institucional e estrutural não têm nada a ver com isso?

— Em 1992 — minha mãe diz — a gente vem pra Estados Unidos, com trezentos dólar só. É isso. Fica em casa de amigo quase dois ano. Dr. e sra. Choi. Dois ano só comeu *ramyeon* e *kimchi*.

Nem ouço o resto.

Mamãe-e-papai são uma grande parede de gelo ignorante, e eu sou só um soldado solitário com uma espada. Meio que desisto. Percebo que sinto muita falta de Hanna. Ela sempre discutia com mamãe-e-papai para defender o que acreditava, como a advogada que veio a se tornar. Não recuava nem um milímetro, de jeito nenhum. Levava a discussão até o limite, e não arredava pé. Tipo:

Onde a “coreanidade” começa e termina?

E os filhos que chineses ou japoneses tiveram com coreanas durante a ocupação? E as mulheres forçadas à escravidão sexual nos bordéis militares japoneses? Deveriam ter a nacionalidade revogada?

Não acham que é preciso morar na Coreia para ser coreano de verdade?

Por que vieram para este país se são tão coreanos?

E quanto a Frank e eu?

Eu achava minha irmã corajosa, mas agora me pergunto se coragem vale a pena. Os corajosos são os primeiros a ir para a batalha. O que significa que são os primeiros abatidos também.

Espero o silêncio para dizer:

— E se eu namorasse alguém negro?

Quero acrescentar “como Hanna”, mas não faço isso.

— Chega, Frank — minha mãe diz, e faz uma cara feia de quem não acha graça. Ela olha para meu pai, que está dormindo. Seu copo está vazando. Minha mãe o coloca no suporte, o que é ainda mais nojento.

— E uma menina branca? — insisto.

— Não — minha mãe diz.

— Só coreana.

Minha mãe suspira.

— Por quê? Você namora branca?

— Não.

— Não faz isso — minha mãe diz. — Bom. Olho grande melhor. Olho bonito.

Ela é obcecada por garotas de olho grande. A mãe de Joy também. Isso vale para os pais de todos os outros Limbos. Uma vez tentamos entender por quê, numa Reunião. Alguém disse que devia ter a ver com um bando de soldados americanos de olhos redondos que os salvaram durante a guerra civil, o que nos levou a uma análise detalhada do tamanho dos olhos do general MacArthur, o que resultou em teorias sobre os olhos grandes dos personagens de animê, que terminou em um grande debate sobre o que era melhor, o mangá japonês ou o mahnwá coreano, e em um monte de peças de Lego sendo lançadas.

— Você casa moça coreana — minha mãe diz. — Mais fácil assim.

Pressiono a base das palmas contra os olhos.

— Mais fácil pra vocês.

Quero acrescentar “Não estou nem aí se ela é coreana”, mas já falamos sobre isso, e a discussão que se segue é incrivelmente longa.

— Não só a gente — minha mãe diz, indignada. — Pra todo mundo. Moça coreana, reúne com pais, fala coreano juntos. Mais confortável, mais melhor. Come comida coreana tudo junto, vai à igreja coreana junto, mais melhor.

— Mais melhor pra vocês.

— Não — minha mãe diz, mais alto. — Você entende quando tem bebê. Finge que tem bebê mestiço. Pessoa diz: “Ah, de onde é bebê?”. Bebê tem dor de cabeça. E você também! De onde é bebê? Pensa no bebê.

Então penso no bebê. Não no meu, mas no futuro filho de Hanna e Miles. Já vi bebês “mestiços”, e são muito fofos, como qualquer bebê. Quem poderia ser tão cruel a ponto de rejeitar um bebê “mestiço”?

E do que estou falando? Odeio essa palavra, “mestiço”. Algumas gerações atrás, as pessoas chamavam bebês franco-russos de “mestiços”.

Agora eles só são chamados de “brancos”. O termo “mestiço” é só mente-leão mexendo com a minha cabeça.

Desisto.

— Tá bom, mãe.

— Bom — ela recomeça, agora calma. — Conheço muita moça boa.

Massageio minhas têmporas. Cheguei ao fim da discussão, quando não resta mais nada a dizer além de “Tá bom, mãe”.

— Tá bom, mãe — eu digo.

4

ruim o bastante

Não gosto muito de cálculo.

Mas adoro a aula de cálculo.

A aula de cálculo acontece no horário desumano das sete da manhã, antes que o resto do mundo esteja totalmente consciente. É descabido. O sr. Soft sabe disso. É por isso que traz café e uma dúzia de donuts, dois para cada aluno.

O sr. Soft deixa a sala à meia-luz. Um jazz tranquilo emana de um aparelho de som portátil antigo. O sr. Soft é um dos melhores seres humanos que conheço.

O nome completo dele é Berry Soft.

— Quer alguma coisa especial hoje, Frank? — pergunta o sr. Berry Soft, com toda a delicadeza. — Trouxe minha máquina de espresso hoje. Posso fazer um cappuccino.

Nossas mesas ficam dispostas em círculo, e o sr. Soft senta de pernas cruzadas sobre um banco, o rosto brilhante iluminado por um retroprojektor de 1969, literalmente. Ele gosta de escrever nas transparências com caneta removível. Nada de laptop, nada de celular. Só conceitos, princípios e resolução de problemas à mão.

— Procurem os elementos comuns entre os numeradores e denominadores — diz o sr. Soft, escrevendo à mão. — Descubram o que anula o quê. Corta, corta, troca esses caras aqui, corta, então só sobra a resposta.

— Qual é a resposta? — pergunta Brit Means, sentada ao meu lado.

— Treze sobre cinco — o sr. Soft diz. — Mas isso não é o mais importante. O mais importante é o processo.

Brit Means brilha à luz da sabedoria dele.

— O processo — ela repete. Então me dou conta de que assente para mim com os olhos estreitos. Assinto de volta, sem entender direito o motivo.

Como a maior parte dos garotos da turma avançada, acho Brit Means esquisita e intensa, e sou um pouco fascinado por ela. A garota anda pelos corredores como se fosse uma viajante no tempo notando as pequenas diferenças criadas por mudanças minúsculas no caos quântico. Às vezes parece uma linda aluna de intercâmbio vinda de um país que ninguém nunca viu.

Uma vez, depois da escola, acabei dividindo com ela a sombra de uma árvore em um dia quente. Eu estava esperando por Q; ela estava esperando sua carona pra casa.

— A maior parte das construções humanas é feita de madeira — Brit disse à árvore. — Madeira é árvore que é planta. Roupas humanas são algodão: plantas de novo. Vivemos na natureza todos os dias sem nem nos dar conta. Vivemos *dentro* de plantas.

— Hum — eu disse, sentindo um repentino impulso de beijá-la.

De volta à aula de cálculo, Q passa com a caixa de donuts pela sala. Brit se inclina para escolher um, chegando perto o bastante para que eu sinta o cheiro de xampu de seu cabelo molhado.

Depois dela estão Amelie Shim, Naima Gupta e Paul Olmo, sempre nessa ordem.

— Bom, preciso dar uma prova a vocês, espertinhos — o sr. Soft diz. — Que perguntas querem?

Pensamos a respeito. É cedo demais.

— Me mandem por e-mail — o sr. Soft diz. Ele é tão agradável. — Vão todos tirar a nota máxima mesmo. Odeio essa bobageira de dar notas.

Até o jeito como reclama é agradável.

— Obrigado, sr. Soft — diz Q.

— Todos sabemos que estamos trabalhando aqui, não?

Ele passa uma tarefa para casa que envolve calcular o volume dos sólidos obtidos pela rotação em torno de eixos. Nada maluco demais. Mas o sr. Soft quer deixar as coisas mais interessantes e pede que desenhemos os volumes resultantes a carvão no papel.

— Para que compreendam de verdade o que os volumes representam — ele diz.

É uma tarefa em dupla. Paul Olmo se inclina na direção de Q e sussurra alguma coisa. Q assente.

— Eu e Paul vamos fazer nossos volumes com argila — Q anuncia.

— Nerds — digo.

Q me olha como se dissesse: *E daí?*

É a vez de Paul fazer dupla com Q, já que fiz dupla com ele na última tarefa. Nós três nos revezamos para garantir que ninguém acabe sempre de fora. Antes que eu considere com quem posso trabalhar, Brit Means fala:

— Frank, quer ser minha dupla?

— Valeus — eu me pego dizendo.

Valeus?

O sinal toca. Noto que Q parece tão perplexo quanto devo parecer — Brit sempre faz dupla com Amelie. Ele me oferece o punho fechado para um soquinho, enquanto eu acho que vamos bater nossas mãos no alto, de modo que a coisa toda vira uma pantomima esquisita e travada: o ritual de cumprimento desconfortável de todos os nerds do mundo.

Playa Mesa é uma península gigantesca em formato de triângulo situada à beira do Pacífico. A casa de Brit Means e a minha ficam em lados opostos desse triângulo.

Sentamos à enorme mesa de jantar e começamos a trabalhar. Foi a mãe de Brit quem projetou a mesa, e foi o pai de Brit quem construiu. Sobre ela, em uma cumbuca de madeira que o pai de Brit entalhou, há torradinhas de alho. A mesa fica na cozinha grande e cheia de curvas que a mãe de Brit projetou e o pai de Brit construiu. Os dois são arquitetos. Estão acostumados a projetar e construir coisas — coisas grandes, ornamentadas e bem elaboradas —, como se não fosse nada de mais.

Os pais dela entram, ambos de moletom com bolso canguru, pantufas de pele de ovelha e canecas de chá na mão. Eles têm a mesmíssima altura e parecem de famílias que vieram do mesmo pedacinho da Europa tantas gerações atrás. Lembram os druidas bondosos de um jogo que eu gostava.

— Vamos ficar lá em cima — diz a mãe de Brit, dando um sorrisinho meio bobo. É o mesmo sorrisinho meio bobo que minha mãe abriu quando viu Joy e eu juntos na última Reunião.

O que está acontecendo?

— Foi um prazer conhecer você, Frank — o pai de Brit diz.

Eles desaparecem escada acima.

Brit e eu ficamos sozinhos.

Ela me olha por um momento, como alguém olharia seu quadro favorito em um museu, e de repente fala:

— Você fica com os ímpares, eu fico com os pares.

Está se referindo à lição de casa. Brit ajeita o cabelo atrás da orelha e movimenta sua lapiseira Zeichner Profi 5.0 mm, realizando sem esforço círculos perfeitos e volteios, subindo e descendo, em movimentos muito elaborados.

E muito sedutores, eu diria.

Tento morder o lábio inferior. Então lembro da regra número um do ser humano: nada de autocanibalismo. Em vez disso, como uma torradinha. Brit também. Pegamos mais e mais, compulsivamente, mastigando e mastigando, e é claro que nossas mãos se tocam na cumbuca. Nós dois as recolhemos como se as torradinhas dessem choque.

— Desculpa — ela diz.

— Eu também — digo.

— Oi? — ela diz.

— Não sei — digo.

Por algum motivo, isso faz Brit sorrir de um jeito que diz: “Mas eu sei”.

— Vamos acabar com isso? — ela diz.

— Tá — eu digo.

Resolver os problemas é a parte fácil. É o desenho que leva tempo. Brit põe música para tocar no celular, depois muda para uma caixinha de som sem fio.

— Odeio ouvir música nesses alto-falantes minúsculos — ela diz, segundos antes que eu diga a mesma coisa, e meu coração dá um salto triplo.

Quando me recupero, me preparo para trabalhar. Faço os desenhos em tamanho menor — menos superfície para cobrir — e termino rápido. Brit copia minha tática e reduz as proporções também. O grafite das lapiseiras arranha o papel. Ela me dá uma cotovelada.

— Você está roubando.

— Ainda estou cumprindo a tarefa — digo. — Só que de maneira mais eficiente.

— Terminei — ela diz.

Empurramos o grafite para dentro e deixamos as lapiseiras de lado.

— O seu ficou bom — digo.

— O seu também — ela diz, olhando para mim.

Senhor Monstro do Espaguete Voador Pastafariano. Acho que Brit Means está dando em cima de mim.

— O que quer fazer agora? — pergunto.

— Não sei, o que quer fazer agora?

Ela se aproxima. É o momento no filme adolescente em que eu jogo a lição de casa no chão e a beijo. Mas, como eu disse, minha experiência com beijos se reduz a um acidente.

Desconfio que a experiência de Brit com beijos seja tão reduzida quanto a minha. Mas ela deve estar pronta. Não? Por que sentaria tão perto? É assim que funciona?

Não tenho ideia de como funciona. Não sei o que está acontecendo. Olho em seus velhos e eternos olhos cinza, que olham nos meus ainda parecendo muito velhos, eternos e cinza, e descubro que são também inescrutáveis. Posso estar totalmente errado. Talvez Brit só seja uma garota estranha que gosta de sentar perto e ficar encarando sem dizer nada.

— Esqueci o óculos — alguém diz, e viramos bem a tempo de ver o roupão do pai de Brit desaparecendo em um canto.

— Vamos lá fora — ela diz, levantando de repente. — Quero te mostrar um negócio.

Saímos para a noite cheia de grilos. Como na maior parte de Playa Vista, tem um único poste de rua por quilômetros. Fora daquele único feixe de luz é a mais pura e impenetrável escuridão do céu de lua nova, com apenas as estrelas e o brilho dos muitos carros estacionados.

— Por que tanto carro? — pergunto.

— Alguém está dando uma festona. Acho que é Dia da Independência da Armênia.

Brit salta e se agacha, inspecionando os carros. Ela se move como um diabrete de cabelo comprido.

— Olha — ela diz, abrindo um dos carros.

— Brit — digo, rindo.

— Nunca trancam — ela diz, abrindo a porta ainda mais. — Acho que isso diz muito sobre o que as pessoas pensam. Elas simplesmente pressupõem certas coisas em certas vizinhanças. Não deixariam o carro destrancado assim na praia de Delgado.

— Bom, Playa Mesa é estranhamente segura.

— Se fizéssemos um estudo, íamos conseguir relacionar o número de carros destrancados com a renda per capita da vizinhança. Aposto um milhão de dólares.

— Hahaha...

Dou risada, mas paro de repente. Porque, para meu horror, Brit enfiou a cabeça dentro do carro e voltou com um pacote de bala. Ela bota uma na boca. E oferece outra para mim.

— Pega — Brit diz.

— Você é louca — eu digo, dou risada e olho em volta.

Mas pego a bala.

Brit encosta a porta com cuidado, então a fecha com o quadril.

— As pessoas deixam objetos de sua vida nos carros. Isso faz com que eu me sinta como uma arqueóloga. Ou uma *carqueóloga*.

— Vamos ser pegos.

— Francamente, Frank. Você está sendo paranoico — diz Brit, brincalhona. — Se formos pegos, só preciso dizer, tipo: “Ah, meu Deus! Estou tão bêbada! Vocês deviam mesmo trancar o carro, viu? Tchau!”.

Brit disse isso imitando uma garota rica da Califórnia, sem fazer qualquer esforço, o que me deixou um pouco arrepiado.

A sra. Chit, professora de inglês, chamaria isso de “alternância de registro”. É como mudar o sotaque, só que num nível mais sutil.

A ideia é que não falamos do mesmo jeito com amigos (inglês casual da Califórnia), com um professor (inglês formal da Califórnia), com uma garota (inglês cantarolado da Califórnia) ou com os pais imigrantes (inglês exasperado da Califórnia). Mudamos o modo de falar para nos adaptarmos melhor à pessoa com quem estamos falando. Mas não se trata só de adaptação, como a sra. Chit explicou. As pessoas podem trocar de registro para confundir as outras, expressar dominação ou submissão, ou se disfarçar.

Sempre achei que eu fosse bem razoável na alternância de registro. Mas Brit fez isso de maneira brilhante. Foi como vê-la se transformar em uma

pessoa completamente diferente. O que me faz pensar que outros registros ela domina.

— Esse aqui... Não, tem uma luzinha piscando no painel — ela diz. — Talvez esse aqui. — A porta abre. — Ahá.

— Estou arrombando carros com Brit Means — digo.

— Mas é arrombar se o carro não está trancado? — Brit pergunta.

— Há quanto tempo você faz isso?

— Só alguns meses. Encontrei bebida, dinheiro... Dinheiro vivo, deixado à mostra. E uma câmera instantânea antiga. É muito louco.

— Espera aí, você guarda essas coisas?

Brit desenterra alguma coisa.

— Olha só. CDs. Quem é que ainda ouve isso?

Ela joga um para mim. Eu pego, como se fosse um frisbee. Está tudo em armênio.

— Cara, devolve isso — eu digo. Limpo minhas digitais do CD, caso o FBI seja chamado para investigar, e tento devolvê-lo. Brit trava e fecha a porta depressa.

— Tarde demais — ela diz, dando risadinhas. — Sobrou pra você.

— Eu já disse que você é louca, né? — digo, então enfio o CD no bolso.

— Respondendo à sua pergunta anterior, não, eu não guardo as coisas. Redistribuo entre os carros.

— Isso é muito engraçado. É tipo uma metáfora de alguma coisa.

— Do quê?

Penso por um momento. Alerta falso de metáfora.

O que estamos fazendo é errado? Claro. Mas só um pouco. Com certeza não é nada comparado ao que os outros adolescentes estão fazendo, tipo reprovar na escola, engravidar, ser presos ou, no caso de Deckland Ayers, dirigir bêbado sua Q2S esportiva novinha e bater em um poste da maneira mais permanente e trágica possível.

Mas, para os TAS, é ruim o bastante.

E eu estou adorando.

— Ei, uma minivan — digo. — Um baú do tesouro.

É igual à minivan da mãe de Q, por isso sei que tem portas de correr dos dois lados. Guio Brit até a sombra do veículo, interrompo suas risadinhas apertando suas bochechas com ambas as mãos e pego a maçaneta com muita familiaridade.

Clique, vush.

Dentro, tem cadeirinhas para crianças, bichos de pelúcia, migalhas de bolacha e por aí vai. Guio Brit para dentro, sentindo cada nervo de sua lombar com a mão aberta. Juntos, fechamos a porta devagar. O silêncio é absoluto e ressonante. Consigo ouvir cada respiração. Consigo ouvir seus dedos passando pela minha bermuda.

— Tem um cheiro bom aqui dentro — ela diz.

Tem mesmo, porque aqui estamos, ajoelhados em flocos de cereais espalhados pelo chão. Que soltam seu aroma. Ocupamos um espaço pequeno, novo e secreto, e ninguém mais no mundo sabe disso, porque ninguém mais no mundo está aqui além de nós dois.

Brit está esperando. Brit está *nervosa*. Tão nervosa quanto eu.

Nosso nervosismo mútuo me é estranhamente reconfortante. Faz algo no meu coração soltar as rédeas e deixar rolar.

Eu a puxo, e nossas bocas se encaixam perfeitamente.

Isso está realmente acontecendo. Estou beijando Brit Means.

Então me dou conta de que isso também está realmente acontecendo para Brit Means.

Ela tinha planejado isso? Há quanto tempo gosta de mim? E pensar que fomos amigos o ensino médio inteiro, e que isso, esse beijo, estava esperando o tempo todo bem na frente do nosso nariz.

— Oi — eu digo, parando para respirar.

— Oi — ela diz.

Seus olhos cinza estão bem dilatados, para que consiga ver na escuridão. Damos um beijo mais profundo dessa vez, e não me importo se ela vai sentir o gosto de torradinha de alho na minha boca, porque também posso sentir na dela. O silêncio nos deixa focados. Com cada movimento do corpo esmagamos mais flocos de cereal. O ar sai com força pelas narinas dilatadas. Demoro um tempão para perceber que uma luz se acendeu.

A luz do teto da van.

Alguém deve ter apertado um botão de controle remoto. Alguém próximo, e mais próximo a cada segundo.

Nos soltamos e abaixamos.

— Merda — diz Brit, apertando os olhos.

Me esforço para respirar.

— Tá. Hum. Acho que é melhor a gente ir.

À distância, vozes.

— Acho que você está certo — Brit diz, bufando.

Brit Means bufa!

Aperto a maçaneta e deslizo a porta. Saímos para a rua. Tão silenciosamente quanto possível, fecho a porta, mas preciso dar um impulso mínimo para que ela feche de verdade. Em geral, consigo fechar a porta da mãe de Q quase sem fazer barulho. Culpo meu coração quase parando ou o fato de que meus braços parecem não sentir a gravidade, porque o melhor que consigo é um nítido *bum*, claramente audível.

— Ei — alguém diz. — *Inch dzhokhk yek anum?*

— Anda, anda, anda — sibilo.

— Desculpa, não entendi — grita Brit.

Corremos na escuridão, deixando um rastro de risos atrás de nós.

Ruim o bastante.

Mas tão bom.

5

realidades em colisão

Na aula na manhã seguinte, me esforço para olhar para a frente. Sei que Brit faz a mesma coisa. Posso sentir. Somos como duas estátuas de cavalo voltadas na mesma direção.

Estátuas de cavalo?

Os olhos de Q se alternam entre mim e Brit. Sorrio como um idiota. Ele sabe que tem algo rolando.

Qual é o problema com o seu rosto?, suas sobrancelhas me dizem.

— Frank e Brit, bom trabalho com os volumes — diz o sr. Soft. — Poderiam fazer desenhos um pouco menores da próxima vez?

Mal o ouço. Gosto de ouvi-lo dizer “Frank e Brit”. Como se fôssemos oficialmente Frank-e-Brit. Frankebrit.

Brit sorri. Ela me olha e morde o dedão, quebrando a regra número um do ser humano.

— Q e Paul, estão prontos? — pergunta o sr. Soft.

Q revira os olhos para mim, entra no personagem e levanta.

— Estamos.

Ele e Paul se aproximam de um pano estendido sobre objetos irregulares em uma mesa, então o levantam, revelando seis formas geométricas do tamanho de uma toranja, feitas de argila.

— Eis os novos sólidos platônicos — diz Q.

Pela primeira vez em minha curta vida, não quero que a aula de cálculo acabe. Mas ela acaba e, depois que saímos da sala, me pego fazendo algo que normalmente não faria: escrevo uma mensagem de texto enquanto ando.

Me encontra na estufa na hora do almoço?

Meu celular vibra com a resposta.

Tá, diz Brit, com um coraçãozinho roxo.

O dia passa. Biologia avançada, literatura inglesa avançada, e finalmente minha matéria favorita, ciências da computação e música, na qual passo um bom tempo criando batidas ao vivo no Dotpad novinho, a partir das amostras gravadas na Lagoa Namorada. Penso nas moedas no fundo da fonte.

Obrigado, Lagoa Namorada.

Pra mim, a apresentação ao vivo é o futuro da música eletrônica. Ainda que eu seja bom, sou um mero ser humano, propenso a me atrasar ou adiantar algumas frações de segundo aqui e ali. Por isso, a música executada ao vivo será sempre mais calorosa e intuitiva do que as sequências perfeitas reproduzidas pelo computador. Meu próximo objetivo é fazer música eletrônica com instrumentos acústicos, em uma banda, sem amplificadores. Talvez eu chame de *chamber step*.

Todo mundo está balançando a cabeça. Até a sra. Nobuyuki está balançando a cabeça.

Mas sinto uma vibração-fantasma no bolso o tempo todo. Preciso me esforçar muito para continuar focado até o fim da música.

A aula termina, e finalmentefinalmentefinalmente é hora do almoço. Só preciso encontrar Q antes de ir para a estufa.

Ele está me esperando perto da árvore-elefante: a grande biomassa derretida de folhas e galhos espinhosos brotando de um retângulo no concreto. Aparentemente, não é uma árvore, e sim um arbusto gigante, se desenvolvendo ao longo de seu próprio vetor isolado.

Q dispôs alguns bonequinhos — um feiticeiro, um elfo e um paladino — em um V sobre a mesa. Seus dados estão prontos, à minha espera: uma pirâmide de quatro lados, um cubo, um octaedro, um dodecaedro e, finalmente, um icosaedro de vinte lados. Paul Olmo está ao lado dele, com papel quadriculado na mão, pronto para começar a mapear masmorras e marcar a localização de dragões.

— Oi — eu digo. — Só vim avisar que vou encontrar alguém, então...

Q estreita os olhos.

— Ah, meu Deus.

— O que foi? — Paul diz. Ele é igualzinho ao bonequinho do elfo arqueiro.

— Continuamos com a campanha amanhã — eu digo, em referência à partida de Dungeons & Dragons. — Desculpa.

— Meu Deus — diz Q.

Só assinto. Pois é, Q. Pois é.

Q levanta e me abraça, como um pai mandando o filho para a faculdade.

— Vejo vocês depois — eu digo.

— Ah, meu Deus — Q grita.

— O que aconteceu? — Paul grita.

Vou embora.

Caminho pelos corredores como um explorador descobrindo uma caverna cheia de cristais. Passo pela sala dos professores, exalando café e comida de micro-ondas. Atravesso a porta dos fundos que quase ninguém usa, que dá para as vagas de estacionamento reservadas aos professores, ao fim das quais se localiza a estufa que quase nunca é visitada.

Estou na metade do estacionamento quando me dou conta de que deixei o almoço no armário.

Esquece.

Porque, atrás da estufa, entre as enxadas, carrinhos de mão e sacos de terra, lá está ela. Sentada em um vaso grande virado de cabeça para baixo, como uma criatura mágica. Sorrindo diante da minha chegada. Com o cabelo ao vento, como se ondulasse na água.

Olho atrás de mim. Não tem ninguém. Dou um passo para o lado e deixo a estufa entre mim e o resto do mundo.

— Oi — digo.

— Oi — Brit Means diz.

— Oi.

— Oi.

Ela levanta. Dá um passo na minha direção.

E nos beijamos.

Tudo fica em silêncio. Os pássaros param de cantar. O vento cessa. A grama perde a flexibilidade e se endireita no ar parado. A telha de metal faz a gentileza de deixar de chiar.

Quero sentir os leves músculos em sua lombar — e faço isso, sem acreditar que posso. E o que é ainda mais inacreditável: ela *parece* minha mesmo. Como se também quisesse isso.

Quando paramos para respirar, o vento à nossa volta retorna. A grama relaxa.

— Tem certeza de que não vamos ser pegos aqui? — Brit sussurra.

— Se a gente fosse, acho que tornaria isso sério, né?

— A noite de ontem já não tornou tudo sério?

— Hum, acho que sim — digo.

— Tenho certeza de que somos sérios.

— Você está falando no plural.

— Pois é.

Então nos beijamos mais. O sol, ignorado, deu a volta na Terra e voltou para sua posição original, só para ver se podia fazer isso sem ser notado.

Nem notamos.

Fico dividido entre beijá-la e olhar para seu rosto, então decido olhar para seu rosto por um minuto. Consigo ver a mim mesmo refletido em seus olhos, gêmeos Frank Li menores e distorcidos. Meu olhar vai de um para o outro. No reflexo ainda menor nos olhos dos dois Frank Li refletidos, estão refletidas duas pequenas Brit Means, e assim por diante, pelo infinito mais um.

— Opa — uma voz de garota diz.

Congelamos, como se de alguma forma isso nos tornasse invisíveis.

Brit arrisca olhar para o lado.

— Ah, Joy.

Viro, e Joy Song está ali, parecendo um lêmure. Está agarrada a Wu Tang, todo fortão sob a roupa de ginástica, que sorri para mim como quem diz: “Boa, cara”.

Deveríamos nos soltar, mas fico feliz ao ver que Brit não se move nem um pouco. Ficamos ali, com as mãos entrelaçadas, como dançarinos interrompidos.

— Oi — digo a Joy.

— Isso é esquisito — ela diz depois de um momento, e todos finalmente rimos um pouco.

— Esse é o ponto de encontro de vocês ou coisa do tipo? — pergunto.

— Não tem problema — diz Wu Tang. Tudo o que diz parece um movimento de dança. — Temos outros pontos. Como o telhado.

Ele faz uma pequena manobra indicativa.

— Sério? — pergunto.

— Sereião.

Ele aponta.

— Mas Joy não queria sujar a saia nova.

Wu Tang fala isso de um jeito meio idiota.

Na verdade, ele é tão idiota, tão idiota, que completa uma volta inteira e a idiotice chega a ser meio legal.

— Hum — eu digo.

— Bom... enfim... — Joy diz, e vira para ir embora.

Sinto que as mãos de Brit estão ficando suadas. Mas as minhas esfriam. Sinto o vento passando pelo espaço entre nós. O momento foi interrompido.

Joy murmura para si mesma:

— Acho que não sou a única com um problema.

Então ela se assusta com suas próprias palavras.

— Tá, tchau — digo, alto. Quero que Joy vá embora, mesmo que eu saiba que ela está certa.

Brit Means é branca.

— Problema? — repete Brit. Parece aborrecida, e tem todo o direito de estar.

Mas como eu deveria explicar o que a palavra “problema” significa aqui? Por onde começaria? *Problemas com um garoto chinês*? Minha conversa com Joy na última Reunião — cara, todas as conversas que já tive nas Reuniões — parece tão distante da realidade que é como se falássemos outra língua lá, uma que não pode ser traduzida para esse plano dimensional. Então só digo:

— Não é nada. Explico depois.

— Mas tem olhos grandes — murmura Joy, e de novo se espanta com o que disse.

— Hum? — Brit diz.

— Meu Deus, cala a boca — digo a Joy, com a voz de um garoto de cinco, seis, sete anos.

— Claro — ela diz.

O clima mudou. Não há dúvida. Não parece mais que estou aqui com Brit e Joy está aqui com Wu. Estranhamente, é como se eu estivesse aqui com Joy, e cada um de nós tivesse trazido seu *problema*.

Parece que diferentes realidades entraram em colisão. Tenho minha realidade, da qual Joy nunca fez parte. Joy tem a dela, a qual nunca vi, exceto pelos breves relances de seu quarto quando é a vez dos Song sediarem uma Reunião. E há a realidade totalmente à parte das Reuniões em si, que agora atravessa todas as outras como uma armada de navios quebra-gelo.

Joy olha para mim com tristeza. *Você sabe que estou certa, Frank.*

Baixo os olhos para os sapatos dela. *Eu sei, Joy.*

O sinal interrompe o silêncio. É como um alerta para que todos nós soltemos as mãos. Fazemos isso, e os dois casais se tornam quatro pessoas separadas.

6

morrendo

É sexta-feira. Brit não veio à aula porque foi viajar com os pais. Eles estão projetando uma casa incrível na rota dos vinhos, então decidiram aproveitar a oportunidade para passar um fim de semana em família. Vão até deixar que Brit prove um bom vinho ou dois, como um cabernet merlot pinot sei lá o quê.

Quando tento me imaginar provando vinhos finos com mamãe-e-papai, rio tão alto que Q levanta os olhos do jogo dele.

— Que foi? — ele pergunta.

— Nada.

— Brit Means é engraçada?

— Hum? Não. Bom, é.

Estamos sentados na frente da escola, esperando a mãe de Q nos buscar. Ele está jogando, construindo uma espécie de fábrica em miniatura em expansão cheia de esteiras transportadoras e autômatos, em outro planeta.

— Minha mãe disse que vai ter comida italiana no jantar — Q avisa.

— Adoro uma italiana.

— Então por que não casa com uma? — Q brinca.

Meu celular vibra. Sempre deixo sem som — Q e eu achamos os toques deprimentes, como gritos desesperados por validação em um mundo barulhento e aborrecido.

— Dou risada em um segundo — digo, então olho para a tela. É Brit.

Paramos num posto. Morrendo de sdds

Eu tb. Estou com sdds, digo, não parei num posto

haha, engraçadinho

Fala isso de novo, por favor

engraçadinho

Tb tô com sdd
Eu tô com mais

Eu que tô

Eu que tô

como a gente é tonto

— Então é este o fim — Q diz.

Tiro os olhos do espelho pra macaco.

— Quê?

Q aponta para a tela, triste.

— Da nossa amizade.

— Cala a boca — digo, então dou risada, e Q ri também.

Mas, só para confirmar, desligo o celular e faço questão de mostrar que o guardo no fundo da mochila.

— Me passa o azeite? — Q pede.

— Então me passa a cesta de pão — digo.

Sincronizados, colocamos azeite no prato e chuchamos o pão, cantando a versão censurada de um pancadão das antigas que, diz a lenda, chegou a ser banido das rádios de tão explícito. A mãe de Q estala os dedos no ritmo.

A mãe de Q sempre parece agradavelmente surpresa, mesmo quando seu rosto está normal. O pai de Q chega com a água, fazendo um passinho de dança bem tiozão no caminho. A casa de Q está sempre cheia de música e dancinhas. Os pais dele às vezes até se beijam.

O jantar na minha casa é um velório em comparação.

A irmã de Q, Evon, chega como um cervo surgindo no bosque, usando fones de ouvido rosa-metálicos. Ela olha pra gente levemente surpresa. *Vocês estão jantando? Nossa.*

Os Lee rezam antes de comer. Mas fazem isso rápido, de olhos abertos. Nem se dão ao trabalho de baixar a música. Eles vão à igreja aos domingos, mas não se tiver um jogo importante na TV. Q gosta de dizer que só são cristãos quando acaba o campeonato.

— Pai nosso que está no céu abençoe esta comida e abençoe esta família e abençoe Frank por abençoar esta mesa e a nossa casa com sua presença

abençoada — o pai de Q diz, tão rápido que parece que está reclamando da pia que já está cheia de louça de novo.

— Amém — Q diz.

— Amém — os pais de Q dizem.

Evon é linda demais pra dizer “amém”, então não diz.

— Amém — eu digo. Tendo ascendência coreana, sou automaticamente presbiteriano, na teoria. Mas eu nem saberia dizer o que é um presbitério ou que gosto tem, para ser sincero.

Outra versão para crianças começa a tocar, com todos os termos chulos censurados. É bonitinho que os pais de Q ainda coloquem esse tipo de música pra gente mesmo que tecnicamente já sejamos adultos.

— Q disse que você está namorando — a mãe dele fala.

— Jesus Cristo Todo-Poderoso de asa-delta no Céu — digo a Q.

— Você nega? — ele diz.

— Não, eu confesso.

Suspiro.

— Então por que esconder?

— Fico feliz por você — diz o pai de Q, mastigando a uma velocidade assombrosa. Os óculos escorregam no nariz e ele os empurra para cima, mastigando e mastigando, o que faz escorregarem de novo. — Ela é gatinha?

Q e eu rimos tanto que um fio de espaguete sai pela narina dele.

— Você é tão engraçado, sr. Lee — digo.

— Frank, por favor — ele diz. — Pode me chamar de David.

— Tá bom, sr. David.

— Ah, pai... — Q começa. — Preciso que você escreva para os professores sobre a semana que vem.

Semana que vem é a viagem nerd que Q vai fazer até Stanford — também conhecida como a Harvard do Oeste —, onde seu tio nerd está fazendo um ph.D. O plano de Q é entrar em Stanford e lançar lasers no cérebro de macacos para ver como reagem. É o que chamam de optogenética.

— Você deve estar pirando o cabeçaõ com essa viagem — o pai de Q diz.

— É, pai, estou pirando muito — Q diz.

— Vai ser muito irado — o pai de Q diz.

— Muito irado — Q diz.

Engasgo com o macarrão.

— Tá — a mãe de Q diz. — Até eu estou rindo.

O pai de Q fica ali sentado, mastigando, como se nada tivesse acontecido. Ele faz o papel de bobo muito bem. Tem muito orgulho dessa habilidade.

— Seus pais gostam dessa Brit? — ele pergunta.

— Querido — a mãe de Q diz.

— Ainda não marcamos a data do casamento — eu digo.

Isso rende boas risadas. Com exceção de Evon, que está muito perdida em seu mundo musical particular. A mãe de Q agita a mão diante do rosto dela.

Evon tira os fones e dá uma pequena garfada na comida. Enquanto isso, Q corre para limpar o prato.

— Eba! — ele diz. — Ganhei.

— Ganhou o quê? — diz Evon.

— Eu nem sabia que estávamos competindo — digo, e troco olhares com Evon.

— Q é tão criança — ela diz.

— Temos literalmente a mesma idade — ele diz.

— Corpo de adolescente, cabeça de criança — Evon diz.

— Tecnicamente eu sou o mais velho, porque saí da vagina da mamãe três segundos antes de você.

— Pelo amor de Deus, tenham dó de mim — a mãe de Q diz.

— Vamos — Q fala para mim. — Vou te mostrar meu jogo.

— Tá — eu digo.

Levantamos para ir embora, mas alguém pigarreia alto.

É o pai de Q, olhando para nossos pratos sujos.

— Dez anos depois e ainda tenho que te lembrar disso, Frank?

— Nossa, já faz mesmo dez anos? — eu pergunto.

— Faz, sim — o pai de Q diz. Ele olha para nós com carinho, e eu sei que ainda nos vê como crianças andando de bicicleta no gramado da frente.

Q e eu olhamos um para o outro e dizemos, em uníssono:

— Nossa!

No caminho para a cozinha, noto uma foto com meus pais, Q e eu, tirada três anos atrás, na formatura do ensino fundamental.

Aponto para a foto com o queixo.

— Você ainda tem isso?

— Claro — ele diz, colocando nossos pratos na pia. — Você também?

— Claro — eu digo. Mas não é verdade. Não faço ideia de onde nossa cópia está. Não tem uma foto de Q com sua família na minha casa. Já faz meses desde a última vez que ele foi lá, deixar alguma coisa que eu tinha esquecido aqui. Não consigo nem lembrar a última vez que Q entrou.

— Agora vamos ao jogo — Q diz.

Observo um homenzinho correr por uma paisagem 2-D, bem do alto. Q clica e se move rápido, como num truque com cartas. Rápido, mas não incompreensível. Ele está juntando recursos e construindo um sistema elaborado capaz de fazer o homenzinho passar pela Idade da Pedra, pela Idade do Ferro e além.

Estamos no quarto dele. É bem pequeno, só com uma escrivaninha pequena, duas estantes estreitas e um sofá (Q prefere dormir num sofá, porque é mais versátil). Mas a maior parte do quarto de Q é tela. Há um pequeno projetor em um suporte que imita mármore, lançando a imagem gigante do jogo em uma parede branca que Q pintou com algum tipo de tinta especial para melhorar a qualidade da projeção.

— A história é a seguinte — Q começa —, caí nesse planeta e tenho que construir do zero um foguete para fugir, usando o que tiver à disposição.

— Legal.

Meu bolso vibra, e dou uma olhada. Tem uma foto de Brit olhando através de uma taça de vinho, como se fosse uma lupa.

Mando três coraçõezinhos para ela usando apenas o dedo e guardo o celular.

— Mas os alienígenas não gostam de mim — Q diz. — Porque desmato as florestas e poluo tudo. Então também preciso construir armas pra matar todos.

— Nossa, isso é bem errado.

— Eu sei, é um lado meio ruim do jogo. O nome é *Exploração Artesanal*.

— Aliás, se é você quem está chegando, o alienígena não deveria ser você, em vez deles?

— É esquisito, né? Com certeza foi um cara que fez esse jogo.

Q vê seis navios de guerra se aproximando, e os dizima com uma leva de mísseis minúsculos.

— Provavelmente um cara branco — digo.

— Isso explicaria a tendência colonialista — Q diz.

Meu celular vibra de novo, e recebo outra foto de Brit, dessa vez com um pacote de guardanapos de papel escrito GUARDANAPOS À LA MAISON DE BEAUJOLAIS. Ela acrescentou uma legenda à foto: *J'adore produtos que usam o francês sem motivo.*

Reprimo uma risada e volto a guardar o espelho pra macaco antes que Q o note.

— Mesmo assim, parece legal — eu digo.

— E é — Q diz. — E tem código aberto. Escrevi o código daquela máquina bem ali.

— Que demais — digo.

Meu celular de novo. Outra foto. Quero mais uma dose de Brit.

Q pausa o jogo.

— Seu celular não para, hein?

Ele me encara.

— Tá — Q finalmente diz, revirando os olhos. — Responde.

— É a última vez, prometo — digo.

— A última? Ou a última última?

Vamos voltar domingo à noite!, Brit diz. *Frank Li, preciso MUITO ver vc.*

Sinto um friozinho na barriga. Minhas orelhas queimam. A gravidade se alivia o bastante para soltar todas as articulações, os pregos e os parafusos que mantêm o mundo preso, até que todas as suas peças estejam caindo lentamente em um espaço enorme e suave, iluminado apenas pelo retângulo branco sob meus polegares. Minha *namorada* está me mandando mensagens.

Preciso MUITO ver vc tb.

Posso ir na sua casa?

Impossível, penso. Só falar já seria impossível. *Mamãe-e-papai, esta é Brit. Vamos ficar fechados no quarto por horas, como os adolescentes*

fazem nos filmes.

Reviro o cérebro atrás de lugares alternativos mais aptos ao romance, então me dou conta. Não estou livre no domingo à noite.

Digito cuidadosamente. *Merda, domingo à noite tenho que ajudar meu pai no trabalho*, digo, e acrescento uma carinha triste pra mostrar que é verdade. Ela não pode pensar nem por um segundo que a estou evitando.

Q pausou o jogo. Está com as sobrancelhas levantadas. Para mim, para meu espelho pra macaco, para mim de novo.

— Um segundo — eu digo.

— Sei.

— De verdade, quase acabando.

— Que nem nossa amizade.

Q volta ao jogo. Está enfrentando uma enorme e inesperada onda de ataques alienígenas (ataques nativos, eu deveria dizer) e clica freneticamente para se defender (cometer genocídio, eu deveria dizer).

Te vejo segunda, digo finalmente.

Não sei se aguento esperar tanto, Brit diz.

— Estou morrendo — Q diz.

Guardo o celular. Poderia trocar mensagens a noite toda, mas já chega.

— Morri — diz Q.

— Me deixa tentar.

— É a culpa falando.

— Se eu exterminar os aborígenes você vai voltar a ser um explorador feliz?

— É um jogo. Não fui eu que inventei as regras.

— Eu sei — digo. — Eu sei.

7

planeta frank

Estou de volta à Loja. As três moscas zumbem acima de mim. Não está tão quente hoje, então o chocolate pode ficar fora do depósito refrigerado.

Está tranquilo. Olho em volta, examinando tudo. Tem uma câmera de segurança apontada para o balcão e a caixa registradora. Debaixo do balcão há um botão branco — se alguém apertar, a polícia aparece em poucos minutos, ou pelo menos deveria. Mais abaixo tem uma gaveta, com um trinta e oito carregado. Meu pai só o usou duas vezes: a primeira no campo de tiro e a segunda numa noite de Ano-Novo, quando deu um tiro pro alto.

Tiro uma foto dos inúmeros cupons de raspadinha expostos no balcão e posto com a legenda: *Dinheiro jogado no lixo?*

Vejo meu pai parar de limpar o chão, dar três soquinhos nas costas doloridas e retomar o trabalho.

— Pai — digo. — Deixa que eu faço isso.

— Sabe fazer?

— É só limpar.

Ele faz questão de me explicar de qualquer maneira. Segura o cabo do esfregão com delicadeza, usando apenas os dedos, e o empurra para o lado, como um gondoleiro faria. Então lava o esfregão, torce e segue em frente quase como se passeasse. É um jeito meio esquisito de limpar, claro, e depois que meu pai finalmente me deixa começar sinto uma tensão nas costas depois de algumas poucas passadas longas.

Meu pai fica na caixa, em sua banqueta alta. De um rádio-relógio de 1982 emana música gospel coreana. Não entendo nada.

É relaxante limpar.

Tlim-tlim. Um homem branco com cabelo bagunçado entra, vestido todo de preto, com sacos plásticos em todos os membros. Mamãe-e-papai já falaram dele: o único cliente branco da Loja. Sem dizer nada, meu pai pega dois engradados de cerveja — Porky, a mais barata — e coloca numa sacola de plástico, outra de papel, e mais uma de plástico. Já está tudo pronto quando o cara chega no balcão.

— Oi, Frankie — ele diz. Sempre me perguntei se vivia em situação de rua. É o que parece, inclusive pelo cheiro.

O nome em inglês do meu pai também é Frank.

— Charles — meu pai cumprimenta.

Charles olha fixo pra mim, de um jeito estranho.

— Meu filho — meu pai diz.

— Já te vi aqui — diz o maluco. — Vai pra faculdade?

— Vou tentar — digo, tão normal quanto posso, pra compensar a maluquice.

— Eles ensinam a limpar na faculdade?

— Hum...

Charles vira para meu pai.

— Só tenho uma nota de cem, desculpa.

— Tudo bem — meu pai diz, e dá o troco.

Charles volta a dirigir seus olhos azuis para mim.

— Aposto que seus pais te mantêm bem limpo — ele diz, e faz menção de ir embora. Antes, no entanto, me passa um papelzinho enrolado com suas mãos geladas. — Isso é pra você, se é tão esperto — Charles diz, e vai embora. *Tlim-tlim.*

Meu pai me leva de volta para trás da caixa registradora. Parece preocupado que eu possa me tornar vítima de outros Charles se ficar exposto entre os corredores.

— Homem muito especial — meu pai diz. — Tem milhão de dólar. E casa também.

— Espera aí, é sério? — digo. Quero ver o que é o papel, quero ouvir o que meu pai tem a dizer, mas *tlim-tlim*, um casal jovem entra, segurando um bebezinho.

— Paco — grita o homem, cumprimentando meu pai.

“Paco” é diminutivo de “Francisco”, que é “Frank” em espanhol.

— Luis — meu pai cumprimenta. — Saiu hoje? Quando *afuera*?

— Ontem, *patrón*. Estou oficialmente em condicional.

— Parabéns — meu pai diz. — Bebê bonito, hã? Ei, *consentida*. ¿*Qué es nombre?*

— Veronica — diz a esposa.

— Bom, *felicitaciones* — meu pai diz. Então faz um carinho no bebezinho, que a esposa levanta um pouco para ele.

O jovem, Luis, coloca cerveja e fralda no balcão.

— Me dá um cigarro também, parceiro.

— Pode deixar — eu digo. Pego um cigarro de um maço aberto debaixo do balcão e deslizo para ele, todo sorrateiro. Luis finge coçar a orelha para colocá-lo discretamente ali. Ele tem uma tatuagem caseira no ombro. Diz “F People”, o nome da gangue local.

— Esse é seu filho? — pergunta Luis.

— Frank, diz oi — meu pai fala.

— Oi — digo. — Muito prazer.

— Seu pai é muito maluco, mas é da família — Luis diz. As palavras são bondosas, mas ele as diz sem emoção. Está me examinando: minha pele, meu cabelo, minhas roupas, meu relógio. Somos de mundos diferentes. Sinto isso. A esposa segura um maço amassado de notas e vales-alimentação. Penso naquele dinheiro. Tem rastros invisíveis de dinheiro em toda parte. Posso sentir também.

Não é uma sensação boa.

Começo a registrar a venda, mas meu pai me impede. Ele coloca as compras depressa em uma sacola e empurra nos braços de Luis.

— Parabéns — meu pai diz.

— Valeu, Paco. Você sabe que te pago depois.

— Quando quiser — meu pai fala, com um sorriso no rosto.

Eles vão embora, *tlim-tlim*. A Loja fica em silêncio de novo. Toco o celular no bolso, como um reflexo. Brit já deve ter voltado a essa hora. Quero mandar uma mensagem rápida pra ela. *Quando posso te ver amanhã?* Mas onde? Nosso relacionamento não pode ser uma série de encontros clandestinos em estufas e minivans.

— Luis saiu ontem, onze meses cumpriu — meu pai diz.

— Pelo quê?

Meu pai limpa o rosto com um trapo.

— Ah, ele sequestrou carro, homicídio culposos.

— Meu Deus.

— Ele empurrou mulher branca do banco, jogou do carro, outro carro bateu nela. Morreu.

— Não acredito.

— Luis era menino bem bonito.

— Ah, é? Quando?

— Com seis, sete anos. Pai fugiu, talvez Arizona, acham. Bom, sem pai, sem dinheiro. Virou gangue. Meninos mexicano, tudo gangue.

— Pai, nem todo menino mexicano entra pra uma gangue.

Mas meu pai já continua falando sozinho, em seu próprio mundo.

— Tudo gangue.

Falar com meu pai às vezes é assim. Você se pergunta se está de fato conversando com alguém ou se só assiste a um monólogo interno. Nesses momentos, dou de ombros mentalmente, paro de falar e tento deixar que o *jeong* aconteça.

Jeong é algo meio difícil de explicar. Quer dizer, não sou exatamente especialista em tudo relativo à Coreia, mas acho que os termos mais próximos seriam “ligação” ou “afeto”. Meio que entendo como calar a boca e só ficar junto com a outra pessoa.

Jeong não é nem de perto tão satisfatório quanto todos os abraços, beijos e declarações de amor que outros garotos recebem dos pais, mas, ei, é isso que eu tenho. E aceito o que vier.

Ficamos contemplando a porta aberta por um momento. É o *jeong* rolando? Acho que sim. Está escurecendo lá fora, e o mundo consiste em silhuetas pretas contra um céu pegando fogo.

Penso em como mamãe-e-papai sabem os nomes de todos os clientes e de seus filhos. Eles sabem quem está namorando, quem vai casar, quem está grávida. Sabem quem levou um tiro, quem foi preso, quem foi condenado. Às vezes, sabem de tudo isso antes dos próprios familiares.

São os guardiões de todo o drama, de todas as notícias e fofocas que passam pelo balcão que lembra os anéis das árvores. Isso os torna os representantes da história oral de um mundinho que de outra maneira talvez não fosse lembrado.

— Estuda muito, hum? — meu pai diz. Ele volta a limpar, ainda que o chão já esteja limpo. Nunca o vi à toa na Loja. — Traz livro aqui e lê. Agora é hora tranquila, todo mundo comendo.

Penso em quão determinada minha mãe estava para que eu trabalhasse com meu pai na Loja aos domingos. Não posso trazer um livro e ignorá-lo.

— Não tem problema — digo.

— Lê poesia. Sabe John Donne? Chamam metafísica.

Aprendi a respeito na turma avançada de inglês. “Vem viver comigo e ser meu amor”, e tudo o mais. Quase sempre parece um cara tentando se dar bem, na boa.

— Eu conheço — digo. — Estudei na escola.

Não sei por que digo isso. Há uma abertura para conversa, e tudo o que eu digo é: *Eu sei, já conheço, pronto*. Vejo que meu pai se decepiona um pouco. Minhas orelhas ficam quentes, como sempre acontece quando me dou conta de que estou sendo um idiota. Meu pai e eu nos aproximando é como uma tentativa de grudar duas pedras irregulares. Só tem uns poucos pontos de contato. Fora que eu não fazia ideia de que ele lia poesia.

Então eu digo:

— Mas o que você ia falar do John Donne?

O rosto dele se ilumina instantaneamente.

— Ele escreveu poema chamado “Pulga”. Diz: “Repara nesta pulga, e repara bem. Tão pouco é o que me negas com desdém”.

Gosto desse poema, na verdade. É esquisito. O cara está tentando usar um parasita como uma metáfora para convencer uma garota a dormir com ele. E leva jeito — ainda que à estranha maneira do século XVI.

— “Ela me sugou primeiro, e agora suga a ti” — digo.

— “E nessa pulga nosso sangue mesclado vi” — diz meu pai. Ele repete o último trecho para uma multidão de velas de Nossa Senhora de Guadalupe. — “Nosso sangue mesclado vi.”

Tlim-tlim. Outro cliente. Mas tem algo errado. Meu pai congela e fica encarando.

Uma garota branca entrou na Loja.

Brit Means.

— Oi — Brit diz, e vem para trás do balcão (*para trás do balcão*) me dar um abraço. Só consigo ficar parado enquanto meu pai arregala os olhos, depois estreita, então endurece.

— Ooooooooo — digo.

— Ahá! — ela diz. — Aqui estão as raspadinhas.

Brit viu minha foto, dã. E minha localização.

Ela toca uma geladeirinha de sorvete e levanta uma sobrancelha.

— E vocês vendem aquelas bebidas com bolinhas que explodem na boca.

Normalmente, isso seria motivo de comemoração. Um grito desesperado por atenção nas redes sociais atendido pessoalmente, com o abraço de uma menina linda.

Normalmente.

Brit nota meu pai se inclinando contra o cabo do esfregão. Noto que ela precisa de um segundo para trocar de registro. Fica um pouco mais ereta. Cruza as mãos.

— Olá — ela diz. — Sou a Brit.

Meu pai olha para ela, então para mim.

— É amiga?

É sua vez de falar, Frank.

— É, bom, fazemos cálculo juntos e, hum, fizemos dupla outro dia, então...

— Mesma classe?

— Isso — Brit Means diz, devagar. — Estamos na mesma classe. Assistimos aula juntos. De cálculo.

É como se meus pés mal tocassem o chão. Só uns centímetros. Minhas solas perderam contato.

Brit fala como alguémalaria com um aluno de intercâmbio, ou com alguém que não escuta bem.

Tento voltar ao chão, porque a alternância de registro não deveria me incomodar. Todo mundo age diferente com pais. Mesmo que fale a mesma língua.

É um desejo vergonhoso que me mantém suspenso no ar, um sussurro baixo: *Queria que meu pai falasse inglês direito.*

Ele parece satisfeito com as credenciais de Brit.

— Muito prazer — meu pai diz.

— É um prazer conhecer o senhor também — Brit diz.

Lanço um olhar discreto e desesperado a ela, que compreende. Brit não é tonta. Percebe que ainda não contei a meu pai sobre a gente. Entende que meu pai não vai ser tão aberto em relação a isso quanto o pai druida dela, por exemplo.

Então ela joga o jogo. Parece se dar conta de que não rolam muitos abraços por aqui. Então cruza as pernas e abraça a si mesma, bem apertado.

Meu pai finalmente baixa os olhos e finge limpar o chão. Ele vira de costas. Procura se ocupar em outro lugar.

Brit se inclina de leve.

— Oi — ela diz.

— Ele entende inglês bem, só fala muito mal — digo, baixo. — Não precisa falar mais devagar nem nada.

Brit parece horrorizada.

— Eu fiz isso? Ah, meu Deus. Nem notei.

— Tudo bem — eu disse.

— Sou esse tipo de gente.

— Não se preocupa — eu digo. De canto de olho, noto meu pai ir limpar o fundo da loja. Olho nos olhos de Brit e sorrio para eles. — Ei, estou muito feliz em ver você.

Ela se ilumina. Estou morrendo de vontade de tocá-la. Sei que está morrendo de vontade de me tocar também. É ridículo.

— Pode fazer um intervalo ou algo do tipo? — ela pergunta. — Que tal dar uma volta?

Balanço a cabeça em negativa, provavelmente uma fração de segundo rápido demais.

— Não sei se é legal. Nesse bairro, quero dizer.

Isso é algo horrível de dizer? Porra, parece.

Mas é verdade. Todo mundo ficaria olhando para ela se desse uma volta no quarteirão. E para mim também, mas todo mundo sabe que sou filho do Frank, ainda que eu mesmo não lembre quem eles são, porque venho tão pouco, o que de alguma forma me faz sentir meio babaca.

— Ah — Brit Means diz baixinho, surpresa, como se lembrasse que existe um mundo além de Playa Mesa.

— Ei — digo.

— Tudo bem — ela fala. — Você está ocupado, e eles estão esperando.

Brit olha para fora. Eles? Devem ser os pais dela. Esperando, no carro estacionado lá fora. Devem ter parado no caminho de volta da viagem. É claro. Por que outro motivo estariam aqui, a uma hora de Playa Mesa?

Ouço um barulho. Meu pai entrou no depósito refrigerado. Dou um beijo na bochecha de Brit.

— Te vejo amanhã na escola, tá? — digo. — Tudo bem?

— Tá — Brit diz, passando a ponta dos dedos nas costas do meu mindinho antes de ir embora.

Tlim-tlim, e ela saiu. Meus pés suspensos voltam a tocar o chão.

Tem mundos demais na minha cabeça — a escola, a Loja, a Reunião —, todos com suas próprias leis naturais confusas, forças gravitacionais e velocidades da luz. Só quero atingir velocidade de escape, ser lançado no espaço e povoar meu próprio planeta, do jeito que eu quiser.

O planeta Frank. Onde só entra quem for convidado.

Pego o celular. *Já tô com sdd.*

Brit começa a escrever algo. Demora muito, muito tempo. Então, tudo o que envia é:

Eu tb.

8

a proposta

Uma semana passa e chega outra Reunião mensal. Meu pai dirige, meio que para compensar o fato de que minha mãe provavelmente vai ter que dirigir na volta, quando ele estiver bêbado. No banco de trás, sinto algo no bolso da calça. É o papelzinho que aquele cara maluco me entregou na Loja no domingo.

Eu o abro. É uma cópia de muitas palavras escritas à mão, se movimentando em espiral rumo ao desenho central de um homem, uma mulher e um feto nus, inscritos em um triângulo, um círculo, um quadrado e finalmente um pentágono. Parece meio astrológico. Meio satânico. As palavras não ajudam:

O Clã do Homem inscreve o Clã da Mulher e da Criança em um tetramid Moebius triplano que descansa sobre o plano Presente. O quarto plano é o Medo, o quinto é a Esperança, o sexto é a Solidão Absoluta. O sétimo compreende todos os planos e portanto é Conhecido como o Reino Infinito do Ouroboros Vaginal.

E por aí vai.

Fico embasbacado, e não de um jeito bom.

— Mãe — eu a chamo. — Você já leu essas coisas?

Ela levanta os olhos do celular.

— Nunca lê. Maluco, Charles.

— Você guarda papel — meu pai diz. — Pode ser que escreve coisas de verdade.

— Claro — digo.

Então mamãe-e-papai ficam em silêncio de novo, pensando na vida.

Quero tirar uma foto do papelzinho e mandar para Brit, mas teria que usar o flash, e eles fariam perguntas, então meio que desisto da ideia.

Enrolo o papelzinho e guardo no bolso. Preciso lembrar de mostrá-lo a Brit depois.

Se estivéssemos em um filme, agora eu faria meu desabafo, contaria tudo sobre Brit e eu, discutiríamos e brigaríamos, mas tudo terminaria em um abraço coletivo e lágrimas, e mamãe-e-papai iam se dar conta da mistura que é o sonho americano.

É por isso que prefiro filmes de terror. Porque nunca tem abraço coletivo.

Chegamos à casa dos Song, uma casa refinada tirada da revista *Pornografia Arquitetônica*, com vista para a enseada tranquila. Tem não só um, mas dois QL7 parados na garagem de concreto hexagonal. O pai de Joy se saiu muito bem desde que veio para os Estados Unidos. Melhor que meu pai, ainda que todos tenham começado juntos. Ou pelo menos é o que imagino.

Entramos, tiramos os sapatos, nos curvamos e tudo o mais. Mamãe-e-papai me forçam a dar oi em coreano, e todo mundo age como se aquilo fosse grande coisa. Então a sra. Song, uma mulher que mais parece uma águia, obriga Joy a fazer o mesmo.

— *Insa jeom hae* — e cutuca o ombro da filha.

— *Annyeong haseyo* — Joy diz, mas mal dá para ouvir.

Todo mundo age como se aquilo fosse grande coisa.

— Bom, se diverte os dois — minha mãe finalmente diz, sorrindo que nem boba.

Todo mundo — meu pai, o sr. Song e a sra. Song — sorri pra gente que nem bobo.

— Ei — eu digo, balançando as mãos.

Os pais finalmente vão embora para admirar a comida — parece que a sra. Song preparou alguns assados e molhos franceses —, e Joy e eu ficamos sozinhos.

— Oi — eu digo.

— Oi.

— E todos os outros Limbos?

— Eles não vêm.

Fico olhando para ela.

— Sério?

— Cara — Joy começa. — Nunca tem Reunião durante a semana. Você não desconfiou de nada?

— Hum — eu digo.

— Eles mandaram meu irmão pra uma festa do pijama. Uma festa do pijama, Frank. Armaram pra gente — Joy diz.

— Ah.

Joy levanta os olhos pra mim fingindo seriedade, como se estivéssemos em um filme de ficção científica.

— Estão juntando a gente como um casal de pandas no zoológico, Frank.

Finjo cuspir o que estou bebendo, que é nada. Estou fazendo graça. Tudo isso é muito engraçado, se engraçado fosse sinônimo de irritante. Sei que eles sempre acharam que seria ótimo se eu e Joy nos apaixonássemos. Mas agora estão falando sério. Colocaram um plano em prática. E acabo de entender por quê.

Porque Brit foi à Loja.

Porque meu pai contou à minha mãe, e minha mãe contou às outras famílias.

Isso é uma intervenção disfarçada.

Se Brit tivesse consciência do drama que iniciou sem querer. Se soubesse que a Reunião de hoje na verdade é sobre ela.

— Bom, acho que a gente pode ir lá pra cima consumir a relação — digo.

Joy dá um tapa na minha cabeça, literalmente.

— Porra — digo.

É um bom tapa. Forte e seco, como três dedos rígidos em um tambor batá.

— Afe, vamos só jogar videogame ou coisa do tipo — Joy diz, então começa a subir a escada. — Seus pais são tão idiotas.

— *Seus* pais são idiotas.

— Bela resposta.

— *Seus* pais são idiotas.

Damos risada, porque é engraçado, mas então paramos, porque a graça não dura muito.

Enquanto subimos a escada, noto que ela tem uma tatuagem pequena no tornozelo. Nunca soube disso.

Chegamos ao quarto de Joy, e não é exatamente o que eu esperava. Na verdade, eu não tinha ideia do que esperar. Mas com certeza não esperava um laboratório de tecnologia. Metade das paredes está coberta de painéis perfurados, segurando cabos, soldas, arames e ferramentas. Seis monitores de computador dominam a ampla escrivaninha, feita do que parece ser uma porta apoiada sobre partes metálicas resistentes. Tem uma impressora 3-D lentamente trazendo algo ao mundo. Tem caixas com peças robóticas e pequenas placas de computador.

Isso não é coisa da turma avançada. É outro nível.

— Caramba — digo.

— Você já viu meu quarto antes, não? — Joy pensa a respeito. — Bom, acho que já faz um tempo.

Tem bastante coisa de ciências, e um cartaz com AINDA ASSIM ELA PERSISTIU escrito em uma caligrafia exuberante. O tapete é laranja, amarelo-canário e verde-limão, muito limpo, fofo e novo. Cheiro de sândalo preenche o ar.

Tem um lustre de cristal e abaixo dele uma cama cheia de bichos de pelúcia da infância, além de um único sutiã perdido que eu fico meio que encarando.

Joy enfia o sutiã debaixo do travesseiro.

Sento no chão, e ela arregala os olhos.

— Frank Li, você está fumando?

— Hum?

Vejo o que ela está vendo: o papelzinho enrolado, mais ou menos com o comprimento e o diâmetro de um cigarro, caiu do meu bolso.

— Ah — digo. Desenrolo o papel. — Um cara me deu na Loja.

Num segundo, Joy está sentada ao meu lado no chão, olhando para o papelzinho com interesse.

— Quer dar uma olhada? — digo, como um bobo. Se queria mostrar a Brit primeiro já era.

— Ah, meu Deus — Joy diz, lendo. — Ouroboros Vaginal? E olha pro pinto minúsculo do cara.

— Tem uma periquitinha aí também.

— É tipo uma versão insana daquelas placas Pioneer da Nasa.

— Haha, verdade!

— Você precisa emoldurar isso. Não, espera. Precisa gravar isso em metal e mandar pro espaço, como uma mensagem da humanidade.

— Tipo, zoar com os alienígenas.

Damos risadas e balançamos os dedos dos pés dentro das meias.

— Você mostrou pra Hanna? — Joy diz. — Ela vai morrer de rir.

— Ainda não.

Joy sempre gostou de Hanna. Desconfio que ela quer ser que nem minha irmã, mas na área de design industrial, e não de patentes. Bom, *eu* com certeza quero ser como Hanna.

— Como ela está?

— Bem, ainda em Boston, ainda trabalhando. Ainda com Miles.

Minha voz falha. Há uma raiva vermelho-escura no meu coração, pronta para pintar as paredes com palavrões, mas não tenho motivo para entrar nessa. Eu poderia alimentar minha fúria até não poder mais, mas mamãe-e-papai continuariam tão quietos e imóveis quanto aquelas cabeças de pedra na Ilha de Páscoa. Joy sabe de tudo isso sem que eu tenha que explicar.

Então só digo:

— Você sabia que eles casaram?

Joy fica quieta. Ela me encara com os olhos arregalados.

— Foi no civil — digo. — Levou dez minutos e custou vinte e cinco dólares.

Ficamos ambos em silêncio.

— Então — digo.

— Então — Joy diz. — Me fala mais sobre Brit.

— Bom — eu digo, cruzando os braços e deixando as mãos abertas debaixo das axilas, como se eu fosse um fazendeiro orgulhoso. — Ela é muito legal. Você e Wu estão bem?

— Você não se empolgou e contou aos seus pais, né?

— Engraçadinha. Como você e Wu estão?

Joy vai para a cama. Os bichos de pelúcia pulam.

— A gente brigou de novo.

Acho um pequeno parafuso no tapete colorido. Tem algumas porcas também, então tento encontrar uma que encaixe.

— E qual foi o motivo?

— A mesma merda de sempre. Ele quer algo mais, e não me entende.

— Algo mais tipo sexo anal?

Joy ri. Um bicho de pelúcia atinge minha têmpora com força.

— Ele não entende que não posso ficar inventando desculpas infinitas pros meus pais. Ele quer me encontrar quase toda noite. É impossível. Não consigo suprir essa demanda.

— Entendo total — digo. — Estou no mesmo barco.

— Bem-vindo — Joy diz, olhando para o teto.

Tento outra porca, e outra. Nada ainda. Tem mais, escondidas em meio ao tapete. Sinto mais uma, então enfio os dedos no tapete e a agarro com força.

— A coisa toda é tão absurda — digo.

Joy só faz “Hum”, em concordância.

Puxo mais um pouco o tapete e solto.

— Pensa no que estão tentando fazer com a gente.

— Formar um casal como se fôssemos dois pandas no zoológico.

— Mas além disso. Eles deixaram a Coreia. Vieram pra cá. Tiveram filhos.

— Hum.

— Escolheram a dedo o que queriam da cultura americana, mas de resto construíram uma pequena bolha coreana e vivem dentro dela. Só veem programas de TV coreanos, só negociam com outros coreanos, só saem com seus amigos coreanos.

— Fazem bairros coreanos.

— E tudo bem, eu entendo. Se eu mudasse, tipo, pro Nepal, aposto que ia pirar sem meus filmes americanos, meus cheesebúrgueres quádruplos, meus amigos que falam inglês.

— Acho que tem fast-food americano no Nepal.

Dou risada.

— Mas sabe o que estão fazendo agora? Com a gente? Eles querem que a gente continue dentro dessa bolha.

Joy senta e olha para mim com a cabeça inclinada.

— O sonho deles — eu digo — é que a gente case e tenha filhos, e que esses filhos se casem com coreanos e tenham mais filhos, e que a bolha permaneça intacta mesmo depois que tiverem partido. Querem que a gente tome conta dela pelo resto da vida.

Joy fecha bem os olhos. Ela parece exatamente como eu me sinto: presa. Estamos presos. Mas também estamos cansados de ficar presos. Ela mantém a voz estável ao falar:

— Como se a gente não enxergasse os noventa e oito por cento de alunos da escola que não são coreanos. É como se tentassem nos enganar para que achássemos que não estamos nos Estados Unidos. É impossível.

— Hum.

Joy suspira.

— É errado que às vezes eu me pergunte se Wu vale todo esse trabalho?

— Ixi — digo. — Coitado dele.

— Não, droga, eu retiro o que disse. Eu amo Wu. De verdade.

— O que você ama nele?

— Bom, primeiro, ele é muito gostoso.

— Blá-blá-blá — eu digo.

— Mas também é muito bonzinho, e ama a família dele. Tipo, você tem que ver o cara com os pais, a irmã e a outra irmã, que é uma vaca, mas tudo bem. Ele é muito fofo.

— Isso é bem legal.

— Né? E ele é muito bom com negócios, mesmo que ninguém saiba. Não, tipo, qual negócio ter, mas saber gerenciar, sabe?

— Sei.

— Mas você acha que essa coisa corporativa é chata.

— Não, imagina.

— Acha, sim.

— Não, de verdade — digo. — Só não sei o que envolve exatamente. Nem me importo. Porque é muito, muito chato.

— Babaca! — Mas ela diz isso com carinho. — Tá, sua vez. O que a Brit Means tem de tão legal?

Encontro uma porca, enrosco no parafuso. Encaixa perfeitamente.

Isso significa alguma coisa. Brit Means significa alguma coisa.

Suspiro, satisfeito, e começo.

— Primeiro, ela é muito gostosa.

— Blá-blá-blá — Joy diz.

— Ela é inteligente, e louca por essa coisa de meio ambiente, biologia e tudo mais. Mas num nível mais profundo?

— Tipo anal?

Dou risada, mas me recomponho.

— Ela gosta de mim, de verdade. E eu gosto dela. Estou sendo meio óbvio, né?

— Mas você não pode contar aos seus pais sobre Brit.

— Nossa, valeu por estragar tudo.

— Desculpa. É que estou cansada dessa briga entre o que eles querem e o que eu quero.

— Tudo bem.

Joy se endireita e olha para mim.

— De verdade, sinto muito.

Ficamos olhando um para o outro, Joy com seu problema com um garoto chinês e eu com meu novo problema com uma garota branca.

Penso em Hanna. Miles vale a pena? Ela chora todas as noites nos braços dele por causa do gelo de mamãe-e-papai? Talvez seu coração tenha endurecido. Talvez Hanna tenha saído da bolha sem jamais olhar para trás.

Avanço para o futuro de Hanna. Quando ela comprar sua primeira casa, mamãe-e-papai vão visitar? Quando ela tiver o primeiro filho, será que eles vão no hospital? E Miles, o pobre coitado... Como ele vai se sentir com o passar dos anos?

Não tem uma saída boa para Hanna. Nunca. Só viver entre os dois mundos eternamente, em um limbo muito mais profundo do que o que eu conheço agora. Sinto lágrimas quentes enchendo meus olhos. Pisco, pisco e pisco. Quero sair flutuando, então agarro o tapete de novo para me ancorar.

Que tipo de saída Hanna poderia ter em relação a mamãe-e-papai, que a amam — e a quem ela não pode evitar amar —, mas que ao mesmo tempo nunca mais querem vê-la? Eles fizeram uma escolha, preferiram a bolha a todo o resto.

Ah, meu Deus. Você fez a escolha certa, Hanna?

Estou destinado a ter que fazer a mesma escolha um dia?

A mera existência dessa escolha me faz querer socar tudo.

Sou só eu e Hanna. A dinastia dos Li termina com nós dois.

Respiro. Joy não notou meus olhos úmidos. Quando ela não está olhando, eu os enxugo com os dedos.

Então me ocorre que o mente-leão não é com a gente, os Limbos. É com *eles*.

Os pais estão se enganando ao acreditar que não estão realmente neste mundo, aqui nos Estados Unidos.

E tenho uma ideia.

— Hum — é tudo o que consigo dizer. — Hum.

— Quê?

— Olha. — Respiro fundo. — Pensei numa possibilidade meio maluca.

— Quão maluca? — Joy pergunta.

— Você vai achar esquisito.

— Não tenho problema nenhum com esquisitice.

— Minha possibilidade meio maluca — digo, olhando nos olhos dela — é meio que uma proposta.

— Hum — Joy diz.

Tamborilo os dedos nos joelhos.

— Seu problema é um garoto chinês. O meu é uma garota branca. Nossos pais têm um ponto cego gigantesco no cérebro, um ponto cego racista. E se nos aproveitássemos desse ponto cego?

Joy levanta uma sobrancelha.

— Como assim. — Soa mais como uma afirmação que como uma pergunta.

— O que proponho é... — Inspiro fundo e seguro o ar. — Fingir que somos um casal.

Joy me encara.

Me remexo um pouco no chão.

— Fingimos ser um casal, porque sabemos que nossos pais vão deixar a gente sair, sair e sair o quanto quisermos juntos. Durante a semana. Nos feriados. Tanto faz. Mas toda vez...

Joy arregala os olhos.

— Toda vez, a gente sai com nossos namorados de verdade.

Aponto o dedo para ela, ao melhor estilo Wu.

— Exato.

Joy parece congelar, mas o sorriso incrédulo em seu rosto cresce e cresce, até que ela explode em suas risadinhas rápidas de esquilo, muito esquisitas. Ela ri, ri e ri.

Quando para, noto que o silêncio reina lá embaixo. Eles estão tentando nos ouvir.

— Você é maluco — Joy diz.

Cruzo os braços e abro um sorriso convencido.
— Mas é um puta gênio — ela conclui.

9

controle perfeito da mente

Joy e eu nos debruçamos sobre nossos celulares.

— Então é só te mandar uma mensagem quando Wu quiser sair? — ela diz.

— Isso. Então eu marco de ver Brit no mesmo dia e horário.

— Mas eles não podem saber.

— Wu e Brit, você diz?

— “Ah, oi, Brit Means” — Joy diz, com uma voz de namorado bobo. — “Só estou fingindo namorar Joy pra ter um álibi pra gente poder se ver sem que meus pais super-racistas que odeiam noventa e oito por cento do país façam perguntas.”

— Pensando bem, acho que não funcionaria mesmo — digo.

— Mas tornaria a vida muito mais fácil em termos de logística — Joy diz.

Sorrio para ela. *Né?*

— Aí depois você me manda uma mensagem pra confirmar as agendas e vice-versa? — Joy diz.

— É muita mensagem — digo. — Ah, já sei! A gente devia ter um calendário compartilhado.

— Nerd — Joy diz.

Só olho para ela, como quem diz: “E daí?”.

— Na verdade, faz todo o sentido — Joy afinal concorda.

Mando um convite para Joy. Ela aceita. Crio um evento como teste, intitulado FRANK E JOY COMEÇAM A NAMORAR OFICIALMENTE.

O celular dela vibra. Joy vê o evento e dá risada.

— Então tá.

— Então tá.

— Frank! — minha mãe grita lá de baixo. — O jantar está servido!

Assinto para Joy.

— Está pronta?

Ela assente de volta, e por um segundo nos sentimos como dois soldados se preparando para saltar de um avião.

Fazemos assim: damos as mãos e descemos a escada juntos. Segurei a mão dela inúmeras vezes no passado: em brigas de dedões, rodas de invocação de espíritos com os outros Limbos no Halloween, nas intermináveis preces antes dos banquetes de fim de ano. Mas sempre havia outras pessoas junto, e dessa vez somos só eu e Joy.

— Sua mão está suada — Joy me diz enquanto descemos.

— A sua que está.

— A sua.

— A sua ao infinito.

Assim que chegamos lá embaixo, realizamos a última parte da manobra: viramos para nos certificar de que estamos no campo de visão dos pais, ficamos de mãos dadas por mais meio segundo, então soltamos depressa. A ideia é dar a impressão de que demos uma demonstração pública de afeto sem querer, porque esquecemos de soltar as mãos e agora é *tarde demais*, de tão apaixonados que milagrosamente ficamos nos noventa minutos passados no quarto de Joy.

Funciona.

— Aaaaah — os pais dizem.

— O que foi? — pergunto, todo inocente.

— Come — minha mãe diz.

— Come, come — a mãe de Joy diz, mexendo no fogo do rechaud ornamentado de prata.

— Quer vinho? — meu pai pergunta.

Acabo de ter certeza de que eles caíram no plano. Vinho?

Pegamos comida. Jantamos comida francesa ao estilo coreano, o que quer dizer que é servida tipo bufê e em uma quantidade muito, muito exagerada. Monto meu prato. Joy monta o dela. Quando chegamos ao último rechaud da fila, noto que meu pai está esperando por nós.

Ele nos acompanha até a mesa e puxa as cadeiras pra gente, como um maître de pele escura da Terra Média, e nos sentamos. A mesa das crianças costuma ser maior. Em geral há mais Limbos. Mas agora é só para dois.

Sentamos de frente para os adultos, e os adultos sentam de frente para nós. É como a mesa dos noivos e dos pais dos noivos em um casamento.

Ficamos em silêncio por um momento. Então alguém — a sra. Song, mexendo no que não sei se é um tablet ou celular gigante coreano — coloca rock adulto contemporâneo para tocar de repente, uma sequência insípida de clichês emotivos.

Meu pai serve vinho até a borda das taças, como se fosse suco de laranja e tivéssemos seis anos.

Nunca soube que podia me sentir assim./ As nuvens se abrem em um dia sem fim.

Joy está tão agitada que parece capaz de virar a mesa.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Não vou aguentar.

— Aguenta firme — sussurro.

Os dois rimos.

Os pais param e olham para nós com sorrisos grandes, bobos e felizes no rosto. Então percebem o que estão fazendo e voltam desajeitados à conversa dos adultos, como bêbados tentando ser discretos.

É insuportável, mas está funcionando. Então é uma dor agriçoce.

— Vamos brindar — digo. — Acho que a bebida pode ajudar.

Não conseguimos erguer nossas taças, porque estão cheias demais, então abaixamos a cabeça e tomamos um gole. Nos arrependemos imediatamente, porque, cara, quem é que bebe vinho assim, sem pelo menos misturar com uma Sprite ou coisa do tipo? Álcool, ainda não sei qual é a sua.

— Ei — sussurra Joy. — Saca só isso.

— O quê?

— Só olha pra mim por três segundos.

Olho em seus olhos por três segundos. Minha orelha direita registra um silêncio absoluto recaindo de repente sobre a mesa dos adultos.

— Agora olha pra eles.

Faço isso, e Joy também, então os bêbados fingem conversar de novo.

— Agora olha pra mim — Joy diz.

Eu olho. Sempre achei que seus olhos fossem pretos, não sei por quê. Mas não são. São de um tom de castanho profundo. Me pego pensando se são grandes o bastante para cumprir as exigências ridículas da minha mãe.

As pálpebras superiores têm aquela preguinha: o *ssangkkeopul* tão desejado pelos coreanos que eles recorrem à cirurgia plástica para ter.

Não tenho *ssangkkeopul*. Deveria ter inveja?

Ah, tanto faz. Gosto dos meus olhos. Eles são pretos, por sinal, como a alma de um antipaladino maligno caótico ultrarraro do nível doze.

— Hum — digo. — Nunca notei que você tem *ssangkkeopul*.

Joy tenta olhar para as próprias pálpebras, o que é meio engraçado.

— Ficou assim depois da puberdade, sei lá por quê. Minha mãe diz que parece que estou sempre cansada.

Ela pisca, deixando as pálpebras retas.

— Para de fazer isso. É tipo “chinês, japonês, olha o joelho sujo de vocês”.

— Credo, aquela merda.

— Desculpa ter te lembrado disso.

“Chinês, japonês, olha o joelho sujo de vocês” era uma música racista que as crianças brancas cantavam para a gente. Era acompanhada por um puxar de olhos, para tornar tudo ainda mais ching-chong.

— Bom — digo. — Seus olhos são lindos assim.

Joy começar a rir daquele jeito dela, *iki-kiki-hom-ikiki*, porque tem duas coisas acontecendo agora: a mesa dos adultos está em silêncio completo, como se fossem um bando de suricatos fascinados, e a letra da música de fato diz:

Você é linda assim/ Garota, quero você pra mim.

— Ah, merda — digo, rindo também.

— Vira no três — Joy diz. — Um, dois, três.

Quando viramos, nossos pais voltam a conversar.

Sinto que tenho imenso poder. O controle perfeito da mente é meu.

Meu pai se aproxima e bate os calcanhares para chamar nossa atenção. Acho até que considera se curvar, mas se controla. Ele vê minha taça ainda cheia.

— Não bebe vinho?

— Estou cheio, pai, vou acabar vomitando.

— Pff — minha mãe diz.

— Quer dar uma passada no vomitório e depois a gente volta a comer?
— pergunto a Joy.

— Isso é nojento — ela diz, rindo e dando um cutucão no meu ombro.

Os pais ficam em silêncio de novo. Sêrio, é como se houvesse um botão.

Finalmente chega a hora de ir embora. Eu e Joy executamos a última manobra fatal desse primeiro teste muito bem-sucedido.

— Vou esquentando o carro — digo. Está frio, considerando que é o sul da Califórnia, ou seja, faz uns quinze graus. Minha mãe gosta de esquentar o carro, ainda que a probabilidade de meu pai vomitar em um copo descartável aumente.

Vou lá para fora. Joy me segue.

Faço como planejado: dou a partida, ligo o aquecedor e saio do carro.

Então, no campo de visão da porta da frente aberta dos Song, me inclino na direção de Joy e finjo beijar sua bochecha.

— Somos iguaizinhos aos pandas do zoológico — sussurro na orelha dela.

Joy ri.

Vou te dizer uma coisa. Vivo para fazer as pessoas rirem. Pais, irmãos, amigos, amantes, não importa. Só *preciso* fazer isso. Se por algum motivo você não sabe fazer alguém rir, aprenda. Estude como se fosse pro vestibular. Se tiver a infelicidade de não haver ninguém na sua vida que te faça rir, largue tudo e encontre essa pessoa. Atravesse o deserto se precisar. Porque risada não tem só a ver com graça. É a música das profundezas do cosmo que conecta todos os seres humanos e que diz tudo o que as palavras não conseguem expressar.

Joy ri, então nos separamos, e o retângulo laranja que é a porta dos Song se enche de silhuetas.

Isso vai dar muito certo.

frank

e o

amor

novos amores antigos

Joy e eu passamos os dias seguintes refinando nosso sistema. Primeiro, crio um evento de calendário intitulado CINEMA COM BRIT: NOVOS AMORES ANTIGOS. Joy deleta imediatamente.

Não usa nomes, seu tonto, ela escreve.

Boa, escrevo de volta.

Então crio outro evento que diz apenas: SEXTA: CINEMA F — NOVOS AMORES ANTIGOS. O *F* é de Frank, o que me parece genial.

No dia seguinte, estou na aula de cálculo. Repassamos juntos as perguntas da prova. Q tirou dez, porque afinal é ele. Q tirou 1520 no exame preparatório para o vestibular, que é a nota máxima.

Tirei 9,7. Brit também. Ela se inclinou e desenhou um coração em volta da minha nota, o que é bem ensino fundamental, mas não ligo nem um pouco.

Sinto o celular vibrar e me arrisco a dar uma olhadinha na tela.

SEXTA: PUNHOS DE TITÃ 3: RESSURREIÇÃO

Punhos de titã 3 é um filme de ação bem clichê. Posso ver Wu levantando o punho cerrado para a tela enquanto Joy se afunda na cadeira com tanta clareza que preciso me controlar para não rir.

— Frank, o senhor está mesmo vendo o celular no santuário da aprendizagem? — o sr. Berry Soft diz.

— Desculpa — digo, e guardo o aparelho. Abro um sorriso breve para Brit, que franze o nariz, animada, como quem diz: “O que está aprontando?”. Sinto um arrepio. Por algum motivo. Malícia? Empolgação? Ousadia?

O sr. Soft continua a me olhar, não porque está bravo nem nada do tipo, só esperando pacientemente.

— Quer compartilhar alguma coisa com a turma?

Quero, sim. Quero subir na mesa e gritar para todo mundo: “Vou ter meu primeiro encontro de verdade com Brit!”. Mas só ofereço um sorriso contido e balanço a cabeça em negativa.

— Na semana que vem vamos começar o intensivão para o vestibular — o sr. Soft diz. — Então deem um descanso ao cérebro. Nada de lição de casa essa semana.

— Ahhhh — Q diz, genuinamente decepcionado.

— É uma bênção ter o senhor como aluno, Q — o sr. Soft diz. — Como vocês dizem, hashtag gratidão.

Mais tarde, pego algumas coisas no armário para levar para casa, já que é o fim da semana. Olho meu reflexo distorcido no espelhinho barato grudado na porta. Nunca me achei bonito. Mas Brit deve achar. Isso me torna oficialmente bonito? Bato a porta do armário e deparo com o rosto de Q a centímetros do meu.

— Minha nossa — digo. — Quase me mijeí de susto.

— Vamos passar pelo Portão Sangrento hoje — Q diz. — Eu, Olmo, você e os irmãos Patel. É melhor levar seu headset, porque vamos ser nós contra um semideus.

— Q, Q, Q — digo. — Olha...

Ele fica chocado.

— Não.

— Tenho um encontro.

— Argh — Q diz.

— Agente firme, meu caro — digo, no estilo mais pomposo que consigo.

Q fecha os olhos.

— Respira fundo, desfoca. — Ele volta a abrir. — Então tá. Meu jovem Frank, estou muito feliz por você. E o encontro é...?

— Aquele filme *Novos amores antigos* e jantar.

— Legal.

Q me olha, como se meu rosto tivesse mudado de repente. Talvez tenha mesmo.

— E seus pais não ligam? — ele pergunta.

Inspiro fundo e puxo as alças da mochila.

— Hum — é tudo o que digo. Ainda não quero contar sobre meu plano, que provavelmente parece ridículo olhando de perto. Mas tempos ridículos exigem medidas ridículas.

— Nossa, então foi tranquilo — Q diz. — Mas por que eles mudaram de ideia? Teve alguma virada no relacionamento deles com Hanna?

— Por quê?

— Hum?

Ficamos olhando um para o outro por um momento, confusos. Meu celular vibra.

— É ela, tenho que correr — digo.

Ela na verdade é Joy, que escreveu: *Me pega em 30*. Mas Q não precisa saber disso agora.

— Qualquer coisa estou no Portão Sangrento — Q diz.

Dirijo para casa no meu Consta desanimador, tão rápido quanto posso, e subo as escadas correndo para me arrumar. Tenho tempo só de tomar um banho de cinco minutos, passar gel no cabelo e trocar de camiseta. Vou usar minha preferida, com um cachorro tomando chá no inferno e os dizeres: ESTÁ TUDO BEM.

Estou com a cabeça inclinada para trás diante do espelho para tirar alguns pelos do nariz quando uma voz cantarola para mim.

— Vai sair onde hoje?

É minha mãe apoiada na moldura da porta.

— Vou jantar — digo. — E depois ver um filme.

— Bom, bom — minha mãe diz, com um prazer evidente. — Que filme? — ela pergunta, como se a escolha fosse um augúrio do meu futuro.

— Chama *Novos amores antigos*.

— Qual é história?

— Mamãe, não atrapalha Frank, hum? — meu pai diz, de fora do outro cômodo. — Ele tem que arrumar.

— Parece história de amor — minha mãe diz. — Aposto que Joy gosta. Menina gosta de história de amor.

— Mãe — digo —, preciso ir.

Meu pai aparece na porta ao lado dela, segurando as chaves do carro dele.

— Vai com meu.

Olho para ele. Nunca dirigi o carro do meu pai. Ele solta a chave na minha mão como um chef acrescentando uma pitada de sal.

— Valeu, pai.

— Hum — ele diz.

Mamãe-e-papai ficam sorrindo na porta, bloqueando minha passagem.

— Licença...? — peço.

Eles finalmente abrem caminho.

— Vai — minha mãe diz.

Corro escada abaixo e pulo no QL5 do meu pai. Quando dou a partida, meus pais já assumiram sua posição na porta da frente, se despedindo como se eu estivesse embarcando em uma longa viagem de navio.

Chego à casa insana dos Song, à beira de um penhasco que dá para a água, e mando uma mensagem para Joy do carro.

Cheguei.

Beleza, ela responde.

Joy sai animada pela porta gigantesca de cerejeira. Quando vira para se despedir dos pais, noto o lampejo de verde do cabelo dela à luz azulada do crepúsculo. Ela entra no carro.

— Meu pai tinha um desses — Joy diz, olhando em volta, para o interior desgastado. Ela cheira a rosas de verdade.

Meu coração está acelerado. Posso notar por uma única veia pulsando em seu pescoço que o dela também está.

— Vamos lá — digo, com um sorriso.

Enquanto nos afastamos, os pais de Joy acenam e acenam, até que não consigo mais vê-los.

— Sabe o que meus pais acabaram de dizer? — Joy diz.

— O quê? — digo, fazendo uma conversão um pouco rápido demais. A emoção da escapada está diminuindo lentamente e abrindo caminho para outra emoção à espera: Brit e eu sentados juntinhos, sonhando com o amor na telona.

— “Não acorde a gente quando chegar.” Acredita nisso? Eles basicamente disseram que posso ficar fora até a hora que quiser.

Assinto e assinto diante de sua alegre descrença.

— Meu pai me emprestou o carro dele!

— Aposto que a gente poderia sair toda noite e eles nem ligariam — Joy diz, maravilhada.

— Cara — digo, e levanto a mão para um “toca aqui”.

— Opa, opa, opa — Joy diz. — Identifiquei o suspeito.

Estamos perto do cinema. Dá para ver Wu, o suspeito mencionado, à distância, diante de um pôster de *Punhos de titã 3*, tentando imitar a pose de luta do robô de vinte andares. Ele não fica satisfeito, então tenta de novo.

— Anda, anda — digo.

Joy solta o cinto de segurança.

— Não precisa se preocupar com a volta, tá? Wu vai me dar uma carona. Ele insiste.

Imagino Wu estacionando diante da casa de Joy, os pais dela totalmente confusos.

— Mas...

Joy alivia minhas preocupações.

— Ele sempre me deixa na casa errada, algumas portas mais adiante. Tem dado certo.

— Nossa — digo. — Pobre Wu.

— Pobre Wu se um dia conhecer meus pais — ela diz, e bate a porta do carro. Então fala através da janela aberta: — Vai lá fazer suas coisas.

— Você também.

Saio com o carro.

Sozinho, inspiro fundo, seguro o ar por um segundo e sinto um silêncio tranquilo se assentar na minha mente. A primeira parte está completa, e agora só preciso pegar Brit e curtir a noite.

Deixo o corpo afundar no banco de couro rachado. Abro todas as janelas. Estico o braço para pegar o ar úmido lá fora, e minha mão se torna o leme de um barco, cortando o perfeito lençol de água.

A casa de Brit parece diferente durante o dia. Suculentas coloridas pontilham o pátio de cascalho, como pequenas esculturas. Eu não tinha notado na noite em que vim fazer o trabalho de cálculo. Há uma sereia

esculpida em madeira pendurada sobre a porta da frente. Parece algo antigo e estimado. A porta, pintada de vermelho — tinha parecido marrom na outra noite —, tem uma pequena aldrava de prata na forma de bunda de cachorro.

Não consigo evitar a comparação: minha casa é bem padrão, com gramado vazio na frente, muito prática. Meus pais trabalham demais e não têm tempo para entalhar sereias. Mas devem estar trabalhando para isso, não? Para aquele momento na vida em que a correria desacelera, o corpo relaxa, e a mente começa a contemplar a aldrava ideal para a porta.

Senão, qual é o sentido?

Bato a bunda de cachorro na porta. Ela se abre e revela Brit.

— É uma bunda de cachorro — digo, apontando.

— Gostou, é? — ela diz.

Brit também se trocou. Está com uma regata com um pokémon Snorlax, e os dizeres: SIGA SEUS SONHOS. CONTINUE DORMINDO.

— Adorei essa blusa — digo.

Ela leva a mão ao meu peito para examinar a minha, então diz:

— Também adorei a sua. — Então algo lhe ocorre. — Esqueci o casaco. O cinema é sempre tão gelado. Entra e dá um oi.

Ela corre escada acima, e de repente me vejo em sua casa de novo, sozinho por um momento. Reparo em todos os detalhes que consigo: um buquê de projetos enrolados dentro de uma lata de leite antiga bem alta, um cartaz de filme francês gigantesco enquadrado, uma foto de Brit quando pequena, brincando com os pais em uma piscina de bolinhas multicoloridas. Tudo no cômodo envolve intenção, emoção e significado.

Penso outra vez em como minha casa é diferente. Minha mãe coleciona galinhas de cerâmica sem nenhum motivo especial, quanto mais baratas melhor. Meu pai gosta de chaveiros de souvenir. De qualquer tipo, de qualquer lugar, quanto mais barato melhor: praia de Hermosa, aeroporto de Los Angeles, Castelo de Scotty.

A nossa casa parece no caminho de se tornar algo. A casa dos pais de Brit parece já ter chegado lá há um bom tempo.

— Nos encontramos de novo — alguém diz. É o pai de Brit, se aproximando com seu moletom cinza.

— Oi — digo.

Então ele me dá um abraço.

— Tinha um bom pressentimento quanto a você, cara. Quer uma cerveja?

— Hum — digo. — Não bebo.

— Ah, verdade. Quer maconha então? — Ele cruza os braços e dá risada. — É brincadeira.

— É bom te ver de novo, Frank — alguém diz. É a mãe de Brit, também de moletom cinza. Brit aparece atrás dela, com um casaco na mão.

Considero nós quatro, os pais de moletom igual, as crianças com camisetas engraçadinhas. Quero rir, de tão fofo que é. Um momento atravessa a sala, como uma brisa agradável num vale à noite.

— É melhor a gente ir — Brit diz.

— Não quero perder os trailers — digo.

— Eu ia falar a mesma coisa — Brit diz, impressionada, e abre um sorriso de lado pra mim.

— Antes — o pai de Brit diz — queria te dar uma coisa. Brit disse que você está fazendo uma montagem de áudios coletados.

As palavras *montagem de áudios coletados* ricocheteiam na minha cabeça. Então tem um nome pra isso. E o pai de Brit sabe qual é. Uma sensação incrível faz minha pele se arrepiar, como quando alguém chama seu nome no alto-falante durante a entrega de um prêmio e todo mundo olha pra você.

O pai de Brit me entrega uma latinha redonda.

— Quando a mãe de Brit e eu ainda morávamos no Brooklyn e estávamos começando a namorar, eu tinha o costume de gravar o som do metrô. Achei que podia curtir.

— Nossa — digo, aceitando a lata. — Tem certeza?

— Claro, espero que te inspire — ele diz, e dá uma piscadela para a filha.

Brit não revira os olhos, suspira nem faz qualquer adolescentice que se espera dos adolescentes. Ela fica me olhando, como se tivesse certeza de que vou fazer algo importante com essa latinha velha. E seu olhar me faz mesmo querer fazer algo importante.

A melhor parte de *Novos amores antigos* não é o filme em si — embora seja ótimo, uma mistura perfeita de comédia e romance, meus gêneros

preferidos de todos os tempos. É a parte antes do filme começar, quando Brit e eu entramos na fila para comprar um lanche. Ali, entre casais mais velhos e mais novos, meninos e meninas carregando o casaco, homens e mulheres carregando o casaco, mais o ocasional casal de meninos ou de meninas carregando o casaco.

Sinto como se tivesse entrado para um clube. O clube dos casais.

— Os nachos podem vir com mais pimenta? — Brit pergunta ao funcionário.

— Eu ia pedir a mesma coisa — digo, bêbado de maravilhamento.

Damos toda a nossa atenção aos trailers, criticando-os em sussurros, porque aparentemente nós dois temos esse costume. Também damos toda a nossa atenção ao filme. No fim, uma única lágrima quente rola pela minha bochecha, e Brit enxuga seus próprios olhos antes de enxugar os meus.

Guardamos os beijos para os créditos finais. Sinto gosto de pimenta e queijo, e ela também deve sentir, porque ambos damos um gole de refrigerante antes de tentar de novo.

— Muito melhor — digo.

A uma distância curta de carro tem um café meio tosco e pequeno, na praia Crescent, do tipo com remos e placas de carro nas paredes, música antiga tocando e clientes mais velhos. Não há motivo para ir a um lugar assim, na verdade. Tipo, o nome é Velhote, sem brincadeira.

Só que agora, com Brit e eu sentados num cantinho, tomando chocolate quente, parece o lugar perfeito.

— Adoro esse lugar — digo. Pego meu gravador e registro o som ambiente por um momento. Copos batendo, murmúrios, o arrastar de cadeiras que lembra o som de uma baleia. Então o guardo.

— É um lugar lindo à sua própria maneira — Brit diz, olhando para um aglomerado decorativo de boias de vidro. — E não kitsch. Odeio coisa kitsch. É tipo não ver algo pelo que é, mas pelo que você gostaria que fosse.

— É como tirar sarro do gosto de outra pessoa.

— É muita maldade — Brit diz.

Penso nas galinhas da minha mãe e nos chaveiros do meu pai. São kitsch? Estou sendo maldoso com eles?

Percebo que meio que estou. Isso me faz pensar se galinhas e chaveiros estavam na moda na Coreia dos anos 1980.

— É muita maldade mesmo — digo, prometendo ser melhor daqui em diante. Tem um relógio de vidro na parede no formato de uma caneca de cerveja, cheio de um líquido borbulhante. Deve ter uns cinquenta anos. — Viu? Aquilo não é kitsch, por exemplo. É lindo.

— Aliás, como estamos de horário? — pergunta Brit.

— Tranquilo por mim — digo. — Tenho muito tempo.

— Eba! — Brit diz, como uma criança.

Tenho muito tempo porque fiz um acordo com Joy, penso. Brit vira para me encarar e molha o cabelo no chocolate quente. Esqueço aquilo e me apresso para afastar a caneca dela.

— Seu cabelo estava na bebida — digo.

Ela coloca a mecha molhada na frente do meu rosto.

— Experimenta — Brit diz.

— Credo — eu digo, mas experimento.

— Você é maluco, Frank Li — Brit diz.

Ficamos ambos sérios por um momento. Nesse momento em particular, bem aqui. Chupar chocolate quente do cabelo de uma menina é esquisito. Quem faz esse tipo de coisa? E quem deixa? Mas Brit deixa. Ela *quer* isso.

Tenho muito orgulho de ser a única pessoa que já chupou o cabelo de Brit Means.

Pedimos mais chocolate quente e uma porção de batata frita. Não pegamos o celular nem uma vez. Sei que tenho pelo menos uma hora antes de precisar “voltar à base”, por causa do horário em que eu e Joy combinamos de chegar, só para o caso de precisarmos manter a linha do tempo equiparada. Chega uma hora em que os atendentes começam a virar cadeiras sobre as mesas. No caminho de volta, nós dois pegamos o ar com as mãos, os braços esticados como asas do lado de fora do carro.

— Acerta a posição da mão pra decolar — digo.

— Estou tentando — Brit diz, com sua risada meio distante que parece um pouco um choro.

— Anda, anda — grito.

Chegamos à porta vermelha, que agora vejo que é claramente vermelha, e não marrom, e nos beijamos uma última vez diante da bunda de cachorro prateada. Desço os degraus dançando, sem vacilar ou cair nem uma vez.

Dirijo para casa e estaciono na rua para que a porta da garagem não acorde ninguém. Tiro os sapatos e os deixo perfeitamente alinhados com

os de mamãe-e-papai, no piso de azulejo marrom brilhante da entrada.

Quando chego ao quarto, noto que alguém deixou a luminária da mesa acesa para que eu conseguisse ver no escuro, e arrumou minha cama à perfeição. Me jogo nela e já estou pegando no sono quando lembro de mandar uma mensagem rápida.

Só confirmando que estou de volta à base.

Eu também. De volta à base e na cama, escreve Joy.

Como foi?

Ótimo, ela escreve. Me senti como uma Cinderela sem horário para voltar.

E você nem se transformou em abóbora.

Haha! Como foi com a B?

Demais, escrevo. Uma noite perfeita.

Então toca aqui!

Totalmente merecido.

Joy me manda um gif de dois jogadores de futebol tentando se cumprimentar, errando e acertando a cara um do outro ao mesmo tempo.

— Boa noite, Joy — digo, antes de cair num sono fácil e profundo.

11

trocando pedras preciosas

No dia seguinte, estou imprestável na Loja. Esqueço de embalar as compras, dou o troco errado, olho para os clientes sem ver nada de fato.

— Você péssimo — meu pai diz, rindo alegremente. — Você em estado contínuo de distração.

Ele não está bravo nem nada. Só ri e ri, porque acha que estou saindo com Joy Song.

Brit e eu trocamos algumas mensagens à noite, mas não tantas quanto seria de imaginar. É como se ambos quiséssemos guardar isso para segunda quando nos virmos de novo na escola. Me despeço dela, pego o presente de seu pai — a latinha redonda — e a abro, revelando um pequeno rolo de fita de áudio antiga. Coloco cuidadosamente no velho tocador portátil da Sony que faz parte da minha coleção de equipamentos de áudio. Começo a digitalizar minhas partes preferidas. Em determinado momento, ouço a voz da mãe de Brit em meio aos guinchos do trem.

Olha só esses dois, ela diz.

Deviam ir pra um lugar mais reservado, uma voz de homem responde. É o pai de Brit.

A gente é assim?, a mãe pergunta.

Espero que sim, responde ele.

Eles parecem um pouco com Brit e eu. Me pergunto se mamãe-e-papai também pareciam quando estavam “começando a namorar”, como o pai de Brit disse. Não tem nenhuma gravação deles, e mesmo se houvesse seria em coreano. Que eu acho que poderia pedir para alguém traduzir. Mas ainda seria a mesma coisa?

A segunda chega. Na aula de cálculo, Brit derruba a borracha e eu a pego.

— Obrigada — ela diz, com os olhos em chamas.

— De nada — digo.

— Como vocês dois são educados — o sr. Soft diz, com um olhar perplexo, como se alguém tivesse acabado de peidar rosas. — Muito bem, agora vamos a uma breve história da farsa que é o vestibular moderno.

A aula termina. Olho demoradamente para Brit em despedida, e ela sustenta o olhar até sumir virando uma esquina.

— Ah, o amor... — Q diz. Então bate as duas mãos. — O Portão Sangrento terminou mal. O mago do Paul Olmo morreu.

Olho para Q. A morte de um personagem é algo importante. Ao contrário dos videogames, é permanente.

— Sério? O que aconteceu?

Q dá de ombros.

— Ele foi muito ganancioso. Andava com um esquema de roubar as pedras preciosas do resto da equipe e trocar por falsas sem ninguém notar. Só que perceberam.

— Paul fez isso?

Paul devolvia carteiras aos achados e perdidos. Ele não roubava.

— Deram uma escolha pro cara: ou lutava contra eles ou se suicidava pra preservar alguma dignidade.

— Meu Deus.

— A gente acha que conhece as pessoas... — Q diz, baforando nos óculos para limpá-los.

Sinto dúzias de alertas de metáfora chegando e começo a rir.

Então Joy surge em meio à multidão, comendo um saco de uvas gigantes. Conheço essas uvas. São *wang-podo*. *Wang* significa algo como “jumbo” em coreano, e “podo” significa uvas. Coreanos são loucos por uvas gigantes.

Joy bota a língua para fora e atira uma *wang-podo* — *tuc* — no meu pescoço.

— Porra — digo, rindo.

— Hahahahaahehehehahahaha — Joy diz.

Pego a uva e jogo nela.

— Aaaaaaa — Joy diz, e sai correndo. Mas olha pra trás e sorri pra mim.

Q me olha, muito sério.

— Ooooi?

— Bom — digo, procurando as palavras. — Nossas famílias são amigas, né? Conversamos numa Reunião, tipo, de verdade, e ela é bem legal.

— Hum-hum — Q diz, com o mesmo olhar.

— Não pensa com a boca aberta — digo.

Mais tarde, estou ao volante indo com Q para a casa dele. Hoje o cardápio é espaguete com frango com tempero cajun, para não ficar totalmente sem graça.

— Então você gosta da Brit — Q diz, devagar.

Faço uma rota sinuosa com o carro.

— Gosto, sim.

— Então o que foi aquele lance com a Joy?

— Joy e eu somos bons amigos — digo. — Só que até pouco tempo eu não sabia que nos daríamos tão bem.

— Então vocês só são muito, muito, muito amigos, ainda que seja recente.

— Mais ou menos isso.

O celular de Q vibra, mas ele ignora.

— Então por que não disse isso?

Sinto as palavras ricocheteando no meu cérebro.

Então por que não disse isso?

Então por que não disse?

Então por que não?

Por quê?

Eu deveria contar tudo a Q. Não quero guardar segredo sobre meu... segredo.

Isso soou esquisito.

— Então — digo. — Tem um negócio que você precisa saber sobre Joy e eu. Digamos que temos um relacionamento especial. Com benefícios mútuos.

Os olhos de Q se arregalam.

Levanto as mãos.

— Não, não, não. Não quis dizer que estou num *relacionamento* com ela.

O espelho pra macaco de Q vibra de novo. É a mãe dele, e Q coloca no viva-voz.

— Thomas? — ela fala. Ainda o chama assim. — Não me coloca no viva-voz.

— Tarde demais, mãe.

— Pode pegar sua irmã no dojo no caminho, por favor?

— Estou no meio de uma conversa muito importante, mãe.

— Pode deixar, sra. Lee — digo. Q me dá um soquinho, mas mal sinto.

— Obrigada, Frankie.

Q desliga e levanta um dedo no meu olho.

— Continua.

— Daqui a pouco — digo. — Vamos pegar sua irmã primeiro.

Conseguimos sobreviver ao jantar, suando heroicamente por causa de todo o tempero. Evon aparentemente é linda demais para transpirar um pouco que seja, mesmo depois de repetir o prato.

Ela me passa o guardanapo.

— Então. Brit.

Olho para ela, mas sua beleza é dolorida demais e tenho que desviar o rosto.

— Acho fofo — Evon diz. — Mas ela não é meio nova?

— Brit é três meses mais nova que eu.

— Bom, acho fofo.

— Espera — digo. — Você sabe que sou tipo um mês mais velho que você, né?

— E eu sou três segundos mais velho, porque... — Q começa.

— Chega — a mãe dele diz.

Esquecemos de lavar os pratos, somos lembrados disso, voltamos para fazê-lo e depois corremos para o quarto de Q para começar a estudar para o vestibular. Sei que ele está louco para perguntar sobre Joy, e eu estou louco para contar tudo a ele, mas primeiro tiramos o estudo da frente, porque somos assim, e a prova é daqui a alguns dias.

É uma prova ridícula, escrita como se fosse para alienígenas visitando a Terra pela primeira vez.

O Valentine's Day americano é uma importante celebração do amor e da amizade genuína, em que as pessoas tradicionalmente mandam cartões umas para as outras. Se 110 cartões serão trocados entre os membros de um grupo, e cada membro do grupo deve mandar um cartão para cada um dos outros membros do grupo, quantas pessoas há nesse grupo?

— Onze — digo. — Cada pessoa manda dez cartões, porque não tem que mandar para si mesma, e onze pessoas vezes dez cartões dá 110.

— Sua lógica é alucinante — Q diz. Fechamos os livros. — Agora: me conta sobre seu relacionamento especial com Joy. Você está ou não está saindo com duas garotas ao mesmo tempo?

— Isso seria péssimo, é claro que não!

— Você não está sendo sacana, usando Brit para que Joy fique com ciúme o bastante para terminar com Wu e ficar com você, né?

— Não, mas isso foi bastante elaborado.

— Me fala logo a real. Não me obriga a arrancar a verdade de você.

— Então...

— Você vai ver só.

— Estamos saindo, mas é tudo mentira.

Q para. Com uma cara de quem sente um fedor.

— Oi?

Inspiro e continuo.

— Fizemos nossos pais acharem que estamos saindo, pra que eu possa sair sossegado com Brit e Joy possa continuar com Wu.

— Porque Brit é...

— Hum-hum.

— E Wu é...

— Isso.

— E seus pais não...

— Exatamente.

— Ahhhh. — Q assente e assente, notando como nossa armação é engenhosa. Então seu rosto se contrai. — Você está trocando pedras preciosas.

Penso em Paul Olmo, esperando para trocar seu saquinho de pedras de vidro enquanto o resto da equipe dormia.

— Não estou fazendo isso.

— É exatamente o que está fazendo.

— Você roubou meu carregador? — alguém pergunta. É Evon, com uma roupa brilhante que poderia ser para dormir, ir à academia ou sair à noite.

— Você interrompeu de forma grosseira um diálogo de grande importância — Q grita.

Pego o carregador verde que tenho na mochila e jogo pra ela.

— Usa o meu.

Evon pega o carregador no ar sem nem olhar — o que é impressionante — e aponta para mim com ele.

— Pelo menos alguns garotos são educados.

Ela bate a porta atrás de si.

— Não esquece de fechar a porta — Q grita, tarde demais.

— Bom — digo, voltando à nossa conversa. — Todo mundo sai ganhando.

Posso ver que Q avalia meu esquema com Joy como se considerasse a integridade de um algoritmo. Seus olhos vão de um lado para o outro até que encontra um obstáculo.

— Mas por quanto tempo vão manter a farsa? — ele pergunta, finalmente.

— Tanto quanto pudermos — digo, dando de ombros. — Até o verão? Até a formatura?

— E depois? — Q pergunta.

— Então vamos para a faculdade, e poderemos fazer o que quisermos.

Q ergue uma sobrancelha pra mim.

— E depois?

— Chega de “e depois?” — digo, citando um de nossos filmes preferidos.

— Só acho que seria melhor contar a verdade pros seus pais, mesmo que demore meses pra conseguir fazer isso.

— Não vou fazer que nem a Hanna.

— Hanna deu a notícia do nada, sem nenhum aviso — Q diz. — Você devia ir aos poucos. Devagar.

Ele simula um caminho suave com as duas mãos.

Não quero seguir o caminho de Q.

— Sério que preciso pensar numa estratégia diplomática de longo prazo com meus pais só pra sair com uma garota? Isso não aconteceria com você.

Q concorda comigo.

— Na teoria. Mas na verdade, tudo isso é irrelevante, a menos que...

Ele se interrompe na hora. Está pensando em alguém?

Ataco.

— A menos que o quê? A menos que *quem*?

Avalio o rosto dele. É fascinante: de repente, Q está tímido.

— Anda — digo. — De quem é que você gosta?

Como mencionei, Q e eu em geral não falamos sobre interesses amorosos. Mas ele deve ter algum. É claro que ele é um nerd com sérios problemas de socialização, mas é um garoto como qualquer outro. Só que é estranho falar de romance com alguém que é seu amigo desde sempre. Ele gostou de uma garota na época do fundamental — Kara Tram —, mas mal falávamos a respeito. Ela se mudou, e foi o fim da história.

Q pensa, de boca aberta, por um longo momento antes de falar.

— Essa informação é apenas para os ouvidos da rainha, meu chapa.

— Amelie Shim.

Q estreita os lábios. Balança a cabeça.

— Hum-hum.

— Naima Gupta.

Q suspira.

— Não, e não importa. O objeto do meu afeto já está saindo com outra pessoa.

— Que saco.

— É certamente uma merda.

— O que você pode fazer?

— Só sofrer — Q diz. — Dramaticamente.

Me inclino e sussurro:

— Quem é?

— Bom, e depois que você entrar na faculdade? — Q diz, me ignorando.

— Seus pais ainda vão ligar e te visitar. E depois que você se formar? Vai continuar trocando pedras preciosas? Um dia a faculdade vai terminar. E aí?

Era exatamente por isso que eu não queria contar. Só queria falar sobre como meu esquema com Joy estava funcionando, e sobre como minha noite com Brit tinha sido mágica. Não essa baboseira sobre o futuro.

— “E aí?” acontece o que aconteceu com a Hanna — solto. — Você sabe que ela e Miles se casaram só no civil? Porque meus pais não iriam a um casamento de verdade? *E aí* é isso. Ela e Miles vão ter filhos, eles vão crescer, meus pais vão envelhecer, *e aí* essa porra toda.

— Ei, ei — Q diz.

— Ela casou com um cara negro. Você, mais que qualquer um, devia saber como isso tudo é uma merda. Por favor, cara.

Q passa o braço por cima do meu ombro e o aperta.

— Eu entendo. De verdade.

— Não sei “e aí?”. Ninguém sabe. Só... tive uma noite muito incrível com Brit. Uma das melhores na história. Só quero falar disso nesse instante. Esse momento no tempo é tudo com que meu cérebro consegue lidar.

— Tá, tá, tá — Q diz, me acalmando. — Já entendi.

— Desculpa.

— Relaxa — Q diz.

— Me exaltei um pouco.

— Seria estranho se não se exaltasse, cara.

Sorrio pra ele.

— Você é tão calmo que faz uma piscina parecer um maremoto.

Q sorri de volta.

— Você é tão demais que faz qualquer coisa parecer de menos.

— Você é tão bombástico que tiveram que evacuar o prédio.

E daí em diante. Essa é nossa versão de “Sua mãe”, só que em vez de ficar insultando a mãe um do outro, trocamos elogios. No nosso jogo, ninguém nunca perde, todo mundo ganha.

— Fico feliz que esteja feliz, e que o resto vá pro inferno — Q diz, me olhando através de seu monóculo invisível e levantando uma taça invisível. — A este momento no tempo.

— A este momento no tempo.

E brindamos de mentira.

12

brilhante

— Frankie-ya, quer cerveja ou coisa assim? — meu pai pergunta. — Oi, Joy, bom que veio.

Meu pai deixa um pacote de cerveja — e de cerveja boa, supostamente, IPA ou algo do tipo — no quarto, como se estivesse alimentando animais estranhos enjaulados, e volta a sair. É a vez dos Kim de sediar a Reunião.

— Papai — ouço minha mãe dizer. — Cerveja, não.

— Eles fizeram prova, precisa relaxar agora — meu pai diz.

É, fiz vestibular de manhã. Embora tenha levado um pau.

Primeiro, espirrei em cima do folheto de perguntas, um espécime prodigioso, e eu não tinha nada com que limpar o nariz além do próprio folheto.

Então o celular de uma garota começou a tocar, e ela quase foi expulsa, mas se salvou com um discurso apaixonado de três minutos sobre seu sonho de ser pediatra. O teatro todo foi divertido, claro, mas também acabou com minha concentração.

Quando os TAS se encontraram na saída, deu pra perceber pela falta de ânimo com que atravessávamos o gramado que ninguém tinha ido muito bem.

— Ainda não acabou, gente, falta muito — Paul Olmo disse. — Vamos ralar a bunda antes do próximo dia de prova.

— Ralar a bunda? — repetiu Naima Gupta.

— Você entendeu — Paul disse. — Vamos, *isang bagsak*.

Isang bagsak é uma coisa filipina, que envolve todo mundo aplaudindo em uníssono, cada vez mais rápido, até encerrar com uma batida forte de palma. Paul chama de “palmas unidas”.

Nossas palmas unidas tampouco foram bem, e acabaram parecendo um louvor sarcástico.

Agora que olho para os Limbos, sei que estamos todos pensando a mesma coisa: *Eu poderia ter ido melhor.*

Viro para a cerveja.

— Eu não bebo, pai.

— Mas obrigada — Joy diz, olhando com doçura para meu pai. Cara, ela é boa.

Meu pai a olha por um momento antes de virar para mim. Então parece lembrar que tem mais gente no quarto.

— Todo mundo fez bom trabalho hoje — ele diz. — Quando é próximo?

O quarto fica em silêncio. Meu pai acabou de reconhecer em voz alta que ficamos devendo.

Mamãe-e-papai descem a escada para se juntar à partida de *yut nori* que os adultos estão jogando sobre um cobertor grande de pele. Ele não é feito de pele verdadeira de animais assassinados. Só é tão fofo e grosso como se fosse. *Yut nori* é um jogo de dados de um milhão de anos atrás, mas em vez de dados você joga uns bastões de madeira de bétula. Então move umas pecinhas pelo tabuleiro. Acho que talvez tenha sido um dos primeiros jogos de tabuleiro do mundo. Não sei. Eu deveria pesquisar.

Consigo ouvir os bastões lá embaixo, caindo com um som antigo que parece deslocado num subúrbio moderno. Cada jogada gera uma série de “ooh” e “aah”, ou gemidos, ou ainda risadas. Quero pegar meu gravador e descer para registrar o tom lindo, quase cristalino da madeira, mas tenho medo de que todo mundo vai me olhar estranho e começar a fazer perguntas.

Então fico e olho para o teto. Joy também olha.

— Prova idiota — ela diz. — Mal posso esperar para o jardim da infância terminar.

É assim que ela chama o ensino médio: jardim da infância.

O plano é entrar na Universidade Carnegie Mellon, na distante Pittsburgh, para aprender a fazer os robôs com inteligência artificial que no futuro vão dizimar a humanidade.

Ella Chang faz um amigurumi que parece um coelho demoníaco, com uma agulha de crochê bem fina. John Lim joga *Exploração Artesanal* no tablet. Andrew Kim também está aqui — é o quarto dele, afinal de contas

—, levantando pesos e olhando e olhando para a cerveja, até que não aguenta mais.

— Foda-se, vou tomar uma — ele diz, e a abre com gosto. Andrew está fazendo um regime com pouco carboidrato pra perder *os cinco quilos da câmara*, como diz. Seu plano é se tornar o primeiro ator de ascendência asiática a, nas palavras dele, *tregar com uma garota branca totalmente nua, sem tapa-sexo, num filme importante*.

Eu nem sabia o que era tapa-sexo.

— Vocês querem? — Andrew pergunta, oferecendo as garrafas. — Bebida ajuda com a ansiedade.

— Tô de boa — digo.

— É melhor não — Joy Song diz.

— Entorpece a mente — John Lim diz.

— Me manda uma — Ella Chang fala, e fica olhando para John com uma estranha rebeldia. Ela e Andrew brindam. Os dois tomam um longo gole. Eu sabia que Andrew bebia, mas não tinha ideia de que Ella também. Entre a escola e os treinos de violoncelo, como arranja tempo?

Joy disse “É melhor não” querendo dizer “É melhor eu não beber”. Então pergunto:

— Espera, o que acontece quando você bebe?

Antes que Joy possa responder, Andrew o faz.

— Ela fala — Andrew diz. — Muito. Já a vi numa festa com Wu uma vez.

— Andrew numa festa, que surpresa — John diz, com os olhos no jogo.

— Joy estava toda pi-pi-pi, pó-pó-pó — Andrew diz.

— Cala a boca — Joy diz, rindo.

— Espera aí, você ainda está com Wu? — Ella diz. Já está na segunda cerveja. Em, tipo, quarenta segundos.

Joy congela.

— Hã, hum, sim, estou. Por quê?

Ella pisca.

— Ah — diz. — Ah. Nada. Deixa pra lá.

Congelo também. Eu e Joy pensamos em manter a farsa na frente de todos os pais, mas não pensamos o que fazer quanto aos Limbos. Enganamos eles também? Ou contamos? Seria um risco, um possível furo no barco.

Mas o fato é: estudamos todos na mesma escola. Assentimos uns para os outros no corredor. Seria uma questão de tempo até que começassem a desconfiar. Contar nosso segredo aos Limbos talvez seja a única opção.

— Tenho que fazer xixi — digo, e caminho pelo corredor de meia até um quarto vazio no escuro. Mando uma mensagem para Joy.

Na suíte.

Depois de trinta longos segundos, a silhueta de Joy aparece na porta.

— Cara — digo.

— Quê?

— Acho que temos que contar pra eles.

Os bastões do jogo fazem barulho ao cair, e os pais gritam alegres.

— Não estou te ouvindo direito.

Joy se aproxima e senta ao meu lado na cama.

— Eu disse que acho que temos que contar a eles — digo em seu ouvido.

— Quê? Por quê? — Joy pergunta. Então ela me olha como se soubesse que tenho razão.

— Vão achar que somos malucos — digo. — Mas aposto que podem guardar segredo se pedirmos. Acho que não iam se importar. Com exceção de John talvez.

— Aquele puto só quer ver o circo pegar fogo — Joy diz.

— Pois é!

— Mas você sabe que ele é apaixonado por Ella, né?

— Não.

— Ele curte absolutamente tudo o que Ella posta, seu bobo. Escreve comentários gigantescos também. Em todos os posts. Nunca notou que nas Reuniões ele passa o tempo todo ignorando Ella? — Joy movimenta as sobancelhas para cima e para baixo.

Rio tão baixo quanto possível.

— Ella cortaria o coração dele em fatias finas pra comer com a salada.

— Meu Deus, Frank, isso é tão macabro.

Sorrimos um para o outro no escuro por apenas um segundo, então nos lembramos da tarefa à frente.

— O que quero dizer — Joy recomeça — é que talvez John vá guardar segredo, já que ele mesmo tem um, entendeu?

Imagino uma Joy mafiosa chantageando John para que fique em silêncio, e solto uma risada.

— Então tudo certo com ele — digo. — Tudo certo com todo mundo. Se alguém vai entender por que estamos fazendo essa maluquice, vão ser os outros Limbos.

— Verdade. — Joy respira profundamente uma única vez. — Tá. Vamos contar.

Levanto e puxo Joy da cama pela mão.

Quando voltamos para o quarto de Andrew, vejo John contando alguma coisa a um público arrebatado.

— Então eu vi ele desaparecer com ela — ele conclui.

— A tal da Brit Means — confirma Ella.

— Posso explicar — digo, assustando todo mundo.

Os Limbos me encaram, à espera.

— É o seguinte... — digo.

— Você e Joy estão em um relacionamento aberto — Andrew diz.

— Exatamente. Como você sabia? — Joy retruca, séria.

— Deixa ele explicar — Ella diz.

— Então — digo. — Eu e Joy chegamos a um acordo, depois do surgimento de certas ocasiões de natureza romântica entre, vamos dizer, eu e certa integrante da população feminina, que poderia causar tensão em certa população mais tradicional de nossa etnia compartilhada e...

— Nosso namoro é de mentira — Joy diz.

— Aaaaah — os Limbos dizem.

— Pra que você possa continuar com o Wu e evitar confrontar questões mais profundas de identidade e família — Ella diz.

— Minha nossa, Ella — Joy diz.

— E você está com Brit Means — John diz.

Assinto. Olho para Joy. Damos de ombros. Levantamos as mãos no ar, como se não estivéssemos escondendo mais nada.

— Vocês podem guardar segredo? — digo, baixo.

Ella leva as mãos às têmporas e aperta com uma alegria descrente, quebrando o silêncio.

— Amei. É uma maluquice isso que vocês estão fazendo.

Andrew dá um soco no ar.

— Completamente insano!

Ella abre um sorrisinho meloso pra mim.

— Você fica bonito apaixonado, Frank.

John fica alerta na hora. Ele tenta falar, mas só movimenta a boca, como um peixe fígado procurando água.

É patético demais para ver. Encosto a testa na moldura da porta.

— Vou fazer xixi.

— De verdade? — Ella diz, ainda com as mãos na cabeça. — Ou de mentira?

Faço xixi de verdade. Bombeio o sabonete líquido, lavo as mãos e as seco na toalha florida que deve ter sido colocada especialmente para a Reunião desta noite. Noto que minhas mãos estão tremendo. Eu e Joy corremos um grande risco de ser descobertos. Será que podemos confiar nos Limbos? Mesmo que tenham prometido ficar em silêncio, ainda poderiam deixar algo escapar, sem querer.

Por que tudo tem que ser tão complicado?

Por um breve momento, penso: *Foda-se tudo*. Considero terminar com Brit. Passar o último ano como um monge. Deixar essa coisa de namorar pra faculdade. A logística vai ser muito mais fácil. Por que me meter em toda essa confusão?

Saio para o corredor quando o celular vibra no padrão especial que configurei para Brit — ponto-ponto-ponto, traço-traço-traço, ponto-ponto-ponto, código morse para SOS —, e o breve lampejo de “foda-se tudo” desaparece em uma poça de vergonha. Não consigo simplesmente esquecer Brit. Ela é como um livro que acabei de começar de ler, e preciso saber pra onde a história vai.

— Oi — digo.

— Oi, *Frankly* — Brit diz. Ela está em algum lugar vazio, com o microfone do celular bem perto da boca, então parece que sua voz penetra na minha cabeça. — Esse é meu apelido pra você, *Frankly* — Brit continua. — Não é prático ter um apelido que soa igual ao seu nome completo?

— Então vou te chamar de Britmeans — digo. — Breans. Beans? Oi, Beans.

Ela solta uma risada baixa.

— Acho que dá pra melhorar.

O som do jogo lá embaixo ressoa forte ao meu redor, e tenho que cobrir o microfone do celular com a mão para proteger nossa conversa.

— Onde você está? — Brit pergunta.

— Numa Reunião — digo. — Está muito barulho. Posso te ligar depois?

— Numa reunião? Como assim? — Brit pergunta, com curiosidade genuína.

Uma sensação quente me percorre. Solto a testa que eu vinha mantendo franzida todo esse tempo. Porque me dou conta de que também sou um livro que Brit está começando a ler.

— Então — digo. — Meus pais e os amigos prometeram manter contato quando vieram pros Estados Unidos, então todo mês eles se encontram pra jantar. Vou desde bebê. E eles já faziam antes.

— Parece incrível.

— Acho que é — digo, porque Brit está certa. É incrível mesmo. De repente o jogo de *yut nori* lá embaixo se encaixa na linha do tempo cósmica: não é só um jogo de tabuleiro, mas uma espécie de celebração eterna que diz: *Vimos até aqui. Olha só pra gente agora. Olha o que trouxemos conosco.*

O quarto cheio de Limbos de repente parece a conquista mais preciosa de uma geração: filhos a quem nunca faltou nada, que falam inglês fluentemente, que vão estudar nas melhores faculdades do mundo e nunca terão que administrar uma empresa de aluguel de móveis de escritório (como os pais de Joy), uma lavanderia (como os pais de Ella), uma loja de cosméticos (como os pais de Andrew), uma loja de lembrancinhas para turistas (como os pais de John) ou um mercado (como meus pais).

Esses filhos incríveis que são a prova viva de muito trabalho duro e sacrifício numa terra estrangeira começam a sair do quarto de Andrew como palhaços de um fusca, então me veem protegendo o celular com a mão, claramente um garoto falando com sua namorada.

— Com quem você está falando? — Andrew pergunta. — A tal da Brit?

— Vejam só — John diz, como se testemunhasse um mistério sendo revelado. — Frank e o amor.

Ella corre até mim, lê a tela do meu celular e aproxima o rosto do microfone.

— Oi, Brit.

— Oi, Brit — Andrew e John repetem.

— Para, deixa o cara em paz — Joy diz. Então ela também grita para o telefone: — Não mexam com a Brit, caralho!

A mãe de Andrew grita lá de baixo:

— O jantar está na mesa!

Os Limbos descem correndo, fazendo caras engraçadas pra mim no caminho. Joy me dá uma piscadela exagerada antes de virar, bater o cotovelo na maçaneta e murmurar:

— Caralho.

Acho que ela acabou tomando cerveja.

— Quem era? — Brit pergunta, rindo.

— Uns amigos — digo. — Filhos dos amigos dos meus pais. Ficam bêbados só com uma cerveja.

— Eles parecem bem loucos. Queria estar aí.

— Ah, é meio chato — digo. — Quer dizer, não chato, mas não é suuuuperlegal.

— É evento de família.

— Isso.

— Entendi — Brit diz. — Bom, mesmo assim, amaria estar aí. Queria muito ver você em outros contextos.

As palavras “amaria” e “ver você” me atingem de tal maneira que preciso me apoiar na parede.

— Tipo, seria muito fofo ver como o Frankly é com a mãe, o pai e a irmã. Como ele se movimenta? Como fala?

A menção a Hanna provoca uma pontada no meu peito.

Sei que não posso namorar Brit e impedir que veja meus pais. Conhecer a família de alguém não é só inevitável, mas *normal*: pessoas *normais* começam a sair, aí as coisas ficam sérias, aí elas são apresentadas às pessoas mais importantes de sua vida. É o que acontece. Já vi os pais de Brit duas vezes, e gostei. Gostei de vê-la com eles. Entendo o que quer dizer com essa coisa de contexto.

A ideia de manter dois mundos separados — o mundo Frank-e-Brit e o mundo mamãe-e-papai — parece tão impossível quanto, sei lá, manter Coreia e Estados Unidos separados aqui em Playa Mesa.

Não vai rolar por muito tempo.

Sei o que Brit está pensando antes mesmo que fale.

— Talvez eu possa dar um pulinho no seu contexto esse fim de semana. Para ver Frank Li em seu habitat natural?

— Ah, sim, claro, seria ótimo, com certeza — digo, o que dá pra traduzir como: *Pensa, droga, pensa*. Meus pés começam a deixar o chão. Eu não podia dizer não a ela. Teria sido *muito* esquisito. Mas como vou lidar com uma visita de verdade?

— Isso seria incrível — Brit diz. — Desculpa.

— Pelo quê?

— Prometi a mim mesma que ia parar de dizer tanto “incrível”. É uma muleta.

— Que meta incrível — digo, tentando ganhar algum tempo para meu cérebro bolar um plano.

— Bobo — ela diz, com um sorriso na voz.

Finalmente, tenho uma ideia: convidar mais gente.

— Posso pedir pra minha mãe fazer um churrasco coreano — digo. — A gente pode convidar os TAS e fazer nossa própria reunião.

— Ah — Brit diz.

Contraio o rosto, porque sei o que ela estava imaginando, e não era um churrasco grande e barulhento. Sei que ela tinha em mente um jantar intimista com mamãe-e-papai, como acontece com os adolescentes brancos dos filmes. Brit queria ser *apresentada*.

Há uma pausa, e posso sentir Brit deixando a imagem se desfazer.

Ela se anima.

— Parece incrível. Incrível, não. Hum.

— Que tal brilhante? — sugiro.

Ela pode dizer “incrível” em todas as frases, não estou nem aí. Exalo aliviado. Agora, com o churrasco, Brit vai conhecer mamãe-e-papai, como acontece com os casais normais, e eu vou poder manter a farsa com Joy intacta. Mato dois coelhos com uma cajadada só, usando uma metáfora desnecessariamente violenta.

— Brilhante — ela diz, e sei que está sorrindo de novo.

Percebo que me seguro no batente da porta, me seguro à sua voz.

Minha mãe grita lá embaixo.

— Frankie-ya! Comida pronta!

— Tenho que ir.

— Vou sentir saudades.

— Eu vou sentir mais.

— Ah, meu Deus — Brit diz. — Estamos virando aqueles casais.

Desligamos. Fico olhando para o pequeno lustre iluminando o patamar da escada.

— Brilhante — digo para o lustre.

O jantar é um pouco de tudo: carne com brócolis e arroz frito sino-americanos, sashimi e misô japoneses, *japchae* e *eun daegu jorim* coreanos, e lasanha ítalo-americana.

Meu pai passa mais cerveja pra mesa das crianças, e de novo minha mãe protesta. Mas todo mundo está em clima de festa, e ela deixa pra lá.

— É bom — meu pai diz. — Trapista belga chama.

— Você compra com desconto? — o pai de Joy pergunta. Ele tem sotaque, mas seu inglês está anos-luz à frente do inglês do meu pai.

— É mais cara que tem na Loja — meu pai diz.

— Então quero três — o pai de Joy diz, e pega uma nota de cem na carteira. Tenho vontade de revirar os olhos e dizer: “Você é rico, já entendemos. É o imigrante mais rico, mais esperto e mais trabalhador da história dos Estados Unidos”.

— *Aigu*, guarda dinheiro agora — meu pai diz.

Eles riem, e o pai de Joy acaba aceitando uma garrafa com as duas mãos.

— Muito obrigado, *sunbae*.

— De nada, *hoobae*.

“Sunbae”, mestre ou mentor, é como o pai de Joy chama meu pai, já que meu pai veio para os Estados Unidos primeiro. Meu pai chama o pai de Joy de “hoobae”, que é pupilo, discípulo, novato. Faz décadas que os dois se chamam assim, e virou uma espécie de piada que eles gostam de fazer. Suponho que seja engraçado porque os dois têm a mesma idade.

E porque o pai de Joy claramente superou seu mentor em todos os aspectos.

Joy serve a cerveja num copo. Olho para ela como quem diz: “Tem certeza de que deveria beber mais?”.

Algo muda em Joy. Ela fica toda graciosa. Ergue a garrafa com as duas mãos, aproxima do meu copo e diz, alto e claro:

— Deixa que eu te sirvo, *yubs*.

O cômodo inteiro fica em suspenso por um segundo, então volta à ativa com um *Aaaaah*.

Yubs é a abreviação americana do termo coreano *yeobo*, que significa “docinho”. Não um doce pequeno, mas um apelido de casal.

Impressionante. Inclino a cabeça para reconhecer seu brilhantismo, e deslizo o copo em sua direção como um jogador de pôquer empurra sua pilha de fichas numa aposta. Levanto o copo, então tomo um gole. É horroroso. Não consigo entender por que alguém beberia água em que lúpulo e galhos ficaram apodrecendo por semanas.

Os adultos se perdem em sua própria conversa, e os Limbos se aproximam na mesa.

— Nossa, Joy — Andrew diz. — Você devia trabalhar como atriz.

Joy bate os cílios. O rosto dela está ficando vermelho por causa da bebida.

— Não se tiver que fazer essa baboseira de bonequinha de porcelana o tempo todo. — Ela deixa o rosto relaxar, e volta a ser a Joy de sempre, com seu sorriso seco.

— Então funcionou mesmo — John diz. — Bom, por que não funcionaria? Faz todo o sentido.

— Talvez todos nós devêssemos ter namorados de mentira — Ella diz. — John, você pode ser o meu.

— Por quê? De quem você gosta? — John pergunta.

— Você primeiro — Ella diz.

— Boa tentativa.

Joy e eu trocamos um olhar. Eles estão dando em cima um do outro?

Chamo a atenção dos Limbos com um gesto.

— Pessoal, só para reiterar, e para deixar tudo absolutamente claro, vocês precisam prometer que...

Minha mãe aparece na mesa das crianças.

— Todo mundo divertindo?

É claro que seu olhar fica voltando para mim e Joy, como em uma dança.

Quero que ela vá embora. Só por um minuto. Então digo:

— Parças...

— Passa quê? — minha mãe pergunta.

Joy olha para mim: entendeu o que estou fazendo. Então diz:

— Essa parada não pode flopar.

— Que falou? — minha mãe pergunta, já se afastando um pouco.

O uso de gíria está funcionando. Hanna e eu costumávamos fazer isso, e sei que os outros Limbos entendem. Quando precisamos esconder conversas importantes dos nossos pais, um dos jeitos mais fáceis é pegar pesado no idioma do jovem californiano. Assim as palavras ficam escondidas em plena vista.

Hanna e eu costumávamos fazer um monte de coisa. Agora ela foi embora, e olha só pra mim: sou o centro das atenções da família. Aos olhos de mamãe-e-papai, estou me comportando como o filho perfeito. Conquistei os dois com uma mentira. Hanna, por outro lado, está exilada.

Como chama isso?

Síndrome do sobrevivente?

Viro para os Limbos.

— Pra gente lacrar total, preciso da confirmação de geral aqui pra manter o rolê de boa. Sem trollar, por favor. Fechou?

Minha mãe olha em volta, com a cabeça devidamente confusa.

— Pode crer — Andrew diz.

— Anotado, amore — Ella diz.

— Vou ficar pistola, galera. Real — Joy diz. — Hashtag Chocada.

— Que pistola? — Minha mãe franze a testa e se retira. A mesa dos Limbos volta a ficar sem supervisão.

— Hashtag topzera, pisamenos, deumatch — John, que não sabe usar gíria direito, diz.

Ficamos todos olhando para ele por um momento, até que pare.

Andrew estica os braços e põe uma mão no meu ombro e outra no de Joy.

— Podem contar com a gente. Seus malucos.

— Mas eles são mesmo malucos? — Ella pergunta. — A gente só quer amar quem a gente quiser.

A mesa toda fica reflexiva depois do comentário dela. Dá pra sentir. Sei que os outros também sentem, por qualquer motivo que tenham no coração. Os segredos específicos não importam. O fato é que precisamos guardar espaço para muitos deles, o tempo todo. Então assentimos por um momento, sentados ali, com as palavras de Ella suspensas no ar.

A gente só quer amar quem a gente quiser.

13

obrigada, bulit

No dia seguinte ligo para minha mãe na Loja e pergunto se não quer, sei lá, fazer um churrasco no sábado. Ela entra no modo mãe antes de concordar: vai ter que sair da Loja mais cedo pra comprar carne, ir dormir mais tarde na noite anterior para temperar e deixar marinando, lembrar papai de limpar a churrasqueira etc. Fica tão ocupada murmurando a lista de afazeres para si mesma que literalmente desliga na minha cara.

Ela age como se fosse ser a maior complicação. Mas a verdade é: minha mãe adora receber meus amigos. Porque sabe que (a) eles não são exigentes; (b) são jovens americanos que vão amar cada mordida; (c) pra variar, ela não vai precisar esconder seu orgulho de si mesma ou se fazer de humilde, como é o caso quando o público é coreano.

Faço uma pausa, então começo a digitar no celular.

Só pra vc saber, escrevo. Vou fazer um churrasco em casa, mas não vou te convidar pq a suspeita vai estar presente.

Haha, Joy diz. Suspeita.

Só não queria que ficasse sabendo por outra pessoa.

Claro, precisamos ter td combinado certinho mesmo, Joy diz.

Então o sábado chega. Acordo mais tarde que o normal, pouco antes do meio-dia. Desço para procurar leite e cereal na cozinha. Encontro na geladeira uma enorme vasilha de metal com carne marinando, esperando para ser grelhada.

Brit começa com o bombardeio de mensagens.

Às cinco, né? Em ponto?

Com que roupa eu vou?

Não levo sobremesa nem nada mesmo?

Cada mensagem atinge meu crânio duro e idiota como uma pedra atirada por um diabrete mágico de merda que não consigo enxotar. Meus nervos ficam à flor da pele. Isso parece perigoso. Arriscado demais.

— Já chega — grito sozinho.

Minha mãe volta cedo de seu turno na Loja. Meu pai fica lá, porque — isso mesmo — ele nunca perdeu um dia de trabalho desde que eu e Hanna nascemos. Minha mãe coloca o avental que ela ganhou de uma distribuidora de cerveja, com a imagem mentalmente incongruente de uma garota de biquíni usando chapéu de inverno e segurando uma garrafa de cerveja gigantesca, e os dizeres: NESTE INVERNO, PEGUE UMA GELADA.

— Te imploro pra não usar isso — digo.

Minha mãe olha para a garota de biquíni.

— Por quê? É novo. Miguel deu grátis.

— Dá pra usar do outro lado?

Minha mãe desamarra o avental, vira ao contrário e amarra de novo.

— Que problema você tem?

— Nada.

— Professor vem hoje?

— Não.

— Só amigo?

— Só amigos — digo, sentindo o gosto horrível das palavras na minha boca.

Só amigos só amigos sóamigossóamigossóamigos.

— Me ajuda — minha mãe diz. Enquanto tiro o hemisfério frio de carne da geladeira, me dou conta de que, o que quer que aconteça hoje, a responsabilidade é minha.

Ajudo a montar as inúmeras tigelas de *banchan*: *kimchi*, raiz de lótus, *kimchi* de pepino, geleia de bolota, espinafre, broto de feijão, salada de batata, anchova assada, tudo do melhor. Um caleidoscópio de pratos, um banquete à espera. Enquanto minha mãe pica, cubro cuidadosamente cada tigela de *banchan* com plástico filme. Então olho para o relógio: são quase três.

Como podem ser quase três?

— Ainda nem tomei banho — falo sozinho.

— *Aigu*, menino sujo — minha mãe diz. — Você fedido.

Minha mãe está tentando ser engraçada, então dou uma risadinha só pra ser um bom filho. Mas o pânico cresce dentro de mim. Logo mais as pessoas vão chegar. Logo mais Brit vai chegar.

— Já volto — digo, e subo a escada.

Deixo que o vapor preencha o boxe. Não me lavo de verdade. Só permito que a água quente escorra pelas minhas costas por um longo tempo. Começo a escrever no vidro embaçado.

B-R-I-T

B-R-I-T

Quando lavo as letras com o chuveirinho, me dou conta de que a oleosidade dos meus dedos ficou no vidro, de modo que, com o boxe embaçado, o nome dela fica levemente visível.

Isso significa algo. Brit significa algo. Isso significa que, quando eu sair dessa nuvem branca, as coisas vão ser diferentes. Minha mãe vai ver Brit — ver *de verdade* —, Brit vai ser ótima e uma vai fazer a outra rir. Mais tarde, na cama, minha mãe vai contar sobre sua surpreendente descoberta para meu pai: *Brit muito boa, tem olho grande, que nem Joy. Mais melhor que Joy.* Meu pai só vai grunhir a princípio, então, quando vir o lampejo da revelação nos olhos da minha mãe, vai concordar.

Garota americana, tudo bem.

Quando mamãe-e-papai dizem “americana”, querem dizer “branca”. Quando se referem a si mesmos — ou a mim —, dizem *hanguk saram*, ou coreanos. Nunca digo que sou coreano. Digo que sou descendente de coreanos, ou asiáticos. Nunca digo que sou americano.

Os brancos podem se descrever como americanos apenas. Só quando questionados mencionam sua ascendência. Não parece justo que eu leve uma eternidade para explicar minha origem enquanto os brancos não precisam passar por isso.

É complicado. Mas simples. Simplicado.

Brit Means nunca diz que é branca. Ela sempre menciona que é descendente de europeus. Porque é sábia e consciente.

B-R-I-T

Desligo o chuveiro e ouço vozes.

Vozes!

Corro para me secar, ajeito o cabelo e me troco. Desço a escada depressa. Ainda estou suando por causa do banho quente. Consigo ouvir

minha mãe falando seu inglês educado para convidados, o dialeto que guarda para qualquer um que recebemos fora das Reuniões.

— Não, por que trazer tão caro? Não precisa.

— É pra todo mundo.

— O que é?

— É, hum, uma torta francesa de frutas com creme de confeitiro.

— Ah, você francês?

— Haha, não, hum...

— Bom, muito, muito bonito. Obrigada, hum?

— De nada, e obrigada por...

— Precisa geladeira.

Interrompo a conversa.

— Eu ponho.

Minha mãe assente para Brit.

— Bulit? Blit? Sinto muito.

— Brit. Não tem problema — ela diz.

— Difícil pronúncia — minha mãe diz, indo para o quintal com uma bandeja.

— Oi — digo a Brit.

— Oi — Brit me diz.

Então damos um abraço-padrão entre amigos. É o pior do mundo. Consigo sentir Brit se segurando. Consigo sentir que está sendo cuidadosa na frente da minha mãe, que pode nos ver atrás da porta de correr de vidro.

Só então minha mente se acalma o bastante para que eu consiga notar o que Brit está vestindo. Não o jeans de sempre, ou uma camiseta irônica, mas...

Um vestido.

Um vestido de verdade. É uma peça simples de algodão, nada de mais, só que para mim Brit parece tão linda que poderia fazer uma frota de marinheiros encontrar sua morte. É um vestido para um jantar adulto.

— Você está incrível — digo.

— Tsc-tsc — Brit faz, balançando um dedo, porque eu usei “incrível”.

É impossível, a vontade que tenho de beijá-la. Procuro me controlar. Aqui está Brit Means, de pé na minha cozinha, infundindo seu cheiro exótico em tudo.

— Você está... encantadora — digo.

Brit sorri para uma estatueta de bronze de um cavalo feroz pinoteando e assustando um menino caubói.

— Seus pais têm um gosto bem esquisito.

— Nem percebo mais.

— A maior força da humanidade, mas também o motivo de sua derrocada final, é a habilidade de normalizar até mesmo o bizarro.

— Essa foi Brit Means, pessoal.

Ela inspira fundo.

— E seu pai?

— Na Loja. Ele está sempre lá. Mas você vai conhecer minha mãe. É um começo.

Toco o ombro dela, então sinto os olhos da minha mãe do outro lado da porta de vidro e recuo para uma postura mais platônica. *Só amigos.*

Brit afasta um pensamento e coloca um sorriso amplo no rosto.

— Estou feliz de estar aqui. Com você. E com esse menino caubói. Bom, principalmente com ele.

Quero abraçá-la, como um garoto que acredita que um abraço pode convencer o mundo.

Brit continua sorrindo.

— E estou louca para experimentar o churrasco.

A campainha toca, e todos nossos colegas de sala entram: Q, Paul Olmo, Amelie Shim, Naima Gupta. Até Evon, irmã de Q, veio. Ela fica olhando para o entorno sem dizer nada, como uma assassina treinada.

Q também olha em volta, talvez notando as mudanças desde a última vez que veio. É estranho tê-lo em casa. Preferia que não fosse assim. Queria que parecesse mais com quando vou à casa dele.

— Oi, Brit. Oi, Frank — Naima Gupta cumprimenta.

Amelie Shim aponta para uma estatueta de bronze de um metro e vinte de uma girafa usando um chapéu de safári.

— Parece que ela está pronta para sair num safári para ver humanos, porque seria ridículo uma girafa sair num safári para ver outras girafas.

— Acho que esse é um Wyatt Thomas original — Q diz.

— Não é — digo.

— Cala a boca — Q diz, com os olhos ainda em Amelie.

A porta de correr é aberta, e minha mãe enfia a cabeça dentro de casa.

— Jantar mais tarde. Vocês brincam enquanto isso.

— A gente brinca enquanto isso — Amelie sussurra, com uma risadinha. Não tem problema, porque o sotaque dos pais dela é ainda pior que o dos meus.

Vamos para o quintal — todo mundo menos Evon, que pega meu carregador roxo emprestado pra poder ficar vendo o celular no sofá, ignorando o mundo. Q abre uma mala pequena na grama e revela um kit de badminton.

Badminton, o esporte dos nerds.

Levamos um tempo para arrumar tudo; levamos um tempo para começar a jogar. Olho para Brit de vez em quando; ela nota, então olha para mim de volta, furtivamente. Provocamos certa gentileza um no outro. Uma gentileza que brilha inabalável enquanto os outros correm e gritam à nossa volta, e minha mãe pede ajuda com a churrasqueira crepitante, que tem uma grelha especial para que o excesso de gordura escorra.

— Eu vou lá — Brit diz.

— Não quero que suje seu vestido — eu digo.

— Não me importo.

— Que discussão educada — Naima Gupta grita. Ela grita bastante.

— Brit — Q diz. — Pega uma raquete e vem pro meu time.

Ela olha para mim, como se dissesse: *Você vai ficar bem?* Assinto em resposta. *Vai jogar.* Fico ao lado da minha mãe e ajudo a controlar o fogo.

— Ela devia usar camiseta, não vestido — minha mãe murmura.

— Provavelmente Brit só queria vir arrumada pro primeiro churrasco coreano dela — murmuro de volta. Digo churrasco coreano, e não só churrasco. Como digo música coreana, moda coreana, novela coreana. É claro que ninguém diz churrasco americano, música americana, moda americana ou novela americana.

— Bom — minha mãe diz. — Vestido é bonito.

Olho para Brit. *Minha mãe achou seu vestido bonito*, quero gritar.

Isso não conta nada? Deve contar.

Q faz um saque, transformando a pena em um borrão branco. Brit salva um retorno complicado de Amelie, então Q segura firme a raquete e dá uma cortada. Paul mergulha para impedir o ponto. Amelie marca em seguida.

— Um a zero para a Totec — Paul Olmo grita, tentando bater na mão de Amelie, mas errando. Totec era o nome do mago dele.

No fim, Paul e Amelie ganham a partida. Q baixa a rede para cumprimentar Paul com um abraço apertado.

— Bom jogo, cara — Q diz.

— Agi mal ao trocar as pedras preciosas — Paul Olmo diz no ombro de Q. — Entendo isso agora.

— Tudo bem — Q diz.

— Jantar pronto — minha mãe grita. Então fala baixo pra mim: — Por que ela não vem?

Olho para minha mãe como quem diz: *Quem?*

Mas sei que está falando de Joy.

— Ah, ela não podia. É a vez dela de falar no webinar sobre técnicas de impressão 3-D usando materiais biomórficos não rígidos.

Li em algum lugar que mentiras superespecíficas são melhores, e parece que é verdade.

— Ah — minha mãe diz, franzindo a testa. Ela me olha por um momento, talvez considerando se Joy e eu brigamos. Então deixa isso de lado, sorri e grita de novo: — Jantar pronto!

Em um instante, estamos todos devorando a comida. Para meu horror, minha mãe oferece garfo só para Paul Olmo, Naima Gupta e finalmente Brit Means. Todos eles sorriem educadamente, então demonstram que, ainda que pareça inacreditável, sabem comer com palitinhos. Sei que essa ignorância mais ou menos bem-intencionada não é nada de mais para Paul Olmo e Naima Gupta, que têm suas próprias histórias desconfortáveis como imigrantes. E minha mãe já sabe que Q e Evon — que apareceu para jantar — conseguem usar os palitinhos, apesar de sua excentricidade negra.

Mas me sinto mal por Brit, cuja história como imigrante deve ter sido apagada como as ondas apagam o que foi escrito na areia. Ela pode se considerar descendente de europeus, mas para a maior parte do país é só branca. Como membro da maioria, pertence a qualquer lugar. Como produto de uma linhagem longa e confusa, não pertence a lugar nenhum.

Neste exato instante, consigo sentir que ela quer se encaixar. Brit pega o arroz da tigela como se dissesse: *Viu? Eu consigo*. Mas então o deixa cair, talvez por nervosismo. Sua testa se franze com um leve desânimo. Então pego arroz e deixo cair também.

— Droga — digo, limpando a sujeira.

Q olha para mim como quem diz: *Que cavalheiro!*

Brit levanta.

— Alguém quer bebida?

— Eu pego — minha mãe diz.

— Não, por favor, fica tranquila — Brit insiste. — Você já fez esse jantar incr... maravilhoso.

Brit pisca para mim, e fico ligeiramente embasbacado.

— Apoiada — Paul Olmo diz.

— Obrigada, sra. Li — Evon diz, com uma simpatia que não é característica dela.

Brit pega uma jarra de chá de cevada gelado e enche o copo de todo mundo.

— Obrigada, Bulit — minha mãe diz.

— De nada, sra. Li — Brit diz. — Qual é seu primeiro nome, se não se importa com a pergunta?

Congelo. Quem está falando é a família de Brit. A maior parte dos adolescentes, principalmente coreanos, nunca pergunta o primeiro nome de um adulto.

— Eun-hee — minha mãe diz. — Mas nome americano é Diane.

— São nomes muito bonitos — Brit diz, e, minha nossa, minha mãe chega a ficar ligeiramente vermelha. Brit está desbravando um território inédito. E estou aqui para acompanhar.

A campainha toca, e sinto a bile subindo pela garganta. Sei quem é antes mesmo que a porta abra.

— Oi — Joy Song diz.

— *Aigu* — minha mãe diz, correndo para a porta. — Está atrasada.

— Eu sei, sinto muito, sra. Li — Joy diz.

— Tira sapato — minha mãe diz.

Joy se dá conta que chegou ao meio da sala ainda de bota, e precisa voltar.

— Merda.

— Frankie-ya, Joy chegou — minha mãe grita. Então diz para Joy: — Você senta com Frank.

Eu ouvi. Todo mundo ouviu. Minha mãe passou do inglês educado para convidados ao familiar casual, só para Joy. Brit olha para a porta, então para mim, sem entender. Pela barba hipster de Jesus Cristo, o que Joy Song

está fazendo aqui? Fecho os olhos e torço para que um buraco se abra e me engula.

Antes que isso aconteça, Joy senta ao meu lado, esbaforida. Todo mundo se afasta um pouquinho para abrir espaço.

— Oi, gente — Joy diz. Ela estremece como se um besouro tivesse entrado por sua manga.

— Vocês conhecem Joy? — digo para o saleiro e o pimenteiro, que são meramente decorativos e ninguém nunca usa. Não obtenho resposta, claro.

— Eu conheço — Q diz. Olho para ele, que me olha de volta, claramente com medo.

— Eu conheço — Brit diz.

Sinto o mundo girar — as mesas e cadeiras deslizando para um canto, as árvores na área externa se inclinando cada vez mais. Quando Brit apareceu na Loja, pareceu que dois mundos tinham colidido. Agora ela está aqui na minha casa, conhecendo Joy, e parece que um terceiro mundo se juntou aos outros.

Minha mãe endireita o mundo colocando um prato diante de Joy.

— Come.

Arrisco um olhar rápido que diz: *Que porra é essa?*

Joy me olha, impotente. *Não é culpa minha.*

Estão todos nos olhando? Não, todos voltaram a devorar a comida. Evon termina, pede licença e desaparece atrás da poltrona com encosto alto.

— Ah — Brit diz para Joy, entendendo tudo. — Você é uma amiga das Reuniões?

— Isso — Joy diz. — Conheço esse bobo desde pequena.

— *Não mexam com a Brit, caralho!* — Brit diz, com um sorrisinho.

Joy dá risada.

— Eu mesma, haha.

— É impressionante que vocês sejam amigos há tanto tempo — Brit diz.

— Mas não somos amiiiiigos — Joy diz, e é a coisa errada a dizer, mas ela não consegue fechar a matraca rápido o bastante para impedir que saia. Então continua a falar, agora com minha mãe vendo como se sai. — Nossos pais são amigos, então somos mais família. Bom, acho que dá pra dizer que somos bem próximos.

Isso parece satisfazer minha mãe, que sorri e nos deixa, levando dois sacos de lixo para fora.

Joy falou tanta baboseira, e estou tão convencido de que Brit percebeu que quero dar um tapa na mesa para ver quão alto os pratos sobem. Em vez disso, piso no pé de Joy.

— Ai — Joy grita. Ela tenta me dar um pisão em troca, mas acerta o chão. — Ai, que delícia essa comida.

Isso está ficando muito idiota muito rápido. Temos que levantar da mesa. Aponto para Q.

— Já é hora?

Q se torna o foco da atenção. Ele pega a mala e tira um pequeno videogame de dentro.

— Hora de *Vamos dançar*? — Q pergunta.

Todo mundo grunhe, mas depois que Q arruma tudo e começa a dançar ao seu estilo estranho — e cativante — de xamã cego, ninguém consegue ficar de fora. Brit pega um controle e começa a dar cotoveladas no ar. Ela olha para mim, e só quero ser seu parceiro de dança em um mundo vetorizado de videogame só nosso. Mas um soco nas costelas me tira desse sonho.

— A porra da sua mãe ligou pra porra da minha mãe — Joy sibila. — Ela veio toda: “Frank convidou você também, não?”. O que eu podia fazer, porra?

— Fingir que você estava doente ou coisa do tipo, porra!

— Vai se foder, não podia fingir porra nenhuma!

— Vai, Brit! — Naima Gupta grita por cima das batidas da música.

— Você tem que vazar em cinco minutos — sussurro. — Estou tentando fazer algo aqui.

— E o que eu digo, porra? — Joy pergunta. — Não posso comer e ir embora.

— Você tem que estudar. Tchau.

Levanto, pego um controle e danço com Brit. Ficamos olhando para a tela e nos movemos em sincronia. De canto de olho, vejo Joy se curvando para minha mãe, com as duas mãos nas coxas, a própria imagem das desculpas dóceis. Ela me obedeceu: expressa seu arrependimento por ter que ir embora tão cedo, recusa firmemente uma marmita, impressiona minha mãe com a urgência e a importância de não deixar a amiga

hipotética com quem vai estudar esperando, critica com graciosidade sua falta de planejamento e de educação.

Ela é muito boa.

— Frankie-ya — minha mãe chama. — Diz tchau pra Joy.

— Tchau, Joy — digo, sem perder o ritmo.

— *Aigu*, Frankie, para jogo e diz tchau.

— Tudo bem — Joy diz. — Ele é tão bobinho...

Joy faz sinal de telefone pra mim — *Manda notícias depois* — e vai embora.

Chegamos à parte da música em que Brit e eu temos que nos tocar para dançar juntos — juntamos nossas palmas, puritanos em nossa inocência, mas ainda assim me sinto como se estivesse casando. Eu e Brit, passando vergonha e tendo todo mundo como testemunha. Incluindo minha mãe, que balança a cabeça, ligeiramente confusa.

A música termina. Brit e eu ofegamos enquanto esperamos nossa nota.

— Noventa e dois para Frank e cem para Brit — Naima Gupta grita. — Perfeito!

Fico tão feliz por Brit que levanto a mão no ar para comemorar, e imediatamente bato na madeira sólida da lareira.

Brit pega minha mão.

— Ai! Tudo bem?

— Perfeito — digo, rindo. Esfolei a junta do dedo do meio, mas quem se importa?

Sinto como se tivesse escapado de um pêndulo enorme com uma navalha afiada. Foi por pouco. Mas a noite valeu a pena. Brit e eu sentamos no sofá com todo mundo, pertinho um do outro, e ela descansa seu braço suado sobre o meu. Por um longo momento, vejo as coisas como eu gostaria que fossem. Não como os outros gostariam que fossem, mas como eu quero: nos meus termos, eu, eu, eu.

Um dia, vou sentar neste sofá e beijar Brit Means como se não fosse nada.

De repente, Brit levanta.

— Eu ajudo — ela diz para alguém. Minha mãe.

Brit a viu arrumando a mesa. Minha mãe recusa sua ajuda gentilmente. Mas Brit insiste, armada com seus próprios bons modos. Uma luta de

gentilezas espetacular tem início, e termina com minha mãe passando um avental a Brit e lhe dando um lugar à pia. Brit é boa. Muito boa.

Tento ajudar também, mas minha mãe me manda embora.

— Vai brincar — ela diz.

— Isso, vai brincar — Brit diz, e traça um caminho de espuma no meu braço. Então me olha como quem diz: *Acredita que estou lavando a louça com sua mãe?*

O namoro de mentira, o churrasco de mentira... no papel, tudo isso significa que estou mentindo para Brit. Tudo isso significa que estou tratando mal minha namorada inteligente, bondosa e gentil. Tenho consciência, mas é fácil fingir que não tenho no momento — porque olha só as duas, lavando a louça juntas. Deve contar alguma coisa lá na frente. Não?

Todo mundo vai embora junto. Eu os acompanho até a rua. Minha mãe fica de avental, acenando da varanda.

— Obrigado, sra. Li — Q diz.

— De nada, Q — minha mãe diz.

— Foi incrível, o churrasco temperado à perfeição e amei todos os pratos que devem ter demorado uma eternidade pra senhora fazer, mas valeram a pena — Amelie Shim diz, então entra no carro de Q com o resto da turma.

— 잘 먹었습니다 — Brit diz do nada. *Chal mogosumnida* é a maneira correta de agradecer ao anfitrião depois da refeição. *Comi muito bem, obrigada.*

— Minha nossa — eu digo.

— Ah — minha mãe diz. — Você fala coreano?

— Bom... — Brit diz. É ela quem fica vermelha agora. — A internet fala.

— 천만에요 — minha mãe diz. *Cheonmanaeyo*. Que significa: *De nada.*

Brit abre um sorrisinho pra mim. FRANZO a testa e levanto a sobrancelha, impressionado. Quem estuda vocabulário em outra língua antes de um encontro?

Uma nerd. Uma nerd linda.

Q dá uma buzinazinha em despedida. Enquanto sai com o carro, meu pai vem chegando para entrar. Ele sai a tempo de acenar para meus amigos. Então vira para a casa e me vê com Brit.

— Oi, pai — digo. — Como foi na Loja?

— Ah, quem sempre — ele diz, que é sua versão de “que nem sempre”. Meu pai sorri para Brit. — Bom ver de novo. — E segue na direção da porta.

Brit e eu olhamos um para o outro como se disséssemos: *Foi melhor do que da última vez.*

— Vou acompanhar Brit até o carro — digo.

— Muito cuidado — minha mãe diz.

— São uns quinze metros — digo.

Enquanto Brit e eu damos os poucos passos até o carro, a vontade de segurar sua cintura quase me faz ter espasmos. Ela sorri. Mas fica em silêncio. Ouso dar uma olhada para a porta da frente de casa: minha mãe entrou, deixando apenas um retângulo de luz laranja ali na entrada. Então levanto o queixo de Brit com o dedo.

— Oi — digo. — Você é perfeita, sabia?

Brit pega minha mão. Confirmo se não dá para ninguém ver de casa.

— Sei com quem estou concorrendo — Brit diz, porque não é idiota.

Mas eu finjo ser.

— Como assim?

— Sua mãe queria que você ficasse com Joy.

— Ela te disse alguma coisa?

— Não precisou — Brit diz, brincando com o ponto entre meu dedão e o indicador. — Mas sua mãe quer muito, muito mesmo. Ela sabe que Joy está com Wu, né?

— Não sabe, porque estou fingindo que namoro Joy para te esconder dos meus pais.

É claro que não digo isso. Parte de mim quer dizer. Mas penso em como tais palavras machucariam Brit, então prefiro não dizer. No lugar, falo:

— Sinto muito pela minha mãe. Isso é um saco.

— Tudo bem — Brit diz. — É só que... você viu como minha família é. Não estou acostumada a ser mantida a uma distância segura. E olha só pra mim. Mais confiável impossível.

— Você é muito mais do que isso — digo. — Quero muito te beijar.

— Eu também.

— Aqui estamos nós, querendo nos beijar e não podendo. Desculpa.

Ficamos olhando um para o outro por cinco segundos de outro mundo.
Cinco segundos em Vênus.

— Você aguenta essa besteira? — pergunto. — Prometo que vai valer a pena.

Repito isso para mim mesmo. *Prometo que a troca de pedras preciosas e toda a enganação vão valer a pena.*

— Desde que sejamos honestos em relação ao que estamos lidando — Brit diz, toda confiante e sorridente, então entra no carro e vai embora.

A palavra “honestos” sobe pela minha perna como a vinha da vergonha. O carro vira uma esquina e desaparece. Fico ali enquanto a noite aumenta de volume ao meu redor.

Meu celular vibra. É Joy.

Td certo?

Sobrevivi, escrevo.

Desculpa.

Não foi culpa sua! Não dá pra evitar a física da força parental.

Joy digita por um tempo.

Td seria mto mais fácil se a gente gostasse um do outro de verdade, haha

— Seria mesmo — digo.

14

mais verdadeiro

17H J+F: NOS ENCONTRAMOS

18H J: JANTAR (LOCAL A DEFINIR)

F: EXPOSIÇÃO “GRITO NA PONTA DO PALITO” NA HENRY GALLERY

20H J: TORNEIO DE FLÍPER NO GAMEDOME

F: PRAIA

23H VOLTAMOS À BASE

Deixar Joy é um saco dessa vez — Wu escolheu ir ao Cheese Barrel Grille, que fica exatamente atrás de onde está sendo realizada a exposição temporária *Grito na ponta do palito*, aonde vou levar Brit mais tarde.

— Vai lá fazer suas coisas — digo através da janela aberta, repetindo o que a própria Joy tinha falado da outra vez.

— Você também — ela diz, andando de costas.

Então volto para pegar Brit. Subo os degraus da casa dela e bato na porta vermelha. Brit aparece imediatamente, como se estivesse à espera do outro lado.

Ficamos ali por um momento, só admirando um ao outro. A camiseta dela diz O QUE TEM QUATRO LETRAS, e preciso de um minuto para entender. Ela me beija. Enlaça meu pescoço. Mesmo quando seu pai aparece, não me solta. De novo, fico surpreso que sua família não se incomode com demonstrações de afeto.

— Oi, Frankie — o pai de Brit diz. Ele usa um agasalho cinza e segura uma caneca de chá.

— Oi, sr. Means.

— Li no jornal sobre a exposição que vocês vão. Estão chamando de “arte para a geração Snapstory”.

Snapstory é um aplicativo de compartilhamento de fotos. Todo mundo usa, todo mundo adora, todo mundo odeia. É basicamente uma máquina de vigilância corporativa que ainda causa inveja esmagadora como bônus.

— Hum, estou dando um tempo do Snapstory — digo. É verdade. Me sinto muito mais feliz sem a obsessão de receber ou distribuir curtidas.

— É mesmo? — ele diz. — Eu estava justamente pensando em começar a usar.

— É um aplicativo onde todo mundo julga todo mundo, então é tudo muito calculado. Não dá pra ser você mesmo.

— Então lá todo mundo finge. — Ele toma um gole de chá.

Assinto, levantando uma sobrancelha. *Patético, né?*

Aperto a mão do pai e desço os degraus correndo com a filha. Quando entramos no carro, Brit põe a mão em cima da minha sobre o câmbio e ficamos em silêncio, como um jovem rei e uma jovem rainha dividindo o cetro.

A exposição temporária é numa antiga região industrial de Playa Mesa. Tem uma porção de galpões que abrigam restaurantes e bares hipster, aonde gente da minha idade vai para se sentir adulto. Hanna costumava me trazer aqui.

Antes de ser renegada.

Estaciono e tiro uma foto do lado de fora do museu. Parece um hangar de aço corrugado que foi atacado por bolas de sorvete gigantes e multicoloridas. Mas não publico no Snapstory — mando para Hanna.

Adivinha onde estou.

Olha só você, todo hipster, minha irmã responde na hora, o que é raro para ela. Me pergunto onde está. Em casa, aconchegada com Miles? No trem, voltando pra casa do trabalho?

Saudades, quero escrever. *Estou saindo com Brit fingindo namorar Joy*. Mas eu e Hanna não conversamos assim. Em vez disso, usamos o mundo como a parede em um jogo de squash.

Vou usar barba e coque depois disso só pra te irritar, digo. O que significa: *Queria que estivesse aqui*.

Faz isso e volto pra cortar tudo eu mesma, Hanna diz. O que significa: *Também estou com saudades*.

E quando escrevo: *Quero só ver*, quero dizer: *Queria que você pudesse voltar para casa e tudo voltasse a ser como antes*.

Fico esperando uma resposta, então desisto. Quando Hanna some, pode demorar de dez minutos a dez dias antes de voltar a responder.

— Quem era? — Brit pergunta.

— Hanna.

Brit sabe que tenho uma irmã. Sabe que a amo. Sabe que ela é legal. Brit sabe porque contei a ela. Mas não contei nada sobre a questão com Miles.

— Fala que eu mandei oi — Brit diz.

— Pode deixar — digo, mas não falo.

Dentro do museu, somos cercados por uma floresta com enormes casquinhas de sorvete e picolés do tamanho de árvores.

Brit olha os lados, maravilhada.

— É como se fosse Brit e a fantástica fábrica de brownies.

— Pra mim é como se fosse Frank e a fantástica fábrica de pudins.

Tem um balanço feito de alcaçuz, uma parede de escalada com balas de goma do tamanho de melancias. À distância, vejo gente nadando em uma piscina cheia de granulado colorido. Todo mundo faz a dança do Snapstory: levanta o celular, posa pra a foto, então fica mexendo na tela à procura do emoji, das figurinhas e dos filtros perfeitos para postar.

— Esse lugar manipula meu cérebro em um nível ganglionar — Brit diz. — *Tenho* que pegar o celular.

— Mantenha-se forte — digo, sacudindo seus ombros. E são ombros incríveis.

— *Tenho* que postar no Snapstory.

Ela tira o celular do bolso de trás, levanta e coloca seu rosto ao lado do meu.

— Vamos, só uma selfie — Brit diz, rindo. — Vamos nos exibir um pouco. Fazer os outros se sentirem mal em comparação.

Por um segundo, o pânico toma conta do meu corpo como uma febre. Imagino a selfie sendo publicada, um dos Limbos vendo, um dos pais notando de relance por cima do ombro do filho, então ligações para a mãe de Joy e para a minha, depois o lento ressoar das suspeitas e as questões iminentes pairando no ar.

Mas não posso negar a Brit uma selfie, de jeito nenhum. Fazer isso seria inacreditavelmente desconfortável. A ponto de estragar a noite.

Então tiramos uma selfie. No último segundo, Brit dá um beijo na minha bochecha. Ele sai na foto. Ela me marca, põe figurinhas, filtro e

tudo mais, até se tornar um post perfeito da baboseira da rede social. Então Brit compartilha. Não dá pra negar que é uma foto de casal. Não tem nada de amigo ou colega ali. Brit escreve uma legenda:

O amor obriga a gente a fazer idiotices como tirar selfies bobas, mas nem ligo. Na #GritoNaPontaDoPalito com @frankdacasali

Espera aí. Brit está dizendo que me ama?

Olho para a foto, então para Brit. Quero saber qual é a sensação de dizer “eu te amo”. Mas tenho medo de aonde levaria. Tenho medo dos riscos que envolve. Me pego paralisado diante da possível ascensão do relacionamento para um nível completamente diferente.

— Tem mais um andar de exposição — Brit diz, e me guia por um lance de degraus de bolacha wafer.

Lá em cima, estão entregando amostras de sorvete com sabores bizarros, como jasmim e bacon com caramelo.

— Vou experimentar de pistache com jalapeño — Brit diz.

— Que ousado — digo, e dou um beijo na bochecha dela. — Vou experimentar o de churros.

— Frankebrit! — diz alguém com um forte sotaque de surfista californiano.

É Wu.

— Vi seu post, então pensei — Wu diz, com um movimento de dança — em virmos aqui dar uma olhada.

Joy sai de trás de uma bala de ursinho do tamanho de um urso de verdade.

— A espera no restaurante é de uma hora e meia.

Tenho que reprimir uma risada. Joy odeia o Cheese Barrel Grille, cuja presença enfraquece qualquer pretensão hipster que a região poderia ter. Ela odeia inclusive o fato de ser “grille” em vez de “grill”, outro exemplo de uso do francês sem nenhum motivo.

Na verdade, quem brincou sobre uso de francês sem motivo foi Brit. Brit está aqui, Joy está aqui, Wu está aqui. Estamos todos aqui, juntos, o que me faz pensar que nossa trama está escondida pela mais fina cortina, pronta para ser revelada à menor brisa accidental. Minha cabeça começa a girar e sinto meus calcanhares um milímetro acima do chão.

Wu começa a fazer um vídeo, puxando Joy pelo braço pra entrar no enquadramento. Eles fazem caretas, botam a língua pra fora e riem. Assim

que Wu para de gravar, fica muito sério, fazendo marcações, edições e não sei mais o quê. Brit se aproxima dele para ajudá-lo. Enquanto ficam nisso, sussurro para Joy.

— Ficarmos os quatro juntos me deixa meio pirado.

Joy parece perdida em seus próprios pensamentos.

— Estamos brigando.

Brigando? Um momento atrás, os dois estavam se divertindo diante da câmera. Então lembro que as redes sociais são uma grande mentira.

— Por quê? — pergunto.

— A mesma merda de sempre — Joy diz. — Ele acha que o mantenho distante. Porque mantenho mesmo.

— Espera, então é hashtag? — Wu pergunta para Brit. — Não arroba?

— Hashtag — Brit diz. — Então você compartilha.

— Legal, obrigado — Wu diz, fazendo um moonwalk. Então ele nota a camiseta de Brit.

O QUE TEM QUATRO LETRAS

Wu pensa.

— Não sei. O que tem quatro letras?

— Essa é a piada — Brit diz. — O que tem quatro letras.

Wu só fica olhando.

— O-Q-U-E — Brit diz, contando nos dedos. — Quatro letras.

— A expressão “o que”! — grita Wu. Ele bate as duas mãos uma única vez. — O que tem *quatro letras*! Porra, Brit Means, da hora essa camiseta.

Ele olha em volta como se dissesse: *Vocês viram essa camiseta?* Muitas, muitas garotas olham de volta para Wu. Ele levanta o braço, passa a mão pelo cabelo e deslumbra cada uma com um olhar. Os namorados só as levam embora rapidamente.

— Só queria que pudéssemos ser nós mesmos, sem segredos, como todo mundo — Joy diz. Posso ver o cansaço em seus olhos. Ela está exausta.

— Eu também — digo.

O bolso esquerdo de trás de Joy começa a vibrar. Ela enfia a mão e pega o pager do restaurante, piscando num vermelho furioso.

— Lindo, nossa mesa está pronta — Joy diz.

— Ah, boa — Wu diz. — A gente se vê, Brit. A gente se vê, mermão asiático garanhão!

Ele me dá um abraço esmagador. Como muitas vezes acontece com Wu Tang, “irmão asiático garanhão” é algo que só ele consegue fazer funcionar.

Fico vendo os dois irem embora. Vendo e vendo. Então me dou conta de por que continuo olhando: à espera de que Joy olhe para trás.

Ela olha, sorri e dá de ombros. *Me deseje sorte, Frank.*

— Wu é tão... — Brit começa, e fica à procura da palavra.

— Tonto?

Ela parece chocada.

— Não!

— Tudo bem chamar o cara de tonto. Ele é tonto. Mas gosto dele.

— É só que Joy é tão...

— Inteligente? — digo, um pouco orgulhoso. Porque Joy é uma grande amiga, talvez mais do que eu imaginava. Tenho muito orgulho dela.

Brit leva o rosto ao meu pescoço.

— Você é inteligente.

— Não sou tão inteligente — digo. — Sou meio burrinho.

Brit ri. Mas é verdade. Só um idiota manteria uma garota como Brit em segredo. Só um idiota acharia que faz algum sentido. Ou que de alguma forma é justo.

— Deve ter faíscas a essa hora — Brit diz. — Quer ver?

Não tenho ideia do que está falando, mas não me importo. Seguro sua mão. Subimos o zíper dos casacos e caminhamos pela praia vazia. A lua paira sobre a faixa de areia escura e gelada. Não tem ninguém aqui. O mundo é nosso.

Puxo o cordão do capuz de Brit para que se feche em volta de seu rosto, e ela faz o mesmo com o meu. Ficamos parecendo personagens de desenho animado passeando perto das ondas. Só para fazer graça, tentamos nos beijar. É tão estranho quanto apertar um interruptor com o nariz. Adorei.

— Nunca vim a esta praia — digo.

— Teoricamente, ela não existe — Brit diz, então aponta. — Esta cidade não a quer, nem aquela. Ah, olha as faíscas.

A princípio, acho que é apenas a espuma branca refletindo a luz fraca. Quando meus olhos se ajustam, eu vejo: um brilho azul alienígena florescendo e se dissipando sempre que o mar se agita. Faíscas.

— Meu irmão estuda biologia marinha — Brit diz. — Ele diz que as faíscas são causadas por pequenos dinoflagelados que brilham quando são jogados de um lado para o outro, como mecanismo de defesa. Então a beleza não é o que parece, porque vem do sofrimento.

Alerta de metáfora.

— Sinto muito, dinoflagelados — digo.

Enfio a mão por baixo do casaco dela e sinto sua lombar; Brit engancha os dedos no meu cinto. Ficamos presos um ao outro. Parece que faz anos que nos conhecemos. Talvez seja por isso que as pessoas se casam. Pela sensação acolhedora. Eu poderia ficar assim por muito tempo.

É uma cena incrível. A lua está baixa e totalmente cheia. O mar é um lençol prateado brilhante.

Enfio a mão no bolso do casaco — no nosso mundinho aquecido —, passo um fone para ela e fico com o outro. Aperto o play no celular. Fico olhando a transformação em seu rosto enquanto ouve o que chamei de “Canção para Brit”. Ela não tem que dizer nada. Posso ver as lembranças piscando em seus olhos, prateadas e douradas, como se estivesse assistindo a um clipe.

É uma montagem, usando sons de todas as vezes em que nós dois estivemos juntos até agora. Metal batendo e arranhando no Velhote, uma amostra “perfeita!” de *Vamos dançar*, o ruído ambiente de nosso primeiro trabalho em dupla, na casa dela. E por cima de tudo acrescentei os sons de água da Lagoa Namorada. É nossa história, breve mas brilhante, em uma única faixa.

Enquanto ficamos ali, naquele cenário simplesmente perfeito, ouvindo à nossa trilha sonora, Brit e eu nos tornamos atores famosos em um filme romântico clássico que todo mundo conhece e ama. Sei o que vai acontecer depois. Todo mundo sabe.

Nos beijamos, dando voltas e mais voltas. Então ela diz:

— Eu te amo.

Brit diz isso como se fosse algo que precisasse ser dito com urgência. Como se fosse algo que ela realmente precisa que eu saiba. Assim que ela diz, a preocupação nubla seus olhos. Percebo que imaginava que eu a amava também. Que retribuiria seu “eu te amo”. Mas agora talvez esteja se perguntando: e se ele não amar? O que ela faria com toda a areia branca da praia? Com todas as faíscas azuis? Com a maldita lua no céu?

O que Brit faria?

Ela fala de novo.

— Eu te amo, Frank Li.

Nosso filme é gravado em preto e branco. A música termina. Tiramos os fones, e a única trilha é o mar e o vento.

Eu amo Brit? Amo. Acho que sim. Mas tem uma lacuna que proíbe meu amor de se assentar adequadamente. Ele vacila. É imperfeito. Posso consertar isso? Não sei. Se não puder, posso me acostumar com isso? Posso conviver com isso?

Percebo que a lacuna é problema meu. Brit não tem essa lacuna. É mais fácil para ela amar — mais simples, menos complicado. Meu amor não é padrão. Exige soluções alternativas.

Mas é o mesmo amor? Isso importa? Não tenho ideia. Nunca me apaixonei.

Minha ignorância me deixa com duas opções: dizer foda-se, não sei nada sobre o amor, vou esperar e pesquisar; ou dizer foda-se, não sei nada sobre o amor, então sou a cobaia perfeita, vou mergulhar fundo.

O fato é: *quero* amar Brit. Isso tem que contar alguma coisa. É claro que tem uma lacuna, vacilante, imperfeita. Então boto um chiclete ali e espero que a preencha. É uma solução alternativa.

— Eu também te amo — digo.

A alegria toma conta do rosto de Brit. Ela não precisava ter se preocupado, no fim das contas. Aqui estamos nós, nessa praia gelada, seguros e quentinhos dentro dos casacos, como se fôssemos um casal de velhinhos olhando para o horizonte do tempo. Brit é uma alma velha. Posso sentir isso. Ela tem uma paciência estranha que nega sua idade. Para a maioria dos adolescentes, esse seria o momento em que arrancamos a roupa um do outro e transamos aqui mesmo na praia. Mas Brit não é como a maioria dos adolescentes.

Ambos sentimos que é hora de um beijo, e nos beijamos de novo. Ela cheira a pôr do sol, almíscar e sorvete. Desço o zíper do casaco, ela desce o dela. São espelhados, então juntamos um lado de cada e nos fechamos em um único casulo quentinho. Brit puxa os braços pra dentro do casulo e envolve meu corpo com eles, sentindo-o com a ponta dos dedos congelados, costela por costela.

— Eu te amo — ela murmura, como se estivesse pegando no sono. — É muito bom poder dizer isso afinal. Eu te amo.

Ouçó o celular vibrando. Hora de voltar à base.

— Também te amo — digo. Dizer isso faz com que pareça mais verdadeiro. Tenho a sensação de que, quanto mais disser, mais verdadeiro vai parecer com o tempo. E eventualmente a verdade que eu criei vai se entrelaçar a cada fibra da minha realidade, até que se mova naturalmente, a cada gesto meu, como uma camiseta querida que sempre uso.

15

sozinhos juntos

Voltamos para casa. Fico olhando para as faixas da estrada que se estendem adiante, se encontrando no horizonte, assim como nossas silhuetas se encontram no meio do carro quando nos inclinamos um para o outro, minha mão firme no volante.

Algo oficial aconteceu entre nós. Dissemos três palavras que poucas pessoas dizem às outras. É difícil definir o que essa preciosa expressão significa. É um pacto, uma declaração. Também é uma espécie de renúncia. Dizer “eu te amo” é o grito dos desamparados. Tudo o que se pode fazer é confessar e torcer por misericórdia.

EuteamoBriteuteamoBrit

— Chega mais perto — digo, então ela se aconchega mais. Não é muito seguro dirigir assim, porque não consigo ver os retrovisores e só estou com uma mão no volante, mas não me importo, porque só preciso manter o carro andando em linha reta, o que me parece factível.

Quando chegamos à casa dela, Brit sussurra pela janela aberta do carro:

— Eu te amo. Amo dizer “eu te amo”. É como se tivesse aprendido uma expressão nova hoje.

Eu me inclino. Ela se inclina, esticando o corpo sobre a janela aberta, então me dá um único beijo, como um pássaro bicando a água. Eu a observo subir as escadas. Quando chega à porta vermelha, meu celular vibra de novo. Esses alertas do calendário encham o saco. Eu o pego para desligar, então vejo a tela.

— Tudo bem? — Brit pergunta da porta. Consegue ver meu rosto se iluminando dentro do carro.

— É spam — digo.

Brit me lança um beijo e entra. Volto a olhar para a tela.

Oi, ainda estou aqui na região industrial. Pode me dar uma carona, se estiver por perto?

Foi uma noite ruim

Drama pra caralho

Frank?

As mensagens são de Joy. Por que ela ainda está lá? Cadê o Wu? Por que ela precisa de carona?

A caminho, escrevo.

Engato a marcha e saio com o carro.

Quando chego, Joy está sentada em um banco que imita um sanduíche de sorvete, fumando. Fumando um cigarro de verdade, com tabaco, que enche os pulmões de fumaça. Vou até ela, tiro o cigarro de sua boca e o jogo numa poça.

— Por que está fumando essa merda?

— Agora vou ter que arranjar outro — ela diz.

Atrás de nós fica uma ruazinha iluminada cheia de hipsters guardando sorvetes de casquinha gigantes e waffles do tamanho de colchões. Pelo menos Joy não estava sentada sozinha no escuro.

— Vem — digo. — Está tarde. Temos que voltar antes que eles fiquem preocupados.

Joy só pega minha mão, me força a sentar ao lado dela e tira o celular do bolso. Ela o levanta para tirar uma selfie nossa.

— O que está fazendo? — digo.

— Só pareça feliz e tudo mais.

O máximo que consigo fazer é abrir um sorriso severo, que Joy compensa inclinando a cabeça, fazendo um beicinho e um sinal de paz e amor, como uma especialista. Então ela manda a foto para a mãe.

— Minha mãe vai ver, sua mãe vai ver, elas vão guinchar como porcos e vamos ter mais algumas horas para gastar — Joy diz, devolvendo o celular à bolsa, infeliz e cansada.

Ainda estou impressionado com sua pose para a câmera. Joy passou do tormento ao êxtase e ao tormento de novo em poucos segundos.

— Você tem sérios problemas — eu digo.

— Não, você tem — ela diz.

— Bela resposta.

Joy aperta os lábios com repugnância.

— Tem uma bala? Minha boca está com um gosto horrível.

— Fumar é como chupar o dedão de Satã depois da corrida matinal dele pelo nono círculo — digo.

— Satã não existe.

— Vamos ficar aqui fazendo... *isso* a noite toda?

Joy pensa e não tem resposta. De repente, parece muito infeliz. Muito, muito infeliz.

Eu me inclino para ela.

— Ei. O que aconteceu?

Joy pisca, pisca e pisca, até que duas lágrimas perfeitas surgem em seus olhos. Quando ela pisca de novo, as lágrimas se transformam num fio contínuo escorrendo pelas bochechas. Isso a deixa brava. Ou talvez esteja brava porque eu estou vendo. Independente do motivo, ela pega meus ombros e enterra o rosto no meu peito.

— Acho que Wu vai terminar comigo — ela murmura, então dá uma bela fungada, e mais outra. — E acho que mereço.

Consigo sentir seu rosto quente. Tenho ampla visão da sua cabeça, e identifico as mechas verdes sob as naturais. Ela parece exausta. Tem um furo sem brinco na parte superior da orelha esquerda — na verdade, três. Furinhos pequenos, evidências de um impulso passageiro.

— Ele não vai terminar — digo. — Vocês dois estão juntos há um século.

Ela pressiona o rosto mais forte contra meu peito.

— Ele me odeia. Fiz Wu me odiar. Sou péssima, Frank.

Eu a afasto e olho para ela.

— O que foi que aconteceu?

— Sabe o que ele disse?

Fico observando o movimento nervoso de seus dedos, como se estivesse tricotando algo invisível.

— Estávamos comendo aquela comida de merda naquele restaurante de merda — Joy diz. — E ele todo: “Frankebrit estão juntos faz só algumas semanas, e já estão praticamente casados, porque são feitos um pro outro” — ela fala isso com sotaque californiano carregado.

— Ele está exagerando — digo, com tanta delicadeza quanto posso.

— Então Wu disse: “Brit já conheceu os pais de Frank em um churrasco e tudo o mais, e sei que ele conheceu os pais dela também”.

— Tá, mas...

— E: “Por que não somos como Frankebrit? Faz séculos que estamos juntos, blá-blá-blá, por que não somos como Frankebrit?”.

Joy está piscando de novo, mas dessa vez pressiona o rosto contra meu peito a tempo de esconder as lágrimas.

— E o pior é que ele está certo — Joy diz. — Porque sou uma pessoa horrível.

Sacudo seu corpo.

— Para com isso. Você não é uma pessoa horrível.

Os olhos dela estão inchados e vermelhos, como se estivesse cansada de tudo.

Joy dá um soco na palma aberta.

— Então eu pensei: a gente não devia ter que se esconder, eu não devia ter que fingir namorar você, nada do tipo. A gente devia poder se abrir e ser honesto um com o outro, porra.

Assinto.

— Tudo bem, mas calma.

Ela soca a palma aberta de novo.

— Todo esse tempo, Wu não fazia ideia de que meus pais racistas não aprovavam meu relacionamento com ele. Então...

— Joy, o que você fez?

— contei tudo pra ele.

Congelo. Até os hipsters atrás da gente ficaram quietos. Um refletor apaga. Joy encolhe um centímetro.

— Contou nada.

— Faz quase dois anos que estamos juntos. Esse tempo todo, não contei porque queria proteger Wu, sabe? Quem quer ouvir uma merda dessas?

— Calmacalmacalma — digo, surpreso. — O que exatamente você falou?

— Ele ficou todo “Você mentiu pra mim”, “Você tem vergonha de mim”, mas eu disse que não. De jeito nenhum. Mas não adiantou, porque, afinal, que tipo de garota esconde o namorado dos pais por quase dois anos? — Ela diz a última parte socando a mão de novo. Então bate nas próprias têmporas. — Sou a pior.

— Joy — digo, com cuidado. — Você contou a Wu sobre nosso acordo?
Ela faz cara feia para mim.

— É claro que não, seu tonto.

— Ah, graças ao Senhor no céu — digo.

— Só falei que passei os últimos dois anos escondendo ele dos meus pais — Joy diz, resignada. — Basicamente mentindo.

Ficamos olhando para um objeto na via escura à nossa frente. É um mirtilo do tamanho de uma bola de futebol.

— Eu também — digo. — Então acho que somos os piores juntos.

— Isso não faz eu me sentir nem um pouco melhor, Frank Li.

— Só estou dizendo que você não está sozinha. — Seguro a borda do sanduíche de sorvete e balanço as pernas no ar.

— Então estamos sozinhos juntos — Joy diz. — Não tem nenhum cenário em que podemos ser nós mesmos, em nossos próprios termos. É isso.

— Ah, vai — digo. Mas ela pode estar certa. Mas por que não ser otimista? Mas será que só um tolo seria otimista, sabendo o que eu sei? Que não importa quão velho eu fique, o quanto eu viaje, não vou poder amar quem eu quero?

Será que vou ter que esperar mamãe-e-papai morrerem antes?

Essa ideia é sombria demais.

— Então Wu te largou aqui — eu digo.

— Não, eu fui embora — Joy diz, se contorcendo diante da lembrança.
— Sou mesmo a pior.

— Oi?

— Eu disse a ele que não era fácil viver com pais racistas, que ele precisava entender melhor o meu lado. Então levantei e o deixei sozinho na mesa.

Fico impressionado com a babaquice colossal.

— Nossa.

— A pior. Essa sou eu.

— Verdade.

— Cala a boca.

Reviro o cérebro.

— É, não consigo pensar em ninguém pior que você.

— Cala a boca — Joy cantarola, com um sorriso. No instante seguinte, a tristeza e a vergonha voltam a tomar conta dela. — Ele não responde minhas mensagens. Fiz o cara de quem eu gosto se sentir péssimo. Isso não é engraçado.

— É claro que não — digo. — Ei. Você não é a pior.

Eu a puxo em um abraço de lado. Sua cabeça encaixa perfeitamente na curva do meu pescoço. Sinto os músculos em seus ombros — não tão suaves quanto os de Brit —, e me pergunto se Joy é uma atleta e eu nem sei: correndo, pulando e caindo sobre os pés firmes.

É fácil descansar minha bochecha sobre a cabeça dela e simplesmente sentir o cheiro do seu cabelo. É como uma soneca no sol da tarde. Levo o nariz e a boca para mais perto.

Hum, penso. Com o mais leve movimento, isso meio que poderia ser um beijo.

— Talvez seja melhor — murmuro em seu cabelo. — Que vocês dois tenham brigado.

— Acha que devo cortar relações com ele aos poucos?

— Isso está ficando bem pesado — digo. — Mas não importa. Você ama Wu. Ele te ama.

Então dou mesmo um beijinho imperceptível nela. Porque não quero que fique triste. Certamente um beijinho pode mudar isso.

Joy cantarola baixo:

— Eu amo Wu, ele me ama, somos uma família feliz. — Então ela sai do meu abraço para me encarar. — Eu amo Wu?

Meu celular vibra. É minha mãe. Mando uma resposta automática para ela: *Chego logo.*

— Imagino que tenham dito “eu te amo” um para o outro.

— Muitas vezes — Joy diz, e assente.

— E pareceu verdade? Todas as vezes?

— Acho que sim. Não sei. Não sei de mais nada.

— Espera, o que é que você está dizendo? Que talvez não ame Wu?

— Não — Joy chora. Ela faz uma busca rápida e desesperada pelas palavras certas, mas não as encontra. — É só que, hoje à noite, me dei conta de que o mantive assim — ela me afasta, com os braços rígidos — durante nosso relacionamento inteiro, e pensei: é possível dizer que se ama alguém de verdade quando sempre se mantém certa distância?

Seguro seu braço com as duas mãos, mais para admirar a estrutura leve e esguia. Ela entrelaça os dedos nos meus e os deixa ali. A pergunta é retórica, e sei que a resposta — se vamos ser brutalmente honestos aqui — é não.

Meu celular vibra de novo, e sei que é minha mãe ligando. *Estou saindo agora, chego logo, prometo*, digo.

Não consigo deixar pra lá a questão do “eu te amo”.

— Quando se diz “eu te amo”, o que significa exatamente?

Joy solta o braço.

— Não sei, Frank. Estou começando a pensar que é só algo que se diz. Como um ritual, um hábito que é exigido dos casais. Querendo dizer: “Ei, somos um casal mesmo”.

Isso parece verdade. O chiclete que sustenta meu amor por Brit continua aqui, mas não vai aguentar muito tempo.

— Droga — digo.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa com a Brit hoje à noite? — Joy pergunta.

— Não. Sim. Talvez. — Abro um sorriso frágil.

Joy senta, como se quisesse deixar a tristeza pra lá.

— Conta.

Vejo Brit e eu na praia, com a lua, a areia e tudo mais. Meu coração dá um salto preguiçoso no peito. Estou superfeliz por dentro ou só estou tremendo? Estou apaixonado? Ou com medo? São dois lados de uma mesma moeda?

— Então — começo. — A gente estava na praia hoje à noite, só nós dois, sozinhos.

Joy se inclina

— Hum-hum.

— E caminhamos pela areia.

— Vocês transaram? — ela pergunta, como uma diabinha.

— Não, não transamos.

— Estou torcendo por vocês. Mesmo que Wu e eu terminemos, posso ficar em um café ou coisa do tipo e esperar enquanto vocês dois ficam juntos.

— Não sabemos o que vai acontecer ainda.

— Vocês dois são perfeitos um para o outro. — Então Joy faz algo estranho: pega o lóbulo da minha orelha entre o dedão e o indicador e esfrega três vezes, como que para dar sorte. Ela puxa a mão de volta e pisca, muito atenta. — Bom, o que aconteceu depois?

Me esforço para articular a próxima parte.

— A gente só ficou ali, de pé. Sabia o que Brit estava prestes a dizer. Podia sentir. É como o refrão de uma música que você meio que já sabe cantar, ainda que seja a primeira vez que ouve.

Joy mantém os olhos nos meus.

— Nunca entendo referências musicais, mas confio em você.

— É como se ela tivesse a coisa toda planejada. Então, quando ela disse, fiquei sem chão, mas meio que já esperava, de um jeito esquisito.

— E o que Brit disse?

— Ela disse “eu te amo”.

— “Eu te amo” — repete Joy, impressionada.

Assinto.

— “Eu te amo.”

Meu celular vibra de novo. Minha mãe.

— Meu Deus — reclamo. Então mando outra mensagem automática.

Chego logo.

Ele vibra de novo em seguida. E de novo e de novo.

— *Meu Deus* — digo ao atender o celular.

— Frankie-ya — minha mãe diz. — Cadê você, Frankie-ya? Volta agora.

— Mãe, já estou no carro a caminho.

— Você vem agora, por favor — minha mãe diz. Tem algo errado. Sua voz parece entrecortada. E ela nunca pede “por favor”.

— Ei — digo. — Está tudo bem?

— Papai — minha mãe diz. — A gente no hospital agora. Atiraram.

A mão de Joy de repente está sobre a minha. Ela me olha. Sabe que tem alguma coisa errada.

— Homem com arma — minha mãe diz, chorando. — Atira no papai. Atira no papai!

vire o mundo
de cabeça pra baixo
e veja o que fica no lugar

vamos esperar para ver

O hospital é verde. Assino um formulário e passo por baixo do vidro.

— Vocês estão juntos? — a mulher do outro lado do vidro grosso diz.

Aparentemente não consigo entender inglês no momento, então Joy fala por mim:

— Não, somos só... — ela olha em volta — somos só amigos.

— Eu não estava perguntando se vocês são casados — a mulher diz.

Sentamos nas cadeiras duras.

Estamos aqui, escrevo para minha mãe.

Médico aqui um segundo saio logo tchau

Papai está bem?

Papai bem e estável não preocupa

Como assim estável?

Minha mãe não responde mais. Deve estar ocupada falando com o médico.

Todo mundo ocasionalmente alimenta o desejo secreto de se livrar das regras e restrições dos pais. Todo mundo fantasia de vez em quando com uma vida livre do fardo da família. Mas, porra, acabei de sentir o fio que me liga a meu pai ser puxado por forças que estão fora do meu controle, e só posso sentir alívio por não ter se rompido.

Não sei que tipo de laço eu e meu pai temos. Mas sei que preciso desse laço, querendo ou não.

Uma vez, quando eu era pequeno, sussurrei para Hanna: *Você ama mamãe-e-papai?*

Ela sussurrou de volta: *Não temos que amar?*

Eu e Joy esperamos. Ela passa um braço firme pelos meus ombros e me puxa para um sussurro urgente:

— Seu pai vai ficar bem.

Joy enxuga uma lágrima que eu não tinha notado que estava ali. Então descanso minha cabeça em seu ombro, assim como descansou a dela no meu pouco tempo atrás. É como se meu coração tivesse se transformado em chumbo e de repente fosse pesado demais para carregar sozinho, então Joy precisasse me ajudar. Ela dirigiu até aqui. Ela fez nosso cadastro.

Levanto o rosto e vejo um menininho à nossa frente, sorrindo de trás de uma cadeira. Acho que está esperando que eu beije Joy. Ele pensa que estamos juntos.

Meu celular vibra. É Q. Destravo o aparelho e o entrego a Joy.

— Lê pra mim — digo. Nem sei se consigo formular uma frase no momento.

— Você quer que *eu* leia as *suas* mensagens.

— Sou um homem sem nada para esconder, Joy Song.

— Alerta de metáfora — Joy murmura. Então lê. — “Confio que o baile romântico desta noite tenha sido estupendo. Confirma, meu chapa?”

Joy abaixa o celular.

— É assim que vocês se falam?

Passo uma mão fraca pelo rosto, como um rei cansado.

— Só conta pra ele o que está acontecendo.

Joy conta. Q para de falar daquele jeito e avisa que chega o mais rápido possível.

— Merda — digo. — Fala pra ele que é longe demais. E que está muito tarde.

— Ele já está no carro — Joy diz. — Amigos de verdade são um saco às vezes, né?

Sorrio para ela. Ela sorri para mim. À nossa frente, o menininho dá uma risadinha e continua nos encarando.

Meu celular vibra.

— É a Brit — Joy diz, me passando o celular.

— Lê pra mim — digo.

Joy me encara como se dissesse “sério?”, então lê.

— “Te amo te amo te amo. Emoji com olhos de coração, emoji com olhos de coração, emoji dando beijinho, dois corações cor-de-rosa.”

Me endireito na cadeira e olho para a tela.

— Você estava falando sério sobre a coisa do “eu te amo” — Joy comenta.

— Manda “eu te amo”, mas sem emoji.

Joy aperta os olhos para mim.

— É melhor você contar sobre seu pai.

— De jeito nenhum — digo, e me odeio no mesmo instante por ter dito isso. — Ela ia querer vir e...

— E seria a maior confusão, entendi — Joy diz, assentindo. Ela escreve “também te amo!” e deixa o aparelho de lado. Gosto que compreenda minha hesitação sem que eu tenha que explicar mais. Gosto que entenda que a última coisa de que precisamos agora é o drama de Brit aparecendo, eu tendo que agir como se não estivéssemos juntos e todo o resto.

Q manda atualizações de sua hora estimada de chegada. Toda vez, Joy levanta o aparelho para que eu desbloqueie antes de me dizer o que ele escreveu.

Gosto que Joy Song esteja cuidando de mim.

— Li? — alguém chama.

Viramos a cabeça, e um enfermeiro elegante de ascendência coreana nos vê. Quando nos aproximamos, ele contorce os lábios em uma careta.

— Sinto muito, mas o protocolo de segurança só permite que membros da família entrem — ele diz.

Eu me inclino.

— Por favor, cara, meu pai acabou de levar um tiro.

O enfermeiro dá três tapinhas na prancheta fluorescente, pensando, e diz:

— Certo. Por aqui.

Chegamos ao quarto — um quarto de verdade, com porta, não um daqueles coletivos em que as camas são separadas por cortinas —, e o enfermeiro nos anuncia em um coreano que não compreendo. Vejo meu pai deitado na cama, olhando para mim com uma máscara de oxigênio quase transparente. Minha mãe se inclina sobre ele, observando cada respiração.

Agradeço ao enfermeiro e dou um passo à frente. Vejo tubinhos saindo de baixo do cobertor, conectados a uma seringa grande, um saco de líquido e algo mais.

Minha mãe levanta o rosto.

— *Aigu*, Joy, não precisava vir.

— Papai está bem? — pergunto.

Ela começa a limpar uma cadeira para Joy sentar.

— Muito longe. Você dirigiu?

Meu pai levou um tiro, acabei de chegar e minha mãe banca a boa anfitriã? Tudo isso me deixa louco.

— Mãe, o que foi que aconteceu?! — insisto.

— Por que grito, Frank?

— Desculpa — digo.

— Frank, Frank, por que você não senta? — Joy sugere.

— Estou sentado há um século.

Então Joy pega meus pulsos com seus dedos frios e eu relaxo.

— Deram tiro três vezes — minha mãe diz. — Um pegou no pulmão, quebrou costela. Fez buraco. Médico já botou curativo. Médico muito bom. Que nem você, coreano, mas não fala coreano.

Desculpa por ter nascido no país errado, quero dizer. Estou de mau humor. Preciso de respostas.

— Mãe — digo, tão controlado quanto posso. — Quem atirou no papai? Quando? Quão ruim foi?

— Americano, branco, entra — minha mãe diz, com repugnância. — Nunca vi. Único cliente branco é Charlie, hum? Homem entra, pergunta papai quanto bilhete de loteria. Tão idiota.

— O preço está escrito — digo. Porque é verdade.

— Aí ele pega arma velha e atira.

— Bmfmfmfmbm — meu pai diz, atrás da máscara.

— Quê? — pergunto.

— Bala pequena, calibre só vinte e dois. Homem branco corre. — Do nada, minha mãe ri. — Papai sentiu bem na hora, não muita dor. Ligou pra polícia. Depois, ô. Difícil respirar. Porque buraco pequeno no pulmão.

— U-o-bem — meu pai diz. *Tudo bem*.

— Espera, então o cara não levou dinheiro? — Joy pergunta.

— Dinheiro, não — minha mãe diz. — Ele foi três outra loja, vistoria de carro, água e *dambae-jip*, atira em tudo, não leva dinheiro nunca.

Dambae-jip é a tabacaria.

— Polícia pega ele. Homem branco maluco.

— Espera, então a polícia pegou o cara? — pergunto.

— Pegou. Ele atira três pessoa mais. Ninguém morre. Tudo bem. Papai fica bem, médico diz.

Caio na cadeira. Joy me apoia no meio do caminho pra garantir que eu não erre o assento.

— Que loucura — ela comenta.

— Eu compro saco grande de nachitos — minha mãe diz. — Quer nachitos? Muito picante. Papai ama.

— Não precisa, sra. Li — Joy diz. — Não posso comer nada muito *maewo*.

— Não gosta de comida *maewo*? — minha mãe pergunta. *Maewo* quer dizer “picante”. Minha mãe sorri, porque ela tampouco come coisa apimentada. É conhecida por só comer nachitos em cima do arroz, para neutralizar o sabor, o que é quase tão esquisito como meu hábito de comer nachitos de palitinho para que meus dedos não fiquem laranja.

Enquanto elas falam sobre comida apimentada, me deixo entrar em uma espécie de torpor.

Meu pai levou um tiro.

A bala era pequena e o atingiu em um ponto menos problemático.

Mas e se fosse um pouco maior?

E se tivesse entrado pelo lado esquerdo, não o direito, e ido direto para o coração?

Sinto como se esse momento devesse ser mais... momentoso. Em vez disso, aqui está minha mãe, falando de comida apimentada; aqui está Joy, posando para o mundo inteiro como a filha coreana perfeita. Ela está até com os joelhos colados e as mãos entrelaçadas sobre as pernas.

Vejo meu pai, olhando através da máscara. Ele parece frágil. Nunca o vi assim antes, e uma imagem sua convalescendo na idade avançada passa pela minha cabeça. Mas meu pai está sorrindo.

Ele está feliz.

E entendo por quê. Minha mãe está tomando conta dele. Joy está tomando conta de mim. Estamos todos aqui, juntos. Seu filho escolheu uma garota apropriada. Nós quatro estamos muito conscientes do fantasma da morte que nos ronda, mas continuamos vivos, em desafio. Aconchegados até. Nesse quarto verde-esmeralda.

Verifico o celular, sem motivo. Q está a vinte minutos de distância. Nada de Brit. E por que haveria algo? É tarde e ela passeia pela terra dos

sonhos, onde nós dois somos de verdade, um autêntico casal.

— Tudo bem? — pergunta Joy.

Respiro cada vez mais rápido.

— Podemos... ir... lá fora?

— Claro — Joy diz, me levantando. Ela olha e olha para meus olhos cada vez mais ausentes. — Vamos lá. Já voltamos, sra. Li.

Joy me conduz pelo labirinto de corredores como uma agente do serviço secreto acompanhando o presidente, até que chegamos lá fora, no ar congelante da noite, e ficamos sob um foco de luz azul-esverdeada. Eu me debruço sobre meus joelhos e respiro, respiro, respiro.

— Calma, você está tendo um ataque de pânico — Joy diz. — Inspira fundo pelo nariz, solta o ar devagar pela boca. Isso. Faz um *shhh* bem longo.

— Shhh — faço. — Posso xingar agora? Puta merda caralho.

Joy dá uma risada, depois assume uma expressão séria.

— Inspira pelo nariz, depois xinga pela boca.

— Ah, cara — digo. — Acho que quase perdi meu pai. Nossa.

Meus olhos dançam. Algo dentro do meu peito se aperta. Paro de falar.

— Do que você precisa? — Joy pergunta. — Do que você precisa? De um abraço?

Assinto.

Joy me abraça, e meus pensamentos evaporam numa nuvem, então caem de novo, cristalizados em algo diferente. Meus braços se erguem para enlaçar as costas de Joy. Já a abracei muito, mas nunca assim, nunca com todo o meu corpo, e sinto como se estivesse me agarrando a uma jangada para não afundar.

— E se os três tiros tivessem acertado? — digo. — E se ele tivesse sangrado até morrer? E se a bala fosse maior? Ele poderia ter morrido tão fácil esta noite, mas por algum motivo aleatório vai ficar bem, e agora vamos passar um pacote grande de nachitos de mão em mão, como se estivéssemos de boa juntos.

Estou falando demais.

— Shh — Joy diz.

— Sério, e se ele tivesse morrido? Seria apagado, e o mundo seguiria em frente. Meu pai sabe tão pouco sobre mim, e eu sei tão pouco sobre ele. Porra, se ele tivesse morrido, então teria sido isso, tipo, venha pros

Estados Unidos, tenha um filho chamado Frank, trabalhe numa loja e morra. Sabia que meu pai nunca fala da infância dele? Ou quase nunca. Ele é um grande ponto de interrogação, e se tivesse morrido eu nem saberia o que estava perdendo.

— Você ainda tem bastante tempo pra conhecer seu pai — Joy diz. — Vai se cansar dele, prometo.

— Meu pai poderia ter morrido, Joy.

— Ele vai ficar bem.

— Então teria sido o fim.

— Ele vai ficar bem.

Quando Joy me solta para olhar meu rosto, enxuga minhas lágrimas com suas mangas, uma a uma, esquerda, direita, esquerda de novo, depois direita de novo.

Levanto seu cabelo, encontro a camada verde e sorrio para ela. Do nada, minhas lágrimas param. Meu rosto está quente e inchado, como se alguém tivesse chutado uma bola na minha cara.

— Obrigado — digo.

— Seus olhos são castanhos — Joy diz.

— São pretos — digo.

— Não, são castanhos — Joy diz. Ela vira meu rosto para a luz e olha mais de perto. — Hum... castanhos.

Minha vida inteira, penso, não soube qual era a cor dos meus olhos.

— Opa — alguém diz.

É Q.

Joy e eu nos separamos.

— Oi — digo.

Ele examina meu rosto.

— Você estava chorando.

— De fato, velho camarada.

— Chore às pampas. Deixe extravasar. Como está seu pai?

— Ele vai ficar bem. Acabamos de falar com o médico.

— Meus dedos provavelmente ajudariam com o rosto inchado, devido aos meus problemas eternos de circulação — Q diz, e coloca uma palma fria na minha bochecha esquerda.

— Ei, eu também tenho problema de circulação — Joy diz. Ela oferece a mão para Q sentir, e ele fica impressionado. Então Joy a coloca na minha

bochecha direita.

Somos um trio estranho, assim posicionados sob a luz.

Pego o celular e começo a mandar uma mensagem.

— Não é a Brit, é? — Q pergunta.

— Não, porque se ela soubesse ia querer vir e... — Joy começa.

— E seria a maior confusão — Q diz, assentindo.

Oi. O papai levou um tiro na loja. Estamos no hospital agora. Ele sofreu uma perfuração no pulmão, mas vai ficar bem. Os médicos estão acompanhando, vamos esperar pra ver.

Espero e espero. Dois longos minutos passam. Ninguém responde mais devagar que Hanna. E não é só a diferença de fuso.

Então o relatório oficial é que ele vai ficar bem?, ela finalmente escreve.

Sim, ctz. Mamãe nem está preocupada

Isso é raro, haha

Só achei que você devia saber

Na verdade, mamãe me mandou um e-mail (!), mas obrigada Franks

Isso é novidade. Minha mãe não escreve pra Hanna há um século. *Então era só papai levar um tiro, hein?*, escrevo.

Vc tem certeza de que ele vai ficar bem?

Absoluta

Mesmo?

Sim, mana Hanna

Então aproveita pra dizer a ele que já me transformei em 100% negra

Dou tanta risada que Joy e Q têm dificuldade de manter a mão na minha bochecha. Então eles leem a mensagem de Hanna e começam a rir também.

Racista, escrevo.

Só estou transformando minhas lágrimas em alegria, meu bem

Meu dedão hesita. Nunca disse para minha irmã o que estou prestes a escrever.

Eu te amo, mana

E, no mesmo instante, mais depressa do que em qualquer outra resposta na vida, Hanna escreve: *Tb te amo, bb.*

Então acrescenta: *Espero te ver em breve.*

Vc vai vir?

Espero e espero, mas Hanna não responde.

— Óóóin — Joy faz, e aperta minha bochecha.

O significado de “eu te amo” não poderia ter ficado mais claro para mim. Muito mais claro do que com Brit, e de uma forma diferente. Escrevi as palavras porque sei — nós dois sabemos — que um dia não haverá mais mamãe-e-papai, nem a Casa Li como o mundo a conhece. Ela vai se tornar algo diferente.

Vamos ser só eu e Hanna, juntando nossas lembranças dos nossos pais malucos para tentar montar uma imagem deles. É claro que nunca vai ser completa. É claro que não vai ser muito precisa. É claro que vamos estragar tudo.

E então, quando envelhecermos e nos formos também, será o fim.

17
talvez seja diferente

Abro os olhos.

Todas as minhas juntas parecem congeladas. Meu pé esquerdo está completamente adormecido. Sinto algo no meu rosto, então me dou conta de que é minha própria mão, que também está completamente adormecida. Olho para meu corpo contorcido como um pretzel em uma das cadeiras rígidas da sala de espera.

Lá fora, o dia nasce.

Sinto gosto de nachitos na boca.

— Que horas são?

Q e Joy entram no meu campo de visão. Seus lábios tremem enquanto tentam conter a risada.

Finalmente, não conseguem mais evitar.

— Hahahahahahah!

Sento e meu corpo desperta com um formigamento agudo.

— O que foi?

Agora é a vez dos funcionários do hospital rirem.

— Bom dia, Bela Adormecida — o enfermeiro de ontem diz. Parece que o turno dele acabou. — Seu pai está recebendo alta.

Levanto e quase caio.

— Quanto tempo eu dormi?

Joy e Q continuam rindo.

— O bastante.

Então Joy aponta um dedo inocente para um espelho próximo. Quando dou uma olhada, percebo que meu rosto está coberto de rabiscos multicoloridos.

Não rabiscos. Assinaturas.

— Pedi que todos os funcionários do pronto-socorro assinassem seu rosto — Joy diz. — Você ficou roncando por quatro horas enquanto isso acontecia.

— Te amamos, Frank — a recepcionista diz, do outro lado do vidro.

— Seu pai vai ficar bem — alguém comenta.

— Começou, começou — a recepcionista diz. Ela aperta-aperta-aperta um botão do controle remoto para aumentar o volume de uma TV próxima.

— O *Bom dia, LA* começa com uma noite de terror em Hancock — a TV diz. — A polícia informou que um homem de trinta e poucos anos disparou tiros em quatro estabelecimentos, ferindo cinco pessoas.

— Hum — digo. Uma imagem do Mercado Fiesta Hoy aparece brevemente, seguida pela foto de um cara branco com olhos inexpressivos.

— O suspeito está sendo interrogado por detetives e psicólogos forenses — a TV diz.

— Se o suspeito fosse preto, já estaria morto — Q diz.

— Né? — concordo, balançando a cabeça.

— Típico — Q diz, com desprezo.

— Vou lavar o rosto.

— Espera — Joy grita. — Me deixa tirar uma foto antes.

Enquanto ela faz isso, digo:

— Por favor, só não...

— Não vou postar — ela diz, se referindo ao Snapstory. Então enfia o celular no bolso de trás para que ninguém mais veja.

Quando minha mãe aparece empurrando meu pai na cadeira de rodas, corro para abraçar os dois.

— Tá, tá, tá — meu pai diz, como se afastasse um cachorro babando.

— Tá, tá, tá — minha mãe diz, do mesmo modo.

Não nos abraçamos muito na Casa Li. Para mamãe-e-papai, abraços devem equivaler a ataques de animais.

— Escreveram sua cara tudo — minha mãe diz, cobrindo uma risada com a mão. — Assinei pelo papai.

— Mãe!

— Joy começou — minha mãe diz. — Ela tão engraçada. Principalmente pra menina.

— Ah, para uma menina — Joy diz, rindo. Eu e ela reviramos os olhos, mas achando graça.

— Menina tem que ser esperta, quieta e calma — minha mãe diz. — Mas Joy é maluca.

Por isso ela é foda, penso. E, porra, é verdade. Então digo:

— Por isso ela é foda.

Parte da papelada do meu pai cai no chão, e Q se abaixa para pegar.

— Obrigado, Q — meu pai agradece.

— Imagina, sr. Li.

— Q é nome engraçado — meu pai diz. — Obrigado, Q. Obrigado quê? Obrigado que... Haha.

— Que bom que gosta desse nome tanto quanto eu, sr. Li.

Empurramos papai até o sol da manhã. Minha mãe segura minha mão como se eu fosse uma criança. Sinto a presença de Joy ao meu lado. A mão de Q está apoiada no meu ombro.

Estranhamente, sinto que é um dos melhores dias da minha vida. É uma sensação forte. Sobrevivemos a algo juntos, nós cinco.

Então meu celular vibra.

Cadê vc?

Está com Q?

É Brit. É segunda-feira de manhã. Hora de cálculo.

— Verdade — digo. — É dia de aula.

— E amanhã é o segundo dia do vestibular — Joy diz. — Vou aproveitar o resto do dia pra tirar o atraso do sono. Vocês deviam fazer o mesmo. Dormir é tão importante quanto estudar quando se trata de uma prova.

Minha nota na primeira prova, aliás, acabou sendo 1310, que é bom, mas não nível Harvard. Joy tirou 1280, o que é decepcionante. Q tirou 1590 — só perdeu dez pontos, mas isso o irritou profundamente.

— Você não pode faltar na aula pra estudar pra prova — Q diz.

— Acho que acabei de fazer isso — Joy diz.

— Ela é maluca mesmo — Q diz.

Rimos, mas paro logo. Porque consigo visualizar Brit na sala de aula, olhando para minha cadeira vazia, sem ter ideia da noite pela qual acabei de passar. Por minha causa. Porque não lhe dei acesso.

Mas, na verdade, não são *meus pais* que não lhe dão acesso?

Olho para nós cinco de novo, caminhando pelo ar fresco e úmido. Parecemos felizes, leves e abertos a todas as possibilidades que o mundo tem a oferecer. Como é possível mamãe-e-papai verem Brit como branca e nada mais? Como isso é possível, agora que o mundo nos mostrou que somos todos humanos, mortais, frágeis?

Eles veem Joy como a garota ideal, o que ela na verdade não é. Veem Q como um colega de escola, quando na verdade ele é meu irmão. Mas como me veem?

E quem são mamãe-e-papai, de verdade? O que eu vejo — o pouco que consigo ver — não pode ser tudo. Há coisas mais profundas que nem posso imaginar. Provavelmente nunca poderei.

Me dou conta de que há apenas umas poucas pessoas que eu conheço de verdade, e que me conhecem de verdade também. Q é uma. Depois desta noite, Joy se tornou oficialmente outra. Conheço Brit, mas ela não conheceu o “eu” de ontem à noite. E a culpa é minha.

A manhã de repente sofre uma guinada, parecendo seca, quente e cegante.

— Acho que vou pra escola — digo. — Depois de deixar meus pais em casa.

— Não, vamos pra Loja — meu pai diz.

— Você é maluco.

— Freguês esperando — minha mãe diz. — E polícia vai hoje. Eles tiram foto e testemunho pra relatório.

— Vocês podem tirar um dia de folga, sabiam? — digo. — Só uns diazinhos de folga depois de levar um tiro no peito não teria problema.

Q leva a mão ao meu braço.

— Ei. Deixa eles irem, esquece isso. Vai fazer suas coisas.

— Eu sempre falo isso! — Joy diz.

Joy bate com tanta força na palma de Q que ele acaricia a mão em seguida.

Minha mãe leva meu pai para a Loja, para meu interminável espanto. Q dirige o QL5 do meu pai. Deixamos Joy na casa dela e depois vamos para o colégio Palomino, lar dos Conquistadores.

Chegamos na hora do almoço. Mal sei que horas são e nem estou com fome, mas vou para o refeitório mesmo assim.

— É melhor a gente se separar — digo.

Q considera isso por um momento, depois diz, compreendendo:

— Bem pensado.

Ele sabe que, se Brit nos vir juntos, vai saber que algo aconteceu ontem à noite. E não quero que descubra assim. Não decidi vir para a escola hoje para manter meu registro de frequência impecável, mas para conversar com ela. Do jeito digno. Em pessoa.

Mas é tarde demais. Porque aqui está ela.

— Onde vocês estavam? — Brit pergunta.

— Hum — digo.

— Vou no banheiro — Q diz, e desaparece, como o ninja mais desajeitado do mundo.

— Você está com cara de quem não dormiu — Brit diz, olhando meu rosto. — Seu carro quebrou ou coisa do tipo? Isso é graxa?

Achei que tinha tirado todas as assinaturas, mas parece que sobraram algumas marcas nos cantos. Não tem como explicar meu rosto direito. É meio que uma piada interna. Então dou risada.

— São assinaturas.

— Assinaturas — Brit diz. — No seu rosto.

— Tive uma noite muito louca. Vamos lá na estufa.

— Tá — Brit diz, confusa. — Vamos pra estufa, então.

Enquanto caminhamos, eu a puxo para perto para que possa sentir seus quadris se movimentando com os meus a cada passo. Sorrio. Bocejo, então bocejo de novo, depois lembro que faço isso quando estou nervoso. Sinto os olhos de Brit em mim.

— O que aconteceu? — ela sussurra.

— Te conto em um segundo.

Viramos em um corredor deserto, seguimos para fora e nos sentamos atrás da estufa, como sempre. Brit enfia a mão debaixo da minha camiseta e me beija.

— Você está com um hálito péssimo — ela diz.

— Comi salgadinho — digo. — Desculpa.

— Não, não tem problema. — Ela me beija de novo.

— Oi — digo.

— Agora me diz o que aconteceu ontem à noite, antes que eu comece a me preocupar — Brit diz.

Solto ar devagar.

— Tá. Então. Meu pai levou um tiro. Não, não, não, olha. Ele está bem. Passei a noite no hospital.

Brit recua um passo e me olha incrédula.

Prossigo.

— A equipe do hospital era muito legal. Todo mundo assinou meu rosto enquanto eu dormia.

Não menciono que a ideia da brincadeira foi de Joy. Também deixo Q de fora da história. Me sinto mal ao fazer isso.

Brit fica ali sentada, em silêncio, absorvendo a informação.

Engulo a saliva que azedou.

— Desculpa por não ter ligado. Foi uma noite muito louca. Era tarde. E eu estava pirando.

Ela se vira um grau no banco frágil, na direção oposta a mim. Minhas orelhas começam a latejar. Brit não precisa dizer nada. Posso ver em seus olhos, que se tornam monótonos com a melancolia crescente. *Você não me ligou.*

— Eu te amo — ela diz para as florzinhas à sua frente. — Você me ama?

Me sobressalto.

— Claro que sim.

— Então pode dizer com todas as letras?

— Eu te amo, Brit Means.

Assim que as palavras deixam meus lábios, ela agarra meu braço.

— Então me ajuda a entender. Eu divido tudo com meus pais. Eles dividem tudo comigo. Meu pai me mandou uma mensagem durante a aula sobre um sanduíche novo que descobriu, por exemplo. — Ela ri ao pensar naquilo. — Talvez seja diferente com a sua família.

Pode ter certeza que é diferente, quero dizer. Mal falamos a mesma língua. Literalmente. Tem ideia da sorte que é uma família em que todo mundo é fluente na mesma língua?

Em vez disso, digo:

— Desculpa, eu devia ter ligado.

Brit não parece me ouvir.

— Quando a gente ama alguém, quer compartilhar tudo com a pessoa.

Brit é fluente na linguagem do coração aberto, e me dou conta de que não sou.

Deveria explicar isso a ela, mas é tudo tão cansativo e complicado, e a fadiga parece ter paralisado meu cérebro. Então digo “eu te amo” de novo e de novo, usando a expressão como se fosse um tampão, porque é muito mais fácil amar Brit atrás da estufa, onde ninguém no mundo pode nos ver.

ovelha negra negra

— Se você assar biscoitos em forma de quadrados, triângulos e círculos, e tiver seis cores de cobertura, quantas combinações diferentes e...

— Dezoito — Q diz.

— Meu Deus, me deixa terminar a pergunta.

As aulas já acabaram. Estamos no quarto dele.

Q boceja.

— Acho que estamos prontos pra amanhã.

Ele está falando do segundo dia de prova. Não temos mais aula pelo resto do dia. Então ou vamos comemorar, ou nos esconder na cama temendo as duas semanas de espera até receber os resultados.

— Ei, internet, diminui a luz — Q diz para ninguém.

— Diminuindo a luz — diz a voz que sai do alto-falante. E as luzes do teto de fato se abrandam.

Q pega o controle do videogame. Ele boceja de novo e de novo.

— Não consigo nem reunir forças para jogar — Q murmura, então solta o controle e deita de costas, com um braço sobre os olhos.

— Viver é sofrer — digo.

Ele ignora meu comentário.

— Como foi a conversa com Brit?

— Boa — digo.

— Mas?

— Não tem “mas”.

— Sempre tem um “mas”.

Suspiro, então deito com o braço sobre os olhos também. Ficamos assim, ambos deitados com o braço cobrindo os olhos.

— Ela ficou claramente chateada, então eu pedi desculpas e prometi que seria mais aberto.

— Espera aí. Como?

— Não sei. Vou descobrir.

— Transformando Brit em coreana?

— Isso soou racista. Você está sendo racista?

— Os racistas são seus pais. E não vão mudar no futuro próximo.

Já sei de tudo isso. Não tenho nada a dizer, então só pressiono os olhos com o braço até as manchas verdes e pretas começarem a girar.

— Olha — Q diz, com mais delicadeza agora. — Não fica bravo. Mas você precisa se preparar pra possibilidade iminente de ter que contar a Brit a terrível verdade sobre o que você fez.

— Obrigado por me apoiar.

— Estou te apoiando. De verdade.

— Não está parecendo.

— Olha... — Q tenta levantar meu braço, e eu tento segurar. Quando ele solta, acabo acertando meu rosto. Isso se repete de novo e de novo.

— Está gostando de bater em si mesmo? — ele pergunta.

— Gyahguahghghah — digo, finalmente sentando e dando tapas no ar.

— Por que não posso sair com Brit e me divertir como um adolescente normal? Por que ninguém me deixa em paz?

Q junta as mãos pelas pontas dos dedos.

— Porque, quanto mais você ficar com Brit, mais vai acabar magoando a garota. Você está acumulando uma dívida emocional que vai ter que pagar depois. Então é melhor contar o quanto antes.

Levo as mãos aos joelhos. Ele está certo. Foda-se, Q, por estar tão certo. Não sei como dizer a Brit que ela está prestes a colidir com o muro constituído por mamãe-e-papai. A ideia me aterroriza. A ideia do que poderia acontecer depois me aterroriza.

— Mas eu gosto dela — digo.

— Então vai ter que decidir o quanto está disposto a brigar com seus pais por ela.

— Mas tenho medo de briga.

Q abre as mãos. *Essa é a questão.*

Não preciso mencionar Hanna. Q já sabe.

— Seus pais só querem que você namore garotas negras? — pergunto.

— Pra que eu continue negro puro?

Dou risada. Já rimos antes da noção de negro puro. Tem tantos tipos de negro. Negro nerd, negro artista, negro às antigas, supernegro (ver também: supercoreano). *Negro* significa um milhão de coisas.

— É engraçado ouvir você se chamando de negro.

— Mas é o que eu sou — Q diz apenas. — Negro.

— Achei que você odiasse essa coisa toda de negros e brancos.

— É uma dicotomia falsa. Branco é uma construção artificial.

— Amém — digo.

— Negro é uma construção artificial.

— Total.

— Mas o fato é: enquanto brancos filhos da puta continuarem se chamando de brancos, não tenho escolha a não ser me considerar negro. Porque eles vão me chamar de negro eu querendo ou não. E vão te chamar de asiático você querendo ou não. Então é melhor a gente se apropriar disso.

Estamos entrando em território estranho e sensível. Q e eu falamos sobre raça milhões de vezes, mas em geral para tirar sarro de um conceito abstrato, intelectual. Nunca entramos de fato na questão pessoal, até agora.

— Então você *não* odeia chamar a si mesmo de negro — digo, com cuidado.

— Negro pode ser o que quer que a pessoa queira que seja. Era o que meus pais me diziam quando eu era pequeno.

Imagino Q tendo conversas sinceras sobre raça com seus pais quando era pequeno. Conversas que nunca tive com mamãe-e-papai.

— Então imagino que eles não se importam com quem você sai.

— Não.

— Nem que seja Amelie.

— Boa tentativa — Q diz.

— Ou Naima.

— Já te disse — Q afirma, sem se dar ao trabalho de abrir os olhos. — Ela gosta de outra pessoa, então está fora de questão.

— Mas posso te ajudar a dar uma de Cyrano de Bergerac pra que role alguma coisa antes do verão.

Q levanta os braços e me olha.

— Acho que deveríamos focar em resolver seu problema antes de passar pro meu.

Isso me cala. Percebo o que estou fazendo. Só quero ser mais relaxado, como nos filmes adolescentes em que todos os garotos (todos os garotos brancos) se envolvem em seus joguinhos de adivinhação, vivem seus dramas amorosos e se deitam em gramados iluminados pelo luar para ficar olhando as estrelas. Para conjecturas sobre coisas mais grandiosas: o universo, o destino, a filosofia. Não coisas absurdas, como o racismo de seus pais.

— Gostaria que coreano pudesse ser o que eu quisesse que fosse — digo. — Mas é o oposto. Coreano é uma coisa só, e nada mais.

— Supercoreano — Q diz.

— Exatamente — concordo. — Sabia que tem uns coreanos que acreditam de verdade que se trata de uma raça separada, com origem única? Não se trata de ricos contra pobres, fracos contra fortes. Para esses idiotas estamos falando de coreanos contra humanos.

Q se acomoda na outra ponta do sofá e faz cócegas no meu sovaco com os dedos do pé.

— A Coreia é um dos países mais homogêneos no mundo, meu chapa. Desculpa, mas essa foi a mão que você recebeu no baralho da vida.

— Eu poderia começar um serviço de música bem-sucedido que valesse bilhões de dólares, e para esses idiotas ainda seria coreano antes de tudo.

— Um homem pode ser presidente dos Estados Unidos, mas para esses idiotas ele é antes de tudo negro. Todo o resto é superado por isso.

— Meio que gostaria de ser branco agora. Sem a parte de ser branco de verdade.

— Gente branca pode ser o que quiser e ser branca por último, não antes de tudo.

— Por outro lado: crimes de guerra demais.

— Verdade — concorda Q.

— Só sei que nunca vou ser coreano direito. Entende o que eu digo?

— Minha família e eu — Q murmura — ouvimos merda o tempo todo por cometer o crime de sermos nós mesmos. Nossos parentes de Washington não acham que somos negros o bastante. Tivemos que ouvir uma porrada de coisa quando mudamos de Baldwin Hills, negra, pra Playa Mesa, branca, por causa do trabalho do meu pai. Na última reunião de

família, meu tio zombou do meu sotaque e disse que ia ter que pegar de volta minha “carteirinha de negro” porque eu não sabia o que era “pular a vassoura”.

Q levantou os braços para fazer as aspas duas vezes, só com os dedos do meio. Ele chama isso de “aspas do foda-se”.

Q tem suas próprias reuniões? E são tão irritantes quanto as minhas?

Hum.

— Os Lee da Costa Oeste sempre foram a ovelha negra da família — Q diz. — A ovelha negra negra. Então, sim, sei do que está falando.

— Ei, internet, o que são negros? — falo para ninguém.

— Haha — diz Q.

Sinto meus dedos do pé sendo apertados, um a um.

— Você está apertando meus dedos? — pergunto.

— Uhum — Q diz.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

Depois de terminar, Q continua.

— Você é uma ovelha negra coreana. Seus pais também. Eles deixaram a Coreia, afinal de contas. Somos todos Limbos em algum nível.

— Provavelmente — digo. — Com exceção de Kyung Hee.

— Quem é Kyung Hee?

— Irmã da Ella Chang. Vai se casar esse fim de semana.

— Espera aí — Q diz. — Seu pai não vai tentar ir ao casamento do jeito que está, né?

Suspiro.

— Vai, ainda que não devesse mesmo. É uma coisa idiota de orgulho.

— Isso parece supercoreano.

— Você devia ver o noivo. Ele é coreano, de verdade. Kyung Hee quase chega a isso também. É fluente em coreano, mora no bairro coreano. Nem usa mais o nome americano.

Q solta um suspiro sonolento.

— Então ela escolheu sua tribo.

— É, ela escolheu sua tribo.

— Bom para Kyung Hee. Ei, internet, o que são coreanos?

— Deve ser simples pra ela. Escolheu ser coreana. Sem essa bobagem de americana com ascendência coreana. Você é o que, Kyung Hee? *Sou*

coreana, Frank. Ponto final. Entendo isso. Só não consigo tomar uma decisão, por algum motivo, sabe?

Q só respira devagar.

— Você dormiu enquanto eu falava?

— Não — Q diz, sonolento, como se estivesse sonhando que era atacado por monstros do esgoto.

— Não durma enquanto estou falando — digo.

Mas ele não responde. Sua respiração preenche o quarto como uma máquina de ruído branco. Logo fecho os olhos também. Descansamos muito pouco no hospital ontem à noite. Dormimos como dois garotos numa canoa à deriva.

Tenho um sonho vívido e maluco. Estou caminhando em uma floresta pulsante de árvores pretas e úmidas, enfeitadas com luzinhas vermelhas. Brit me acompanha. Ela usa um vestido amarelo futurista que brilha no escuro, e estou com medo de que o suje por conta das árvores. Sei que os ramos são o interior dos pulmões do meu pai. Sei que o chão esponjoso sobre o qual andamos é o tecido de seu diafragma, que sobe lentamente.

A coisa toda poderia ser muito esquisita. Mas é linda, de um jeito nojento. Brit está tão maravilhada quanto eu. Com sua mão na minha, consegue ler minha mente bem o bastante para saber que estou pensando: *Dá só uma olhada naquilo ali.* Nós dois nos maravilhamos com a luz verde da lua cheia. Mas não é a lua. É um buraco calibre vinte e dois que deixa a luz do mundo exterior entrar.

Quando a lua se apaga, sei que é por causa do olho enorme que se aproximou para nos espiar pelo buraco. Solto Brit e aceno com os dois braços em meio à constelação de estrelas vermelho-sangue adornando cada canto escuro. Os olhos são de Joy — sei disso —, e aposto que ela consegue me ver ali embaixo.

Aceno e aceno, grito e grito.

— Joy! Joy!

ei, internet, o que são

— Ei, internet, o que são negros?

Eis o que encontrei: a definição de negro varia a cada país. Nos Estados Unidos, pessoas classificadas como negras são definidas como tendo raízes na África Subsaariana, e em geral são associadas a tons mais escuros de pele. O termo negro tem muitos significados e conotações, vários deles controversos e ainda tema de debate. O artigo completo tem 13 881 palavras. Quer que eu prossiga?

— Ei, internet, o que são brancos?

Eis o que encontrei: a definição de branco varia a cada país. Nos Estados Unidos, o termo branco está sempre mudando. A categoria que antes só incluía ingleses e escandinavos se expandiu para incluir alguns povos que antes não eram considerados brancos, como alemães, gregos, iranianos, irlandeses, italianos, judeus e hispânicos de pele branca. O artigo completo tem 13 752 palavras. Quer que eu prossiga?

— Ei, internet, o que são asiáticos?

Eis o que encontrei: a definição de asiático varia a cada país. Nos Estados Unidos, são consideradas asiáticas as pessoas originárias de países do sudeste asiático, como Camboja, China, Japão, Coreia, Malásia, Tailândia, Vietnã etc. Até a década de 1980, Índia e Paquistão não eram considerados países asiáticos. Apesar de serem tecnicamente parte do continente asiático, países como Armênia, Geórgia, Chechênia e Turquia não são considerados asiáticos. O artigo completo tem 6390 palavras. Quer que eu prossiga?

— Ei, internet, o que são coreanos?

Eis o que encontrei: coreanos são originários das Coreias do Sul ou do Norte. Há 7,4 milhões de coreanos expatriados, morando principalmente nos seguintes países: Estados Unidos, Vietnã, China, Japão, Filipinas, Rússia, Uzbequistão, Austrália e Canadá. O crânio dos antigos coreanos era mais parecido com o de cazaques e mongóis do que com o de chineses e japoneses. Embora a maior parte dos coreanos acredite compartilhar um único ancestral comum, pesquisas recentes sugerem que isso seja um mito originado pela manipulação comum de registros genealógicos. O artigo completo tem 7016 palavras. Quer que eu prossiga?

20

nascido preso

9. Cada geração tem desafios que deve enfrentar em seus próprios termos. Portanto, a humanidade está _____ a repetir seus erros, ainda que evolua lentamente.

- A) agraciada
- B) afeita
- C) repugnada
- D) dignada
- E) fadada

20. A evolução é menos _____ que _____.

- A) uma linha/ um rabisco
- B) uma competição/ uma luta
- C) uma afirmação/ uma questão
- D) uma marcha/ um passeio
- E) uma decisão/ uma reação

Quando saio da sala da prova (mais conhecida como laboratório de química) para encontrar os TAS na árvore-elefante, noto que todos estão como eu: só sorrisos.

— Toca aqui? — grito.

— Toca aqui! — grita Q.

Todos tentamos bater as mãos no alto, mas o resultado é uma confusão que termina em alguns tapas na cara. O que não é nenhuma surpresa, como os nerds que somos.

— Chupa, vestibular! — digo.

— Essa porra foi moleza pra caralho, filho da puta! — Q diz.

Todos ficamos surpresos com a explosão de palavrões.

Q dá de ombros.

— O que eu quis dizer foi que dessa vez estava mais fácil.

— Mamão com açúcar — alguém diz. Brit, que se junta ao grupo. Ela está usando uma camiseta que diz QUEM LAVA A LAVA-ROUPA?, outra das minhas preferidas. Eu a abraço. No espírito de tentar ser mais aberto, beijo Brit na frente de todo mundo.

— Vão pro quarto — Naima diz.

— É, por favor — Paul diz.

Brit continua pendurada no meu ombro. Ela o aperta. Pequeno Buda do filme de 1993 com Keanu Reeves, Brit Means gosta dos meus ombros.

— Mas estranhei aquela sobre evolução — ela diz. — *Evolução é menos uma linha que um rabisco.*

— Respondi “marcha” e “passeio” — Q diz.

— Respondi “decisão” e “reação” — Amelie diz.

— Acho que era uma pegadinha — digo.

— Que alternativa você escolheu? — Brit pergunta.

Ela pisca dramaticamente. Está curtindo o barato pós-exame. Todos estamos. Todos achamos que tiramos pelo menos 1400, o que dá 95% de aproveitamento. Todos achamos que mais do que compensamos o fracasso daquele primeiro dia.

— “Competição” e “luta” — digo. — Porque “competição” implica igualdade de condições. E não tem isso na evolução. As criaturas ficam presas a como nasceram. Algumas são grandes, fortes e rápidas. Outras são pequenas demais, ou lentas demais. Não há nada que possam fazer para melhorar a mão que receberam. A evolução não é uma competição. É uma roleta russa mortal e arbitrária.

Todos ficam olhando pra mim, boquiabertos.

Bato palmas para espantar o clima pesado que acabei de instalar.

— Então! Como cada um vai comemorar? Paul, você começa, depois continuamos em sentido horário.

Paul:

— Vamos jogar *Pax Eterna*!

Q:

— Isso aí, *Pax Externa*. Nos vemos lá!

Eles dão uma batida de mão. *Pax Eterna* é um novo jogo on-line em que... sei lá.

Amelie:

— Talvez ir ao Boba Castle?

Paul:

— Boa! Vamos no meu carro.

Naima:

— Posso ir também? Não sei dirigir. Haha!

Brit:

— Vou ficar com meu amor.

Eu:

— Onde?

— Tanto faz, não me importo — Brit cantarola.

— Levamos uma surra no primeiro round — Paul Olmo diz. — Mas demos o troco no segundo. Agora vamos encerrar com uma salva de palmas.

Todos obedecemos, mas lentamente a princípio, como se as palmas fossem uma chuva pesada que acelera e se transforma em um tufão tropical.

— *Isang bagsak!* — Paul Olmo diz, e todos damos uma última batida de palmas em uníssono para encerrar a tempestade.

E aí?, escrevo. Como foi a prova?

Detonei, Joy responde. Enganei a morte. E você?

Também. Tô bem empolgado. Hoje o vestibular morre para que a gente possa continuar a viver.

Na faculdade!, Joy escreve.

Dou risada e guardo o celular, porque Brit está chegando. Ela senta no muro baixo onde estou e dá três beijinhos no meu pescoço.

— Qual é a graça? — Brit pergunta.

— Faz cócegas — digo. Mas na verdade ainda estou rindo de Joy.

Eu e Brit esperamos que o pai dela venha nos buscar. Brit tentou dizer que não havia necessidade, que íamos passar o resto do dia juntos, mas aí ele já estava a caminho, e aparentemente é o único ser no planeta que é disciplinado o bastante para não olhar o celular enquanto dirige.

Percebo que estou com fome. Abro a mochila e desembulho uma massa circular envolta em papel-manteiga. Ofereço a Brit.

— O que é? — ela pergunta.

— Marzipã caseiro. Alguém levou um monte pro meu pai na Loja ontem.

Dou uma mordida, e Brit se aproxima para ver o que acho.

— Do que é feito? — ela pergunta.

— Não tenho ideia — digo. — Só come, não pensa.

Desembrulho outro pra ela, que dá uma mordida, depois outra, e mais outra, até que acaba.

Pouco depois, Brit diz:

— Como está seu pai?

Sinto uma pontada — curta e aguda, mas seu efeito em meu peito demora um pouco para passar. Brit nota, claro. Ela encosta a coxa na minha para que eu saiba: *Já faz tempo que te perdoei. Estamos bem.* Eu relaxo. Linguagem corporal é coisa séria.

— Tudo bem — digo, pegando outro pedaço de marzipã. Trouxe doze.

— Está de volta ao trabalho, acredita? Mas fica sentado em um banquinho estofado, o que é impressionante.

— Quanto mimo — Brit diz.

Rimos por alguns segundos e ficamos balançando as pernas. Me pego sorrindo com tristeza. Fico pensando: *Meu pai não deveria fazer o que ama, em vez de passar o dia todo na Loja?* Então penso: *Mas o que é que ele ama? O cara não tem hobbies. Não tem amigos. E se a Loja for tudo?*

— Ele é um cara estranho — é tudo o que consigo dizer.

— Seu pai só fala uma língua diferente da sua — Brit diz. Ela desembulha outro pedaço de marzipã. Que fique registrado que Brit Means gosta de marzipã. — E não estou falando de coreano e inglês.

— Você acha que fala uma língua diferente dos seus pais?

— Acho que todo mundo fala uma língua diferente das outras pessoas.

— Brit sorri. — A não ser por nós dois.

— Até terminamos as frases um do...

— Quê? — brinca Brit.

— Vem aqui.

Eu a beijo.

— Espera, ainda estou comendo. — Brit engole o marzipã e volta a me beijar. Nossas pernas param de se mexer. Tudo fica suspenso. Vale a pena viver por essa sensação.

Quando abro os olhos, vejo alguém nos olhando de longe. É Joy. Ela revira os olhos e mostra a língua, depois some. Dou risada.

— O que foi? — Brit pergunta.

— Nada — digo. — Essa camiseta é engraçada.

— Eu te amo — Brit sussurra.

— Também te amo — digo.

Noto que deixei o pronome de fora — não disse “eu também te amo” —, mas me corrigir agora seria estranho, então deixo pra lá.

— Fiquei com a impressão de que você queria falar mais sobre aquela pergunta da prova sobre a evolução — Brit Means diz, com aquela sua voz intimista e sussurrada. — Mas se seguiu. Por quê? Quero saber o que está pensando.

Tá.

— É só que... — começo. — Sendo quem sou... com toda a coisa coreana e americana...

Brit aperta meu braço e espera.

A princípio, não sei dizer por que é tão difícil pra mim. Mas estou mentindo pra mim mesmo. Sei exatamente por que é difícil pra mim. Porque no fim dessa conversa está o reconhecimento de que há uma diferença fundamental entre mim e Brit — uma diferença existencial — e não consigo admitir essa diferença. Brit, por mais sábia, atenta e consciente que seja, pertence a uma maioria branca, querendo ou não, com todos os privilégios que advêm disso, também querendo ou não.

— Sinto como se não pertencesse a lugar nenhum, e todo dia é como se eu vivesse exilado num planetinha esquisito só meu — digo, de uma vez só. É impossível falar sobre isso. Mas me forço a continuar. — Não sou coreano o bastante. E não sou branco o bastante para ser totalmente americano.

Enquanto penso no que mais dizer, Brit fala.

— Meu pai disse que você era um garoto genuinamente americano. Ele disse que ficou óbvio no momento em que te conheceu. Meu pai gosta muito de você.

Óbvio? Mesmo? Porque pra maioria das pessoas, “genuinamente americano” significa...

— Para a maioria das pessoas, “genuinamente americano” significa “branco” — Brit diz.

Olho nos olhos dela e vejo infinitos reflexos de nós dois. De repente, sinto que adentramos território novo. Brit e eu estamos começando a falar de coisas difíceis. É um passo na direção da verdade mais dura de todas: *meus pais são racistas*.

— Amo meu pai — ela diz. — Mas às vezes ele é cheio de papo-furado progressista. Não duvido que te veja como um garoto genuinamente americano. Mas sei que, se não fosse por mim, vendo você por si só e nada mais, provavelmente não ocorreria a ele te chamar de “genuinamente americano”. Assim como não ocorreria a ele pensar em si mesmo como nada além de branco.

A menção a “nada mais” me deixa imaginando o que exatamente sou, mas afasto a ideia. Porque Brit me vê. De verdade. O que é algo raro.

Um carro se aproxima.

— E aqui está ele — Brit diz.

— Com sua mãe — digo, apertando os olhos.

O carro parece ter sido algum tipo de veículo militar, agora pintado de azul-celeste com nuvens brancas. Os pais de Brit estão sentados na frente, com roupas que poderiam facilmente ser usadas num safári.

— Hora de embarcar — a mãe diz.

— Na verdade — Brit começa —, Frank e eu íamos...

— Estamos tentando ser espontâneos — o pai de Brit diz. — E vamos pagar um almoço pra vocês dois em comemoração.

— Não posso recusar comida grátis — digo.

Abrimos uma porta que parece uma escotilha, e Brit me empurra pela bunda para dentro.

O plano espontâneo é ir até Mocha-Dick, na área de shoppings e restaurantes do píer de Playa Embarcadero. Quando chegamos lá, no entanto, o lugar não existe.

— Costumava ficar bem aqui — o pai de Brit diz, sem entender.

O Mocha-Dick, inspirado no artigo que inspirou *Moby Dick*, romance seminal de Melville, era uma espécie de instituição desde que o píer de Playa Embarcadero fora construído. Mas sua placa — em formato de uma baleia irrompendo entre duas grandes ondas no oceano — agora exibe o nome YOUNG DONG, seguido de SALSICHAS COREANAS.

— Acho que podemos experimentar as salsichas coreanas então, devem ser gostosas — diz a mãe de Brit, sem nenhuma consciência da piada pronta que acabou de falar.

— Ah, meu Deus — Brit diz, sem fôlego.

— Inspira fundo pelo nariz e solta o ar devagar pela boca — digo, e de repente gostaria que Joy estivesse aqui para ver. Tiro uma foto da placa pra mostrar depois.

Somos recebidos no restaurante por um robusto *Eoseo osipsio*, que significa “bem-vindos”, mas bem alto. Pegamos uma mesa ótima na janela que vai do chão ao teto e dá para uma doca cheia de focas tomando banho de sol, um porto repleto de barcos e o mar aberto.

— Como está seu pai? — a mãe de Brit pergunta.

— Ocupado na Loja, como sempre — digo, com uma risada. — Acho que está se recuperando bem.

— Acho a ética de trabalho deles admirável — o pai de Brit diz.

Só posso dar de ombros. A ética de trabalho de mamãe-e-papai não me parece muito especial. O que provavelmente faz de mim um moleque americano mimado que não sabe a moleza da vida que tem.

Mas não era isso que mamãe-e-papai queriam?

— O mais estranho — digo, para ninguém — é que ele parece *mais feliz* desde que levou o tiro.

A mãe de Brit assente com veemência.

— Acho que faz sentido, ainda que pareça estranho. Quando o mundo vira de cabeça pra baixo, a gente fica grato pelo que permanece no lugar. O trauma do seu pai pode ter sido esclarecedor nesse sentido.

Imagino que a mãe de Brit tenha interesse em psicologia — os pais dela são inteligentes o bastante para ter qualquer hobby. Queria que ela pudesse se fechar com meu pai em uma sala de interrogatório. Talvez conseguisse solucionar o enigma que ele é.

O pai de Brit abre o cardápio, dá uma folheada e o larga. Então vira pra mim. E lá vem:

— Talvez seja mais fácil você pedir pra gente, Frank.

Sorrio, mas por dentro fico irritado. Apesar do sobrenome de origem britânica, o pai de Brit não seria capaz de explicar todos os pratos de um restaurante irlandês, por exemplo. E o mais importante: ninguém esperaria isso dele. Só se espera que o pai de Brit seja uma coisa: o bom e velho americano genérico.

Não estou criticando o pai de Brit nem nada do tipo. Só estou dizendo que deve ser legal para ele.

Porque ainda esperam que eu seja especialista em tudo o que é coreano, sabendo alguma coisa a respeito ou não. Em outras palavras, ainda esperam que eu seja coreano em primeiro lugar, e um bom e velho americano genérico em segundo. É sempre essa maldita história.

Não posso dizer nada disso em voz alta, porque estou almoçando com os pais de Brit, e quero manter as coisas leves e agradáveis. Então:

Oi, sou o Frank. Vou ser o seu guia culinário coreano no almoço de hoje.

O garçom traz copinhos de chá de cevada, em vez de água.

O pai de Brit pega os óculos de leitura.

— O que estamos bebendo aqui?

— Hum — começo. — É chá gelado. Chama, hum, *boricha*.

— *Boricha* — os pais de Brit repetem, impressionados.

— Ah, tem um gosto tostado muito bom — a mãe de Brit diz.

Entrego os pesados cardápios ao garçom.

— Vamos querer três *kalbi*, um *mul naengmyeon* pra mim e um *pajeon* de lula de entrada.

O garçom grita:

— *Kalbi segae mul naengmyeon hana haemul pajeon hana!*

— *Yeh!* — grita o pessoal da cozinha de volta.

A comida chega em uma velocidade impressionante. Primeiro, todos os *banchan*: pratinhos de espinafre, anchova assada, salada de batata, geleia apimentada e tudo mais.

— Ah, meu Deus — a mãe de Brit diz. — Você vai ter que explicar tudo isso, Frank. Infelizmente somos um pouco...

— Brancos demais — o pai de Brit diz.

— Pai — Brit diz, com a mesma voz que uso com mamãe-e-papai. Na minha mente, consigo ouvi-la dizer: *Somos americanos de ascendência europeia.*

Me esforço para manter as coisas leves e agradáveis.

— Então, hum, tá — digo. — Isso é espinafre. Isso é *kimchi*. Vocês sabem o que é. Isso também, mas de pepino. E isso, mas de rabanete.

— Posso perguntar do que é feito isso aqui? — a mãe de Brit diz, apontando para a geleia.

— Mãe — Brit diz. — Vamos só comer, tá?

Fico olhando para a geleia, à procura de respostas. Amo essa geleia. Mas não tenho ideia do que é feita.

— Hum — digo. — De algum tipo de castanha?

— Ah, está vindo uma tigela de alguma coisa interessante — a mãe de Brit diz.

É o *mul naengmyeon*, uma tigela metálica de uma sopa gelada com macarrão acompanhada por uma garrafa de vinagre e um vidro de mostarda. Tem até gelo moído boiando nela, como eu gosto. O garçom pega a tesoura para cortar os fios compridos de macarrão em pedaços menores.

— Isso é bem diferente — o pai de Brit diz. — Que macarrão é esse?

Reviro o cérebro. Finalmente, encontro a resposta:

— De trigo-sarraceno!

— E o caldo, do que é? — pergunta a mãe de Brit.

Volto a revirar o cérebro.

— Não sei.

Dou risada, mas sinto que estou falhando enquanto guia.

Olho para Brit, que encara os pais com um sorriso firme.

— Menos perguntas, mais mastigação, por favor — ela diz.

O pai de Brit congela, de repente aterrorizado com a possibilidade de ter me ofendido.

— É só que isso tudo é novo para nós. E somos muito curiosos — ele diz.

— Talvez um pouco curiosos demais — a mãe de Brit diz, com uma risada. — Desculpa se te deixamos sem graça.

Tudo isso faz sentido. O que é novo para eles é familiar para mim. Mas não posso evitar imaginar: se eu fosse comer em um restaurante filipino com Paul Olmo, sem saber nada desse tipo de comida, faria tantas perguntas?

Faria?

— Pai, você adora queijo, não é? — Brit pergunta.

— Adoro — ele responde.

— E é um quarto francês, certo? — Brit pergunta.

— É o que dizem.

— Você sabe todos os detalhes sobre o que faz um bom *chèvre*?

— O que está dizendo é: então por que Frank deveria saber todos os detalhes sobre tudo isso? — o pai de Brit diz. — Entendi. E você está certa, certíssima. — Ele aperta a mão da filha. Então, surpreendentemente, aperta a minha também. Então assente com um olhar melancólico que diz: *Aprendi algo hoje.*

As pessoas que se permitem aprender são as melhores.

— Brit está certa — a mãe dela diz. — O pai dela não sabe nada sobre queijo além de enfiar na boca e comer. — Ela ilumina a mesa com sua risada alegre.

Me junto a ela.

— Não tenho a menor ideia de que cara tem trigo-sarraceno, muito menos de como se faz macarrão com isso. Só sei que é gostoso.

Assim que digo isso, me dou conta de que descobri qual é a questão. Não se trata de ter que servir de guia culinário. Não se trata de encher Paul Olmo de perguntas. A questão é poder dizer: “Não tenho ideia”. Sem precisar me desculpar. Com confiança até. A mesma confiança que o pai de Brit teria diante de uma tábua cheia de queijos não identificados.

Me dou conta de que “Não tenho ideia” é uma grande parte de quem sou.

Comemos muito, então comemos mais e nos reclinamos nas cadeiras. O pai de Brit paga a conta.

— Isso é pelas boas notas e pela entrada na faculdade — ele diz.

Na saída do restaurante, sinto os olhos dos funcionários da cozinha em mim. Eles estavam ouvindo a nossa conversa? Também esperavam que eu soubesse tudo?

Tanto faz, penso, e sorrio.

Do lado de fora, eu e Brit encontramos um lugar para sentar enquanto os pais dela compram boias de vidro antigas, miniaturas de faróis, luvas em forma de patas de lagostas e coisas do tipo.

— Desculpa pelo interrogatório — Brit diz. — Meus pais podem ser bem ignorantes às vezes. Eu precisava te salvar.

Toco o queixo dela.

— Tudo bem. Já me fizeram perguntas antes. Não precisava me salvar.

— Está me dizendo que não preciso salvar o garoto de quem gosto. Quando faria isso por mim.

Penso por um momento.

— Faria mesmo. É verdade.

Vamos supor que ela estivesse presa a uma conversa com um cara machista ignorante. É claro que eu ia defendê-la.

Então por que nunca defendi Q?

Franzo a testa. Por que não repreendi meus pais toda vez que desfiaram suas teorias racistas contra negros, apoiadas por suas estatísticas inventadas?

Porque meus pais são a mão que recebi, a mão com a qual estou preso. Gostaria de poder dizer alguma coisa. Em favor de Q e de mim mesmo. Mamãe-e-papai nunca vão enxergar meu verdadeiro eu se mantiver o que penso escondido. Mas tenho medo de repreendê-los, pra ser totalmente sincero. Porque um jovem tem que pertencer a algum lugar. E se você repreender seus pais e eles fecharem a porta na sua cara em resposta?

— Quanto mais velha fico — Brit diz —, mais minha tolerância com esse tipo de bobageira fica por um fio.

— Faz sentido — digo. Mas não faz, não muito. Tem algo que eu quero dizer, mas não parece apropriado no momento. Não sei se um dia vai ser.

Eis o que quero dizer, mas não consigo encontrar um espaço: se a tolerância de Brit está por um fio, a minha é como um manto grosso. Porque, diferente do que acontece com ela, a bobageira dos meus pais é uma parte central da minha vida. A bobageira dos meus pais tem o poder de decidir cada hora de cada dia, agora e no futuro.

A bobageira que Brit tem que aguentar, no entanto, é pouca. Ela sempre vai poder namorar quem quiser, estudar o que quiser, fazer o que quiser da maneira que gosta. Vai se resumir a lições de vida durante um almoço, e não muito mais.

Não estou criticando Brit nem nada. Só estou dizendo que deve ser legal.

— Posso te contar um segredo? — Brit pergunta.

Espero. Ela descansa a bochecha no meu ombro.

— Tenho vergonha dos meus pais — ela diz.

— Não é um segredo de verdade — digo. — Um segredo de verdade seria achar que seus pais são superlegais. Parece que o trabalho dos meus pais é me fazer passar vergonha. Mas, você sabe, sempre vou amar os dois.

Observamos um pelicano enorme voar sobre a água, caçando.

— Sabe todos esses adolescentes que levam tiros de policiais? — pergunta Brit, do nada.

Olho para ela.

— Hum?

— Comecei a ver uma porção de artigos sobre como ter A Conversa com os filhos. Tipo, pais negros com filhos negros, que precisam ter A Conversa.

— Q teve A Conversa com o pai quando tinha sete anos.

— Meus pais nem sabem que A Conversa existe. Sempre que um adolescente leva um tiro, tudo o que fazem é sacudir a cabeça, gritar “racismo estrutural” e “encarceramento em massa”, e discursar sobre igualdade. Mas então tudo meio que acaba com “Você tem sorte de não precisar se preocupar com isso”.

Não digo a ela o que mamãe-e-papai falam sobre policiais atirando em adolescentes. Em geral é algo como: “Se faz coisa errada, polícia atira, é assim”. Uma vez vi Hanna tentando inutilmente argumentar com meu pai, antes do Miles. Era como discutir com um bebê gigante. Quero dizer a Brit que ela *tem sorte* por ter pais que pelo menos reconhecem a injustiça em relação aos jovens negros. É muito mais do que vou conseguir com mamãe-e-papai.

— Eles não conseguem ver como são privilegiados, e odeio isso — Brit diz. Ela volta a apoiar a bochecha no meu ombro. — Li em algum lugar que é preciso odiar os pais para ir embora.

— Porque, se você os amasse, nunca iria embora?

Sinto quando ela assente.

— Acho que algo do tipo.

O pelicano plana, depois mergulha na água como uma âncora caindo do céu.

— Eu te amo — Brit diz.

— Eu te amo — respondo de imediato, me certificando de usar o pronome dessa vez.

nebulosa verde-limão

O resto da semana passa voando. Vejo Brit de um jeito ligeiramente diferente agora. Como se houvesse mais cômodos do que eu imaginava na casa que é seu coração, e não necessariamente todos limpos e arrumados.

A próxima “Canção para Brit” vai ter tons novos e diferentes, com certeza.

Minha mãe precisa levar meu pai de carro até a Loja, para evitar que movimente o peito ao dirigir, então eles trabalham o dia inteiro juntos em vez de se dividir em dois turnos. Fora isso, nada muda em relação aos dois. Meu pai foi baleado, mas continua seguindo em frente. Ainda não sei como me sentir. Mas não é como se meus sentimentos pudessem mudar as escolhas deles.

Nosso professor de cálculo, o sr. Soft, não dá lição de casa para nos recompensar por ter feito a segunda prova do vestibular e nos deixa a aula inteira jogando *Bird Slingshot*, um game de acertar pássaros usando um estilingue. Ele nos diz para falar que estamos estudando parábolas, se alguém perguntar.

Em segredo, mando para Joy a foto da placa de “salsichas coreanas”.

É a primeira vez que recebo nudes, ela escreve. *Obrigada*.

E dá para saber por que mandei em segredo: pra que Brit não pense que gosto de Joy ou coisa do tipo. Joy me manda uma foto de um quadro enorme de Georgia O’Keeffe com um lírio-negro que ela viu em sua eletiva de história da arte, acompanhada por um emoji intrigado. Parece um close de uma vagina imensa.

Também é a primeira vez que recebo nudes, escrevo. *Obrigado*.

Fico pensando o dia todo em nossa troca de mensagens, soltando uma risada em momentos aleatórios, como se fosse doido.

Não tenho como sair com Brit este fim de semana, porque ele vai ser todo engolido pelo casamento de Kyung Hee Chang. Recapitulando: ela é a irmã mais velha de Ella, e tem a mesma idade que Hanna. Kyung Hee deveria ser filha única; a irmã mais nova foi meio que um acidente. Ella sempre diz que sente os efeitos colaterais da luxúria sem fim que os pais sentiam um pelo outro.

Eles treparam com força demais pra camisinha aguentar, Ella costuma dizer. Ao que nós, Limbos, sempre respondemos com um: *Eca, credo*.

O máximo de tempo que vou passar com Brit este fim de semana vai ser escolhendo um terno para alugar para o casamento. Então, depois da aula, a levo no Consta até a loja Mera Formalidade, onde passamos por corredores de roupas aparentemente idênticas.

Minha mãe me deu um cheque em branco. E agora me manda uma mensagem:

Escolhe qualquer terno mas NÃO PRETO por favor Frank tá e gravata combina com vestido Joy

Ela manda uma foto de um vestido de festa anil, muito elegante, deitado sobre uma cama, com sapatos de seda da mesma cor e um colar de ametista grande.

Nossos pais escolhem nossas roupas agora? Somos bonecas?

Eu reviraria os olhos, mas eles estão ocupados olhando para a foto. Vai ser engraçado ver Joy toda arrumada. Não engraçado. Esquisito. Não esquisito. Novo. Não sei.

Fecho a foto pra que Brit não entenda errado.

— Queria poder ir a essa festa chique com você — ela diz.

— Ah, vai ser homogeneidade ética demais — digo.

— Deve ser interessante — ela diz. — Ser a diferente uma vez na vida.

Estremeço por dentro. *Experimenta ser a diferente duas vezes. Ou três. Ou sempre. Fique feliz por ter o luxo de poder voltar a ser igual a todo mundo sempre que quiser*. Mas fico quieto. Estou com Brit em uma loja de aluguel de ternos. Vou me divertir.

Eu a faço vestir um colete masculino — sexy — e um chapéu fedora — sexy também — e um paletó de veludo — não tão sexy. Acho um terno grafite, sapatos de couro marrom, cinto marrom e uma gravata mais ou menos anil. Deixo meu celular com Brit enquanto me troco. Dar o nó na

gravata demora uma eternidade. Fecho os olhos e visualizo o tutorial que vi na internet.

Saio do provador transformado. Brit derruba o celular ao me ver.

— Casa comigo — solta, então leva a mão à boca tarde demais.

Então ela me empurra de volta para o provador, e de repente sua boca, suas mãos e suas pernas me atacam. O caixa pigarreia à distância, nos obrigando a parar.

Eu me endireito, faço uma pose de pirata bobo em cima de uma pilha de tesouros e espero que Brit tire uma foto. Pego o celular e mando a foto para minha mãe.

Bom, minha mãe escreve. Aluga.

Fecho a porta para me trocar. Na privacidade do provador, mando a foto para Joy também.

Eu pegava, Joy escreve. E só largava pra pegar de novo.

Solto uma risada meio fungada.

Noto que a casquinha do machucado na minha mão caiu. A pele por baixo está perfeitamente curada. É como se nada tivesse acontecido.

Toc-toc.

— Você está batendo uma? — Brit pergunta do outro lado da porta.

— Como você descobriu? — digo, então escrevo *hahaha* pra Joy e apago toda a conversa.

O casamento é em uma embarcação grande que não vai a lugar nenhum.

É um antigo navio de cruzeiro a vapor que pertenceu a um velho branco e rico, em uma época em que não havia imposto de renda ou departamento de recursos humanos.

Ele era um milionário que se fez sozinho e ficou com cada centavo que ganhou, o folheto dizia.

Dobro e o enfio no bolso, pensando que preciso mostrar a Q depois, em uma de nossas conversas frequentes sobre mitologia americana. Ultimamente, temos conversado sobre a expressão “Um dia, quando eu for rico...”.

A cerimônia é realizada na extensa área aberta do navio (que a internet chama de proa), que parece ter sido coberta de laços de cetim, rendas e explosões de jacinto branco que enchem o ar do aroma de mel e baunilha. Sentamos ao sol luminoso em meio a inúmeras camadas de som: o rangido

metálico das partes do navio, o barulho da água do mar, o obstinado distante — *crr! crr!* — de centenas de gaivotas idiotas.

Os sons são lindos, ricos e inesperados. Ergo o gravador pra pegar bons trechos de tudo. Não sou o único com um aparelho eletrônico na mão. Todos os trezentos convidados tiram fotos de tudo. O casamento de Kyung Hee vai ser o evento mais movimentado da história deste navio.

Minha mãe coloca os óculos de leitura para tirar uma foto do meu pai, que tira uma foto minha. A única evidência do ferimento dele é um volume no local do curativo no peito. De resto, ele parece arrumado, elegante e vestido como qualquer outro.

Tem outros pais, além de *halmeoni* (vovós) e *harabeoji* (vovôs) supervelhos usando o *hanbok* tradicional. Bebezinhos dormindo. Cachorrinhos em carrinhos luxuosos. Meninos e meninas pequenos, com sapatos envernizados e brilhantes. Meninos maiores, como eu, e meninas maiores, como Joy, se é que ela já chegou.

Toda a cerimônia é em coreano, então só pego uns cinco por cento do que é dito. Me inclino na direção do meu pai, que sussurra suas traduções malucas.

— Ele diz: Corpo da mulher é catedral. Homem é cabeça, mulher é corpo. Ventre da catedral faz bebê, imaculada concepção, Jesus Cristo Todo-Poderoso. Nasce, morre, sai sangue, contamina todo mundo com pecado.

— Obrigado, pai — sussurro, e volto ao lugar.

Sangue? Morte? Pecado?

É um casamento mesmo?

De repente, um quarteto de cordas começa a tocar — o bom e velho *Canon em ré maior* —, e os padrinhos começam a entrar. Quando Ella Chang surge de vestido prateado, fico procurando John Lim. Lá está ele, gravando a entrada dela com a mão sobre o coração, como um jovem apaixonado na era vitoriana.

O resto da comitiva entra. Então vem o noivo, que tem cara de galã de novela coreana, mas é um funcionário da Samsung América do Norte subindo rapidamente na carreira. Ele pisca para os amigos e murmura alguma coisa em coreano, então todos cantarolam algo de volta, e a galera ri em resposta. Me aproximo de meu pai para que traduza.

— Noivo comeu polvo demais, mas diz não preocupa, *soju* mata tudo na barriga. Amigos diz bebe, bebe, bebe. Hahaha!

Que comédia!

O quarteto de cordas começa outra música — a marcha nupcial de Wagner, o que não é nenhuma surpresa — e Kyung Hee aparece. Mais palavras em coreano: “Casamento é trabalho”, “Unir as famílias” e blá-blá-blá, de acordo com os sussurros de meu pai. Sentamos. Levantamos. Sentamos. Levantamos.

Kyung Hee e o noivo dão um único beijo seco, e então pronto: o quarteto começa a tocar uma marcha animada de Mendelssohn, e todos levantamos para nos juntar à área interna do navio, onde vai ser a festa.

— O que estão achando do casamento? — pergunto a mamãe-e-papai.

— Eles indo bem — minha mãe diz.

— Bonito — meu pai diz.

— Depois você — minha mãe diz.

— Mãe — eu digo.

Ela arruma meu paletó, então olha por cima do meu ombro, admirada.

— *Omona*. Tão linda.

Omona significa “Ah, meu Deus”.

E minha mãe está certa. Lá está Joy, me olhando, de batom cor de ameixa e delineador bem escuro, num estilo gótico refinado. Parada ali, com aquele vestido.

Não apenas parada. Joy está _____.

A) *luminosa*

B) *reluzente*

C) *cintilante*

D) *efervescente*

E) *gata pra cacete*

Meu Q.I. cai para dez.

— Caralho — sussurro.

Minha mãe me empurra de leve.

— Vai.

— Aproveita — meu pai diz.

Ele está sorrindo. Minha mãe está sorrindo.

Ignoro os dois. O salão de festa é uma galeria de silhuetas em torno de um único poço de luminescência violeta, e naquela luz aguarda a donzela de...

— Frank — Joy diz.

— E aí — digo.

Joy cruza os braços e me avalia, então admite:

— Tá, você ficou bem gato.

— Você está... — Procuro a palavra certa, mas não encontro, então que se foda. — Incrível.

— Não me sinto incrível — Joy diz, lançando olhares de soslaio com a maquiagem brilhante e rebuscada. — Me sinto exposta. Esse vestido é meio: *peitos!*

— Hahahahaha — digo. — Hahaha ha ha haha ha.

A floresta à nossa volta se transforma em uma constelação de olhos, todos observando. Sorrisos do gato de *Alice no País das Maravilhas* aparecem e desaparecem. Está todo mundo olhando. Vejo os pais de Joy de relance. Parece que as roupas deles poderiam comprar dez das roupas de mamãe-e-papai.

— Isso é meio que um teste ao vivo. Precisamos entrar no personagem — digo. Por algum motivo, acrescento: — Segura minha mão.

— Beleza — Joy diz.

Damos as mãos. A dela está gelada, como quando Joy a colocou na minha bochecha no hospital. Seria como gelo puro se subisse pelo meu braço.

Tem um livro de convidados numa mesa florida. Uma pirâmide de taças de champanhe. Uma mesa de som futurista, controlada por um DJ enorme usando agasalho. Um desfile de grinaldas de flores suntuosas em suportes altos, enviadas por famílias e empresas locais, ao redor de uma pilha de envelopes impecáveis, provavelmente com dezenas de milhares de dólares em dinheiro de presente, ali jogados. Tem uma escultura de gelo de dois metros e meio, retratando um...

— O que é? — pergunto, apertando os olhos.

— Um tigre — Joy explica.

— Sendo atacado por esta águia aqui.

— O que é totalmente aleatório — Joy acrescenta.

— Adorei — digo.

— Odiei — Joy diz. — Mas tanto que meio que amei.

— Exato.

A mão dela agora está quente e úmida na minha, então pego a outra para esquentá-la.

Tem outra mesa que não consigo entender direito. É feita de aço e está cheia de cata-ventos cinza, tubos e o que parecem flores mortas. De frente para duas portas fechadas. Talvez seja um lance coreano que não conheço.

— É a mesa da tortura — Joy diz.

— Do carnaval sangrento — digo.

— Do bingo de carne tradicional coreano — Joy diz.

— Self-service de acupuntura — digo.

E por aí vai. Fazemos isso até nossos rostos doerem de tanto rir.

Acabamos indo sentar com os outros Limbos. Andrew Kim, John Lim e Ella Chang já estão lá. A mesa é grande demais e tem algumas cadeiras sobrando, então nos espalhamos para reivindicá-la.

— Cara, não tem ninguém que não seja coreano aqui — Andrew Kim diz. Ele está usando um smoking de formatura marrom-avermelhado, porque sempre tem que ter alguém assim num casamento. Andrew apoia um braço no encosto de uma das cadeiras vazias e passa os olhos pelo salão. — Ela é gata. Ela é gata.

— Por favor, explica o que está fazendo — Joy pede.

Andrew se inclina para a frente para explicar.

— No momento, estou *entrando no personagem*. Vou dar uma mão em uma produção independente em Los Angeles. Vou fazer um tipo bem superficial, mas que na verdade é um superespião.

— *Mas?* — Joy diz.

— É, o que tem de “mas” aí? — pergunto.

Andrew só olha pra gente.

Joy explica.

— Do jeito que você disse, parece que um cara superficial é o oposto de um superespião.

— Isso — digo.

Andrew pensa, então dá um xeque-mate.

— Tirei oitocentos na redação.

É uma resposta imbecil, do tipo que Hanna ia amar, e de repente fico com saudade da minha irmã. Tiro uma selfie de terno e mando pra ela,

com a legenda: *Saudade*. Hanna provavelmente não vai ler até amanhã, semana que vem ou coisa do tipo.

— Você parece uma princesa — John Lim diz para Ella Chang.

Ela sorri, então franze o nariz de leve.

— Você parece um mágico.

— Quer dançar?

— Não tem música rolando, John.

— Quando a música começar, quero dizer — John Lim diz.

Não aguento mais, então me inclino para Joy.

— Quer sair e fingir fumar?

— Muito — Joy diz. — Só uma regra: nada de falar nele.

Ela deve estar se referindo a Wu.

— Ah, não.

— Não me faz chorar. Estou maquiada.

Joy enxuga os olhos com a pontinha de um guardanapo.

Estou prestes a perguntar o que aconteceu quando uma voz estrondosa corta o clima.

— É isso aí, pessoal. Estão prontos pra se soltar e se divertir? — a voz diz.

É o DJ. Ele tem sotaque. Se tem sotaque e todo mundo aqui é coreano, por que não fala coreano simplesmente?

Minha pergunta é interrompida por um jato assobiante de uma máquina de fumaça. A batida da música sacode os rebites centenários do casco do navio. Feixes de luz colorida cortam as mesas.

— Senhoras e senhores do casamento Kang-Chang 2019, recebam a bordo deste lindo cruzeiro a vapor clássico, um Landworth dos dias de outrora, os novos sr. e sra. Kang!

O som abaixa por um momento, então volta e despeja dez megatoneladas de música eletrônica na louça, que tremula. Um holofote ilumina um coração grande e cintilante de papel que é rasgado para revelar Kyung Hee e seu novo marido. Confetes estouram por toda parte. Ela usa um vestido preto de melindrosa. Ele usa um terno amarelo largo de cintura alta.

— Uma coisa meio *O grande Gatsby*? — grito.

— Quê? — Joy grita.

O DJ entoa um rap:

*Todo mundo aqui bate palmas pra ver
Que um coração alegre é fácil de ter
Cheio de amor e coisas que valem pra mim
É tão bom poder vir num casamento assim*

Com isso, abaixam a música para um volume misericordioso de modo a permitir que os recém-casados sejam conduzidos de mesa em mesa por um profissional nervoso usando fones de ouvido. Eles se curvam e agradecem aos convidados. No meio-tempo, rios de garçons inexpressivos trazem os pratos de comida. Exatos quinze minutos depois, eles levam os pratos vazios embora.

Os recém-casados chegam à nossa mesa.

— Oooooi — nós dizemos.

— É tão fofo ver vocês arrumados — Kyung Hee diz. — Olha só minha irmãzinha!

Ella Chang franze o nariz.

— Uhuu! — diz, e volta à expressão normal.

O noivo diz um monte de coisa em coreano.

— Hum, a gente é péssimo em coreano — Andrew diz.

— Eu disse que tem cerveja ali e ninguém está controlando — o noivo explica. Espadas poderiam ser afiadas na linha do maxilar dele. O noivo aponta para mim e para Joy e diz um monte de coisa em coreano para Kyung Hee. Ela diz um monte de coisa em coreano para ele, em resposta, e os dois riem e voltam a olhar pra gente. Nem preciso perguntar o que disseram.

Os recém-casados seguem para a próxima mesa: outra mesa das crianças, com três garotos e duas garotas sentados como uma imagem espelhada da gente, como se fossem nossos duplos de outra dimensão.

Os supercoreanos.

Eles deixam a languidez de lado e levantam para cumprimentar os noivos. Se curvam de um jeito fluido e descolado que demonstra como dominam a técnica. Têm franjas perfeitas e murmuram em coreano perfeito. Suas roupas perfeitamente desgrenhadas, percebo, são na verdade trajes brancos combinando, com cravos pretos na lapela.

Parecem tão adequados. Eu também pareceria se tivesse “escolhido a tribo”, para citar Q. De repente, me sinto um pouco maltrapilho. Longe de

adequado. Mais para deslocado.

— Por que os supercoreanos estão todos vestidos de branco-morte? — sussurro para Joy.

— Talvez sejam um grupo de k-pop — Joy sussurra de volta.

— Vai saber.

Branco é a cor do esquecimento em grande parte da Ásia, não preto, como nos Estados Unidos. No final dos filmes a tela fica branca, não preta. As pessoas acham que carros brancos são incríveis. Tenho um antigo tocador de minidisc japonês nesse mesmo tom na minha coleção, e também acho incrível.

Os recém-casados desaparecem. Os garçons robóticos trazem outro prato. Um rufar de tambores começa do nada.

— Agora, senhoras e senhores, recebam os cumprimentos do fundo do mar — o DJ diz.

Kyung Hee aparece sob o holofote usando um vestido verde justo de paetê e uma peruca ruiva. O noivo parece um príncipe pirata. Todo mundo aplaude. Levanto uma mão e Joy bate nela várias vezes para aplaudir.

— Então o tema é sereia romântica — digo.

— Vai saber — Joy diz.

— E uma salva de palmas para uma apresentação muito especial dos amigos do noivo — o DJ diz.

As luzes se apagam. Toda a atenção vai para os supercoreanos. Noto que estão usando microfones branco-morte — quando foi que colocaram? Uma das garotas faz um discurso apaixonado sob o holofote ao som sentimental do teclado.

— O que ela está dizendo? — Joy pergunta.

— Algo sobre o mar ser muito profundo. Não peguei tudo — digo. Meu coreano é só um pouco melhor que o dela, o que não significa muito.

Uma batida se faz ouvir — como se fosse um hip-hop antigo do final dos anos 1990 —, e os supercoreanos vão para a pista de dança, onde começam a cantar.

— Eu estava brincando quando disse que eram um grupo de k-pop, porra — Joy diz.

Os supercoreanos começam a bater palmas e todo mundo os acompanha. De repente tenho aquela sensação clássica de Limbo de quando estou rodeado por tanta coreanidade: sou um fracasso enquanto coreano e

tampouco me saio bem como americano, então a única coisa que me resta é fugir e me esconder no meu próprio planetinha Frank.

Os supercoreanos batem palmas para nós: *Batam palmas, vamos!*

— Eu não concordei com essa merda — digo.

— Puta que pariu — Joy murmura. — Pela puta que o pariu.

— Vamos — digo.

Nos esgueiramos na escuridão e deixamos os Limbos, que batem palmas em transe. Escapamos para o ar fresco, onde os únicos sons são da música abafada atrás das janelas e o ruído rosa do oceano que chega por todos os lados. As gaivotas já foram dormir. O sol está baixo, grande e laranja.

Encontramos um lugar onde ninguém pode nos ver, nos inclinamos no parapeito e assistimos ao pôr do sol. Passo um cigarro invisível a Joy. Ela inala, exala e devolve pra mim.

— Eu precisava disso, acho — Joy diz. — Precisava parar um pouco de pensar.

— Tudo bem?

Joy bate no meu ombro de leve.

— Estou com frio.

— Esfriou mesmo — digo.

— Você deveria me emprestar seu paletó, tonto.

Claro, dã. Eu o coloco sobre os ombros brilhantes dela. É uma pena cobrir ombros que brilham tanto. Ela se aconchega, olha para mim com olhos flamejantes e diz:

— Obrigada, *yubs*.

Só fico olhando pra ela. Atrás de nós, a música continua. Uma palavra surge na minha mente:

se

se se se se

sesesesesesesesesesesesese, até que não é mais uma palavra e se torna um som sem sentido de quando se pensa demais.

Como em: *e se não houvesse Brit?*

O que estou dizendo? Há uma Brit. Estamos juntos. Digo lentamente: *eu amo Brit*.

Mas, se não houvesse Brit, uma voz diz, *eu provavelmente arriscaria com Joy*. É verdade. Arriscaria mesmo.

Isso é novidade pra mim. Algo que eu dobro e guardo.

— Então — Joy diz, se preparando para me contar algo. — Sobre Wu e eu.

— Achei que não íamos falar dele.

— Terminamos oficialmente.

Joy inclina a cabeça pra trás pra segurar as lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Agora vem o choro de verdade — ela diz. E não tem como parar. Um fio cinza de lágrimas e delineador escorre por sua têmpora. — Olha, Wu é legal. É bonzinho. Mas não me fazia rir. Não de verdade. Não daquele jeito de quando se ri sem ter ideia do motivo. Ou em que se ri por tanto tempo que é preciso parar um pouco pra descansar. Você não sabe, porque é muito burro. Quem me faz rir, Frank? Me diz.

Engulo em seco. Meus pés estão deixando o chão.

— Você vai dizer “eu”.

— É claro que vou dizer “você”.

Olho para baixo e noto que os pés dela deixaram o chão também.

Isso nunca aconteceu.

Sempre foram só meus pés, não os dos outros.

— Bom, vou dizer “você” também — digo.

— Eu também o quê?

— Me faz rir — digo. — Ninguém me faz rir como você faz.

— Eu sei, Frank. Aí é que está. — Joy seca o canto dos olhos com o dedão.

— E você é doida — digo. — É doido quão doida você é.

— Porque você me deixa doida.

— Eu te deixo doida? — pergunto.

— Você me deixa maluca — Joy grita. Então sua voz encolhe. — Eu te deixo maluco?

Ela me encara séria agora, e meus olhos ficam presos nos dela. Há dois minúsculos sóis se pondo em chamas em seus olhos.

— Eu te deixo maluco? — Joy pergunta de novo.

— Deixa — finalmente digo. — Deixa, sim.

Joy embala meu dedo mindinho na palma da mão.

— Ah, Frank. Só me ouve sem rir. Eu me arrumei toda hoje. Estava muito nervosa. E morrendo de medo. Porque tudo em que conseguia

pensar era: e se eu me arrumasse toda, e se fosse só pra você, e você não retribuísse meu amor?

O mundo se afasta até se tornar um pontinho. Ficamos à deriva até encontrar uma nebulosa verde-limão cheia de ar respirável e perfumado. As estrelas aqui são tão leves quanto enfeites de árvore de Natal — ao menor toque, balançam lentamente na nova atmosfera.

Experimento as palavras. É fácil dizer.

Eu te amo, Joy.

Não esqueço o “eu”. Não preciso treinar. Não preciso de nada.

As palavras estão ali, na ponta da minha língua. Sempre estiveram aqui.

Eu te amo, Joy.

Joy Song, sete letras.

— Não tenha medo — sussurro. — Não chora.

Enxugo uma lágrima de seu rosto com todo o cuidado. Sigo o rastro cinza do delineador e o misturo com meu dedão. Preciso me aproximar pra fazer isso. Nunca cheguei tão perto.

Nosso beijo estica a nebulosa em um longo laser verde que abrange sistemas inteiros. Eu a seguro forte contra mim, de modo que nossos corpos quase se fundem, apertados com tanta força que paro, preocupado. Ela levanta o rosto ovalado e respira. *Estou bem, Frank, estou mais do que bem.* Então eu a beijo de novo. Inalo os aromas de seu mundo secreto: o sabonete do banho, a vanilina do hidratante, o cheiro queimado da chapinha que passou no cabelo esta noite. O gosto é de comida de casamento, batom e lágrimas salgadas.

O gosto é de Joy.

Nem notamos que a parede atrás da qual estamos não é uma parede, mas duas portas que em algum momento se abriram para encher o ar de música pop. Nem notamos o DJ, que agora diz:

— Senhoras e senhores, para celebrar o casamento Kang-Chang 2019, tenho a honra de apresentar o show de luzes.

Não vemos a mesa — a mesa do bingo de carne tradicional coreano —, cheia de tubos de aço e afins. Eles acendem e giram. São fogos de artifício, todos disparando ao mesmo tempo, em uma exibição ofuscante e perigosa de fogo zumbindo.

Só quando somos engolfados pela fumaça percebemos o que aconteceu. Todos os convidados podem nos ver na chuva brilhante de pó de magnésio.

Eles já estavam aplaudindo. Agora aplaudem mais forte. Os supercoreanos também nos olham. Estão ofegantes, depois de ter acabado sua apresentação. Eles aplaudem em nossa direção, com os braços estranhamente esticados.

A grande lua que é o holofote é direcionada para nós, que ficamos sob sua luz cristalina.

22

dia de incêndio

A segunda-feira chega.

No fim dela, vou ter um olho roxo.

Mas vamos voltar um pouco.

O casamento.

Ah, o casamento.

Dançamos. Sentamos à mesa e comemos. Os noivos trocaram de roupa outras duas vezes: para os trajes coreanos tradicionais formais e depois para uma roupa que parecia de concurso de dança.

Os Limbos se revezaram para nos dar soquinhos. *Então a farsa era uma farsa?*, Ella Chang disse. *Vocês estão sempre um passo adiante*, Andrew Kim disse.

Acho que as coisas mudam, Joy e eu dissemos.

John Lim bebeu demais, a coragem líquida saiu pela culatra e ele acabou chorando no colo de Ella Chang, que permanecia ereta, estoica e impassível.

Ah, o amor...

Ella levantou a cabeça de John e fez com que se recompusesse. Os dois estão fazendo o certo, Ella e John. Mantendo o lance entre eles escondido dos pais, que acabariam se metendo na história e começariam a planejar o próximo casamento Chang.

Conhecemos melhor os supercoreanos. Eles eram bem legais e simpáticos. Não muito diferentes de nós, Limbos, a não ser pela fluência total nas duas línguas, pelo fato de poderem passar sem nenhum esforço de uma cultura a outra, sempre perfeitamente confiantes ao se identificar como coreanos em primeiro lugar, depois americanos, e de serem

melhores do que jamais poderei ser em basicamente tudo, então que se fodam.

Joy e eu escapamos mais algumas vezes durante a noite, como fumantes que precisavam de um trago. Suas mãos de fato estavam frias no meu braço, e no meu peito, e na minha cintura. Eu sabia que o que estava acontecendo era errado. Na grande contabilidade do amor, certamente aquilo contava como traição.

Houve uma música naquela noite, uma música dançante, que fez eu, Joy e todo mundo pular, até que as palavras “Essa pode ser a noite/ O errado parece tão certo” ecoaram. Eu e Joy ficamos parados, só nos encarando: uma ilha silenciosa de culpa no centro de um oceano furioso.

No fim do casamento, os mais velhos levantaram para cantar *noraebang* para o público exausto. Mamãe-e-papai fizeram um dueto de uma antiga balada — algo sobre um bebê num barco e uma árvore na neve —, e por apenas um segundo consegui vê-los como um casal, e não como meus pais. Durante a longa nota final, fiquei preocupado que o ferimento no pulmão de papai fosse estourar. Mas não aconteceu. Todos irromperam em aplausos diante de seu heroísmo vocal. Meu pai não só estava bem como tinha cantado muito bem. Bati palmas forte também, e Joy beijou minha bochecha.

Eu me sentia estranho. Como se fosse um garoto que tinha tudo. Meu pai estava bem. Eu estava apaixonado — de maneira inequívoca e incontrolável. Vidrado em Joy de uma maneira que qualquer um podia ver. Os supercoreanos assentiam para nós com sua aprovação hipster.

Mas.

Conforme a festa chegava ao fim, encontrei meu paletó largado em uma cadeira e verifiquei o celular. Sabia o que encontraria nele.

Como está a festa?

Manda uma foto se puder, tô louca pra te ver em ação com o terno

Quero saber td amanhã

Te amo, boa noite zzz

Brit.

Brit sozinha no quarto em uma noite tranquila de sábado, verificando o espelho pra macaco pra ver se respondi. Não entediada, porque ela acha o mundo fascinante demais para se entediar de verdade. Não chateada, porque Brit sabe como os casamentos podem ser.

Mas ela não tem ideia de como foi esse casamento em particular.

A festa acabou. Mamãe-e-papai e os pais de Joy se curvaram várias vezes em despedida. Dei um último aperto na mão de Joy, como se dissesse: *Tchau, mundo do avesso. É hora de voltar ao normal.*

Enquanto dirigia o carro dos meus pais bêbados — minha mãe pegando no sono, meu pai de novo com o copo descartável dos infernos —, rangi os dentes e aceitei o duro fato de que, para continuar sendo um ser humano decente, precisaria contar tudo a Brit na escola. Na segunda.

Segunda.

Na aula de cálculo, Brit diz “eu te amo” de sua mesa, sem produzir som. Meu olho ainda não está roxo. Abro um sorriso fraco, então finjo prestar atenção no que o sr. Soft está dizendo. Ela não percebe nada. Nem Q, nem o resto da sala. Sinto como se tivesse trocado um segredo enorme por outro do mesmo tamanho, mas com outra forma.

Eu e Brit — eu-e-Brit, Frankebrit... ah, meu Deus — damos um abraço rápido antes de ir cada um para sua aula, então vem biologia, literatura inglesa e computação musical. Corre tudo bem. Corre tudo bem, como sempre. A não ser pela bomba no meu coração. Pulo quando o sinal toca. Pulo de novo quando meu celular vibra.

Estufa, Brit escreve. Agora!

Caminho com medo pelo corredor vazio.

Lá fora, a luz está alaranjada e estranha, marcada por um cheiro de queimado. Ouvi em algum lugar que tem um incêndio acontecendo por perto. Não posso me preocupar com esse tipo de coisa agora.

Quando viro uma esquina, Brit me encurrala.

— Finalmente — ela diz, e me beija por tanto tempo, e com tanto ímpeto, que tenho que me segurar na lateral da estufa. — Sentiu minha falta? — Brit pergunta.

Ela parece diferente. Como se eu estivesse prestes a deixá-la. Eu pareço diferente. Como se fosse um mentiroso. Já faz um tempo que venho mentindo, e a única maneira de sair desse matagal em que me meti é atravessando-o.

— Hum, então, olha só — digo.

— Me conta tudo sobre o casamento coreano maluco — ela diz, inquieta.

A nebulosa verde. O beijo. Os fogos de artifício. Os dedos frios de Joy.

— O casamento foi... movimentado — murmuro.

— Alguém caiu na pista de dança?

— Não.

— Alguém fez um discurso maluco de última hora?

— Não.

Brit parece perplexa.

— Não apareceu nenhum penetra?

— Era num navio, então não.

Brit toca meu rosto como se verificasse se estou com febre.

— Você está bem?

Não estou com febre, só pareço ter virado pedra.

Fala logo, Frank.

— Então, Brit, olha — digo. — Preciso te dizer uma coisa.

Ela continua com a mão no meu rosto por um momento, enquanto seu rosto fica tenso. Cinzas caem sobre seus cílios, e ela pisca para afastá-las. Brit recua, horrorizada e confusa, como se meu rosto tivesse desaparecido de repente. Seus braços me soltam. Ela abraça o próprio corpo em meio à tempestade de cinzas.

Brit deve ver algo no meu rosto, porque do nada parece mal.

— Ah, meu Deus.

— Sinto muito — digo, então paro. Todas as palavras em que consigo pensar parecem terríveis.

Brit dá um passo atrás e cerra as mãos em punho. Ela respira com dificuldade. O ar se aguça como uma lâmina enegrecida. Uma voz invisível sussurra algo no ouvido de Brit, e ela olha para mim como se tivesse acabado de saber a terrível solução para um quebra-cabeça há muito ignorado.

— É a Joy, não é? — ela diz.

A sábia e consciente Brit, com seu incrível poder de ver o que os outros não conseguem, querendo ou não. Minhas entranhas se reviram. Eu pretendia desenvolver lentamente o assunto. Não tinha ideia de como, mas ainda assim. Agora não há para onde ir a não ser adiante.

— Brit — digo. — Olha.

— Acabamos de ir ao museu do sorvete — Brit diz, recuperando evidência de eventos passados. — Ela e Wu estavam juntos. Vimos os dois. *Nós* estávamos juntos.

Me forço a falar.

— Não consigo explicar. Acho que gosto dela há mais tempo do que imaginava.

Não estou explicando as coisas para Brit. Estou explicando para mim mesmo.

Brit começa a implorar.

— Mas não é justo. Você me ama. Você *me* ama.

— Sinto muito. — Estou prestes a vomitar de nervoso. Preciso achar palavras que façam sentido pra Brit. — Tenho que ser honesto quanto ao que sinto. Pro bem ou pro mal. Não consigo parar o que está acontecendo comigo. Mas sinto muito que machuque você.

Brit inclina a cabeça pra mim.

— É porque fica mais fácil com alguém coreano? É por isso que você... que você... que você está terminando comigo agora? — Os olhos de Brit se enchem de lágrimas brilhantes.

— Não é por isso — digo. — Não.

— Fiz com que sua mãe gostasse de mim — ela diz, triste. — Me esforcei pra isso.

O céu fica mais e mais laranja, até que se torna quase marrom. Provavelmente deveríamos entrar.

— Ela não sabia — digo, e no mesmo instante me arrependo. É um erro. Quero explicar a Brit que nada disso é culpa dela, que na verdade gosto muito dela, que ela é uma pessoa extraordinária. Mas essas três palavrinhas que escapam ameaçam se transformar em uma avalanche.

— Espera... quê? — Brit diz.

— Nada — digo. *Nada?* Por favor, Frank.

— Ela não sabia? Como assim?

Brit muda. Ela fica vermelha. Cheira diferente, como alguém que não conheço. Aperta os punhos.

— Frank, o que quer dizer com “ela não sabia”? — Brit levanta a voz. — Olha pra mim, olha nos meus olhos, e explica devagar e com clareza.

Não consigo olhar para ela. As palavras só deixam meus lábios.

— Fingi que namorava Joy pra poder sair com você em segredo.

Brit solta uma risada horrível. Ela arranca as flores finas e compridas no chão e as aperta.

— Você me escondeu dos seus pais? — Brit pergunta. — Como se precisasse ter vergonha de mim?

— Brit, você não sabe como é, ficar preso entre...

— Vocês são dois golpistas — Brit diz. Lágrimas lavam suas bochechas, e ela me avalia com uma mistura de repulsa e decepção. *Repeção*. — Não tenho ideia de quem você é. E vocês dois se merecem.

Brit cerra o punho de novo, esmaga as pobres flores e as joga no meu rosto. Ela não me soca. Não é aqui que fico com o olho roxo, ainda não. Brit só sai correndo e deixa um rastro de soluços atrás de si.

À distância, consigo ver uma linha torta de fogo vermelho assolando a colina.

— *Devido à má qualidade do ar, os alunos estão liberados das aulas e devem permanecer dentro de casa* — os alto-falantes anunciam. — *O fogo foi parcialmente contido, e deve chover esta noite. Vamos mandar um e-mail com notícias.*

O sinal toca e o corredor se enche de alunos. Q me encontra.

— Dia de incêndio! — ele diz, e levanta a mão aberta para que eu bata.

— *Pax Eterna* na minha casa!

Fico só olhando pra ele.

Q abaixa a mão.

— Tudo bem?

— Não.

— O que aconteceu?

— Magoei alguém de verdade.

— Como? Quem?

— Posso te contar no carro?

Q verifica meus braços e minha cabeça como se procurasse por ferimentos.

— Não pode me contar agora?

— Q — digo. — Estamos no sul da Califórnia. É costume local ter conversas importantes dentro do carro.

Q passa o braço pelos meus ombros e anda comigo devagar, mais do que o normal, como pacientes de hospital saindo para caminhar no corredor. Uma hora chegamos à entrada da escola.

Um príncipe musculoso e alto com olhos de falcão sai de trás de uma coluna e se coloca no nosso caminho.

Wu.

— Isso é por Joy — Wu Tang diz, e me dá um soco no olho.

Não faz sentido, quero dizer, mas o som da minha cabeça batendo contra o chão me impede. Caio no ritmo perfeito, como a batida de uma música eletrônica. Cinzas pousam nos meus olhos. Dizer “isso é por Joy” não faz sentido, mas o soco faz. O soco faz todo o sentido.

Tenho que rir.

— Que porra é essa? — Q grita. — Alguém ajuda aqui!

Viro e vejo Wu mantendo Q longe.

— Me deixa fazer isso, cara — Wu diz, então volta a se dirigir a mim.

— Você roubou minha namorada, caralho?

— Não — digo, protegendo o rosto. — Sim. Não sei.

— Você roubou minha namorada, caralho? — Wu repete.

— Ela me roubou. Roubamos um ao outro. Sinto muito, tá?

— O que está rolando? — Q pergunta.

— Achei que fôssemos amigos, Frank Li — Wu diz. — Até que Brit veio falar comigo.

Levanto os olhos e percebo que não foi Wu que me machucou. Foi o contrário.

Merda.

— Sinto muito — digo. — De verdade, sinto muito. É sério.

Wu descarta algum pensamento sombrio jogando o cabelo lambido pra trás. Ele se endireita. Então me oferece a mão. Como se lembrasse qual é o protocolo no manual do cavalheirismo: quando um homem vai ao chão, ofereça uma mão.

Eu a aceito e levanto. Meu olho já está latejando.

Wu dá um passo para trás e me examina.

— Você me decepcionou muito, cara.

— Desculpa.

— A enfermaria fica pra lá — Wu diz para Q. — Leva o cara agora pra colocar gelo.

— Ah — Q diz.

— Nem sei dizer como me sinto mal — digo.

— Vai logo — Wu diz, e me dá as costas para ir embora.

Ele caminha com o punho erguido, socando sete portas de armário abertas, uma a uma, no trajeto.

23

vocês come melão

O trânsito está um inferno — a maior parte das vias que levam à colina estão fechadas por causa do incêndio —, mas Q e eu mal notamos. Deixamos os vidros do Consta resmungão fechados e curtimos o ar-condicionado. Três caminhões dos bombeiros passam com a sirene ligada, *uiii-uiii-uiii*.

Mal notamos porque estou ocupado contando tudo a Q, como instruído. Digo a ele:

- Como as palavras “eu te amo” nunca soaram direito com Brit
- Como muitas vezes Joy era a primeira coisa em que eu pensava de manhã
- Como em retrospectiva esses sinais parecem óbvios
- Como agora vou pensar naquele navio idiota pra turistas como o lugar em que tive a noite mais romântica da minha curta vida
- Como o olho roxo na verdade é um carimbo de passaporte no meu rosto, que me permite sair do purgatório da Alfândega do Amor para o Portão J de Chegada (J de Joy)

— Suas metáforas me dão vontade de vomitar — Q diz. — Por favor, nunca tente virar escritor.

— Acho que passei por bastante coisa.

Q sorri para mim.

— Agora que sei a história toda, acho que o olho roxo foi claramente merecido. Mas Joy parece a escolha certa. Fico feliz por você.

Q coloca o carro em ponto morto e me dá um abraço de lado. Alguém buzina atrás de nós.

— Ah, me poupe — Q grita pro espelho retrovisor.

Chegamos à casa de Q, atravessamos o caminho de cascalho branco até as portas da frente e somos recebidos com preocupação e inquietação por parte da mãe dele.

— Foi um acidente no espirobol — digo para explicar o olho roxo.

— Vocês precisam levar o espirobol menos a sério — a mãe de Q diz.

— Nem é um esporte — o pai de Q diz, com um óculos na cabeça, outro no rosto e outro no pescoço. — Mas não significa que não seja perigoso.

Comemos um ossobuco delicioso, esquecemos de tirar a mesa e corremos lá para cima para que Q possa me mostrar o tal jogo de quem todo mundo está falando, *Pax Eterna*.

— A coitada da Brit deve estar arrasada — Q diz enquanto o jogo carrega. — Mas a gente não tem como enganar o coração.

— Me odeio por ter magoado Brit — digo. — Mas eu tinha que ser honesto comigo mesmo.

— Estou muito, incrivelmente, terrivelmente feliz por você, meu chapa — Q diz.

— Ficar enrolando Brit seria pior, né?

O jogo está carregado. Mas Q parece não conseguir deixar algo de lado.

— Você não escolheu a tribo, né?

— É uma pergunta válida. Mas não.

Seguro o saco de gelo com a outra mão. Mas então me pego imaginando:

Me apaixonei por Joy porque temos mais coisas em comum?

Um dos meus livros preferidos, o clássico do humor e da ficção científica *O guia do mochileiro das galáxias*, diz que o segredo de voar é simplesmente cair em direção ao chão sem de fato chegar nele. Para fazer isso, é preciso esquecer que se está caindo enquanto se cai.

Amo Joy porque ela é inteligente. Porque ela é ambiciosa e uma supernerd infinitamente fascinada pelo mundo construído à sua volta. Amo Joy porque nos conhecemos desde crianças, e isso é mais importante do que eu imaginava. Amo Joy porque ela é linda.

Mas essa é a parte óbvia. No fundo, amo Joy porque ela me faz rir. Vale a pena rir a vida inteira com alguém que te faz rir. E quer saber? Amo Joy porque a faço rir também. Quando estou com ela, não fico nem um pouco

constrangido. Não penso em quem sou, em onde estou, ou quando. Só estou presente com Joy. Esqueço o chão.

— Escolhi Joy — digo. — Foda-se a tribo.

Q assente, impressionado.

— Joy é minha tribo — digo.

Q assente.

— E você também — digo.

É como se Q estivesse esperando que eu dissesse isso para abrir um sorriso grande e tímido. Ficamos sorrindo juntos assim por um bom tempo. O último ano está quase na metade. Depois vamos nos formar. E, depois, vamos para a faculdade. No meio-tempo, vou ver Joy tanto quanto puder. Mas não vou negligenciar Q.

A irmã gêmea de Q, Evon, entra, e analisa meu rosto como uma ciborgue sexy.

— Espirobol, hein?

Dou de ombros.

— Posso pegar seu carregador emprestado? — ela pergunta.

— Você não está com uns sete carregadores meus? — pergunto.

Evon pega um carregador laranja da minha mochila e volta para a floresta mágica de cervos onde vive.

— Olha só como isso é incrível — Q diz, chamando minha atenção para a telona. Ele passa por listas e listas de mapinhas, todos marcados com um X vermelho e a palavra FRACASSO.

— Ninguém nunca ganhou um jogo de *Pax Eterna*. Nem eu, nem Paul Olmo, nem ninguém.

Eu me inclino para a frente.

— Hum?

— Em *Pax Eterna*, sempre que você começa um novo jogo, tem uma ilha tropical perfeita, com tudo o que poderia querer, prontinha, esperando por você — Q diz. Ele move o cursor que é a mão de Deus para me mostrar tudo rapidamente. — Minérios, água, terras férteis, blá-blá-blá.

Aperto os olhos para dezenas de iconezinhos de crânios pretos.

— Tudo isso são cadáveres?

Q passa a mão na barba inexistente.

— Ah, meu Deus, está acontecendo de novo.

— Como se ganha isso? — pergunto.

— Pra ganhar *Pax Eterna*, é preciso construir, e sustentar, uma sociedade bem-sucedida e estável por um mês inteiro. Tem um prêmio de vinte mil dólares. Mas ninguém nunca conseguiu.

Examino os dados numa barra lateral.

— Então fizeram um jogo baseado no maior desafio humano da história: a paz mundial.

— O lance é o seguinte — Q diz. — Qualquer um pode entrar em um jogo de *Pax Eterna* em andamento. Aqui na ilha que fiz com Paul tem só duas facções, mas elas já começaram a se matar. E só faz algumas horas.

— Meu Deus — digo. — Ninguém nunca vai ganhar o prêmio. Assim como ninguém nunca conseguiu a paz mundial.

— É o maior mistério de todos os tempos — Q diz, perdido na tela.

— Talvez o único jeito de ganhar seja não jogar — digo, citando um dos meus filmes preferidos. Não tenho ideia de como essa ideia pode ser aplicada, mas eu a lanço no ar só para ver como Q reage.

Q leva as mãos à cabeça como se ela fosse explodir.

— Não jogar — ele repete. — Preciso ligar pro Paul. Valeu, Frank Li!

Quando chego em casa, dou a mesma desculpa à minha mãe — o espirobol saiu do controle — e recuso sua insistente oferta de ferver um chá de ervas medicinais chinesas (*hanyak*, que se pronuncia *rán-iág*) para sarar mais rápido. Parece uma mistura suicida vermelho-amarronzada de líquido de conserva de pickles, café, lodo e medo puro.

Por sorte, meu celular vibra — uma chamada de vídeo de Joy —, e consigo escapar.

— Oi — digo.

— Ah meu deus o que foi que Wu fez vou atropelar o cara três vezes com o carro pra ter certeza de que morreu — Joy grita.

É uma chamada de vídeo, de modo que ela pode ver meu rosto. Ah.

— Não — digo, por cima dos gritos dela. — Não atropela o cara.

— Vou matar Wu — Joy diz — e depois matar de novo.

— Só... só... — digo, e uma ideia me ocorre. — Só vem aqui.

Isso a faz parar.

Posso ver a mudança em seu rosto. Ela entende.

Só vem aqui.

Porque agora ela finalmente pode ir para a casa de seu namorado oficial e certificado, como sua namorada oficial e certificada.

Quando ela vem, meu Deus, quando Joy Song de fato aparece na porta de casa de calça de moletom e blusão largo da Universidade Carnegie Mellon, o cabelo preso em um coque espetado e desleixado, meu coração bate duas vezes mais rápido.

Ela se curva diante da minha mãe e diz *annyeong haseyo* em um coreano bem ruim.

Então segura meu rosto. Beija meu olho. Na frente da minha mãe e tudo o mais.

— Ai — digo, mas surpreso, como alguém que acabou de bater a cabeça no teto ornamentado do céu.

— *Aigu* — minha mãe diz ao ver o beijo. — Enche de germe.

Mas ela também está sorrindo.

E então — *e então* — vamos lá *para cima*. Pro meu quarto.

Sozinhos.

Como acontece nos filmes.

— Eu corto melão — minha mãe diz, e some. “Eu corto melão” significa “vou dar alguns minutos pra ficarem sozinhos, mas, porque sou sua mãe e esta é minha casa, vou levar algo de comer como desculpa pra me certificar de que não estão transando”.

É claro que não fechamos a porta quando chegamos lá, então não é exatamente como nos filmes, mas perto disso. Encontramos um lugar onde não podemos ser vistos do corredor pra atacar um ao outro com beijos.

— Dá tantos quanto puder — Joy sussurra no meu ouvido.

— Momentos roubados — sussurro de volta.

Joy tem uma pintinha na nuca perfeita, que eu amo loucamente.

— Melão — minha mãe diz.

Quando ela entra, tudo o que vê somos eu e Joy sentados quietos e comportados em cadeiras separadas, como se estivéssemos esperando o tempo inteiro.

Minha mãe coloca a bandeja com fatias de melão à nossa frente e se desculpa porque não está muito doce, diz que o melão não estava em promoção etc. Isso é papo de anfitrião humilde. Mas percebo que ela trouxe os garfos chiques das visitas, aqueles com minúsculos pêssegos e

pombas gravados e uma inscrição. Levanto um para que minha mãe saiba que seu entusiasmo e sua aprovação me deixam feliz.

Joy endireita os ombros e diz:

— *Jal meokgesseumnida*.

A tradução literal é “Vou comer bem”, mas na verdade é só uma forma de agradecer por algo que se vai comer. Minha mãe adora. Quero cutucar as costelas de Joy e dizer: *Você não precisa mais fingir*.

Então me dou conta de que Joy não está fingindo. Só está sendo legal.

Só está sendo.

Minha mãe nos deixa a sós de novo. É claro que logo vai voltar para pegar a bandeja. Mas, até então, eu e Joy estaremos a sós. Como melão. Joy come melão. Olhamos um para o outro.

— Acha que Brit está bem? — ela pergunta.

Deixo a cabeça cair um centímetro.

— Provavelmente não.

— Você está bem?

— Melhor — digo —, agora que não temos mais segredos. Acha que Wu está bem?

— Pergunta pro seu rosto — Joy diz.

Ficamos olhando um para o outro.

— A vida é engraçada — digo.

Joy chega um pouco mais perto.

— Por quê?

— Acho que gosto de você há mais tempo do que pensava — digo. — Mas inconscientemente descartei você como possibilidade desde o princípio, por causa da minha paranoia em relação à maneira como nossos pais tentavam nos controlar. É isso que os pais coreanos das antigas fazem quando as famílias... você sabe... se juntam.

— Você acha que a gente teria começado a namorar antes se não fosse por eles?

— Talvez — digo, e chego mais perto. — Mas tanto faz. Estamos aqui agora.

Joy sorri.

— Sinto que acabamos de sair de uma prova bem esquisita.

— E saímos — digo. Sinto mesmo isso: o alívio, uma leveza surgindo lentamente entre as nuvens negras da culpa.

Passo a mão pelo cabelo dela e examino o verde escondido ali. Sempre quis fazer isso. E agora posso.

— Sempre te achei bonitinho, sabia? — Joy diz. — Desde pequeno.

Isso me surpreende.

— Sempre te achei linda — digo.

— Cala a boca — Joy diz. Ela chega mais perto. Segura meu braço com uma mão e sente meu bíceps com a outra. — Faz um muque.

Eu contraio o braço. A mão de Joy entra pela minha camiseta e começa a vagar pelo meu peito, pelas minhas costas. A sensação é fria e eletrizante. Chega a esfriar minha nuca.

— Continua contraindo — Joy diz, e me beija com sua língua com gosto de melão.

De jeito nenhum que vou conseguir continuar contraindo. Enfio a mão por baixo de sua blusa também. A minha é quente e vai grudando em sua pele. O moletom é largo demais pra ela. Acho o fecho do sutiã.

Então ouço a porta da frente se abrindo lá embaixo. Congelamos.

— Frankie-ya! — minha mãe chama. — Papai chegou!

Meu pai chegou? São sete horas. Ele não costuma chegar antes das nove.

Joy e eu vamos até a escada e cumprimentamos meu pai de lá com um “oi” alto.

— Ah — ele diz, surpreso. Parece cansado. Como se tivesse sobrevivido a uma longa caminhada. — Joy aqui? Oi, Joy.

— Oi, sr. Li — ela diz.

— Você chegou cedo — digo.

— Pouco cliente hoje — meu pai explica. — Fogo fez fumaça no céu. Todo mundo em casa.

Fico intrigado. Mamãe-e-papai trabalham todos os dias na Loja, de manhã até a noite, incluindo fins de semana, feriados e até o Dia de Ano-Novo, trezentos e sessenta e cinco dias de todos os anos sem nenhuma folga desde que Hanna e eu nascemos, mesmo nos dias parados.

Meu pai abre um sorriso.

— Bom ver você, Joy.

— É bom ver o senhor também — Joy diz. Ela parece explodir por dentro. Será que eu também?

Porque aqui estamos.

O caminho não foi bonito, mas aqui estamos.

— Vocês come melão — diz meu pai, e ri animado apesar do cansaço.

Ele nos olha — o filho e sua namorada, os dois da tribo — por tempo suficiente para parecer orgulhoso. Diga o que quiser, mas já é mais fácil assim. É como um prazer proibido. Como um código para trapacear no videogame.

Minha namorada da tribo.

Mamãe-e-papai saem. De onde estou, posso ouvi-los. A princípio, o coreano é simples o bastante para que eu consiga entender.

MÃE: *Demorou muito?*

PAI: *Não.*

MÃE: *Doeu?*

PAI: *Um pouco. Mas estou bem.*

Então o coreano fica muito avançado e é cortado pela batida da porta.

— O que doeu? — sussurro.

— Provavelmente o ferimento no peito — Joy diz.

— Cara, sempre me surpreende que meu pai tenha levado um tiro — digo. — Isso aconteceu de verdade.

— Está tudo bem agora — Joy diz.

Ela me abraça. Eu retribuo. Estamos ambos apoiando e sendo apoiados ao mesmo tempo, em um abraço que desafia a gravidade.

24

o mesmo lugar

As últimas semanas antes das férias de inverno são uma luta-livre existencial. É como se tivessem esbarrado sem querer nos botões que configuram a realidade, tentaram consertar e acabaram piorando. Cima vira baixo, luz se torna escuridão, a água da privada começa a girar no sentido contrário. Anti-horário? Horário?

Esqueci.

A aula de cálculo se torna absurdamente desconfortável com Brit me dando um gelo. O sr. Soft continua falando de numeradores e denominadores. Mas o resto da turma saca que Brit e eu não estamos mais juntos. Pior: todo mundo saca que fui eu quem terminei.

Por alguns dias, Brit usa roupas largas e compridas, depois roupas justas, depois tudo preto, depois tudo branco. Ela corta o cabelo bem curtinho, o que é chocante, mas fica muito bem nela. É como se estivesse testando Brits diferentes para ver qual é a verdadeira. Quero abraçá-la. Quero dizer que é linda e que vai encontrar o garoto certo, que por acaso não sou eu. Ela está bem aqui, afinal. Mas não consigo. Não ousa me intrometer.

Enquanto isso, Joy e eu mantemos nosso relacionamento discreto. Não queremos magoar Brit ou Wu. Ou lidar com as perguntas dos amigos. Eles sabem que eu e Joy agora somos Frankejoy, mas nos mantemos longe da vista, para que o coração deles não sinta.

Não podemos nos esconder no telhado ou atrás da estufa — são lembranças demais —, mas acabamos descobrindo um espaço lindo e esquisito entre o antigo prédio de tijolinhos, a nova ala de concreto e um aglomerado de aparelhos de ar-condicionado exalando seu calor,

barulhentos o bastante para mascarar qualquer ruído. É literalmente um pedaço do céu.

Nos fins de semana, vamos ao cinema, comemos tacos (*Cheese Barrel Grille nunca mais*, Joy disse) ou ficamos na casa dela, aconchegados perto do aquecedor ao lado da piscina enquanto o sol se põe na península de Playa Mesa.

Abertamente. Com os pais dela por perto.

Os dois gostam de mim. Acho. São formais demais pra eu ter certeza.

Ninguém ganha no *Pax Externa*. O prêmio continua intocado.

Q continua solteiro. De quem ele gosta continua sendo um mistério.

Vejo Brit no corredor, e ela deixa cair algumas folhas do fichário.

Meu olhar cruza com o de Wu, que erra um arremesso fácil no pátio.

Me sinto um pouco como um poltergeist, que deixa um rastro de caos.

As inscrições nas faculdades ou já foram enviadas ou estão adiantadas e sob controle. Já estou com medo dos meses de março e abril. É supostamente quando a maior parte das respostas chega. Ouvi histórias de posts de comemoração bem constrangedores no feed de amigos, e de amigos de amigos, e de gente que você nem conhece. Tal pessoa entrou na faculdade que você queria, mas você não! Não esquece de comentar o post com uma carinha feliz, viu?

Que se dane todo esse trauma. Tentei convencer os TAs e os Limbos a firmar um acordo de silêncio nas redes sociais nos meses da primavera, mas todo mundo me olhou como se eu fosse um viajante do tempo do século XIX. Então, em vez disso, fiz o melhor que pude: firmei um acordo com Joy e Q, as duas pessoas mais importantes no meu mundo.

Optamos por receber tudo pelo correio tradicional.

Instruímos nossos pais a esconder toda e qualquer carta de nós, e guardar tudo.

Como precaução final, criamos filtros de e-mail que colocam em quarentena automaticamente todas as mensagens de faculdades. Fizemos essa última parte juntos, no Café Adagio, com os laptops dispostos em uma formação triangular, em uma espécie de pacto de sangue nerd: vamos descobrir os resultados das faculdades juntos.

Temos o mesmo acordo para e-mails relacionados ao vestibular. Como este aqui, por exemplo, que acabou de chegar:

Caro candidato,

Obrigado por ter feito a prova em 1º de dezembro de 2019! Estamos muito felizes em informar que já temos seus resultados. Para vê-los, por favor clique no link abaixo e siga as instruções blá-blá-blá

Não leio o resto. Pego o espelho pra macaco.

Não clica no link, escrevo para Joy e Q.

Que link?, Joy pergunta.

Aimeucthulhu, esse link, ela escreve em seguida. Cthulhu, a entidade criada por Lovecraft.

Encontro no carro agora, escrevo. *Vamos clicar todos juntos!*

Mas estamos na terceira aula ainda, Q escreve.

Acho que vamos ter que esperar então, escrevo.

Cala a boca, ele escreve.

Assim que o sinal toca, corremos para o estacionamento. Saímos com o carro e, assim que chegamos à rua, acelero.

— Mil e seiscentos, mil e seiscentos, mil e seiscentos — Q cantarola, de olhos fechados, evocando a nota máxima.

O Café Adagio fica perto da Faculdade Peninsula. O Café Adagio é um lugar descolado. Os baristas se movem devagar e nem ligam se você passa o dia inteiro ali. Folhetos e cartazes cobrem cada centímetro das paredes. O lugar está sempre cheio de estudantes debruçados sobre laptops, sem dúvida fazendo coisas lindas: escrevendo poesia, criando teorias sobre física, compondo sinfonias. Olho para eles, então percebo: logo vou ser um desses universitários, abrindo meu próprio caminho, além dos limites dos livros didáticos. Alguns parecem intensamente concentrados, outros parecem frustrados, outros parecem perdidos em seus sonhos criativos. Eles investem tempo no longo prazo, porque sabem que vai valer a pena no fim, e os admiro por isso.

A senha do Café Adagio hoje é *rachandoacuca*.

Pego as bebidas com o barista assustadoramente bonito e descolado. Chá para mim e Q, café para Joy. Café é nojento, não importa quanto leite e açúcar se coloque. Antes que eu possa sentar, Joy pega minha mão e me força a abrir o laptop.

— Prontos? — Q pergunta. — Vamos clicar no três.

— Um — eu digo.

— Mil quinhentos e sessenta — Joy grita. — Ah, meu Deus. Tirei mil quinhentos e sessenta.

Dou um beijo nela, então vejo que minha tela atualizou também.

— Mil quinhentos e quarenta — grito.

Ambos olhamos para Q, que parece um zumbi deslumbrado. Viro o laptop dele.

— Mil e seiscentos — digo. — Você tirou mil e seiscentos, meu chapa.

— Levanto. — Povo da faculdade! Este excelente rapaz bem aqui acabou de tirar a nota máxima no vestibular!

Os estudantes aplaudem, então colocam os fones de ouvido e voltam ao trabalho.

— Consegui — Q diz, muito baixo.

— Conseguimos — eu digo, e bato na mão de Joy e na de Q. Q bate na minha mão e na de Joy. Joy bate na mão de Q e na minha. Depois de um tempo, temos que usar as duas mãos para dar conta.

— Podemos estudar onde quisermos — Q diz, ainda olhando para a tela.

— Aposto que conseguiria estudar em Stanford — conjecturo em voz alta. Então olho para Q. — Podemos ir para o mesmo lugar.

— Pittsburgh, estou chegando — Joy diz.

Isso me faz parar. Joy e eu, Frankejoy, é algo finito.

— A Carnegie Mellon tem habilitação em música digital? — pergunto, colocando minha mão sobre a dela.

— Frank — Joy diz. Ela coloca uma mão sobre a minha sobre a dela.

— Só queria saber — digo, e completo o sanduíche de mãos.

— Você tem que ir pra onde quiser ir — Joy diz. — Todos temos.

— A ficha começou a cair agora — digo. — Estou tendo dificuldade de visualizar como vai ser.

— Tudo já parece diferente — Q diz. — Tchau, copo. Adeus, guardanapos.

— Até que seja hora de ir, ainda temos um ao outro — Joy diz, acariciando minha orelha.

O barista vem até a nossa mesa e coloca uma fatia de bolo na frente de Q.

— Por conta da casa, para o sr. Nota Máxima — ele diz, e vai embora jogando a franja comprida pra trás.

Meu celular vibra. É um alerta do calendário.

— Ah, hoje à noite os museus são de graça em Los Angeles. Tem uma exposição chamada *O gabinete de curiosidades comestível: Comidas notáveis de trinta países*. Vamos?

Joy fecha o laptop e levanta.

— Se sairmos agora, evitamos o trânsito.

Levanto também, mas Q permanece no lugar.

— Vão vocês — ele diz.

— Você não vem? — pergunto.

— Vão os dois, num encontro, sabe? — Q diz. — E aproveitem o máximo que puderem.

Abraço a cabeça dele.

— O que você vai fazer?

— Comer meu bolo grátis — Q diz. — Mas antes acho que vou ficar um pouco sentado aqui com ele.

— Sentado com ele — digo, assentindo.

— Consegui, Frank — Q diz. — Consegui.

Entramos no carro. As mensagens não param de chegar. Paul Olmo tirou mil quatrocentos e oitenta. Amelie Shim também. Naima Gupta tirou mil trezentos e noventa, que é uma boa nota, mas tem uma última prova, e tenho certeza de que ela vai quebrar a barreira dos mil e quatrocentos, como queria. Quanto aos Limbos, John Lim, Ella Chang e Andrew Kim ficaram todos entre mil e quatrocentos e muito e mil e quinhentos e pouco. Excelente. O mundo parece acelerar em seu eixo.

Fico sabendo que Brit Means fez mil quinhentos e quarenta, como eu. Deveria mandar uma mensagem dando parabéns? Tenho vontade, mas provavelmente não deveria. Provavelmente não tenho o direito.

Tanto faz. *1540, parabéns! Tirei o mesmo*, escrevo

Depois de um bom tempo, Brit responde. *Parabéns pra vc tb, incrível*

Tenho vontade de comentar que ela escreveu “incrível”, mas não faço isso.

Guio o lúgubre Consta na estrada, rumando para o norte. Joy cuida da parte de gerenciamento de pais usando os dois celulares enquanto dirijo. *Vamos para LA, talvez cheguemos tarde* e blá-blá-blá. Mamãe-e-papai

respondem: *Aproveita*. Os pais mais fluentes e mais bem educados de Joy escrevem: *Divirtam-se*.

É engraçado. Para nossos pais, nada mudou. Meu drama com Brit e o drama de Joy com Wu se mantiveram invisíveis para eles. Para nossos pais, Joy e eu começamos a namorar uma noite numa Reunião, e estamos juntos sem nenhum percalço desde então. Trocamos as pedras preciosas, e as trocamos de volta. Ninguém nem notou.

— Posso só dizer como é legal não namorar mais de mentira? — digo.

Joy se inclina para beijar minha bochecha, minha orelha, meu pescoço e é facilmente a coisa mais erótica que já me aconteceu no Consta ou em qualquer outro lugar.

Chegamos ao centro de Los Angeles em tempo recorde. Mas tem uma rua fechada, depois outra, depois outra. Quando Joy olha o mapa no celular, está cheio de linhas vermelhas furiosas.

— Droga — ela diz. — Tem algum tipo de festival rolando. Vamos levar mais uma hora pra chegar ao museu.

Me recuso a deixar que isso me chateie, porque estou de muito bom humor.

— Vamos deixar rolar então — digo. — Topa ir ao festival?

— Claro — Joy diz, como se dissesse: “Por que não?”.

Saímos do carro, pulamos como idiotas na calçada por uns quinhentos metros e chegamos à entrada lotada do festival, por onde vaza música.

46^o FESTIVAL DE INVERNO COREANO DE LOS ANGELES
REALIZADO POR
AJU ELETRÔNICOS — AMÉRICA DO NORTE

Ficamos olhando para a multidão, chocados. K-pop explodindo dos enormes alto-falantes pretos. Bandeiras penduradas no alto de um lado a outro. Um palco com luzes coloridas, criancinhas de *dobok* branco se aquecendo para uma demonstração muito fofa de hapkidô. Dançarinas em vestidos tradicionais flutuando por entre a multidão, as fitas de seus chapéus se agitando em longos redemoinhos.

E a comida. Tem churrasco, claro, *kimchi*, claro, mas também todas as outras coisas que a maior parte das pessoas nunca nem vê — *tteokbokki*, bolinhos de arroz vermelho-flamejante, *kimbap*, pirâmides perfeitas de

arroz envolto em alga, *patbingsu*, gelo moído com arroz e feijão doces, e até montanhas de *beondegi* assado na hora.

Joy aponta para a barraca de *beondegi*.

— Come — ela diz.

— Come você — eu digo.

Beondegi é a pupa do bicho-da-seda. O dono da barraca pergunta o que eu quero em coreano, e eu peço em inglês pra provar. Não é ruim — tem gosto de castanha e cogumelos, e é supercrocante. Beijo Joy imediatamente para que sinta o gosto também.

— Eca — ela diz, lambe os dentes em contemplação, então compra um cone inteiro de papel.

Passeamos um pouco, e mais um pouco. Tem um quarteto de percussão *samulnori* tocando num frenético turbilhão de metais, com um velho maluco dançando junto enquanto duas gêmeas bem pequenas tampam os ouvidos. Registro tudo com meu gravador — refeitos com instrumentos eletrônicos, esses ritmos dariam uma colagem muito doida.

Vamos de um lado a outro. O cabelo de Joy lampeja em preto e verde, preto e verde. Acima de nós, as luzinhas ganham vida contra o céu fresco e aveludado. Acho que o sol se pôs sem que percebêssemos.

Mais para a frente, tem outro palco pequeno, mais produzido que o primeiro, com um grupo de *samgo-mu* se apresentando em baias ornamentadas alinhadas a tambores tradicionais. Todas as dançarinas são mulheres, impecavelmente vestidas com *hanbok* cintilantes, usando suas baquetas em ritmo perfeito e em uníssono no tambor, à esquerda, à direita e à frente. Em determinado momento, elas se inclinam bastante para trás e completam um crescendo de colcheias incessantes na pele esticada dos tambores, depois na borda, então de novo.

— Abdomes de aço — Joy grita.

Ela me dá um beijo enquanto os tambores trovejam mais alto e mais alto até o fim da música. Aplausos irrompem. Algo acontece dentro de mim. Olho para Joy e percebo que também sente isso. As luzes, a música, a grande celebração da cultura à qual supostamente pertencemos. Todo mundo está aqui, e tem a nossa cara. A comida, os tambores, as crianças de *dobok* branco. Um menino parece muito comigo quando pequeno.

Eu e Joy crescemos expostos a este mundo. Conhecemos todos os seus elementos, mesmo que nem sempre saibamos os nomes em coreano. Não

são esquisitos ou exóticos para nós. São como nossa casa.

Se não fosse pelos prédios de Los Angeles ao fundo, eu poderia achar que estou na Coreia. Melhor ainda: poderia achar que sou coreano.

Eu e Joy saltitamos como idiotas.

Ela para de repente. Aponta devagar para uma barraca delicada em rosa e branco, decorada com centenas de travesseirinhos macios, parecendo a bochecha de um bebê.

— São aqueles docinhos de arroz — Joy diz.

Alguns bolinhos são simples, outros são recheados com pasta doce de feijão vermelho, outros são polvilhados com gergelim. Os mais exóticos têm cobertura de manga e até chocolate.

Reviro o cérebro atrás do nome. *Chalttok*. Tenho quase certeza de que é isso.

De dentro da barraca, uma senhora simpática sorri, usando um *hanbok* campestre simples, como se tivesse acabado de sair do desenho de um frágil pergaminho.

— Quero um com gergelim — Joy diz, tomada pelo desejo, como uma criança.

Começo a alimentar a brasa da coragem, porque de repente sinto a necessidade de fazer o pedido para minha namorada em coreano.

A comida, os tambores, as criancinhas de *dobok* branco.

Aponto e digo:

— *I chalttok dugae jeom juseyo*.

Dois bolinhos desses, por favor.

O sorriso da senhora coreana se desfaz, seus lábios se transformam em uma linha reta, e uma carranca se forma em seu rosto. Ela começa a gritar comigo, abrindo bem a boca. Compreendo a maioria das palavras.

— *Chalttok?* — a senhora diz. — Não sei o que é *chalttok*. Talvez você devesse aprender a falar coreano direito.

A comida desaparece, os tambores ficam mudos, os *doboks* brancos vão ao chão, de repente esvaziados das crianças.

Não é *chalttok*. É *chaltteok*. É uma leve diferença, como entre “queijo” e “beijo”. Mas ninguém pediria uma pizza “com beijo”.

Ninguém nativo.

— Vocês malditos *kyopos* são burros demais — a senhora diz. É como se estivesse usando coreano básico de propósito para se certificar de que

eu entenda cada palavra.

Kyopo é como eles chamam os coreanos que vivem no exterior. Não sei quem são “eles”. Aparentemente não sei mais nada nesse instante. A não ser que meus pés estão deixando o chão de novo. Você já sabe que eles se comportam assim em momentos como este. É uma sensação alarmante, mas também reconfortante, e sei que não faz o menor sentido.

— O que está acontecendo? — Joy pergunta. — O que foi que ela disse?

Olho em volta. O k-pop estourando dos alto-falantes me é indecifrável. Todas as placas me são ilegíveis. As pessoas parecem comigo, mas sei que tudo não passa de um truque visual elaborado. Minha mão atravessaria o corpo delas, como se fossem fantasmas.

Eu me enganei ao sentir pertencimento. Foi tudo um grande mente-leão.

— Vamos embora — digo.

Eu a puxo na direção da saída do festival, para o mundo cinza e monótono mais além. Quero desaparecer, como um fantasma, e fingir que eu e Joy nunca pisamos neste lugar.

— Ei — uma voz masculina grita. — Espera.

Uma mão toca meu ombro, e me viro. É um jovem, só um pouco mais velho que eu. Parece comigo, franze as sobrancelhas e a testa como eu. Diferente de mim, usa um boné azul com a sigla de Los Angeles e uma regata, e tem braços musculosos com tatuagens geométricas em traço fino.

Ele me oferece um saco de plástico transparente com quatro bolinhos de arroz com gergelim. Não consigo mais chamá-los de *chaltteok* agora. Só “bolinhos de arroz”.

— Cara, desculpa por minha avó ter sido tão filha da puta com você — ele diz. — A velha pode ser cuzona pra caralho às vezes.

Essa profusão de xingamentos sinceros enche minha alma com uma luz quente e laranja. Também me faz rir. Olho para Joy. Ela tapou a boca pra se segurar.

— Aquela era sua avó? — ela pergunta.

— Ela me chama de burro o tempo todo porque meu coreano é uma merda.

Pisco. Meus pais têm seus problemas, mas pelo menos nunca me chamaram de burro por não saber coreano.

O cara estica a sacola.

— Pega. Como um pedido de desculpas.

Ele está sendo sincero. Quer mesmo que eu aceite. Então aceito.

— Acho que podemos guardar pra sobremesa — digo, dando de ombros.

— Valeu.

De repente o cara parece ansioso.

— Espera aí, vocês ainda não jantaram?

— Não — Joy diz.

— Me sigam — o cara diz. Quando vê que hesitamos, bate o pé e acena com vigor, como se estivesse fazendo um passo de dança num palco. — Vem, *babo saekkideul* — o cara fala, todo feliz.

— Ele acabou de chamar a gente de “idiotas filhos da puta” — Joy diz.

— Gostei dele — digo. — Vamos.

Ele passa depressa pelas barracas e pelas pessoas, e eu e Joy sapateamos em fila para acompanhar seus tênis brancos enormes e ágeis. Passamos pelo quarteto de *samulnori*, então por um palco cheio de dançarinos de k-pop, até chegar ao extremo da área destinada ao festival.

Não é tão bonito aqui. Só tem alguns food trucks estacionados em círculo e mesas de armar ocupadas por gente comendo. Uma mistura maluca de música mexicana com o ritmo constante de rap sobreposta pela letra falada em coreano e inglês. Nunca ouvi nada parecido. É sublime. Registro tudo com meu gravador.

Enquanto faço isso, registro o nome do cara também.

— Sou Roy Chang — ele diz. — E aquela parada é minha.

Ele aponta para um food truck vermelho marcado com as palavras TODO DAE TODO DIA. *Dae* significa “grande”, e tem um 大 de um metro e meio de altura pintado caso alguém não entenda o trocadilho.

Roy vê meu gravador.

— Você é músico?

Assinto, timidamente.

— Enrique também gosta dessas coisas — Roy diz. — Vou apresentar vocês. — Ele bate no food truck. — Opa, manda dois pedidos especiais rapidinho, *hana quesadilla* com *kimchi*, *hana* frango *jidori gochujang* com waffle. E *tres cervezas*, por favor!

— *Al geseo* — Enrique diz, indicando que entendeu.

Roy senta conosco a uma mesa, e a comida vem logo mais.

— O que é isso? — pergunto, intrigado.

— Só come, não pensa — Roy diz.

Então comemos. Assim que começo, não consigo mais parar. É uma mistura perfeita para mim: o *kimchi* de casa, o queijo, as tortilhas e o picles de cacto típicos da Califórnia e o waffle, porque é waffle.

— Nhaaaam — Joy e eu dizemos.

— Eles gostaram — Roy diz a Enrique, que veio nos ver comer.

Enrique aponta com o dedão para Roy.

— Chamam esse cara de futuro da culinária americana, haha.

— Como posso ser o futuro se já estou aqui e já sou um adulto americano, porra? — Roy diz.

Enrique pede para ouvir minhas músicas e ouve inclusive “Canção para Brit”. Ele gosta tanto que me passa seu e-mail para que a gente mantenha contato. Passo meu e-mail para os dois também, sem hesitar. Porque tenho a estranha sensação de que já nos conhecemos, como se todos tivéssemos nos formado na mesma escola.

Comemos tudo e bebemos as cervejas. Então levantamos.

— Vocês estão indo? Podemos sentar aqui? — uma voz pergunta.

Viro. Sou eu de novo, ou outro cara que parece comigo, só que muito mais velho: com rugas nos olhos, entradas profundas. Ele está acompanhado da esposa, que é negra. Entre os dois, noto a filha, que deve ter uns sete anos. Ela está vestida de elfo.

— Claro — digo.

— Sua filha é muito linda — Joy diz.

— Diga obrigada, querida — a mãe diz. Eles parecem acostumados com o elogio.

— Obrigada, querida — cantarola a filha.

Quero passar meu e-mail a essa família também. Mas seria esquisito, então Joy e eu nos despedimos de Roy e Enrique e nos afastamos lentamente.

Pego o celular e começo a digitar.

— Pra quem está escrevendo? — Joy pergunta.

Mostro pra ela.

Estou com saudades, mana Hanna.

Joy sorri e envia a mensagem por mim. Logo em seguida, a resposta da minha irmã aparece na tela.

Também estou, Frankie.

25

o melhor peido

É tarde. A estrada é uma faixa livre pela qual viajamos. Os postes de luz laranja passam acima de nossas cabeças como o sol se erguendo e se pondo em looping.

Ficamos em silêncio. Processando a noite.

Quando nos aproximamos de Playa Mesa, Joy toca minha mão.

— Ainda não quero ir pra casa — ela diz.

— Tá — concordo no mesmo instante. São onze e meia da noite. Quero ver o sol nascer com Joy. Depois quero ver o sol se pôr com Joy. De novo e de novo.

Ela pega meu celular e inicia o protocolo de gerenciamento parental. Assim que recebemos a confirmação de que podemos nos divertir, guio o Consta recalcitrante ao único lugar onde sei que estaremos sozinhos e livres, com toda a privacidade.

Westchester Mall, o maior shopping de Orange County, no sul da Califórnia.

O estacionamento está tão morto quanto lava endurecida. Dirijo por cima das vagas pintadas em branco no chão e estaciono bem na frente. Vamos até a rampa da entrada principal e a atravessamos.

O interior está vazio. Todas as lojas chiques estão fechadas. As notas da sonata mais baixa do mundo caem como poeira do topo de uma caverna iluminada. Adoro vir aqui porque faz com que eu me sinta a última pessoa no planeta. Desde que eu era pequeno, tenho a fantasia de ser a última pessoa no planeta.

Murmuro isso em voz baixa para Joy, porque o espaço à nossa volta parece sagrado e merecedor de uma voz suave.

Joy pega minha mão e acompanha meus passos.

— Acho que seria assustador.

— Ah, mas seria só por tipo um ano — digo. — Como uma pausa.

— E depois?

— Um dia eu acordaria e pronto. Tudo continuaria de onde tinha parado.

— Acho que poderia ser divertido por um ano — Joy diz, mordendo um ponto seco no lábio. — Uma pausa no planeta. Mas acho que eu teria medo de ficar maluca.

Passamos por um grande funil de madeira com duas fendas para moedas e uma placa dizendo: FAÇA UMA DOAÇÃO PARA AS ESCOLAS DO DISTRITO: VEJA SUAS MOEDAS GIRANDO!

— Acho que esta noite me dei conta de por que sempre tive essa fantasia — digo.

Joy faz o movimento de que gosto, quando solta minha mão, sobe a dela pelo meu braço, aperta uma única vez e depois pega a minha mão de novo.

— Muito bem, pequeno Frankie. Por quê? — ela pergunta.

Penso naquela vovó maldosa, em Roy e nos food trucks.

— Porque então eu poderia ser quem quisesse, e não haveria ninguém para me julgar.

Joy sorri, olhando para nossos pés em movimento.

— Aquela velha era doida, né?

Passamos pela praça de alimentação. Tem a barraca de pretzel, ainda cheirando a fermento e manteiga. O restaurante italiano vagabundo, o restaurante asiático vagabundo, o restaurante mexicano vagabundo e três hamburguerias. É um microcosmo da culinária americana branca convencional.

— Me sinto eu mesmo quando estou com você — digo. — Acho que foi por isso que quis vir aqui.

— Pra ver a gente totalmente fora de contexto? — Joy pergunta.

Sorrio. Ela entende. Entende tudo.

— Vem aqui.

Nos beijamos. Para minha surpresa, Joy pega minha bunda com ambas as mãos.

— Nem consigo acreditar que posso fazer isso com você num lugar público — ela diz. — Vir aqui foi uma ótima ideia, Frank Li.

À distância, ouço o ruído de um walkie-talkie. Joy levanta a cabeça na hora.

— O que foi isso? — ela pergunta.

— Provavelmente Camille ou Oscar — digo, me referindo aos seguranças.

— É melhor a gente ir? — Joy pergunta.

— Não, eles andam superdevagar e adoram conversar. Vamos ficar o quanto pudermos. Vem.

Faço uma curva fechada com Joy e descemos por um corredor na direção da Nordstrom. Assim que saímos do campo de visão de quem quer que seja, volto ao ritmo lento de antes.

Nos beijamos e beijamos. Nos beijamos *enquanto* andamos. Não tem mais ninguém por perto. Estamos em uma pausa no planeta, em nosso pequeno paraíso abandonado.

Levo Joy até a fonte no átrio de vidro. É uma estrutura baixa formada por ângulos modernistas simples, cercada por um peitoril de pedra cor de chocolate.

— A Lagoa Namorada já era — murmuro.

— O que é Lagoa Namorada? — Joy pergunta.

FONTE FECHADA PARA MANUTENÇÃO: NÃO SUBA

A fonte está sem água, revelando um leito empoeirado e calcificado, com uma malha de mangueiras e luminárias manchadas.

E continua cheia de moedas.

Os olhos de Joy brilham.

— Cara, tem uns cem dólares aqui.

— Cara — repito.

Então tenho uma ideia.

Entro na fonte e começo a coletar as moedas, me agachando e usando a frente da camiseta como cesta.

— Vem me ajudar — digo.

— Você é louco — Joy diz.

Mas ela entra também, e começa a pegar as moedas comigo. Dou um encontrão nela, quase derrubando o que coletou. Ela me dá um empurrão também. Em poucos minutos, estamos com a frente da camiseta cheia de moedas, como marsupiais mutantes e sorridentes.

Ouvimos o ruído do walkie-talkie à distância, seguido por um grito.

— Ei! — alguém diz.

— Por aqui — digo. Saímos da fonte e corremos de pernas abertas como hobbits pelo mesmo caminho de onde viemos. Sem parar, Joy olha para mim como quem acaba de entender.

— Sei o que estamos fazendo! — ela grita.

E ela sabe mesmo, porque é a primeira a chegar ao funil de madeira para doações. Deve ter quase dois metros de diâmetro. Nos ajoelhamos de lados opostos, jogamos nosso butim no chão e nos preparamos para colocar cada um uma moeda na fenda.

— No três — digo.

— Um — Joy diz.

— Dois — digo.

— Três.

Soltamos. As duas moedas dançam em arcos perfeitos até chegar ao fundo do funil, onde aceleram em círculos horizontais de perfeita força centrípeta que desafiam a gravidade. Finalmente, fazem “plim” e desaparecem no abismo do tesouro abaixo.

— Essas duas moedas somos eu e você — digo.

— Você é tão brega — Joy diz. Mas sei que adorou. — Mais moedas.

— Mais rápido — digo.

Enfiamos moeda após moeda, e logo o funil de madeira troveja com um vento metálico. Faço uma pausa para gravar o som. Parece uma esquadilha interminável de caças sobrevoando nossas cabeças.

VEJA SUAS MOEDAS GIRANDO!

Só precisamos de uns dez minutos para enfiar todas as moedas. Algumas chegam ao fundo sem nenhuma colisão; algumas batem e criam uma grande avalanche desleixada. É ao mesmo tempo emocionante e meditativo. Não procuramos provocar conflito ou harmonia encontrando um ritmo preciso, usando moedas de determinado valor nem nada do tipo. Só enfiamos as moedas o mais rápido que podemos.

Essa é a verdadeira metáfora, bem aí.

Finalmente as últimas moedas caem — *plim, plim* —, deixando um silêncio filosófico.

— Isso foi muito legal — diz uma voz de mulher.

Eu e Joy erguemos o rosto. A uns seis metros de distância estão Camille e Oscar, em seus uniformes desajustados.

— Nunca vi tamanha beleza emergindo de objetos cotidianos — Oscar diz.

— Há quanto tempo estão aí? — pergunto.

— Quase o tempo todo! — Camille diz. Ela tem um jeito de falar que faz parecer que está sempre choramingando, mesmo quando está concordando com você ou sendo simpática. — Mas você sabe que aquelas moedas eram propriedade do shopping, Frank!

Levanto e dou um tapinha na placa próxima ao funil.

FAÇA UMA DOAÇÃO PARA AS ESCOLAS DO DISTRITO

— Pensa nas crianças — digo.

— O Grupo Westchester agradece pela generosa doação feita em seu nome — Oscar diz.

— Você não vai nos apresentar, Frank? — Camille pergunta.

— Hum, esta é Joy — digo.

Joy aperta a mão de Camille e Oscar, que olham um para o outro em aprovação.

— Frank — Oscar começa —, é importante que saiba que estamos patrulhando todos os setores esta noite, com exceção do último andar do prédio de estacionamento Europa, canto nordeste, onde não haverá qualquer supervisão. A área permanece em uma penumbra perpétua devido ao mau funcionamento de uma lâmpada.

Sorriso.

Oscar guarda o walkie-talkie.

— Podem ir, jovens apaixonados.

Dirigimos em silêncio. Demoramos um tempo para encontrar o estacionamento em questão, dado o tamanho do shopping. Enquanto guio, noto que um estranho nervosismo se estabeleceu entre nós. Eu a pego me olhando. Joy me pega olhando para ela.

Estamos dirigindo para o alto de um prédio de estacionamento.

Para quê?

Não sei dizer. Só me sinto compelido a ir para lá. Joy também. Ela está aqui, com os dedos pressionados contra o joelho, ansiosa.

Oscar estava enganado quanto ao mau funcionamento de uma lâmpada. *Todas* as lâmpadas aqui em cima estão desligadas, nos deixando sem nada além do luar puro. Estaciono no canto mais distante. A noite está clara, com cor de safira, e podemos ver as luzes se estendendo ao longo da costa sinuosa de Playa Mesa até San Marco, Paloma, Karston e além. À nossa direita temos o breu total do Oceano Pacífico, pontilhado pelas preguiçosas luzes piscantes das plataformas de petróleo em repouso.

— Será que é muito tarde? — pergunto.

— É bem tarde — Joy diz.

— É melhor a gente voltar logo?

Joy responde abrindo o vidro alguns centímetros. Então abro o meu também.

— Estou com vergonha — ela diz, e ri.

— Os humanos dão risada para quebrar a tensão emocional, sabia? — digo, rindo também.

Então ficamos em silêncio novamente. Os assentos de couro rangem se me movo um milímetro que seja.

— Sua blusa está toda manchada e suja — digo.

— A sua também — Joy diz. Ela estica o braço e toca meu abdome.

Eu a puxo em um beijo que se transforma em dois, que se transformam em doze, fácil. De repente, Joy odeia o banco do passageiro em que estava sentada. Ela movimenta as pernas no interior do carro e retorce o corpo para ultrapassar o muito mal posicionado console, com seu freio de mão infernal e seu câmbio no meio do caminho.

Finalmente, ela se acomoda no meu colo e ajeita o cabelo. *Estou aqui. Oi.*

É só uma pausa, longa o bastante para que fiquemos olhando um ao outro na escuridão do luar. Os vidros já estão embaçando, apesar das frestas abertas. Somos as estrelas de um filme romântico clássico que todo mundo conhece e adora. Podemos sentir a próxima parte vindo.

Beijamos longa e demoradamente. Paramos para respirar.

— Quero você — Joy diz. — Tudo bem?

Ela está morrendo de medo ao dizer isso. Dá pra ver em seus olhos. Dá pra sentir em sua pele. Porque o amor é a coisa mais assustadora do

mundo. O amor é uma mão azul e poderosa vindo do céu na sua direção. Tudo o que você pode fazer é se render e rezar para não te matar.

Tento responder, mas minha garganta fecha. Pigarreio.

— Tudo bem — digo.

Nos beijamos de novo. A poderosa mão azul vai nos levar a algum lugar — não sabemos aonde ainda, o que é assustador, mas lá vamos nós. Minha mão descobre a pele abaixo de sua blusa — um lugar que já toquei, mas agora que é só pele nua me parece totalmente novo. Joy recebe meu toque como permissão para me tocar também. De repente, suas mãos agarram cada parte do meu torso em uma sondagem urgente mas delicada.

Do nada, odeio a blusa de Joy. E ela odeia a minha. Então as tiramos. Já sei onde está o fecho do sutiã, então o abro. Joy dá uma cotovelada na buzina, que toca, e rimos.

— Esse troço é reclinável? — ela pergunta, se referindo ao banco do motorista.

— É, sim — digo, e me abaixo para pressionar o botão.

O banco de couro começa a se reclinar lentamente para trás, mas parece levar uma eternidade dos infernos, fazendo barulho de peido o tempo todo. É o melhor peido possível. Começamos a rir, então cobrimos a boca, admirados: vamos mesmo fazer isso?

Vamos.

E fazemos.

26

uma piada ruim

Ding-dong.

Ding-dong.

É só meu pai, passando o esfregão no chão perto da entrada.

Ding-dong.

O trio de moscas dança acima da minha cabeça.

Está quente. O sul da Califórnia sempre pula a primavera e vai direto para o verão. O chocolate está no depósito refrigerado.

Uso preto, mas em tons quentes: calça preta alaranjada, camiseta do Kraftwerk preta amarronzada. Mexo nas pulseiras, também pretas nos mesmos tons.

À superfície, parece que nada mudou. Continuo sendo Frank, a Loja continua quente, meu pai passa o esfregão como sempre.

Mas, na verdade, tudo mudou. Está quente porque o mundo quer me lembrar de que logo vai ser verão, a escola vai acabar e vamos todos para a faculdade. Eu. Q.

Joy.

Ainda não quero pensar nisso.

Quanto a meu pai, escondida sob sua camiseta de trabalho de sempre há uma pequena cicatriz redonda, tão suave e brilhante quanto uma gota de tinta cobre. Ninguém adivinharia que há pouco o cara sobreviveu a um tiro.

E quanto a mim?

Uma vez li uma HQ em que o herói perde a virgindade e fica decepcionado por se sentir igual no dia seguinte. Garotos não são como garotas, ele conclui. Não têm um hímen a ser rompido. Não há nenhum

sinal físico do ocorrido. Para o herói, o dia seguinte não era nada além de um anticlímax.

Era uma HQ muito idiota. Entendeu tudo errado.

Porque, se você me cortar ao meio e me abrir agora, vai descobrir que meu corpo brilha como um geodo, em todo o espectro de tons imaginável. Olhando mais de perto, você vai ver cidades inteiras de cristal repletas de minúsculos seres de luz viva, pulsando em ordem cromática — seguindo o arco-íris — ao entregar suas novas ao longo dos meus membros.

Novas, as estrelas recém-nascidas.

Me apoio no balcão e sorrio como um idiota.

Dentro de mim, tudo mudou.

Pego meu espelho pra macaco e mando uma mensagem para Q.

Perdi, meu chapa.

A sanidade?, Q escreve.

Ontem à noite, respondo.

Há uma pausa, então vem um dilúvio de carinhas surpresas.

Como se sente?, Q pergunta. *Pode voar?*

Deixa eu ver, escrevo. *Ainda não.*

— *Aigu* — meu pai diz, batendo com o punho fechado nas costas.

— Deixa que eu limpo — insisto.

— Tô bem — ele diz.

Baixo os olhos para a caixa registradora. O papel da notinha está saindo com uma faixa rosa, o que significa que está acabando.

— Pai, você pode trocar o rolo? — peço. — Não sei fazer isso.

— Tá — meu pai diz. — Eu faço.

Enquanto ele se concentra em colocar um novo rolo na caixa, pego o esfregão. Quando finalmente acaba, o chão já está brilhando.

— Frankie-ya — meu pai diz, rindo. — Não limpa!

É tarde demais. Já estou lavando o esfregão no balde e o levando para os fundos para jogar fora a água cinza. Meu pai olha para o azulejo no chão, os cantos, as beiradas, então para mim.

— Fez bom trabalho — ele diz.

Esse é seu jeito de me agradecer, então digo:

— De nada.

Há uma enxurrada de clientes — ondas, eles sempre vêm em ondas —, incluindo Charles, que me dá outro papelzinho enrolado para ler. Eu o

desenrolo. Tem um pênis, esperma, um óvulo e um embrião na bolsa. Diz:

DA ÁGUA À ÁGUA À ÁGUA
DE VOLTA À ÁGUA DE NOVO

Em primeiro lugar: por que os homens gostam tanto de desenhar pênis? Parem com isso, por favor. Mas fico surpreso ao me dar conta de que compreendo o papelzinho. Acho. Talvez. Humanos são principalmente água. Água de diferentes tipos: sangue, bile, saliva, blá-blá-blá. Essas águas se misturam a outras, e disso vem a vida. É um milagre e um mistério.

Água é vida; falta de água é falta de vida. Me faz pensar no barlavento e no sotavento de uma montanha. O barlavento retém uma umidade preciosa, da qual o sotavento sempre vai ser privado, levando a uma encosta verde e exuberante de um lado e ao cinza estéril do outro, separados apenas por um pico afiado. Os insetos nascidos no sotavento só conhecem o esforço; os nascidos no barlavento só conhecem a fartura.

Alerta de metáfora de imigrante. Vamos dizer que você tenha nascido em um país devastado pela guerra. Você atravessa uma fronteira — que pode até ser invisível, sem um pico afiado que a defina — e de repente se encontra a barlavento: em uma sociedade segura, limpa, moderna.

Como é isso?

Não sei. A primeira dificuldade é atravessar o pico. Mas também é a parte mais simples.

A outra dificuldade é aprender a viver de fato do lado verde. Bom... essa é bem mais complicada.

Belo papelzinho dessa vez, Charles.

— Pai — chamo. — Você teve medo quando veio para os Estados Unidos?

— Eu? — ele diz. — Não.

— Sério?

— Mamãe sim. Eu, talvez um pouco. Dá medo.

— Espera aí. Então você teve medo?

— Isso, medo muito tempo. Quando veio, não tinha nada. Inglês mais ou menos. Só trabalho ruim. Dinheiro? *Aigu*. Só tinha trezentos dólar. Quase dois anos ficou...

— Vocês ficaram dois anos na casa dos Choi, comendo só *ramyeon* e arroz de *kimchi*, eu sei.

Meu pai sorri para o chão. Sabe que já ouvi isso um milhão de vezes

— Só estou curioso. Do que tinha medo quando chegou aqui? Do que tinha mais medo?

Meu pai sorri enquanto pensa. Mas não está necessariamente feliz. Só tende a sorrir quando pressionado. É mais uma careta que um sorriso.

— Tinha medo — meu pai começa — de talvez fazer todo o caminho até Estados Unidos e ficar sem nada, talvez emprestar dinheiro de amigo, talvez emprestar dinheiro da família. Talvez negócio não fazer sucesso, filhos estudar em escola ruim, talvez não ter casa. Perda de tempo. Voltar pra Coreia, *aigu*. Fazer problema. Toda família ser fardo financeiro. Todo mundo dizer que falhou, que melhor ter ficado na Coreia.

— Então você tinha medo da vergonha.

Meu pai assente, grave.

— Família Paek, você não conhece, tentou negócio de lavar carro. Perdeu todo dinheiro. Depois voltou pra Coreia. Nossa. Família inteira prisioneira, escravidão financeira, dizem. Sr. Paek tem ataque do coração. Ele morre. — Meu pai corta o ar com as costas da mão. — Eu não. Nunca.

— E você não tem mais medo de nada?

Meu pai ri.

— Não.

— Está feliz?

— A gente bem, Frankie. Você na faculdade? Boa namorada? Vai ter filho bonito? Pronto. Eu morro, ah, Frankie-ya indo bem, eu sorrio, sorrio. Último suspiro antes de *abotoar o paletó*.

Meu pai dá sua risada maluca.

Rio também.

— Nossa, pai, você precisa ir direto pra morte?

Tenho vontade de perguntar a ele sobre Hanna. Parece uma chance de fazer isso. Mas talvez não — porque ele para de rir de repente. Fica com a expressão perdida. Quase assustada. Será que está pensando nela também? Está se perguntando se não vai rever Hanna antes de morrer?

Meu pai parece não saber onde focar, então olha para o relógio.

— Você arrumou depósito? — ele pergunta.

— Hum, não.

— Ya, faz isso agora. Daqui a pouco Reunião.

— Tá bom, tá bom, já vou.

— Rápido — ele manda.

— Tá bom, pai, credo.

Pego o casaco e me fecho no frio do buraco-negro. As coisas com meu pai sempre foram assim. Estamos conversando, tudo vai bem, e de repente ele fica totalmente maluco por algum motivo e me corta. Eu me sinto como uma nave espacial que sempre acaba sendo mandada para longe na hora de entrar na atmosfera.

Carrego caixas de cerveja e suco para um lado ou outro; junto latas avulsas e formo pacotes completos; coloco o leite novo na frente e separo o vencido. Estou tão irritado que trabalho em velocidade redobrada, tão rápido que, quando emergo para o calor, pego meu pai fazendo alguma coisa com a expressão culpada.

Ele está com um pote de plástico laranja na mão. De remédio.

— O que está tomando? — pergunto.

— Vitamina — meu pai diz. Ele já vestiu a polo apropriada para a Reunião. — Aproveito pote de remédio velho. B12, cálcio, fibra. Melhor você tomar também.

— Adolescentes não precisam de vitaminas, pai.

— Vamos agora. *Ppalli gaja*.

Anda, vamos lá.

— Me deixa ver as vitaminas.

— *Ppalli gaja* — meu pai repete, guardando o pote. — Você dirige, hum?

Entramos no velho QL5 do meu pai. Noto que a borda dianteira do assento do motorista desgastou e se abriu.

— Tá, me deixa tomar essas vitaminas então — digo. Falo alto demais, como se estivesse brigando. Mas sei que não são vitaminas.

— Essa especial pra gente velha tomar — meu pai diz. — Eu compro multivitamina normal amanhã, pra você.

Então meu pai passa a viagem toda quieto. Normalmente, apontaria as etnias flutuantes dos bairros por que passamos, ou comentaria como pequenos negócios por toda parte estão em dificuldade, a não ser o deles, graças ao trabalho duro e à astúcia de mamãe-e-papai, mas dessa vez não. Quero descobrir o que é que está acontecendo com ele. Quero perguntar:

O que são esses remédios?

Você está bravo porque cheguei tarde ontem?

Está se sentindo culpado por causa de Hanna?

Está estranhando o fato de que logo vou pra faculdade?

Quero perguntar até:

Você percebeu que perdi a virgindade ontem à noite e está se sentindo desconfortável?

Fico prestes a fazer essas perguntas, mas não faço, porque sei que ele não vai responder com sinceridade. E o resultado é uma viagem de trinta e cinco minutos superagradável.

Chegamos à casa dos Song. Saio para o ar salgado e doce por conta do mar e das seis plumérias, todas iluminadas. Quem tem tempo e dinheiro para instalar uma iluminação especial para cada árvore?

Gente rica.

Olho por puro reflexo para meu pai, que está ocupado tirando um fio solto da beirada da frente do banco do passageiro. Então aquele está gasto também. De novo me pergunto se meu pai está feliz. Me pergunto se tem inveja de como o pai de Joy conseguiu ir tão além dele tendo partido do mesmo ponto. Me pergunto se tem inveja, tendo economizado por tanto tempo para comprar seu precioso QL5 só para ver seu pupilo comprar um QL6, e depois dois QL7.

Espero que não. Torço para que meu pai tivesse uma linha de chegada determinada que um dia ultrapassou e então parou de correr, porque isso é a felicidade para ele.

É assim que imagino que gente rica como os pais de Joy vivem: sempre perseguindo uma linha de chegada que na verdade é o horizonte e nunca pode ser alcançada. Será que isso também é um tipo de felicidade?

O rosto do pai de Joy aparece na tela de segurança antes que possamos tocar a campainha.

— *Yi-sunbae osyeotseumnida!* — ele grita. *O mestre Li está aqui!*

Há um cheiro morno dentro da casa, de alho e sálvia. Murmuro meu *annyeong haseyo* e me curvo, então dou um abraço na minha mãe — que já está aqui, tendo chamado um táxi em seu espelho pra macaco pela

primeira vez na vida, o que é muito empolgante — e subo para o quarto de Joy, onde os Limbos estão.

— Oi, gente — digo.

— Oi, Frank — os Limbos dizem. Noto John Lim e Ella Chang sentados perto um do outro, mas sem se tocar. Isso é que é disciplina.

Andrew Kim está de costas olhando para o celular. É o que ele chama de “treino de espelho”, quando os atores estudam e aperfeiçoam suas expressões faciais.

Joy aparece, toda de preto. Quando pega minha mão, noto que seu tom de preto combina com o meu, o que é muito legal.

— Aí está você — ela diz. — Pode me ajudar com um negócio rapidinho?

— Hum?

— No outro quarto.

Ela me guia rapidamente para a ampla escuridão cintilante que é o quarto de seus pais, então se vira para me dar o beijo mais longo da história.

— Estava com saudade — Joy diz baixo.

— Eu também — digo baixo.

— Espere intervalos como este a noite toda.

— Entendido.

— Iiih — duas vizinhas dizem.

Nossos olhos vão direto para um canto do quarto escuro, onde tem pessoinhas agachadas ao lado de um vaso de planta.

— Ben, vão pra outro lugar — Joy diz.

O irmão mais novo de Joy, Ben, sai correndo do quarto, em meio a risadinhas. Ele é seguido por Anna Kim, irmã mais nova de Andrew Kim.

Reviramos os olhos ao mesmo tempo, voltamos a nossos personagens e ao quarto dos Limbos.

— É só mexer no disjuntor se der problema — digo. — Só desliga tudo primeiro.

— Bom saber — Joy diz. — Valeu.

Os três Limbos olham para nós, sem se impressionar com nossa encenação. Ninguém jamais se interessou por disjuntores.

— Por que fingir? — pergunta Ella. — É só dizer que vão sair pra dar uns pegadas.

— Sair pra dar uns pegas... — John Lim repete, parecendo pensar: “Boa ideia, Ella”.

— Crianças! — grita uma voz lá de baixo. — Jantar!

Viramos para descer. John Lim e Ella Chang se demoram.

Olho para Joy: *Ah, deixa os dois.*

O jantar é a versão dos pais de Joy de boteco refinado: cerveja artesanal, uísque, frango assado, hamburguinhos, batata-doce frita etc. É uma delícia. Até nós, crianças, recebemos aquelas degustações de cerveja, com quatro copinhos de tipos diferentes — ale, IPA, lager e não sei o quê — em uma ripa de madeira com as palavras BAR SONG gravadas. Bem extravagante.

Os adultos ficam na mesa dos adultos. As crianças mais velhas ficam na mesa das crianças mais velhas. E as duas crianças mais novas — Ben Song e Anna Kim — se afundam em um sofá distante com um tablet para jogar *Karate Fruit Chop*.

Dou um gole em algo chamado *scotch ale*, começo a me sentir totalmente bêbado e deixo o copo de lado. Andrew Kim vira o dele como se fosse energético.

— Meus velhos amigos — Andrew Kim diz. — O céu muda, e sempre mudará de novo, e mais uma vez.

— Hum? — digo. O cara está falando como um falso Shakespeare. Falshakespeare.

John Lim prova um copinho.

— Acho que ele está tentando ser filosófico.

Andrew assente devagar, como se estivesse na igreja.

— Bom, acho que ele está se referindo aos ventos da mudança. A formatura e o verão — Ella diz. — E o que quer que aconteça conosco depois.

— Acho que vamos descobrir onde fomos aceitos logo mais — Joy diz. — A escola praticamente acabou. Só nos resta nos divertimos no meio-tempo.

— Só nos resta isso — Ella diz. — Temos que ficar abertos ao que quer que aconteça na faculdade, para crescer como indivíduos.

Joy olha para mim, eu olho de volta e damos as mãos e apertamos de leve por baixo da mesa. Vai chegar um dia — muito, muito cedo — em

que vou pegar a mão de Joy pela última vez antes que ela mude para o outro lado do país.

— Pra ser sincera, tenho tentado não pensar a respeito — Joy diz.

— Eu e Ella vamos juntos para a UCLA — John diz, todo animado e sem noção. A primeira escolha de ambos é essa, e sem dúvida vão conseguir entrar.

— John — Ella diz, olhando feio para ele.

John abre a boca pra falar, então ouvimos um comentário acalorado na mesa dos adultos. É meu pai.

— Nunca peguei empréstimo — meu pai diz. — Nem um dólar, nem um centavo.

Joy aperta minha mão e sussurra:

— Ele está bêbado?

— Provavelmente — digo. Olho com mais atenção. — Na verdade, não. Ele nem tocou na cerveja.

O cômodo todo fica em silêncio.

— Li — o pai de Joy diz com delicadeza, em seu inglês perfeito. — Você tem que entender que meus negócios precisam de alavancagem por conta dos custos iniciais elevados. É assim que a indústria de serviços profissionais funciona.

— Não quer saber o que é alavancagem ou não sei quê — meu pai diz, ainda alto. — Você só faz dívida. Não faz dinheiro de verdade. Esta casa irrereal. Do banco.

— Que porra é essa? — sussurro para Joy.

— Não tenho ideia — ela diz.

Vejo minha mãe pegar o braço do meu pai.

— Papai, chega.

Mas ele se solta. Aponta um dedo para o pai de Joy.

— Não critica. Paguei toda minha casa. Sem dívida, nada. Trabalho duro todo dia. Você diz que meu negócio não é seguro, alguém atira em mim, sou burro?

— Não foi isso que eu quis dizer — o pai de Joy diz. — Foi uma piada ruim.

— 씨발 이거 완전히 병신같은 새끼네 — meu pai diz, levantando a voz. — Alguém processa, você tem falência. Ninguém me processa. Faço o tempo todo dinheiro vivo. Ninguém me processa. Tô bem.

Vejo que o rosto do pai de Joy se contorce sombriamente. Meu pai acabou de chamá-lo de idiota filho da puta. Na frente de seus convidados. Em sua casa.

— 오~ 그렇게 다 아는 사람이 사는게 겨우 그 정도야? — o pai de Joy diz. Não sei o que significa. — Ninguém processaria você porque não teria nada a ganhar com isso. Ninguém quer uma casa tão pequena como a sua. Ninguém quer seu carro detonado. Ele pagaria um mês da minha hipoteca. É isso, 이 새끼야.

Os dois ficam de pé. Não entendo nada do que vem a seguir. Minha cabeça gira rápido demais para que eu consiga ao menos ouvir direito.

— 너는 지금 선배한테 그딴 식으로 말해? — meu pai diz. — 그것도 내 마누라랑 식구들 앞에서?

— 여긴 내 집이야. 내 가족이고. 내가 당신을 여기 초대한거야. 당신이 예의에 맞게 굴어야지 — diz o pai de Joy.

— 내가 니 선배야. 나한테 예의를 지켜야 하는건 너야.

— 그냥 실없는 농담이었고 아차 싶어서 사과했잖아. 그런데 당신 열등감때문에 그걸 가지고 계속 물고 늘어지는 거잖아. 그건 당신 문제지 내 문제가 아니야.

— 제발 그만 — diz minha mãe.

— 상종할 가치도 없어 — diz a mãe de Joy.

— 그게 무슨 뜻이에요? — diz minha mãe, incrédula.

— 알지 모르겠는데, 씨발 지금 여기는 미국이야 — diz o pai de Joy. — 당신이 말하는 선배니 후배니 하는거 여기서는 상관없다고.

— 니가 나보다 잘난거 같냐?

— 암 당연히 내가 낫지. 너보다 집도 좋아. 차도 좋아. 심지어 차도 두대야!

— 우리 딸은 대학다녀. 그거 한두푼 드는거 아니다. 우리 아들도 곧 스탠포드 대학에 갈꺼야. 나는 중요한데다 내 돈 쓰지 누구처럼 집이니 차니 쓸데 없는데 안써 — diz meu pai.

— 학비 못대줘서 당신 아들 스탠포드 못갈꺼잖아. 뭐 어차피 갈 실력도 안되지만 — diz o pai de Joy.

Algo em meu pai endurece e morre de repente.

— 그래 당신이 나보다 미국엔 먼저 왔어 — diz o pai de Joy. — 그래서 뭐. 한국에서도 가난했고 여기서도 깡둥이나 멕시칸 같은 못사는 애들 상대로 술이나 팔잖아. 아들도 당신이랑 똑같이 끝날꺼야. 우리 딸은 안 그럴 꺼지만.

— Pai? — Joy diz.

Ele a ignora.

— 그리고 말이야, 우린 서울출신이야. 미국에 오지만 않았어도 당신 같은 시골 무지랭이랑은 상종도 안했어. 미국만 아니었어도 당신 아들 같은 놈이 어딜 감히 우리 딸을 만나. 아 뭐 그래. 지금은 지들끼리 잘 지내라 그래. 그래도 우리 딸은 더 낫은 사람 찾아갈꺼야. 당신 아들? 방탄조끼나 사 입혀.

Meu pai inspira e expira fundo.

— Vamos agora — ele diz.

tudo bem com a gente

Estou com as duas mãos no volante.

Se virar o volante no sentido anti-horário, meu corpo vai para a direita.

Se virar o volante no sentido horário, meu corpo vai para a esquerda.

Meu pé direito descansa sobre algo que desce. Quando isso acontece, meu corpo é jogado contra o assento.

Diante de mim há uma rodovia preta, laranja e cinza, pontilhada por luzes vermelhas aos pares.

Estou dirigindo um automóvel. Um cinto liso e forte passa por meu peito e minha barriga. Duas luzes brilhantes me ajudam a ver à frente no escuro.

Deve ser noite de lua nova, porque não consigo encontrar uma esfera branca no céu, como o normal. Dirijo no escuro e sigo as linhas à minha frente.

Meu pai, que eu chamo de “papai”, está sentado ao meu lado.

Minha mãe, que eu chamo de “mamãe”, está sentada atrás dele. Ela coloca um copo descartável novo no buraco circular no descanso de braço do assento da frente. Meu pai o devolve.

— Bebi nada — meu pai diz, com repugnância. — Bêbado não.

São as primeiras palavras que alguém diz em longos minutos.

— Pai — digo.

Ele levanta a voz.

— Minha cabeça muito alerta agora.

— Pai, o que...

— Não pego nada da casa daquele homem — meu pai continua. — Comida, bebida, nada.

— Pai — grito. Isso parece tirá-lo do transe. — O que aconteceu?

Depois que meu pai disse “Vamos agora”, ele pegou o casaco, pegou a esposa (que eu chamo de “mãe”) e pegou o filho (que chamo de “eu”). Então apontou para nossos sapatos na entrada: *calcem agora*.

— Frank? — foi tudo o que Joy conseguiu dizer. Ela parecia muito assustada. Pude ver a Joy de seis anos de idade em seus olhos, e soube que ela podia ver o Frank de seis anos de idade nos meus também. Algo tectônico estava acontecendo. A terra estava tremendo e se separando.

Tudo o que pude fazer foi dar de ombros, em pânico.

— Não sei — eu disse. — Te mando uma mensagem.

Em uma corrida silenciosa, nós, os Li, saímos e entramos no carro, como uma família de delinquentes fugindo discretamente da cena do crime.

E agora estou dirigindo. Parece que nosso carro está só um pouco à frente de uma fratura que avança na velocidade da luz, quebrando o asfalto em grandes pedaços.

— Pai? — digo.

Ele não diz nada. Pelo espelho retrovisor, vejo minha mãe tirando cuidadosamente a tampa do copo descartável e o desmontando até retornar a seus componentes brutos: uma tira de papelão e um círculo que ela esmaga na palma da mão.

— Pai? — digo.

— O filho da puta — meu pai diz finalmente.

— Papai, chega disso — minha mãe diz do banco de trás.

— Você tem que me contar o que aconteceu — digo.

— Não confia ninguém — meu pai diz para si mesmo. — Só família. Amigo? Não. Nada.

Olho no retrovisor em busca de ajuda.

— Mãe, me dá uma mão aqui.

— Papai, Song fez piada ruim — minha mãe diz, me ignorando. — Por que tão bravo?

— Ele revelou natureza de verdade, trocando pele de cobra — meu pai diz. — Bíblia diz: “Ai daqueles que planejam iniquidade e que tramam o mal”.

— Bíblia diz pra perdoar — minha mãe comenta.

— Deus perdoa se quer — meu pai diz. — Eu não.

Estou me aproximando de uma barreira de barris pretos e amarelos, e fico tentado a não desviar. Por que não consigo que alguém me explique o que aconteceu?

— Mãe — digo, por entre os dentes cerrados. — *O que foi?*

— *Aigu* — minha mãe diz. Ela suspira: “Por onde começar?”. — Ele fez graça com papai: vale a pena levar tiro no lugar que não ganha dinheiro? Ele disse que ia dar colete contra balas bom pro papai, marca Gucci.

Meu pai desdenha daquilo sozinho.

— Bom, é uma piada de merda mesmo — digo.

— Não usa palavrão — ele diz, ausente, por puro reflexo parental.

— Papai disse: não faz piada, eu trabalho duro — minha mãe explica.

— Song pediu desculpa! Mas papai continuou! Ele disse que negócio dos Song é enganação, não é bom, só faz dívida.

Fico confuso.

— Como?

— Por que tão nervoso, papai? — minha mãe pergunta.

— Song pega empréstimo, né? — meu pai diz, com uma calma teatral.

— Muito empréstimo. Todo dia trabalhando no negócio de móvel ele precisa pagar dívida pra muita gente. Se ele perde um dia... nossa. Negócio todo cai. É o que chamam castelo de cartas. Conhece expressão castelo de cartas?

— Conheço, pai.

Mas isso ainda não explica por que os dois perderam o controle assim. Pergunto a meu pai com cuidado, como se falasse com uma bomba:

— Então você está dizendo que ficou bravo com Song porque ele... tem dívidas demais?

— Não — meu pai diz. — Ele finge ser melhor. Só que eu não tenho dívida. Sou homem livre. Não devo nada a ninguém. Song sempre escravo financeiramente. Então faz piada com nossa família.

— Porque tem inveja da sua segurança? — pergunto.

— Não — minha mãe diz, do banco de trás. — Song olha de cima porque vem de Seul. Mamãe e papai vêm de Gwangju, interior. Conhece bairro de Gangnam na capital? É rico. Todo mundo estudou junto na faculdade, mas Song sempre tratou mamãe e papai como estudante de classe baixa.

— Espera aí, então eles sempre tiraram sarro de vocês? — pergunto.

— *Aigu*, sempre falam-falam-falam, dão risada meu sotaque. Do papai também.

Minha mãe ri. Quem não a conhece pensaria que está sendo muito babaca, mas sei que está rindo de nervoso.

Minha mente viaja.

Avalio todas as Reuniões que tivemos ao longo dos anos. Todos os pais, conversando no andar de baixo como se a maior festa do mundo estivesse se desenrolando lá enquanto os Limbos ficavam à toa no andar de cima.

Mas, na verdade, mamãe-e-papai estavam o tempo todo sendo cutucados? Tendo que suportar piadinhas maldosas, nunca importantes o bastante para estragar a noite? Só engolindo e seguindo em frente?

Eu não tinha ideia. Nenhum dos Limbos tinha. Sempre pensei nos adultos como se estivessem vivendo juntos a grande aventura americana, onde só ser coreano em um país novo já era o bastante para que se considerassem família.

Agora me pergunto que outros dramas se desenrolavam com nossos pais, debaixo de nossos narizes.

É claro que eles não iam contar a respeito. O trabalho deles é prover para nós, e nosso trabalho é estudar. Não iam querer nos distrair com suas bobagens.

Compreendo isso. De verdade. Mas quero as bobagens. Elas fazem com que eu veja meus pais a uma luz totalmente nova nas Reuniões. De repente, estou morrendo de curiosidade de saber quem eles realmente são. É isso que os filhos fazem, não é? Observam os pais. Aprendem. Identificam que partes nossas vêm deles.

Aqui mesmo, no carro, enquanto as luzes cor de laranja passam rapidamente acima de nós, *pordosolnascerdosolpordosolnascerdosol*, olho para mamãe-e-papai com olhos renovados, como se fossem personagens em uma história. Eu os vejo como caipiras pouco sofisticados no ensino médio rural. Como jovens apaixonados na cidade grande e na universidade em Seul. Como recém-casados em um país novo. Como marido-e-mulher.

— Você vai pedir desculpas, não vai? — pergunto a meu pai, com um fio de esperança.

Mas ele se mantém firme.

— Não fiz errado. Ele pede primeiro.

— Papai, Bíblia diz... — começa minha mãe.

— Ele disse coisa muito ruim pra você também — meu pai comenta.
— De mim? — pergunto. — O que foi que ele disse a meu respeito?
— *Aigu*, não importa — minha mãe diz.
— Ele disse que melhor você comprar colete prova de bala também — meu pai diz.

Aperto os olhos, confuso. O pai de Joy falou mal de mim também?

— Não tem mais contato família Song — meu pai diz. — Todo mundo sabe que fez errado. Esposa sabe. Joy sabe.

Levanto as sobrancelhas.

— Espera aí. Pai.

Ele não diz nada.

Dou a seta, *tique-tique-tique*, e pego a saída.

— Você está dizendo que *eu* não posso mais ter contato com os Song?

— Sou homem livre — meu pai diz. — Você também. Segue seu caminho.

— Está dizendo que não quer que eu veja Joy por causa da sua história com o pai dela?

— Frankie-ya, fica calmo — minha mãe diz.

— Segue seu caminho — meu pai insiste. — Eu não paro você. Você toma decisão, vive consequência, hum? Entende o que disse?

— Não, não entendi o que está querendo dizer — digo.

— Frankie, tranquilo — minha mãe diz.

— Não entendo o que está acontecendo agora — digo. — Está ou não está me dizendo que não posso mais ver Joy?

— Você segue seu caminho — meu pai diz, baixo.

Estou prestes a ficar maluco.

— Não consigo acreditar no que estou ouvindo — digo. — Vocês queriam que eu namorasse uma coreana. Comecei a namorar uma coreana. Fiz exatamente o que queriam. Agora estão me dizendo que é a coreana errada, caralho?

— Frankie, não fala palavrão assim — minha mãe diz.

— Calma — meu pai diz.

— Não, é sério — continuo. — Com quem querem que eu fique? É só dizer. Escolham o cabelo que quiserem, os olhos grandes de que gostam, a merda toda. Vão em frente.

— Por que gritando? — minha mãe pergunta.

— Não entendo vocês, porra — grito.

— Frankie — meu pai diz.

— Dou um passo errado, faço um movimento errado, e vocês vão me deserdar? — digo. — Não tenho como ganhar.

— Frankie, para — minha mãe diz.

— Vão? — pergunto. — É sério que vocês percorreram todo o caminho até este país e criaram dois filhos aqui pra depois nunca mais falar com eles?

Passamos por um buraco. Quero passar por todos os buracos até que esse carro idiota se desmonte. Meu pai solta um ruído, um murmúrio, e quando olho para ele vejo que faz uma careta.

— Frankie, dirige devagar — meu pai diz. — Por favor.

Minha raiva cessa diante do “por favor”. Meu pai nunca pede “por favor”.

Ele parece estar morrendo de medo.

— Mamãe — diz. — Passa copo, copo, copo.

Minha mãe olha para a tira de papelão e para a tampa destroçada.

— Não tem mais — ela diz. Está agarrada aos assentos do motorista e do passageiro.

— Frankie, para — minha mãe pede. — Paraparapara.

Paro o carro. Por sorte, estamos num longo trecho vazio de estrada sem iluminação. Quando meu pai abre a porta para vomitar no chão, não tem nenhum carro passando para ver.

— Você está bêbado? — pergunto, embora saiba que não é o caso. Pergunto por pura confusão.

Olho para minha mãe, que não responde. Assim como meu pai. Ele só fecha a porta.

— Tô bem — diz apenas. — Pra casa Frankie.

Chegamos em casa. Ela é confinada por um muro de concreto que a separa da rodovia próxima. Estaciono na garagem manchada de óleo ladeada por um gramado marrom baixo. Dizem que imigrantes levam sua estética para onde quer que vão, e agora sei que é verdade. Nossa casa provavelmente pareceria uma mansão para crianças do interior da Coreia dos anos oitenta.

Saio do carro e ajudo minha mãe a levar meu pai pra dentro.

— Foi alguma coisa que você comeu? — pergunto.

— Tô bem — é tudo o que meu pai diz.

Quero socá-lo, mas de repente parece que um único soco poderia matá-lo.

Conseguimos entrar.

— Vou deitar — meu pai diz, então desaparece lentamente escada acima.

Eu o ouço se acomodar na cama, e a casa fica em silêncio. Somos só eu e minha mãe agora, de pé em meio a todos os sapatos na entrada.

— Mãe, o que está acontecendo? — pergunto. É quase um sussurro.

— Tudo bem — ela diz, então pisca. Tem uma lágrima em seus cílios.

— Mãe, papai está bem?

— Vai dormir — minha mãe diz. — Depois fala. Tudo bem com a gente.

— Quem é “a gente”?

— Vai dormir, Frankie — é tudo o que minha mãe diz. Ela sobe a escada e me deixa sozinho.

Quando finalmente pego no sono, sonho com uma mão fria na minha testa. É Joy? Abro os olhos.

Não é um sonho. Tem mesmo uma mão fria na minha testa. É da minha mãe.

Ela está sentada na minha cama no escuro, de pijama de frio, tocando minha testa. Não para ver se estou com febre nem nada. Só me tocando.

Meu coração dispara com uma ternura súbita. Incontáveis vezes ela veio tocar minha testa quando eu estava semiadormecido. Eu, seu garoto, me desenvolvendo enquanto dormia para me tornar cada vez mais alto, mais forte, crescendo e indo para longe dela, independente do que ela pensava ou queria.

Duas linhas claras brilham no escuro. São os caminhos de suas lágrimas.

— Mãe — digo, sem me mexer.

— Papai muito triste — ela diz.

— Desculpa por ter perdido o controle — murmuro. — Não devia ter gritado daquele jeito.

— Tudo bem. Papai te ama muito.

A ternura dentro de mim se transforma em medo. Nunca dizemos esse tipo de coisa

— Ele está bem?

— Estão vendo buraco da bala, procurando todo corpo com tomografia, pet-scan, coisa assim.

Só posso ficar olhando enquanto minha mãe pisca e fios novos de lágrimas escorrem por suas bochechas. Eu a vi chorar algumas poucas vezes. Ela chora do jeito mais assustador. Sem soluçar ou fungar. Só lágrimas silenciosas, como se houvesse um vazamento em seus olhos que não pode ser parado.

— Médico diz pulmão bom, machucado da bala bom, mas encontraram caroço pequeno no corpo todo — minha mãe diz. — Muito caroço pequeno. Ele diz que parece árvore de Natal. Médico como você, coreano *yisei*, segunda geração, só fala inglês.

— Do que você está falando, mãe? — pergunto muito baixo, morrendo de medo.

— Eu pergunto: por que tanto carocinho pequeno toda parte? Médico diz que carcinoma. Eu pergunto: carcinoma é o quê?

Nem consigo dizer a palavra.

— Médico diz melhor começar químio agora, então papai começou.

Câncer.

— Da primeira vez, papai bem, sem sintoma nenhum.

Câncer.

— Da segunda, papai fica enjoado, enjoado, enjoado. Perde apetite.

Câncer.

— Faço suco verde e medicina chinesa, *hanyak*. Talvez ajuda. Tomara. Tomara.

Então minha mãe não tem mais o que dizer.

O calor da minha testa deixou sua mão quente e úmida, então ela coloca a outra.

— Por que não me contaram? — pergunto.

— Ele não queria você preocupado — minha mãe diz.

— Como assim? Mãe, preciso saber dessas coisas.

— Se você preocupa, tem estresse.

— Quando descobriram?

— Se preocupa, atrapalha vestibular.

— Faz tanto tempo assim? Meu Deus, mãe.

— Frankie. Mamãe e papai protegem seu futuro. Você entende, hum?

Entendo e não entendo ao mesmo tempo. Fico perplexo por terem conseguido esconder isso tudo. Faz semanas que estão disfarçando.

— Alguém da Reunião sabe? — pergunto.

— Ah, não — ela diz, muito séria. — Se diz alguma coisa, todo mundo preocupa. Muito fala-fala, muito estresse. Espera papai melhorar primeiro, então conta. Tomara. Tomara.

A voz da minha mãe encolhe até sumir. Fico só olhando para ela por um longo tempo. Ela está atenta a alguma coisa no meu quarto. A luz noturna, instalada quando eu era pequeno. São dois anjinhos dormindo aninhados em uma nuvem no céu. Sempre imaginei que fosse Hanna e eu. Mas agora acho que podem ser mamãe-e-papai.

— Ele vai ficar bem? — pergunto finalmente.

— Médico diz seis meses — minha mãe fala. No escuro, ela assente para si mesma, distraída. — Seis, talvez doze. Seis a doze meses.

Minha mente se esvazia.

Vejo os dentes de minha mãe se arreganhando.

— Por que papai tem câncer? Come tão bem. Não fuma, não droga. Não bebe demais. Vai ver trabalha demais. Mas dorme bem. Por que ele tem câncer?

Agora é minha vez de chorar. Minha mãe enxuga as lágrimas dos meus olhos com os dedões e as limpa nas mangas do pijama.

— Reza todo dia pra Deus — minha mãe diz. — Eu rezo.

— Tá — digo, embora não esteja certo quanto à reza. Só digo “tá” pelo bem da minha mãe. Essa é a minha reza.

O surto do meu pai na Reunião agora meio que faz sentido. Não tem mais espaço para a bobagem de ninguém na vida dele. Todo o espaço foi ocupado pela coisa mais importante. Não tem nada mais importante em lugar nenhum.

Minha mãe sai.

Fico deitado na cama. Sinto o ar entrando para preencher o buraco deixado por sua saída. Me afundo na cama. Algo me empurra de cima. Pânico.

Um fim está vindo.

Anos atrás, meu pai nasceu. Um monte de merda aconteceu enquanto ele crescia e amadurecia. Não sei os detalhes. Ele casou com minha mãe, se mudou pra cá e comprou a Loja. Trabalhou todos os dias sem tirar folga.

E agora um fim está vindo.

Quanto sei do meu pai? Ele nunca me contou sobre sua infância ou sobre sua vida adulta que fosse. Sei alguns fatos básicos: local e data de nascimento, de que tipo de comida gosta, seus poetas ingleses preferidos e por aí vai. Mas agora me dou conta de que não é muito. Mas quanto há para saber de uma pessoa? Meu pai se acomodou no papel de provedor, esperou que eu me acomodasse no papel de estudante disciplinado e nós dois abaixamos a cabeça e nunca mais a levantamos.

Mas tem o *jeong*. O tempo que passamos nos aproximando sem falar. Começo a calcular quanto tempo passamos juntos. Alguns minutos toda noite. Os domingos na Loja nos últimos verões. Faço cálculos aproximados.

Chego a umas trezentas horas. Uma dúzia de dias.

Quem é esse homem que foi meu pai?

É, Frank. Ele ainda não morreu.

Mas vai morrer.

O pânico toma conta de novo. Respiro cada vez mais rápido. Enfio a cara no travesseiro para abafar o choro, enquanto penso no mistério frio de tudo: frio como as ruínas de uma estátua sob o luar cujo significado se perdeu. Meu pai — o homem em cuja casa vivo — contém dicas de quem sou. Há coisas que eu faço, digo, de que gosto, em que me saio bem que podem ter origem em algum lugar nele, mas nunca vou saber.

Estou em pânico porque me dou conta de que a vida toda quis desesperadamente conhecer meu pai. Aprendi há muito tempo que tal esperança era impossível diante de uma estátua em ruínas tão impenetrável quanto ele. Então desisti. Mais que isso: fingi que não importava se nunca o conhecesse de verdade. Fingi que tudo bem eu viver como um Limbo, sem pertencer a nenhum lugar, um filho sem a ligação mais básica com o homem que o criou.

Mas no fim das contas eu ligo muito. Liguei esse tempo todo.

E agora que tem um fim se aproximando, sei que o eterno mistério do meu pai vai ser sempre isso: um eterno mistério.

Eu deveria ter trabalhado mais tempo com ele na Loja?

Deveria ter aprendido coreano melhor?

Deveria ter tentado mais?

E finalmente:

Eu o deixei feliz?

Levo horas para dormir.

Quando consigo, tenho um sonho maluco e vívido.

Estou em uma ampla floresta pulsante formada por árvores pretas e úmidas. Estão todas decoradas com luzinhas vermelhas. Deve ser noite de lua nova, porque não consigo encontrar uma esfera branca no céu, com calibre vinte e dois ou não, sol ou lua. O terreno é esponjoso. Sobe e desce devagar.

A floresta não é contida pelos limites finitos dos pulmões do meu pai. Ela é infinita, e vago por horas, dias e semanas em busca de uma saída. Faço meu melhor para não tocar nas árvores, que podem me manchar com seu preto úmido. Ainda assim, depois de horas, dias e semanas de busca, tenho linhas escuras de sujeira em alguns pontos, e continuo tão preso quanto antes.

Estou sozinho dessa vez. Nada de Brit com vestido amarelo futurístico. Nada de Joy me observando de um buraco no teto. Sou só eu.

Finalmente, me dou conta de algo. A floresta é desse jeito porque não tem amor nenhum aqui. Quem aceitaria um lugar tão revoltante? A falta de amor é a chave. Tenho certeza. Como teste, me aproximo de uma árvore, respiro fundo e abraço o tronco.

A casca é morna, viscosa e acre como remédio. Fecho os olhos e abraço com mais força. Sinto os galhos começando a se mover à minha volta. Eles vêm de todos os lados, aumentando seu abraço enquanto aperto o meu. Logo, estou coberto de membros pretos. Eles me sufocam com seu terrível calor.

De uma vez só, as árvores se afastam. Não consigo levantar os pés. Estou enraizado no chão esponjoso. Estou coberto da cabeça aos pés por uma gosma escura. Meu peito começa a emitir um foco de luz vermelha. É meu coração, a luz vermelha mais forte em todo o lugar. Agora sou uma árvore preta bem no meio da floresta preta.

Pisco. De repente a sujeira evaporou, deixando as árvores secas, cinza e limpas. Olho para baixo: estou limpo também.

Pisco de novo, e um sol começa a nascer.

Pisco. As árvores voltam a ter cor e estão cobertas de folhas verdes e brilhantes.

Pisco. Elas se abriram para formar um túnel de folhas que conduz à saída. A floresta está me deixando ir embora. Saio para um campo cheio de pessoas, piqueniques e crianças brincando na terra aquecida que vibra a cada passo animado.

Pisco, e é de manhã no meu quarto.

Acordei.

seu
caminho
deve
seguir

28

oi, ironia

Acordei.

Os raios idiotas do sol dançam através da árvore do lado de fora da janela do meu quarto, animados. Parece tarde. Quanto tempo dormi? Olho para o relógio analógico de modelo antigo, daqueles que fecham e viram um estojinho — nada de espelho pra macaco ao lado da cama pra mim. São quase onze e meia.

Sou um adolescente. Esperam que a gente durma até não poder mais. Mas onze e meia parece exagero, até pra mim.

Levanto. Tomo banho. Permaneço debaixo do chuveiro até ficar vermelho. Preciso cortar o cabelo. Quando penteio os fios molhados, noto que estão compridos o bastante pra prender com um dos elásticos antigos de Hanna. Deixo assim — por que não? — e coloco minha roupa de verão: bermuda de sarja, regata do Front 242 e pulseirinhas, tudo em um arco-íris de diferentes tons de preto.

Minha roupa de verão.

O verão está quase chegando.

Faz quase trinta graus. Sendo o sul da Califórnia, vai ficar assim até que chegue a hora de voltar às aulas. Mas, quando as aulas voltarem, não vou mais estar aqui. Nenhum de nós vai. Vamos estar todos em outro lugar, dependendo da vontade dos deuses da admissão na universidade.

Meu celular vibra.

Tudo bem?, pergunta Joy.

Acabei de acordar, digo. A noite foi dura.

O que foi que aconteceu, hein?, pergunta Joy. *De repente nossas famílias se odeiam?*

É isso, mas também não é.

Yubs?, Joy escreve.

Sento. *É simplificado*, escrevo. *Te conto ao vivo*.

Eles não querem que eu te veja mais, Joy escreve. *Não estou entendendo nada*.

Meus pais também, escrevo. *Temos que conversar*.

Espera um segundo, ela escreve. *Estou comprando umas coisas pro alojamento da faculdade*.

Alojamento. Faculdade.

Hum.

Meio cedo, né?, pergunto.

A única coisa que odeio mais do que fazer compras é pegar fila pra pagar, Joy escreve.

Fico esperando que ela continue escrevendo, mas deve estar ocupada. Desço a escada e encontro uma caixa rosa e dinheiro na bancada. Abro a caixa e encontro donuts e um bilhete.

Você não trabalha hoje na Loja Frankie tranquilo papai fica bem. Eu ajudo. Você descansa talvez joga videogame na casa de Q. Não preocupa te amo.

Mamãe

Fico olhando para as palavras “te amo”.

— Também te amo, mãe — digo, mais para ver como seria dizer essas palavras.

É meio esquisito e um pouco constrangedor, como uma frase em língua estrangeira — *Je t’aime, Maman* —, mas não me importo.

Não consigo acreditar que meu pai foi para a Loja mesmo sabendo que tem uma doença terminal. Pensando bem, ele sabe há semanas e tem ido pra Loja mesmo assim. Se fosse eu, se eu descobrisse que tenho de seis a doze meses de vida, largaria tudo e pularia de paraquedas, participaria de uma corrida de carro, iria a festivais de música, faria qualquer coisa que não fosse ficar na Loja.

Isso porque não sei nada sobre a vida e sou um babaca.

Meu pai e minha mãe construíram a Loja com suas próprias mãos. Ele conhece todo mundo que entra pela porta. Os dois trabalham todos os dias,

e todas as noites espalham as notas pela mesa de centro e fazem a contabilidade.

Para meu pai, a Loja deve oferecer um tipo de conforto que nem consigo imaginar.

Pular de paraquedas não é reconfortante. Nem corridas de carro, festivais de música ou blá-blá-blá.

Se eu descobrisse agora que tenho de seis a doze meses, aonde iria atrás de conforto?

Olho para o celular de novo.

Quero te ver, escrevo.

Quero te ver, escreve Joy ao mesmo tempo.

Transmissão de pensamento, escrevo.

Onde?, ela pergunta.

Não me importo, pra ser sincero. Você decide.

Café Adagio?, Joy sugere.

Ih. Não consigo encarar gente hoje.

Praia? Quer sair pra caminhar?

Por que você não vem aqui?, escrevo.

Depois do que aconteceu ontem à noite? Sua mãe não está aí?

Ela vai ficar na Loja até as três.

Por quê?

Rolou um imprevisto.

Tem certeza, yubs?

Vem logo.

Guardo o celular no bolso e a casa fica em silêncio, a não ser pelas ondas brancas do trânsito da rodovia passando por cima do muro do quintal. Percebo que nunca gravei esse som. Deveria fazer isso. Mas não agora.

Subo e vou para o quarto de Hanna.

O cômodo dá a impressão de que ela foi embora sem pensar muito a respeito. Tudo permanece igual: os cartazes de filmes na parede, as prateleiras cheias de CDs, vinis e livros velhos, esperando que minha irmã volte para arrumar as coisas. Me pergunto se mamãe-e-papai também esperam que ela volte um dia, de algum modo. Talvez tenha sido por isso que deixaram o quarto intacto.

Deito na cama. Sinto o peso do celular no bolso.

Será que de alguma forma ela já sabe do papai?

Consigo imaginar minha irmã descobrindo sobre a doença através de um dos e-mails malucos da mamãe, e a mistura de terror, frustração e raiva que isso produziria. Me pergunto se Hanna deveria ficar sabendo de algo assim através de um e-mail da mamãe, já que elas não se falam mais por telefone, ou se devo contar a ela.

Ligo para Hanna.

— *Oi, é a Hanna, deixa um recado.*

Desligo.

Gosto do quarto de Hanna. É descolado. Não me importo se faz um tempão que ela já o superou, assim como tudo aqui dentro.

Tenho saudade da minha irmã mais velha.

Estou no seu quarto olhando pras suas coisas, escrevo.

Ela não responde.

Vou para o quarto de hóspedes, que chamamos de depósito, já que quase nunca recebemos gente. No fundo do armário embutido — lá, bem no fundo mesmo — tem uma antiga maleta preta de espião feita pela Legionite, uma empresa dos anos 1970 hoje falida.

Com o dedão, giro os trios de rodinhas metálicas da trava: deixo 7-7-7 na esquerda e 9-9-9 na direita.

Dentro da maleta há artefatos de outra época. Incluindo:

Um crachá do extinto restaurante Cup-N-Saucer, com o desenho dos personagens de mesmo nome dançando animados e DIANE escrito. Diane é o nome americano da minha mãe. D+I+A+N+E+L+I tem sete letras.

Um pacote com dez canetas esferográficas não usadas, com o endereço do EAT MY KRUST SANDWICHES, um dos primeiros negócios em que mamãe-e-papai se aventuraram, gravado. As canetas são tão velhas que o número de telefone nelas nem tem código de área.

Um ábaco de madeira pequeno.

Um livro coreano sobre literatura vitoriana cheio de trechos sublinhados se desfazendo. No verso da capa está escrito PROPRIEDADE DE FRANK LI, na caligrafia desajeitada do meu pai. Frank é o nome americano dele. Também é o meu.

Um anuário antigo do ensino médio, da minha mãe. Abro na página da sua foto — que eu marquei com uma orelha — e a vejo com a minha

idade. Ela é bonita. Usa uniforme. Todos os alunos usam. Está tudo em coreano. Ninguém assinou, imagino que porque no interior da Coreia daquela época não se fazia coisa do tipo com algo tão caro.

Três carimbos de assinatura em mármore e um estojo preto envernizado que quando aberto revela uma almofada com tinta bem vermelha.

Tudo nessa maleta de espião me dá vontade de chorar, e sei o motivo. É porque é tão pequena e leve — as bagagens eram menores naquela época —, e ainda assim contém tudo o que importa.

Meu pai logo não estará mais aqui.

Um dia, minha mãe também irá embora.

Talvez eu tenha filhos um dia. Eles vão me perguntar sobre minha vida. Vai ser fácil dar respostas a eles. Vamos falar a mesma língua. Vamos poder ver todas as minhas coisas na internet, se ainda a chamarmos assim. Vamos falar sobre minhas esperanças, meus sonhos e meus medos, e sobre como se comparam às esperanças, aos sonhos e aos medos deles. Então vamos dizer abertamente “eu te amo” e nos abraçar, porque americanos gostam de abraços.

Então eles vão me perguntar sobre todas as coisas nesta maleta, e não vou ser capaz de explicar metade delas. Nem de perto. Essa maleta pequena e leve será para eles o mesmo que é para mim.

Um gabinete de curiosidades.

Meu celular vibra. *Estacionei mais pra baixo*, Joy escreve. *A barra tá limpa?*

Enxugo os olhos e levanto.

Te espero na porta, escrevo.

Quando a abro, lá está Joy, no calor da rua, em toda a glória de seu vestido de verão.

— Oi — digo.

Joy segura minha cabeça e dá um beijo. Por um momento, é o único som na casa inteira.

— O que foi? — ela pergunta, porque sabe quando está beijando uma estátua.

Quero contar a ela. Mas não aqui. É certeza que vou chorar. Vou ficar tonto de tantas lágrimas e cair, e minha cabeça vai bater na estatueta de

bronze do cavalo feroz pinoteando e assustando o menino caubói, causando uma concussão terrível. Então digo:

— Quer ver umas velharias interessantes?

E a guio até a maleta de espião.

— Está tudo bem? — Joy pergunta.

— Está — digo, andando. — Não.

— A noite de ontem foi uma merda.

Ela senta no carpete macio e seguro diante da maleta.

— Hum — Joy diz. — Aqui estão todas as coisas antigas dos seus pais?

Assinto. Em uma única maleta. Lágrimas fazem meus olhos arderem, então me deito e deixo que se acumulem, como se estivesse juntando gotas de chuva.

— Ei — Joy diz. Ela se inclina sobre mim e acaricia minha bochecha.

— Ei, ei, ei.

Fungo. Tenho uma vontade maluca de detonar o pai de Joy, na frente dela, por ter falado merda a meu respeito. Mas tento parecer tranquilo.

— O que seus pais disseram sobre ontem à noite?

Joy joga o cabelo para trás.

— Eles acham que seu pai não tem senso de humor. Meu pai deu a entender que é porque os dois são do interior. Eles são?

Pisco, e as lágrimas rolam.

— Parece que sim.

— Do interior.

— E parece que seus pais têm tirado sarro dos dois desde que se conheceram.

Joy se retrai diante da notícia.

— Então meus pais são completos escrotos?

Mesmo agora, mesmo no estado em que me encontro, tenho que dar uma risadinha.

Essa é a Joy que eu conheço.

— Ou isso — digo —, ou meu pai é paranoico com complexo de inferioridade.

— Que caralho — Joy diz.

— Mas pode ser as duas coisas — concluo.

— Esses são nossos pais? — Joy diz.

— Parece que sim — digo, e fecho a maleta de espião. Eu a enfio no fundo do armário embutido e fecho a porta em seguida.

Joy fica olhando para o retângulo de carpete amassado onde estava a maleta.

— Odeio meus pais neste momento.

— Uma vez me disseram que a gente tem que odiar os pais pra sair de casa — digo.

— Isso não faz o menor sentido — Joy diz. — Só odeio meus pais neste momento, não pra sempre, porque espero que percebam o que estão fazendo e deixem de ser escrotos.

Ela tem uma expressão desafiadora no rosto. Consegue fazer isso porque não sabe da história toda. Queria poder estar nesse espírito também. Seria mais fácil.

— Meu pai... — começo a dizer, e as lágrimas voltam.

Joy me segura.

— Ei. O relacionamento deles não tem nada a ver com o nosso, tá?

Ela está certa, mas o problema na verdade não é esse, nem um pouco, mas Joy não sabe disso, e não quero falar neste momento. Não consigo suportar a ideia de falar neste momento.

Então a beijo. O beijo nos surpreende tanto que temos que nos beijar de novo para nos certificar de que ambos sentimos a mesma coisa, de novo e de novo. Cada beijo joga água morna em minha mente acelerada. Tranquilizando-a.

Deixo que ela me deite. Deixo que as coisas aconteçam, tão lentamente quanto necessário. Não há pressa. Não há expectativa. Me deixo vagar de sensação a sensação.

Depois, quando estamos ambos deitados em um paralelogramo de luz empoeirada, eu me volto para ela porque é disso que preciso agora: estar nu e vulnerável, e ao mesmo tempo seguro em seus braços. Respiramos fundo. Diante de mim, vejo a luz de seus olhos, os cabelinhos na sua têmpora, uma pinta em seu colo. O ar no quarto parece se atenuar diante do sobe e desce de nossos peitos.

— Então — digo finalmente. — Meu pai está com câncer.

— Quê?

— O médico deu de seis a doze meses.

— Quê?

— ...

— Ah, não — Joy diz de novo e de novo. — Ah, não. Ah, não.

Ela pergunta de que tipo, quando ele descobriu, essas coisas todas. Eu conto tudo. Joy diz que agora entende por que meu pai perdeu o controle daquele jeito na festa. Qualquer pessoa sob tamanho estresse ficaria prestes a estourar. Ela compreende rapidamente, porque é Joy.

— Tenho que contar aos meus pais — ela diz.

— Não faz isso — peço.

— Mas então eles entenderiam por que seu pai ficou tão bravo.

— Minha mãe não quer que ninguém saiba. Ela acha que vai ser estressante demais.

— Mas... se eu tivesse câncer, a primeira coisa que faria seria contar aos meus amigos mais próximos.

— Ela tem medo de sobrecarregar as pessoas com uma notícia tão ruim — digo. — Quer esperar que meu pai melhore para contar a todo mundo.

A expressão de Joy se desfaz.

— Mas *yubs*...

— Eu sei.

— Seu pai não vai melhorar.

— Eu sei — digo, e enterro meu rosto no pescoço dela.

— Shh — é tudo o que Joy diz, porque o que mais pode ser dito? Ela segura minha cabeça e me embala por um longo tempo. Por um momento, parece que vou pegar no sono. Joy faz “shh” e “shh”, de novo e de novo, e não quero que pare nunca.

Joy inspira fundo quando se dá conta de algo.

— Acho que a gente precisa ser discreto por um tempo, né?

Ela está certa. Imagina como seria se meu pai voltasse para casa e encontrasse a filha do ex-melhor amigo dele aqui. Ele não gritaria, não mandaria Joy embora nem acusaria seu filho de traição. Nada assim dramático.

Em vez disso, meu pai ficaria muito triste. E o câncer se alimenta de tristeza. É uma doença assim maligna.

— Acho que sim — concordo.

— Bem agora que a história de namorar de mentira tinha acabado... — Joy diz.

— Oi, ironia — digo.

— Vamos voltar ao calendário compartilhado?

— Não — digo. — Somos profissionais agora.

Joy dá uma risada fraca. Então sua expressão se desfaz. É uma piadinha triste e terrível.

— Vamos nos virar como der — digo. — Ainda temos até o fim do ano letivo.

— Até o fim do ano letivo — ecoa Joy.

Ouçó um sussurro na minha cabeça: *Só quero deixar tudo isso pra trás*. Não sei o que exatamente significa. Mas não ousou dizer em voz alta. Não enquanto Joy e eu estamos deitados aqui, sob os raios de sol mornos e entrecortados. *Só quero deixar tudo isso pra trás* faz parecer que Joy é parte do problema. *Só quero deixar tudo isso pra trás* sugere que quero terminar com ela, e não quero.

Mas facilitaria as coisas, não?, ouçó outro sussurro.

Claro, respondo. *Mas viver sozinho e escondido no deserto também facilitaria*.

Joy é parte do problema tanto quanto eu sou parte do problema, mamãe-e-papai são parte do problema e por aí vai. Somos todos parte dele, querendo ou não. Todo mundo é parte do problema, e todo mundo é parte da solução, e é isso que torna tudo tão irritante.

Acho que o que eu realmente quero dizer é: *Gostaria que as coisas fossem mais simples*. Mas sinto que tenho dito muito isso ultimamente. E dói um pouco mais a cada vez.

O verão vai vir e ir embora. Meu pai provavelmente vai morrer. Em coreano, dizemos *doragada*, que significa “voltar”.

Ah, meu Deus. Voltar pra onde?

Joy vai embora de casa.

Então minha mãe chega, meros dez minutos depois, e nem desconfia de nada. Joy e eu somos ótimos nessa coisa de discrição.

Oi, ironia.

Em geral, minha mãe fica no meu pé quando chega em casa. *Você come alguma coisa, vai jogar com Q, vai estudar pra prova*, e por aí vai. Mas agora ela só senta à mesa de jantar vazia, que nunca usamos, e fica ouvindo o tráfego da rodovia à distância.

— Loja muito quente hoje — minha mãe diz.

— Papai ligou o ar-condicionado?

— Não! — minha mãe diz. — Ele tão pão-duro.

Tenho vontade de dizer: *Que porra ele está esperando?* Então passa.

— *Aigu*, muito cansada hoje — minha mãe diz, então vai para o sofá da sala descansar.

Ela inspira fundo, segura o ar e solta um longo suspiro. Depois passa as mãos nos olhos.

— Mamãe muito cansada — diz.

Eu a observo começar a cair no sono.

— Muito quente — ela murmura, embora não esteja. — Frankie-ya, abre janela?

Abro as janelas pra deixar a brisa entrar.

— Está melhor assim? — pergunto.

Mas minha mãe não responde, porque já está dormindo.

As cortinas brancas das janelas abertas vão de um lado a outro sem produzir som. De um lado a outro, seguindo o movimento do vento morno varrido pelo sol.

magros e gordos

A era do ensino médio está se desintegrando lentamente e se transformando em uma orgia apocalíptica de negligência gratuita. Os alunos matam aula para almoçar na rua. O sinal toca, mas todo mundo ignora e continua deitado na grama ou fazendo o que for. Tem uma reunião obrigatória envolvendo alguma apresentação do grêmio estudantil sobre tudo o que realizou, mas quase ninguém aparece. Nem a diretora da escola vai. Depois de cinco minutos, uma tortilha voa para o palco de algum lugar na plateia, e o vice-diretor literalmente joga as mãos pro alto e vai embora.

O sr. Soft previu a chegada da tempestade de tortilha metafórica. Ele está preparado. Arrastou seu escandaloso projetor 8K de casa — o sr. Soft tem um blog e aparentemente é um ávido crítico de aparelhos de audiovisual no tempo livre — e deixou que assistíssemos ao que quiséssemos. Ele até trouxe uma maquininha de fazer pipoca. Nada de cálculo. Vemos um filme e comemos pipoca às sete da manhã.

— Estou muito orgulhoso de vocês — o sr. Soft diz. — Nesses últimos dois meses, tudo o que vamos fazer é comemorar com cada um de vocês, conforme as cartas de aprovação nas faculdades forem chegando.

E elas chegam mesmo.

Naima Gupta entrou em Harvard. Ela descobriu durante a aula e derrubou o laptop no chão. Mais pipoca pra ela!

E eu, entrei em Harvard? Como preferi não receber nada por e-mail, só a correspondência guardada na Bolsa dos Tesouros pode dizer.

Meus pais ainda se importam tanto quanto antes que eu vá para Harvard?

Amelie Shim entrou na Universidade de Chicago. Paul Olmo, na Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Brit Means entrou na Universidade da Califórnia em Davis, como planejava. Fico feliz por ela. Nunca vou visitá-la, nunca vou ver seu quarto no alojamento, nunca vou conhecer seu local preferido no campus, onde ela senta e fica sonhando acordada. É estranho que no passado eu tenha desejado tanto tudo isso.

Andrew Kim entrou em Yale, onde seu sonho de atuar certamente vai se tornar realidade. John Lim e Ella Chang entraram na UCLA. Eles ainda não se assumiram para os pais. Wu Tang entrou na USC e vai se juntar ao panteão familiar de atletas de queixo largo formados na instituição.

Forço Q a matar a quarta aula para contar tudo sobre a confusão na Reunião, sobre como tirou meu chão e o de Joy, e sobre como meu pai tem milhares de bombas-relógio minúsculas pulsando dentro dele. Q ouve. Só franze a testa para o chão: a superfície do planeta Terra, um lugar tão injusto, tão zoadado e trágico o tempo todo.

Então Q chora. Chora até que suas lentes se encham de lágrimas. Tiro o óculos dele e limpo na minha camiseta.

— Desculpa por chorar como um bebê gigante com a fralda suja — Q diz.

— Tudo bem, seu bebê anormalmente grande — digo, e estico o braço para segurar o dele.

Alunos passam e nos olham, provavelmente se perguntando se somos um casal que acabou de terminar, nas últimas semanas de aula. Esse tipo de coisa tem acontecido em todo o campus. É o fim dos tempos.

— Não — Q diz. — Quer dizer, sinto muito por te dar outro problema com o qual lidar. Você já deve ter lágrimas o bastante sem as minhas. A última coisa de que precisa é da minha contribuição.

— Pode contribuir, meu chapa — digo. — Tem espaço ainda.

— É só que... — começa Q, fungando forte — O que tudo isso significa, caralho? Você vive, trabalha, morre. Um dia briga com pessoas que são suas amigas desde sempre e no dia seguinte é como se fossem desconhecidos? É isso que o universo está nos dizendo?

— Né?

Q finge arrumar o óculos, mas sei que está escondendo os olhos com as mãos.

— Isso vai acontecer com a gente também?

— Ei — digo. — De jeito nenhum. Para com isso.
Q pisca para os armários, o chão brilhante de linóleo, as portas.
— Vou sentir falta deste hospício infernal — ele diz. — Minha mãe disse que os últimos envelopes chegaram hoje.
— Os meus também. Ela está colocando tudo na Bolsa dos Tesouros?
Q olha pra mim.
— Sua mãe também?
— Claro.
— E a de Joy?
Assinto.
— Acho que as bolsas estão finalmente completas — digo.
— E você não olhou?
— Meu chapa, nenhum de nós sabe de nada.
Q deixa a cabeça cair no meu ombro.
— Te amo, cara.
— Também te amo, parceiro.
— Sinto muito mesmo pelo seu pai...
Levanto a mão para impedir Q de continuar. Já chega de chorar.
— O que a pata falou pro pato? — perguntei.
— Hum?
— Vem quá.
— Quê?
Olho nos olhos de Q.
— O que a pata falou pro pato?
Ele olha nos meus olhos. Suas íris estão tão escuras que se misturam às pupilas.
— Vem... — começo a dizer.
— Hahahahahahahahaha — dispara Q. — Hahahahahahahahaha!
— Calma, cara — digo.

Uma hora antes da aula acabar, eu e Joy conspiramos para chegar ao sonolento Consta mais cedo para ver quantos beijos conseguimos dar antes que Q chegue para ir embora conosco.

— Vamos a um parque de diversões no sábado — sugiro.
Joy sorri, mas me corta.

— Não posso. Tenho Reunião.
Levanto minhas sobrancelhas tão alto quanto possível. *É?*
Ela dá de ombros com tristeza.
— Vão só os Kim e os Chang.
— Então é verdade — digo. — Todo mundo escolheu um lado.
Agora é a vez de Joy levantar a sobrancelha.
— Tenho Reunião no domingo — digo. — Só com os Lim.
— Nossa — Joy diz, desanimada.
— Esquece — digo, e puxo minha linda namorada para um beijo. Mas é como beijar um presunto.
— O que foi? — pergunto.
— Não sei — ela diz.
Olho para Joy.
Ela traça um círculo na coxa.
— A gente está aqui. Aos beijos. Mas fora desse círculo tudo é uma merda sem fim. O que é um saco. Faz eu me sentir estranha e contaminada.
— Como uma floresta coberta de gosma preta — murmuro.
— Oi?
— Eu disse que eu também.
Cubro o círculo com minha mão, então coloco a dela sobre a minha.
— Vamos concordar em não deixar que a bobageira sem fim nos atinja? — digo.
— Vamos concordar que às vezes vai atingir? — Joy diz. — Quer dizer, não consigo acreditar que meu pai é um total escroto. Tenho tanta vergonha dele. De como é orgulhoso. De como está fodendo a nossa vida.
Levanto o descanso de braço e puxo Joy para mais perto. Uma folha marrom entra no carro com o vento e aterrissa na minha coxa. As células da folha secaram e se transformaram em renda.
Me pergunto por quanto tempo nossos pais vão ter poder sobre nós. Por tanto tempo quanto deixarmos?
Como se em resposta, Hanna finalmente retribui minha mensagem pelo espelho pra macaco.
Pode ficar com o que quiser do meu quarto, ela escreve. Está usando minhas roupas também? Na verdade isso foi uma piada sem graça. Te apoio totalmente se tiver questões de gênero a resolver.

Talvez a resposta seja sempre. Nossos pais vão ter poder sobre nós até morrerem e mais além.

Prometo a mim mesmo que vou ligar para Hanna em breve.

— Ajeitem suas vestimentas — diz uma voz. — Eis que se aproxima seu humilde servo Q, com passadas tão leves que até um floco de neve ficaria pesado de inveja por perder...

— Pergunta de quem ele gosta — digo a Joy. — Pega o cara de surpresa. Joy enfia a cabeça para fora.

— De quem você gosta? — ela grita.

— A solução desse mistério será sussurrada com meu último suspiro — Q diz, sem hesitar um segundo que seja. — E nem um suspiro antes. Putos.

— Argh — Joy solta. Ela vai para o banco de trás pra que Q possa entrar no da frente. Nos organizamos assim por um motivo específico: visibilidade.

Enquanto vamos buscar as Bolsas dos Tesouros.

Vamos primeiro para a minha casa. Estaciono na garagem. Minha mãe dá uma olhada e franze a testa ao notar Joy no impecável Consta. Mas ela também vê Q no banco da frente, então sorri e acena como se tudo estivesse normal.

Corro para dentro, pego minha Bolsa dos Tesouros e saio com o carro.

Chegamos à casa de Joy. Ela puxa minha orelha direita ao sair, abre a porta da frente e desaparece por um longo e silencioso momento. Então aparece, e a porta já está se fechando devagar às suas costas quando para de repente.

E volta a abrir.

É o pai de Joy que está ali. Impecável. Inteligente. Imponente.

Vejo que ele diz algo à filha. Joy responde. Ele levanta um dedo em aviso, ainda olhando para mim, e acrescenta algo. Então olha para Q, e a dispensa com um gesto absurdamente animado.

Meu Deus, o que esse cara faria se fôssemos só eu e Joy, sem Q?

Eu a vejo grunhir, enrolar o cabelo como se fosse um guarda-chuva com um discreto brilho esverdeado e correr de volta ao carro.

— Vamos cair fora daqui — ela suspira.

Então dirijo. Os olhos do pai de Joy nos seguem conforme nos afastamos.

— Tudo bem? — pergunto.

— Tudo, só que nada — ela diz.

— Te entendo total — concordo.

— Nossos pais, que queriam que namorássemos, agora não querem mais

— Joy diz a Q. — Dá pra acreditar nessa merda?

— Na verdade, dá — Q diz.

Chegamos à casa dele por último. Enquanto Q corre pelo caminho de seiscentos quilômetros até a entrada, eu me viro para o banco de trás para dar mais alguns beijos em Joy. Evon, a irmã bonitona de Q, aparece em uma janela, revira os olhos pra gente e desaparece.

— Essa doida está com todos os meus carregadores — digo.

— Vou matar a garota — Joy diz.

Quando chegamos ao Café Adagio, está quase vazio: nada de estudantes com laptops nem nada do tipo.

— Acho que a ultimanite atingiu este lugar também — digo.

— A inflamação dos alunos do último ano — Joy diz.

Fazemos nossos pedidos e pegamos a maior mesa que encontramos. Q nos instrui a levantar nossas Bolsas dos Tesouros cheias de envelopes.

Há dois tipos de respostas das faculdades: envelopes gordos e envelopes magros. Gordo é bom. É o que você quer. Gordo significa: *Temos muito a falar, e precisamos de espaço para todas as palavras.*

Magro, por outro lado, significa que só precisam de espaço para uma palavra.

— Agora é a hora — Q diz. — Virem no três. Joy, nada de queimar a largada dessa vez.

— Tá — Joy diz.

— Estou falando sério — Q diz.

— Meu Deus, tá — ela diz.

— Um — digo.

— Passeipasseipassei — Joy grita. Tem seis envelopes à frente dela, dois magros e quatro gordos. Ela levanta um envelope gordo com o logo da Universidade Carnegie Mellon.

Q e eu continuamos com nossas Bolsas dos Tesouros levantadas enquanto Joy se agita na cadeira.

— Sabia que você ia conseguir — digo a ela, sorrindo. — Sabia. Você é incrível.

— Obrigada, Frankie — Joy diz, e me beija. Então ela me olha. Sei o que esse olhar significa, porque estou olhando para ela do mesmo modo. É um olhar que quer dizer:

Acho que isso está mesmo acontecendo.

— Vamos, Frank, umdoistrês vira — Q suspira.

— Umdoistrês vira — repito.

Viramos. Os envelopes se estatelam na mesa como peixes.

Vasculho minha pilha. Entrei na UC Berkeley. Isso! Cerro a mão em punho em comemoração. Meta atingida. Na UCLA também. Fica perto demais de casa, mas vou manter como opção. Não entrei em Princeton, e tanto faz, nem em Harvard. Tanto faz também. Eu estava esperando não ser aceito nessas duas. E, no momento, não me importo nem um pouco.

Porque vejo um grande S vermelho e uma árvore: um dos logos mais idiotas já criados, mas que no meu caso transforma o envelope que adorna em uma obra de arte impagável.

É um envelope gordo.

De Stanford.

A Harvard do Oeste.

Na verdade, que se foda: Harvard é que é a Stanford do Leste.

— Aaaaaaaahhhh — grita Joy, e pula nas minhas costas. Me esforço para manter o equilíbrio. Estou perplexo, como se meu rosto tivesse sido atingido por um saco de marshmallows. Viro devagar para encarar Q.

— Vamos ser colegas de quarto — digo.

— Boa, cara! — Q grita, e abraça meu pescoço.

Agora tem duas pessoas agarradas a meu corpo. Meus dois melhores amigos na superfície do injusto, zoador e trágico planeta Terra.

— Ai — digo.

Q me solta. Joy escorrega quando me inclino pra trás, e cai de bunda no chão.

— Me deixa ver o seu — digo a Q. — Cadê?

Passamos por sua prodigiosa pilha — Q se inscreveu em quinze faculdades —, usando as seis mãos para espalhar tudo pela superfície da mesa.

— Cadê? Cadê? — digo. Procuro pelo S vermelho com a árvore. Howard, Georgia Tech, Cal Tech, Cornell, Spelman, todos envelopes gordos. Finalmente, lá está: Stanford.

É um envelope magro.

Todo mundo fica quieto. Nem os baristas falam entre si. Eles nos olham nervosos por trás das enormes máquinas de café.

— Q — digo.

Seus joelhos fraquejam, e ele se agarra à beirada da mesa.

— Não entendo — Q diz. Ele pega o envelope cuidadosamente e estica as bordas como se pudesse ter encolhido ao lavar. Então o solta. — Meu tio é pesquisador lá — Q diz para ninguém em particular. — Até a idiota da minha irmã entrou. Não faz sentido.

— Ah, Q — Joy diz.

Agora é nossa vez de nos pendurarmos nele. Q não suporta o peso tão bem, e cai na cadeira.

— Stanford era minha única opção na Costa Oeste — ele diz. — Achei que era certeza.

— Você não se inscreveu em Berkeley?

Q balança a cabeça em negativa.

— Achei que era certeza.

— Qual era sua segunda opção?

Q dá de ombros e cutuca um envelope gordo da pilha.

— Acho que entrei no MIT, mas...

Meus olhos se esvaziam.

— Você entrou no MIT.

Ele dá de ombros para o envelope. É definitivamente gordo. O mais gordo possível.

— Você entrou no MIT — repito.

— Vamos ficar tão longe um do outro — ele diz.

Decido que Q é a pessoa mais idiota que conheço. Pego o envelope, seguro por duas pontas e me preparo para o golpe.

— Não — Joy diz.

— Tenho que fazer isso — digo, e bato com o envelope na cabeça de Q.

— Você entrou no MIT — digo, batendo nele de novo e de novo. — Você entrou no MIT. Você entrou no MIT.

— Acho que deveria me orgulhar disso, né? — Q finalmente diz.

Uma onda de aplausos vem de trás do balcão. Os baristas glamourosos batem palmas com suas mãos de ossos finos.

— Vocês são, tipo, inteligentes — um deles diz.

— Total — uma barista diz, mascando chiclete.
Eu, Joy e Q nos reunimos em um abraço coletivo.
— Conseguimos — digo. — Estou triste e feliz ao mesmo tempo.
— Feliste — Q diz.
— Triz — Joy diz.

Quando chego em casa, jogo o envelope gordo de Stanford na bancada da cozinha. Minha mãe sorri como se já soubesse. É claro que já sabia. Foi ela que guardou todos os envelopes respeitosamente na Bolsa dos Tesouros. Minha mãe pega o envelope magro de Harvard e o rasga ao meio, então sorri.

Meu pai está na Loja. Ligo para contar a novidade.

— Você indo bem — ele diz.

Você indo bem significa *Eu e sua mãe estamos muito, muito orgulhosos por todo o seu trabalho duro e persistência. Não se incomode com Harvard. Amamos você.*

— Obrigado, pai — digo.

Vou lá para cima.

Me jogo na cama. Mas é como se não caísse nela, porque me sinto tão leve quanto uma bexiga. Meio que flutuo um centímetro acima do edredom. Sou um astronauta, e esta é minha primeira noite emocionante na estação espacial internacional, onde é claro que eles têm camas normais como a minha.

A escola acabou. O vestibular acabou. Me saí bem. Todo mundo se saiu: os Limbos e os TAS.

Estamos todos *indo bem*.

Vejo o gramado cheio de gente, piqueniques e crianças. E, ei, Joy está lá também. Tudo o que me resta fazer é ficar com ela pelo tempo que puder, até que o sol se ponha e as luzes se acendam.

30

uma terra chamada hanna li

— É o Frankie!

— Cara!

— Ca-ra!

— Seu aparelho portátil de mensagem de texto não funciona em Boston?

— Cala a boca.

— Achei que se eu ligasse você ia atender, sendo uma velha e tal.

— Ouvir minha voz não é melhor do que uma mensagem?

— E aí, como andam as coisas em Boston?

— Desse jeito a gente pode estar presente de fato, diferente desses dois manés aqui do meu lado que nem estão olhando pra onde vão. Levanta a cabeça, galera, tem todo um mundo à sua volta!

— Sua voz parece diferente. Está ficando doente?

— É o Frank ou a mamãe falando?

— E o Miles?

— Ele é incrível. Mandou um oi e, porra, quer te encontrar em San Francisco quando você for para, como é que é? *Stanford!* Parabéns!

— Ei, eu queria te dar a notícia.

— Mamãe me mandou um e-mail.

— Então já deve ser a segunda vez este ano.

— É como se eu fosse filha dela ou coisa assim, né?

— Afe.

— Desculpa.

— Então, hum, você e a mamãe... você sabe, chegaram a falar de mais alguma coisa?

— Ah, Frankenstein, podemos só comemorar agora? Você é incrível.

— Valeu.
— Incrível. Você.
— Valeuvaleuvaleu.
— Então, a mamãe me escreveu sobre o outro negócio. Sobre o papai.
— Eu ia te contar.
— ...
— Alô? Você está aí?
— Ele está bem doente, né?
— Bom, basicamente, hum...
— Eu sei.
— É foda pra caralho.
— Uma amiga médica está me ajudando a pesquisar sobre carcinoma microcítico. Ela acha que o prognóstico está certo.
— É foda pra caralho.
— Não sei o que pensar.
— Pois é. Não sei. Quero dizer que gostaria que você estivesse aqui na Califórnia.
— Também quero dizer isso.
— Seu quarto continua igual.
— ...
— Alô?
— Vamos mudar de assunto. Como está Q? Ele também entrou, né?
— Cara. Stanford rejeitou Q.
— Não! Ele está bem?
— Q entrou no MIT.
— Que se dane então. Fala pra ele vir ver a gente quando chegar aqui. E Joy?
— Carnegie Mellon.
— Então vocês vão ter o verão do amor e depois acabou, hein?
— Vamos mudar de assunto.
— O pai de Joy não ficou pegando no seu pé, né?
— Não.
— Que surpresa.
— Como assim?
— Há anos ele deixa papai louco.
— É?

— É um ricaço babaca.

— Você sempre soube disso?

— Kyung Hee me contou há um tempão. É um monte de besteira sobre quem é da cidade e quem é do interior!

— Por que não me contou?

— Ah, e sabe o que mais aquela vaca disse?

— Hanna!

— Kyung Hee veio toda: *Você escolheu um caminho difícil para o amor, com alguém de outra raça. Precisa estar preparada para lidar com como isso afeta todo mundo à sua volta. E: Não pode pensar só em você mesma.* E blá-blá-blá. Porra de supercoreana!

— Hanna!

— Quê?

— Precisamos conversar mais!

— Eu sei, eu sei, eu sei.

— Gosto de conversar com você.

— Também gosto de conversar com você.

— E você é minha irmã. Sabe como essa combinação é rara?

— Ah, Frank.

— Com papai e tudo o mais...

— Para.

— Só fico pensando em quando formos mais velhos e tal.

— Não me faz chorar.

— Tá, tá. Quer ouvir uma piada?

— Você é minha pessoa favorita nesse mundo de merda, e eu te amo.

— ...

— Frank?

— Eu te amo também, viu?

— ...

— Ei, você está chorando?

— Não.

— O que a pata falou pro pato?

— Estou grávida.

— Isso nem faz sentido.

— Eu disse que estou grávida.

— Espera aí.

— ...

— Está falando sério?

— Estou só de um mês, então não deveria contar pra ninguém, porque um monte de coisa pode acontecer, nunca se sabe. Mas eu precisava contar pra alguém. Além do mais, tudo já vem acontecendo faz um bom tempo, e é um eterno “nunca se sabe”. Então decidi te contar.

— Meu Deus, Hanna!

— Dá pra descobrir o sexo no terceiro mês. Quero muito que seja menina.

— Caralho, parabéns!

— Você vai ser tio, Frank Sinatra.

— Mamãe-e-papai sabem?

— Claro que não.

— Quer que eu conte?

— Claro que não.

— Mas você não...?

— Vou resolver tudo. Só preciso estar pronta.

— Vai mesmo?

— Acho que preciso, não? Tenho de seis a doze meses, não é?

— Porra.

— Eu sei.

— Seu quarto continua igual.

— Você já disse isso.

— Você podia vir com Miles e ficar num hotel ou algo assim, não sei.

— Talvez. Eu quero. Miles acha que devo.

— Você poderia encontrar mamãe-e-papai na Loja ou em algum lugar neutro.

— Sabe o que odeio?

— O quê?

— Odeio sentir saudade de casa. E deles. Odeio me sentir assim.

— Então vem pra casa, porra.

— É mais simplificado do que parece.

— Estou com saudade. Isso torna as coisas menos simplificadas?

— Você não sabe. Ainda está na bolha do ensino médio. Aqui fora, o amor te pega quando quer.

— O amor te escolhe.

— Quê?

— Hanna, só vem pra casa, diz o que tem pra dizer e deixa que mamãe-e-papai lidem com isso. Quanto mais cedo melhor, pra eles terem mais tempo de superar o mente-leão antes que... você sabe... antes que...

— Só estou dizendo que é muito, muito simplificado.

— Nem me fala. Eu e Joy estamos tendo que nos esconder agora.

— Como assim?

— Já tem tensão demais entre os pais.

— Verdade.

— Meio que tira a graça da coisa.

— Queria que esse mundo de merda fosse diferente.

— Isso vai soar esquisito, mas às vezes parece que estou traindo mamãe-e-papai ao encontrar Joy escondido. Faz sentido?

— Infelizmente, sim.

— Você vem antes de eu ir embora pra faculdade?

— Vou tentar. Não sei. Só preciso estar pronta.

— Tá.

— Tá.

— Vocês já pensaram em alguns nomes?

— Merda, chegou. Acho que a ligação vai cair.

— O que chegou?

— O trem. Te amo, Frankie.

— Alô?

— ...

— Hanna?

— ...

— ...

31

oobleck

Quando éramos pequenos, costumávamos fazer oobleck.

Para fazer oobleck, é só juntar uma medida de água e duas medidas de amido de milho, então tingir de verde para dar uma graça. A mistura cria uma substância chamada de fluido não newtoniano. Mas o nome oobleck vem de um personagem de um livro infantil do Dr. Seuss. O Oobleck é uma bolota de gosma grudenta e nociva que chega e quase destrói tudo depois que um rei, cansado de seu reino perfeito demais, deseja fervorosamente que alguma coisa — qualquer coisa — aconteça.

É um livro que ensina a ter cuidado com o que se deseja.

E sobre valorizar o que se tem antes que se transforme no que se tinha.

Isaac Newton foi um cientista inovador do século XVIII. Mas ele também era muito ligado ao oculto, e escreveu bastante sobre criacionismo e como devia haver um modo de transformar chumbo em ouro.

Dr. Seuss foi um autor inovador de livros infantis, amado por seu humanismo antifascista. Mas, no começo da carreira, fez uma série de desenhos racistas retratando negros como selvagens e zombando dos prisioneiros de origem japonesa dos campos de concentração americanos. Pelo resto da vida, ele teve remorso da antiga versão de si mesmo.

Nada é uma única coisa apenas. Na verdade, o que começa como uma coisa pode se transformar em algo completamente diferente.

Quando se pressiona com força o oobleck, ele parece sólido. O mesmo acontece quando se bate nele. Dá até mesmo para atravessar correndo um grande vale de oobleck, se por algum motivo você a) tiver um grande vale sobrando e b) oobleck o bastante para enchê-lo.

Mas a coisa mais estranha no oobleck é: se você passar a ponta dos dedos delicadamente, ele cede como um líquido.

Então...

Se tem paredes de oobleck no seu caminho,

Não soque, bata e chute o dia inteirinho.

Prenda o ar, feche os olhos, esvazie a mente

E se deixe entrar simplesmente.

Ande devagar pela escuridão, sem temer

Porque um dia vai estar longe daqui, pode crer.

Meu pai está piorando.

Sempre pensei em como seria seu último dia na Loja, mas ele chegou e passou sem que eu nem percebesse. Num minuto estava sentado na sua banqueta ainda nova na caixa registradora, e no seguinte estava tão tonto que teve que deitar no chão.

No pronto-socorro, foi constatado que sua contagem de glóbulos brancos estava perigosamente baixa, por causa da quimioterapia. O que significava que seu sistema imunológico estava extremamente fraco. O que significava que ele não podia mais trabalhar em contato com outras pessoas.

É uma espécie de troca. Químio significa que meu pai vai viver mais. Também significa que sua qualidade de vida vai ser pior.

Acho que é bom que a escola esteja quase parando devido à ultimante, que se espalhou amplamente, porque isso me libera para ajudar minha mãe a levar e buscar meu pai no hospital, treinar Luis (que no passado foi preso por causa de um roubo de carro que deu errado) como assistente de loja, e ficar sentado com meu pai em casa, construindo o que der de *jeong* enquanto ainda podemos.

Tiro uma selfie com meu pai enquanto ele dorme — ele dorme bastante — e mando para Hanna. Ela começa a responder, mas desiste.

Passo bastante tempo na Loja com Luis enquanto minha mãe cuida do caixa. Gosto dele. Vestimos moletoms e levamos as coisas de um lado para o outro no depósito refrigerado. Luis se arrependeu do erro que cometeu, e se recrimina por ter tentado roubar um carro só para receber a aprovação dos caras da gangue. Como a maior parte dos seres humanos, ele estava desesperado por validação. Agora ele recebe um monte de validação todos

os dias, da esposa e do filho. Ele reza por perdão antes de cada refeição, ao fim de cada dia, e toda vez que senta atrás do volante para ir para casa.

Estar sempre ocupado e me movimentando significa que fico sem responder as mensagens do meu espelho pra macaco por longos períodos. Joy escreve e escreve, perguntando se estou bem. Se meu pai está bem.

— Seu celular não para, cara — Luis diz. — Tem namorada ou algo do tipo?

Gosto de Luis. Mas não seria legal falar abertamente sobre Joy na frente da minha mãe, então digo que não, que não tenho namorada nenhuma, que são só amigos marcando festas de formatura.

Por quatro semanas, mal vou à escola, basicamente porque trabalho sem parar na Loja. É o oposto da ultimanite. Não vejo Joy. Uso uma cinta para proteger a lombar ao levantar peso o dia todo. Um dia, Q dirige até aqui para me visitar, e faz uma tentativa cômica de me ajudar a limpar o chão. Por pena, minha mãe pede que em vez disso ele vá buscar tacos.

Nessas quatro semanas, Luis domina a Loja, e até leva uma prima adolescente tímida e sorridente para dar uma mão. Chega um momento, quando estou fechando, em que me dou conta de que eu e minha mãe mal levantamos um dedo o dia todo.

Oi, yubs, escreve Joy. Como está a loja? Quero te ver!

Também quero ver Joy. Está na hora de começar a tal história do verão do amor.

— Tenho uma ideia — digo à minha mãe. — Já volto.

— Luis faz tudo tão bem — ela diz. — Não conta papai.

— Foi daí que veio minha ideia.

Pego o cartão do banco da minha mãe, dirijo até uma loja de eletrônicos e compro doze câmeras de segurança. Quando volto à Loja, explico a situação a Luis antes de instalá-las.

— Olha, tenho total confiança em você e na sua prima — digo. — Isso não é por causa de vocês. É por causa do meu pai.

Luis olha para cada uma das câmeras desconfiado, mas logo compreende por que é uma boa ideia. Ainda assim, ele fala quando termino:

— Preciso de uma zona morta pros intervalos — ele diz.

— Pode deixar — garanto.

Montamos uma bela zona morta perto da papelaria.

— Só se lembra de ligar e perguntar como fazer as coisas de vez em quando — digo.

— Hum, tá — Luis diz.

— Mesmo que você já saiba como fazer as coisas, liga.

Luis levanta as sobrancelhas.

— Ah, entendi.

Minha ideia é perfeita porque sei que meu pai nunca deixaria que outra pessoa trabalhasse na Loja sem ele por perto. É paranoico demais, tem orgulho demais do que construiu. Mas, sem ele, só sobra minha mãe, e de jeito nenhum vou deixá-la trabalhando sozinha o dia todo.

Então, quando eu e minha mãe nos aproximamos da cama para dar a notícia de que Luis e a prima vão cuidar da Loja em tempo integral, me certifico de ter um tablet novinho e pronto para deixar com ele.

— Não — meu pai diz. — Não pode funcionário dia todo sem eu lá.

Então coloco a tela diante de seu rosto.

— Aqui você pode trocar de câmera. Aqui ficam miniaturas das doze. A imagem é colorida e HD.

— Frankie, não — meu pai diz. — Luis guardando errado isso. Ele...

Na tela, o homem muito mais jovem e muito mais forte reordena e empilha trezentas latas de cerveja em menos de um minuto.

— Ah, ele bom — meu pai diz, impressionado.

— Eu falei — minha mãe diz. — Esse Luis.

— Me dá água com gelo — meu pai diz, com os olhos fixos na tela.

— Pode deixar — digo.

O telefone toca. É Luis, ligando no celular do meu pai.

— Você trabalhando bem — meu pai diz.

— Obrigado, chefe — Luis diz. — Uma perguntinha rápida: quando o caminhão de gelo passa de novo?

— Quinta, dez da manhã — meu pai diz. — Você anota e lembra.

— Deixa comigo — Luis diz. — Obrigado, chefe.

Levo a água gelada pro meu pai, mas ele mal me nota. Aperto o ombro da minha mãe. Ela assente pra mim. *Vai.*

Entro no banheiro, tranco a porta e ligo o chuveiro. Enquanto esquento, finalmente me permito um pouco de tempo com o espelho pra macaco.

Tem uma exposição nova na Galeria Henry, Joy escreveu. Está livre?

Sorrio. *Estou*, respondo.

Sério?, ela escreve.

Sério.

Coraçõezinhos enchem minha tela.

O chuveiro já está quente, mas, antes de entrar, mando uma mensagem para Q. Já faz tempo que não armo um encontro falso. Está na hora de ter um pouco de Joy na minha vida.

Meu caro amigo, escrevo. Sua assistência será crucial esta noite, para um encontro improvisado.

Deslumbre-me, Q escreve. Estou rodeado de familiares intrometidos em visita sob o irritante pretexto de infinitas formalidades prévias à formatura.

Oi?

Uma galera da família veio de DC dizendo que é por causa da nossa formatura, quando na verdade só querem tirar férias na Califórnia e ficar aqui de graça.

Que saco, escrevo. Então você tá ocupado?

Nunca estou ocupado para você, meu amigo. Me dá um segundo.

Quando saio do banho, Q já respondeu.

O trem avança a pleno vapor, meu chapa. Vamos os três “assistir”
Guerra dos anões: Canção do tormento.

Cerro a mão em punho. Vou ter uma desculpa no carro quando estacionar diante da casa de Joy com os olhos vigilantes do pai dela me esperando. Valeu, Q.

Me troco, desço a escada e me apoio no batente da porta para avisar mamãe-e-papai, que ainda estão voltados sobre o tablet mostrando as câmeras de segurança.

— Vou sair para ver um filme com Q — digo. É claro que não menciono Joy, pelo mesmo motivo que não roubo sorvete de criança.

— Ah, prima fazendo trabalho muito bom com esfregão — meu pai murmura para a tela.

— Devia contratar antes — minha mãe diz.

— Sobra menos dinheiro — meu pai diz.

— Mas tem mais tempo, hum?

— Verdade — meu pai diz. — Tem mais tempo.

— Gente — digo.

Minha mãe me olha. Parece a garota que era no anuário da escola.

— Aproveita — ela cantarola.

Então se aproxima mais do meu pai e volta ao tablet.

Tenho tanto orgulho de mim mesmo que poderia vomitar arco-íris.

— Noventa por cento dos mexicano rouba — meu pai diz para a tela, citando suas estatísticas inventadas. — Mas Luis não rouba nada.

— Não noventa por cento — minha mãe diz, armada com sua própria estatística inventada. — Setenta e cinco por cento, mais ou menos.

— Prima não rouba também — meu pai diz, impressionado.

Reviro tanto os olhos que até dói, então vou embora.

É boa a sensação de voltar ao que espero que se torne uma velha rotina:

Pegar Q

Ir até a casa de Joy e esperar que Q toque a campainha

Pisar fundo depois que eles entrarem

Dar uma lida na sinopse de *Guerra dos anões*, só para garantir

Estacionar, dar um abraço coletivo em Q para demonstrar o quanto somos gratos

Morrer de culpa quando ele dá de ombros e diz: “Para que servem os amigos solteiros?”

Seguir nossos caminhos e nos reencontrarmos de três a quatro horas depois

— O que você vai fazer? — pergunto a ele.

— Acho que planejar nossa próxima campanha de Dungeons & Dragons em um café — Q diz, colocando a mochila pesada nos ombros. — Paul quer jogar uma última vez antes que o verão acabe.

— Nerds — Joy diz.

Olhamos para ela como quem diz: “E daí?”.

Está tudo cheio hoje à noite na região industrial: os food trucks, a porcaria do Burger Mac, o novíssimo Sexto Paladar, tudo. Uma mulher e a filha fazem cachorro-quente com bacon em um carrinho de compras ilegalmente adaptado — salsichas deliciosas e ilegais —, mas até mesmo para isso tem uma fila de uns quarenta e cinco minutos.

É a loucura pré-formatura. Só pode ser. Só tem um restaurante remotamente possível.

O Cheese Barrel Grille.

— Me dá um tiro na cabeça e tampa com uma meia — Joy diz.

— Que nojo — digo.

— Vamos logo — Joy diz.

Dão um pager pra gente, e Joy faz cara feia pra ele. Saímos e descemos a rua para ver se conseguimos ingressos para a Galeria Henry, mas tem fila lá também.

— Talvez melhore depois do jantar — digo.

— Grrr — Joy rosna. — Estou faminta, então me avisa se eu começar com bobagem.

— Calma, fera selvagem — digo. — Eles disseram meia hora.

Tudo o que podemos fazer é pegar refrigerantes e ficar em volta de um barril com um desenho de queijo na lateral, que serve de mesinha. Joy bebe ferozmente. Eu a enlaço com o braço, coloco meu canudo em seu refrigerante e finjo que somos um casal às antigas, em uma lanchonete às antigas, até que ela se acalma um pouco. Até nos beijamos, então notamos uma família de quatro pessoas nos encarando e paramos.

— Ng, mesa pra quatro — chama a hostess de ascendência europeia, com olhos inexpressivos.

O pai da família Ng oferece triunfante o pager pulsando à hostess, e os quatro desaparecem no interior iluminado por neon do Cheese Barrel Grille.

— Chegamos antes deles — Joy diz.

— Chegamos? — pergunto.

Joy cutuca os cubos de gelo com o canudinho.

— Certeza.

— Não sei — digo.

Joy quase fecha a cara pra mim.

— É, mas eu sei. Chegamos.

Passo a mão em suas costas.

— Olha, faltam só uns dez minutinhos. Quer outro refri?

Joy se endireita e olha para o lugar onde fica a hostess.

— Vou falar com ela.

— Joy, por favor...

— Não vou ficar aqui aguentando esse tipo de coisa.

A hostess volta depressa, e de repente Joy está lá para interceptá-la.

— Oi... Becky. Chegamos antes dos Ng...

— Joy, ei — sibilo, fazendo sinal pra que ela pare.

Joy me ignora.

— Por que eles entraram primeiro?

A hostess lança um olhar inexpressivo para Joy.

— Sentamos os clientes de acordo com a disponibilidade de mesas. Eles estão em quatro, vocês estão em dois.

— Você não pode simplesmente separar as mesas?

— Infelizmente, não conseguimos serrar nossas mesas de quatro ao meio — a hostess diz, e começa a mexer na tela à sua frente.

— Somos os próximos? — Joy pergunta.

— Sua mesa deve estar pronta em uns dez minutos — a hostess diz. — Quer outro refrigerante?

— Não quero outro refrigerante, Becky — Joy diz.

Becky congela em meio a um toque na tela e só fica olhando para Joy. Ela está considerando nos botar pra fora? Isso tornaria essa noite incrível ainda melhor.

Eu me inclino para segurar Joy.

— Dez minutos está ótimo — digo.

De volta ao nosso barril, Joy rumina.

— Obrigada por ficar do meu lado, Frank.

— Você disse pra eu te cortar se comesse com bobagem, e é o que estou fazendo — digo. — Olha só para aqueles dois. Eles estão esperando como gente grande. Podemos esperar como gente grande também.

Aponto com a cabeça para duas criancinhas apertadas em um carrinho com um espelho pra macaco nas mãos. Percebo que Joy se dá conta de que está sendo boba. Ela me olha de um jeito sem graça.

— Você só está morrendo de fome — digo.

— Li, duas pessoas — Becky chama.

— Obrigado, Becky — digo.

— Alguém desistiu — Becky diz, e levanta uma sobrancelha para Joy.

O pão faz o pior da fome passar. Depois de uma demora prodigiosa, a comida finalmente chega. Joy recebe seu prato de “não lembro o quê” e eu recebo o meu de “não importa, é tudo horrível do mesmo jeito”. Alguma

coisa frita por cima de arroz pastoso acompanhado de tronquinhos verdes em uma piscina de leite salgado, tudo fácil de mastigar. Comida de aposentado. Nem nos damos ao trabalho de pedir sobremesa. São todas gigantescas, como se desafiassem a nossa gula. Só pedimos a conta e esperamos e esperamos.

— *I'm a wreck without my little China girl* — três vozes bêbadas cantam em meio ao barulho do restaurante.

Três americanos grandões de ascendência europeia — foda-se, vamos dizer apenas brancos — estão cantando a música racista para Joy.

Ela enterra o rosto nas mãos.

— Só pode ser brincadeira.

Mas não é. Sinto um aperto no coração. O mundo todo para e se transforma em sombras.

Levanto.

— Ei, vão se foder.

— Gafanhoto *blavo* — um deles diz.

— *Palece* que sim — outro diz.

— Aaaaa-ia — diz um terceiro, imitando um golpe de caratê.

— Vou arrancar o pau de cada um e servir num prato pro outro — grito, bem quando há uma calmaria entre os clientes chocados.

Os três ficam sóbrios.

— Acho que esse palhaço está falando sério — um deles diz.

— Senhor? — alguém diz. É Becky.

— Esses... babacas... estão incomodando a gente — digo a ela.

— Desculpe, mas vou ter que pedir que saiam — Becky diz. — Considere a refeição cortesia da casa.

— Por que *nós* temos que sair? — grito.

— Ah, todos vocês vão ter que sair — Becky diz. — Só estou começando por vocês.

— Mas nós não deveríamos ter que sair — digo. — Foram eles que começaram.

— Frank — Joy geme. — Não vale a pena.

E então, para a confusão de todos os clientes do Cheese Barrel Grille, eu e Joy percorremos o longo caminho até a saída do restaurante. É vergonhoso e bizarro, porque não tenho nada de que me envergonhar.

Do lado de fora, encontramos um muro onde nos apoiar enquanto a gente se recupera.

— É como se o mundo estivesse tentando foder com a nossa noite — ela diz.

— Acho que isso é um pouco egocêntrico — digo. — O mundo não se importa tanto com duas pessoas específicas.

— Afe, Frank, só concorda comigo.

— Estou brincando — digo.

— Não está, não — Joy diz, e é verdade. Estou sendo chato.

— Bom, não acho que as forças do destino estejam conspirando contra a gente — digo, e me afasto do muro. Conduzo Joy até a esquina, na direção da Galeria Henry. É melhor seguir em frente, imagino.

Quando chegamos, deparamos com as portas fechadas e um aviso manuscrito.

CAPACIDADE MÁXIMA ATINGIDA
POR ORDEM DO CORPO DE BOMBEIROS
NÃO SERÁ MAIS PERMITIDA A ENTRADA

— Hum — digo. — Talvez eu esteja errado quanto às forças do destino. Olho para Joy. Ela parece estar lutando contra as lágrimas.

— Ei, vamos — digo. — É só uma noite ruim.

— Mas entre quantas?

— Não pensa assim.

— Como não pensar? — Joy diz. — Faz um mês que não te vejo, e não estou te culpando, você está fazendo o que tem que fazer, mas estou esperando há um mês e... *é isso?*

— É só uma noite ruim. Vamos ter outras noites.

— Você não vai deixar seu pai de lado pra me ver — Joy diz. — Não quero isso. Tem que ver seu pai enquanto pode.

— Vou conseguir ver vocês dois.

Joy aperta as mãos.

— Seja realista. Não temos tantas noites assim até o verão terminar. É por isso que estou chorando como uma criança idiota agora. Acabei de me dar conta disso, agora mesmo. Tem toda uma pressão em cima das poucas noites que nos restam.

— Podemos tentar de novo.

— Quando, Frank? Daqui a algumas semanas? Daqui a um mês? Isso *se* conseguirmos um tempinho para escapar, isso *se* Q puder ser nosso acompanhante.

Eu me aproximo, toco seus ombros com cuidado então a puxo para um abraço.

— Estamos sob bastante pressão, você está certa. Mas prometo que da próxima vez vai ser mais divertido. Vamos garantir que seja.

— Verões do amor deveriam ser desprezíveis, lá-lá-lá, dois apaixonados pulando pelos campos, não se esgueirando para impedir que os pais travem uma guerra entre si — Joy diz. Ela enxuga os olhos. — Devo estar com cara de que alguém acabou de morrer.

— Ainda não é o caso — eu me pego dizendo.

Uma estranha catatonia deve ter tomado conta de mim, porque de repente Joy beija todo o meu rosto com todo o cuidado.

— Ah, *yubs* — ela diz. — Desculpa. Desculpa.

Meu celular vibra. Quando olho, tem um monte de mensagens, todas de Q.

Já estou no carro.

Quando quiserem ir...

Meu chapa, já faz 45 minutos.

Onde é que vocês se meteram?

— Merda — digo. Eu e Joy corremos até a rua onde estacionamos. Longe de todos os casais, longe de todas as luzes, longe, longe, meu carro se encontra sozinho, sob um único poste de luz tristonho, ao lado de um orelhão.

— Q? — chamo. — Você está por aqui?

Ele sai de trás do carro.

— Estava se escondendo? — Joy pergunta.

— Vocês sabem que a polícia atira em garotos como eu se estão sozinhos nessas ruas — Q diz.

— Porra — digo. Jogo um braço sobre os ombros dele. — Foi mal. Perdi a noção do tempo.

Q se afasta, seu rosto é uma mistura de irritação, medo e alívio.

— É melhor a gente ir pra casa — ele diz. — Está tarde.

Então vamos.

Deixamos Joy primeiro. Q vai na frente, por causa da visibilidade. Joy se despede com um aceno triste.

Depois é a vez de Q. Ele se afasta de costas para me dar tchau, então vira e sai correndo.

E por último eu.

Todo mundo está dormindo quando chego em casa. Me jogo na cama e fico olhando para o teto áspero. Fecho os olhos e vejo o rosto de Joy.

Há momentos marcantes no tempo, e este é um, com toda a certeza. O rosto de Joy, brilhando de alegria, de lágrimas, de raiva. Tomado de melancolia ao se despedir de mim mais cedo.

— A noite foi um desastre — digo para o teto. Pego o celular. Meus dedos começam a trabalhar sozinhos.

A noite foi um desastre, escrevo. Desculpa.

Da próxima vez vamos nos divertir.

E da próxima vez, e da próxima.

Vamos desafiar o destino, eu e você.

Que o verão do amor comece!

Meus dedos finalmente param. Apoio o celular na barriga, satisfeito, e deixo que suba e desça com minha respiração. Minutos passam. Nada de resposta de Joy. Talvez esteja dormindo.

O celular vibra. Aí está ela. Olho para a tela.

Se você diz, yubs, Joy escreveu.

Ela digita um pouco mais. Fico olhando para o balão de fala fazendo sua dança de quem diz “Só um momento, por favor”, enquanto Joy escreve. Finalmente, uma mensagem chega. É um desenho de Joy de pijama, bocejando. *Boa noite.*

Gosto da ideia de “se você diz”. Se eu digo, assim deve ser.

Estou falando de *determinação*.

Se você tem a determinação para fazer algo, se comprometer e não desistir, é capaz de qualquer coisa. E não tem determinação maior do que aquela de amar quem se quer.

Então repito: *Que o verão do amor comece!*

Fico olhando para a tela por um momento. Bocejo. Joy não responde. Provavelmente dormiu.

Não quero acordá-la, então escrevo “te amo” e não mando. No meu coração, sei que em algum lugar nos circuitos adormecidos meu balão de fala está lá, fazendo sua dancinha de quem diz “Só um momento, por favor”.

32

alfa e ômega

OBR GAD CA

Formaturas deveriam ser comemorações. Mas por quê? Por que alguém comemoraria o fim de amizades próximas? Por que alguém comemoraria o fato de deixar o lugar que foi sua casa acadêmica, Deus abençoe essa bagunça, por quatro anos? Ou a casa dos pais, que é claro que tinha regras, mas também todas as suas coisas e comida grátis?

A maior parte dos alunos finge: os sorrisos, o momento de jogar o capelo pro alto e tudo o mais.

Eu e o resto dos TAS estamos fazendo tudo direitinho.

Olha só Amelie Shim, com o celular levantado para gravar um Snapstory lacrimoso.

Ou Paul Olmo, com o braço pesado apoiado nos ombros de Q.

E olha só pro Q, olhando para os próprios tênis por baixo da beca roxa em um estado catatônico, provavelmente tentando descobrir por que nunca tentou nada com a garota misteriosa. Agora é oficialmente tarde demais.

Está faltando John Lim, que deve estar discutindo discretamente com Ella Chang atrás de um matinho ou coisa do tipo. John é a letra I e Ella é a letra O.

Brit Means está sentada sozinha, mirando os prédios da escola com seus olhos cinza, velhos e eternos, em um olhar de despedida interminável. Ela vira para mim por um momento. Me *observa*. Depois, volta a desviar o olhar. Brit é a letra F.

Agora olha só para mim, e para Joy. Estamos em cantos opostos da fileira, de propósito. Eu a vejo de soslaio me vendo de soslaio, mas de jeito nenhum vamos arriscar olhares mais demorados que isso. Minha mãe e os pais dela estão sentados próximos na plateia. Quero fugir com ela

para uma última pegação triste e desesperada perto dos aparelhos de ar-condicionado, porque a partir de hoje isso deixará de ser oficialmente uma opção.

Sou a letra O, e Joy é o distante A.

A única feliz entre nós é Naima Gupta, que há muito abandonou a fileira para dançar por aí, entregando jujubas azedinhas para todo mundo. Acho que Naima cresceu até chegar aos treze anos, decidiu que era o suficiente e ficou por aí. Me pego invejando isso. Naima deve ter ouvido alguma versão de “vai fazer suas coisas” e levado a sério.

Ela é o É.

Juntos, nossos capelos deveriam soletrar uma piadinha absurdamente engraçada:

OBRIGADO CAFÉ

Mas já era.

Os discursos terminam, todos nos levantamos e eu e Q meio que só jogamos os capelos por cima do ombro e vamos embora.

— O canudo está vazio! — alguém grita. É Wu, cercado por garotas rindo histericamente enquanto o observam através dos celulares levantados. — Ainda estamos na escola, galera — ele diz. — Foi tudo uma pegadinha, não acabou.

Vamos receber pelo correio, quero dizer, mas deixo que Wu tenha seu momento. Uma das garotas não consegue evitar passar a mão pelo peito dele, como uma criança deslumbrada acaricia um belo labrador. Wu olha para mim e acena rapidamente com o queixo. Retribuo.

Eu e Q vamos até os pais deles, que me abraçam.

— Estamos tão orgulhosos de vocês — a mãe dele diz.

— Diplomas bombando — o pai dele diz.

Evon para de mandar mensagens no celular para tirar algumas fotos desconfortáveis cheias de zoom onde aparecemos eu, Q e a borla dourada do capelo dela. Então volta a mandar mensagens no celular.

Atrás de Evon, tem mais quinze parentes, todos parecendo deslocados com suas jaquetas e botas. Eles tiram fotos de tudo: das palmeiras, dos montes, da grama, de uma gaivota comendo restos de cachorro-quente. Coisas que eu nem noto, por morar aqui.

Q me apresenta a cada um deles. Enquanto aperto mãos, noto um cara só alguns anos mais velho que eu, vestido em um arco-íris de tons de preto,

com pulseirinhas e uma camiseta do Ken Ishii. Ele me encara tão compenetrado quanto eu o encaro. O nome dele é Francis.

— Dizem que uma vez que você aperta a mão de um duplo, o mundo deixa de existir — Francis Lee, primo de Q Lee, diz.

— Então é melhor trocar um aperto de mão de longe — digo, masturbando vigorosamente o espaço entre nós.

Ao fim das formalidades, eu e Q vamos até onde minha mãe está, sozinha.

Ela esteve transmitindo ao vivo todo o evento para o meu pai, que está em casa. O celular dela ficou o tempo todo em um enorme pau de selfie. Ela move o negócio, acerta meu rosto, então recua para me enquadrar direito.

— Parabéns — minha mãe diz. Então dá tapinhas no ar com a mão livre.
— Abraça Q. Abraça, abraça.

Então eu e Q nos abraçamos.

— Parabéns — diz a voz baixa do meu pai, saindo pelo alto-falante do aparelho.

— Obrigado, pai.

— Obrigado, sr. Li — Q diz.

Dou uma olhada nos pais de Joy, à distância. Eles estão nos observando. Provavelmente imaginam que meu pai está ocupado demais na Loja para vir à formatura do próprio filho. Provavelmente estão nos julgando.

Pois que julguem. Meu pai está aqui, só não do jeito que eles pensam.

Minha mãe me vê olhando pra eles. Então os dispensa com um gesto e ri.

— Finge abraçar papai — ela diz.

Q e eu olhamos um para o outro, então decidimos abraçar duas colunas de ar invisíveis à nossa frente, como se fôssemos os piores dançarinos do mundo.

— Haha — ouço papai rir baixo. — Eu abraço também.

Hanna também está aqui, pelo menos por mensagem de texto.

Parabéns, irmãozinho... Me avisa quando receber meu presente.

Minha mãe movimenta o pau de selfie e atinge a cabeça de alguém. Quando meu pai tem um ataque de tosse, ela abaixa o troço e sussurra algo para ele, bem próximo ao celular. Ela me dispensa.

— Vocês aproveita — ela diz. — Comemora.

Formaturas deveriam ser comemorações, então eu e Q vamos nos juntar à rodinha do pessoal da turma e ficamos por lá.

— Acabou — Q diz.

— Sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim — digo.

— E essa baboseira bíblica? — alguém pergunta.

É Joy. A beca dela é ridícula, como todas as becas, mas de alguma maneira a deixa atraente.

Joy dá um abraço de amigo em Q, depois dá um abraço de amigo em mim também. Seu toque é como dar uma gota de água a um andarilho no deserto. Não chega nem perto de bastar.

Mas não reclamo nem busco mais, porque posso sentir os olhos em mim.

O pai dela me observa através de óculos escuros de policial.

— Jantar? Jantar? — pergunto, apontando. — Todo mundo tem jantares chiques pra ir?

— Sim — Q diz. — Vamos ao Remington Resort.

— Cara — Joy diz. — A gente vai ao Capital Steakhouse.

— Vocês dois são finos, hein? — digo. — Acho que a gente se fala depois então.

Por dentro, me pergunto: *Quantas vezes mais vou poder dizer isso, e com tanta tranquilidade?*

— Onde vocês vão jantar? — Joy pergunta.

— Hum, acho que vamos ficar em casa e pedir alguma coisa — digo, tão casual quanto possível. Porque é uma pergunta meio sem noção, e vejo que Joy logo se arrepende dela.

— Claro — ela diz. — Dã.

Luto contra a vontade de beijá-la para que não fique constrangida, para que saiba que está tudo bem, não precisa se preocupar. Nos contentamos com outro abraço entre amigos. Dou um em Q também, só para não parecer suspeito. Espero que ele não perceba meus motivos, ou não se importe.

Nos separamos.

Em quinze minutos, o gramado em que a formatura foi realizada está vazio. Acabou.

33

luz cretina

— Vão descansar, eu cuido disso — digo a mamãe-e-papai. Guardo as embalagens com o que sobrou de comida na geladeira. Ponho a louça e o detergente na máquina e a ligo. Penduro minha beca no armário, perto dos casacos de inverno que nunca são usados.

Vou pro meu quarto, visto minha roupa preta mais avermelhada e meu tênis vermelho mais avermelhado e dou uma vasculhada rápida atrás de uma lanterna de cabeça. Vou na ponta dos pés ver como mamãe-e-papai estão. Os dois dormem na poltrona reclinável dele. Escrevo um bilhete.

FUI NUMA FESTA DE FORMATURA

Lá fora, empurro silenciosamente o carro em ponto morto para fora da garagem, dando um oi quando um dos vizinhos que nem conheço fica observando com a cabeça inclinada. Só dou a partida quando o carro já está na rua.

Ainda dou conta da escalada, acho.

Quando chego a Crescent Cove, já é noite. Não tem estacionamento nesta prainha local. Só um acostamento ladeado de grama clara alta o bastante para esconder um carro, o que é bom. Do outro lado tem um portão frágil — fácil de pular —, e um caminho de terra subindo.

Ela deve estar na cama agora, depois do grande jantar de formatura. Deve estar sozinha.

Quero continuar do momento do abraço de amigo depois da cerimônia de formatura. Trouxe na mochila um terrário em forma de lágrima, cheio de musgo e líquen, meu presente para ela. Vou dá-lo e sei que ela vai amar

mais que qualquer buquê de flores. O verão do amor vai começar agora, independente da hora. Porque eu quero.

É uma questão de determinação.

Conheço esse caminho de terra. Quando as Reuniões eram nos Song, eu e os outros Limbos pulávamos da varanda e seguíamos até a água com nossas lanternas dançando.

Eu e Joy.

Agora, anos depois, sou o único Limbo aqui. Minha lanterna está firme na testa. Em vez de descer, eu subo. O caminho de terra desce e sobe sutilmente; passo por blocos de ar quentes e frios conforme ando. Quando chego às enormes pilastras de concreto abaixo da casa de Joy, apago a lanterna.

É mais fácil descer que subir, por causa da escalada. Mas lembro — o Frank de dez anos lembra por mim — como me segurar na enorme viga de ferro e subir no apoio diagonal estreito que, uma vez percorrido na ponta dos pés usando os rebites quadrados para maior aderência, me leva até a única parte assustadora: uma flexão de braço em um barra fixa sem nada embaixo além do chão a quase cinco metros de distância.

Minha nossa, penso. A gente fazia isso quando era criança?

Bom, parece que ainda consigo fazer a flexão.

Passo uma perna para cima e me pego olhando para a extensão do deque de madeira impecável. Dentro da casa, as luzes estão apagadas. Fico ouvindo. Em meio à brisa morna e aos suspiros fracos do oceano identifico o ruído de uma televisão à distância, o que significa que os Song estão em casa.

Caminho na ponta dos pés — então ativo um holofote que acende por sensor de movimento, o que é muito inconveniente.

Faço uma tentativa patética de me esconder atrás de um vaso cilíndrico pequeno — os Song sempre foram minimalistas, com uma decoração de muito bom gosto. Espero que meu coração desacelere um pouco, de semicolcheias para colcheias, e finalmente de colcheias ao ritmo normal de semínimas quando ninguém aparece para investigar.

Desvio do sensor, espero uma eternidade até que a luz idiota apague e me esgueiro contra a parede do fundo da casa. Ainda faltam seis metros.

Um rosto flutua no vidro escuro quando chego.

É Joy, lendo à luz do abajur.

Bato com tanta delicadeza quanto consigo, a centímetros da cabeça dela, que tem um ataque do coração.

— Sou eu, sou eu — sibilo. Ligo a lanterna para provar.

Joy para antes de jogar o livro pela janela. Ela marca a página, abre o vidro, então bate na minha cabeça com o livro.

— Quase me borrei toda na cama — Joy diz.

— Isso não te traz lembranças? — pergunto.

Ela arregala os olhos.

— Você subiu até aqui a pé?

Assinto.

— Pelo caminho que a gente costumava seguir?

Assinto.

— Ah, Frank — Joy diz, e parece prestes a chorar.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Precisamos conversar — ela diz.

Joy empurra um pufe grande contra a porta, segurando-a sem trancar, e sobe no peitoril da janela aberta. Ela remove um sensor do tamanho de um comprimido da moldura, gruda-o ao par correspondente no batente lateral e pula pra fora.

— A última coisa de que a gente precisa é do alarme tocando — Joy diz.

É uma malandragem tão foda que puxo sua cintura para um beijo. Mas seus lábios estão flácidos. Seu corpo está tenso.

— Vem — ela sussurra.

Joy me guia pela mão até uma clareira iluminada pela lua, escondida entre três ciprestes. Eles formam uma espécie de tenda, escondida para a terra, mas aberta para o mar à nossa frente. Vejo as ondas brancas batendo lá embaixo.

Entramos ali e sentamos. Se eu fosse um tolo cheio de fantasias na cabeça, acharia que Joy está me trazendo a este lugar para fazer amor com vista para o mar.

Mas dá pra perceber que não é fantasia nenhuma.

Ela senta de pernas cruzadas, e espera que eu a imite. Olho para sua mão. Aqui está ela, sobre a minha. Joy pintou as unhas. À luz fraca, não sei dizer de que cor.

Estou pensando que preciso beijá-la antes que possa dizer alguma coisa quando ela diz.

— Acho que a gente não deve se ver mais.

— Não — solto, como uma criança.

— Frank.

— Você não me chamou de *yubs* — digo, surpreso. — Sabia que tinha algo errado.

— Frank, olha...

— Vamos terminar, não é?

— Por quanto tempo acha que podemos ficar nos escondendo antes que algo ruim de verdade aconteça?

— Cacete, estamos terminando mesmo. — Aperto as palmas contra os olhos até parecer que o mar está rugindo. — Você vai mesmo fazer isso. Nossos pais têm uma briga idiota e você vai simplesmente desistir e seguir em frente.

O que está acontecendo com meu rosto? O que quer que seja, deixa Joy com certo medo. Pareço bravo? Traído, com sede de vingança?

— Acabamos de nos formar — digo. — Só temos três meses de verão. Se formos muito cuidadosos e coordenados, se acertarmos os horários direitinho, podemos aproveitar ao máximo.

Um toque de Joy interrompe meu falatório.

— Ouve só o que você está dizendo.

— Podemos dar um jeito — insisto.

— É assim que as coisas são — Joy diz, agarrando o próprio cabelo. O verde deve estar aparecendo, mas, de novo, a luz é muito fraca para que eu tenha certeza. — É com a minha vida que eles estão brincando — ela diz. — E com a sua.

— Vamos ignorar nossos pais — digo. — Foda-se a tribo. Vamos dar as costas e ir embora.

— Você não pode simplesmente ir embora.

— Podemos fazer o que quer que nossa alma deseje — digo. — O resto que se foda.

— É isso mesmo que você quer? — ela pergunta. — Que o resto se foda? Tem ideia do que “o resto que se foda” implica? Não se trata só de nós dois. Não quero que nossas famílias briguem. Não quero que as coisas fiquem esquisitas com meu pai por sei lá quanto tempo. E não quero isso pra você também.

Rio sozinho.

— Então você está dizendo que não vale a pena.

— O que não vale a pena?

Olho para ela.

— O amor.

Joy parece magoada.

— Não é isso que estou dizendo.

Só continuo olhando para ela...

— Não é isso que estou dizendo — Joy repete.

... porque é, sim.

— Só estou dizendo que há outras coisas, mais importantes, a considerar — ela diz.

— Não tem nada mais importante que o amor — digo, e aproximo os joelhos pra poder pressionar meus olhos contra eles até ver um padrão xadrez em verde e preto.

Vamos só ficar juntos, penso. Tudo o que quero é que ela diga: *Se você diz, Frank*. E que tudo volte a como era antes com um único beijo demorado. Mas, em vez disso, Joy só fica olhando para as ondas batendo e batendo lá embaixo, preparando o que vai dizer em seguida.

— Sabe como seu pai teve que escolher entre viver menos e melhor, ou fazer a químio e viver mais e pior? — ela pergunta.

Engulo em seco para reprimir o nó subindo pela garganta.

— Não quero que a gente faça químio — ela diz.

Não entendo muito bem o que ela quer dizer — está comparando a gente a um câncer? Não importa, porque suas palavras me destroem de qualquer maneira.

— Mas eu te amo — digo. — E você me ama.

— A gente foi feliz juntos — Joy diz, triste.

— Então vamos continuar juntos — tento.

— Frank, não posso... a gente... — Joy começa a dizer, mas então tapa a boca, porque não tem mais palavras. Ou está tentando segurá-las?

— Eu te amo — repito. — Você me ama. É simples assim.

Joy abaixa o rosto e eu a seguro com um braço, depois dois, mas ela já está começando a parecer uma estranha. Alguma aura está desaparecendo. Joy é uma fogueira morrendo diante dos meus olhos, e não tem nada que eu possa fazer.

Ela espia através da barreira de braços.

— Olha. O mar está brilhando.

Dou uma espiada. De fato, as ondas quebrando estão azuis.

— É hora das faíscas — digo.

— Sempre me perguntei por que isso acontece — Joy murmura pra ninguém em particular.

— Dinoflagelados.

Ela vira para me encarar através da cortina de cabelo.

— Como sabe disso?

— Não importa — digo, e nossa última brasa se apaga.

Mas não quero isso. Então piso e piso nelas, porque o idiota dentro de mim acredita que pisar nas brasas é a melhor maneira de trazer uma fogueira de volta à vida.

— Você pode começar a sair pra caminhar — digo, fingindo uma animação que não convence ninguém. — E eu te encontro em Crescent Cove...

— Não posso fazer isso.

— Seria perfeito, porque não dá pra ver o canto esquerdo da praia daqui.

— O que Hanna pensaria do seu plano?

— Isso não tem nada a ver.

— Boa noite, Frank.

Então Joy simplesmente levanta e vai embora.

Não a vejo ir.

É mais fácil ficar olhando para os dinoflagelados brilhando, seu modo minúsculo e patético de se revoltar contra as ondas que simplesmente se recusam a parar de incomodá-los.

Ondas cretinas.

Mar cretino.

Olhando para o mar, posso fingir que Joy ainda está sentada ao meu lado. Mas ela não está. Mal sobrou uma marca no lugar onde esteve sentada, que esfriou depressa.

Pego o terrário em forma de lágrima e o penduro em um galho, para que balance loucamente ao vento. O conteúdo não vai durar muito tempo.

Depois de um tempo, me levanto e deixo a parca tenda de ciprestes. Desço pelo caminho escondido, passando pelo deque dos Song. A janela de Joy está fechada. As cortinas também. Tropeço de novo no holofote ativado por sensor e passo direto na frente.

Luz cretina.

Eu me abaixo na beirada do deque, agarro a barra e balanço por um momento antes de minhas mãos escorregarem e eu me ver no ar. *Perfeito*, penso. Estou caindo.

É exatamente aquilo que não deveria pensar, claro, porque, se quero aprender a voar, deveria focar a mente em outra coisa, algo totalmente irrelevante, pra errar o chão e então subir.

34

se você diz

MENSAGENS
JOY SONG
EDITAR
LIMPAR CONVERSA
TEM CERTEZA?
TODAS AS MENSAGENS FORAM APAGADAS

A médica finalmente chega, vira o monitor para mim e me mostra o raio X do meu tornozelo.

— Tudo inteiro — ela diz. — A não ser talvez por seu orgulho, hahaha!

— Pthpththh — digo.

— Estou brincando. Foi uma piada de tiozão, né? Foi uma entorse em inversão. Não é tão ruim assim.

— Não quebrou — minha mãe diz, aliviada. Então dá um soco no meu ombro. — *Aigu*, burro.

— Temos muitos casos assim nessa época do ano, entre certo grupo demográfico, mais jovem — a médica diz.

— Ele foi pra festa de formatura tarde — minha mãe diz. — Nem bebe!

— LIG-LIG — a médica diz.

Racista, quero gritar.

— Assim é mais fácil lembrar que o tornozelo precisa ficar *levantado*, *imóvel*, com *gelo*. *Levantado*, *imóvel* com *gelo* — ela explica.

— Então não foi racismo — digo em voz alta. Opa.

— Alguém está esquentadinho — a médica diz, e me olha de alto a baixo. Essa médica madura está mesmo dando em cima de mim na frente da minha mãe?

— Obrigada, doutora — minha mãe diz, sem perceber nada. — Ele vai pra Stanford.

— Ah, lá é beeeem quente — diz a médica.

Coloco um saco plástico no pé pra tomar banho, porque sou preguiçoso demais pra tirar e colocar a bota ortopédica. Então durmo até as duas. Poderia dormir até o jantar se quisesse. Poderia dormir até setembro e acordar bem a tempo do início das aulas.

Porque é verão.

Verão.

— Que belo verão do amor — digo para o travesseiro.

Desço a escada cambaleando, fico com o tornozelo Levantado, Imóvel e com Gelo, ao lado do meu pai, que também está descansando com as pernas elevadas, e posto um vídeo no Snapstory em um grito desesperado por atenção.

Em poucos minutos, Q me escreve: *Indo praí.*

Noto o nome de Joy entre as dezenas de visualizações do vídeo. Entro no perfil dela e fico olhando por um tempo. Acho que nosso futuro vai ser assim.

A vida ficou complicada, e Joy se assustou. Ela desistiu do nosso amor. O que me faz perceber que o amor é uma crença mútua. Assim que a crença evanesce de um dos lados, puf, a coisa toda cai de cara no chão, como um cabo de guerra que de repente só tem um lado.

Deixo meu espelho pra macaco cair no chão, então pego no sono de novo.

A campainha toca. Eu acordo. Meu pai não está mais aqui. Só eu.

— Frankie-ya — minha mãe diz. — Q aqui.

— Não precisa levantar — Q diz. Ele deixa a mochila grande e pesada no chão e senta perto do meu pé elevado. — O que você fez? Todos os dedos continuam aí?

— A gente foi naquela festa insana no galpão ontem, aí escorreguei naquela poça enorme perto daquele troço, lembra? — digo, arregalando os olhos tanto quanto possível.

— Aaaaahhhh ééééé, verdaaaade — Q diz. — Aquilo foi inacreditável.

— Eu vejo papai — minha mãe diz. Esperamos que ela vá embora e conversamos mais baixo.

— Fui ver Joy ontem à noite — sussurro, então abaixo os olhos.

— Ah, não — Q diz.

Assinto.

— Mas... você... ela... — Q diz.

— Terminamos. Já era. Pift-paft-puft.

— Pift-paft-puft?

— Sei lá — digo.

— Como posso ajudar? Do que você precisa?

— Quero Joy — digo, e escondo os olhos com uma mão rígida.

— Ah, cara. Vem aqui, vem aqui — Q diz. — Dá um abraço no velho Q e esquece isso.

— Não quero mais nada — soluço. — Não quero essa porcaria toda. Só quero que todo mundo fique onde está. Não quero ver o Snapstory idiota da Joy. Não quero você a cinco mil quilômetros de distância. Não quero que meu pai...

— Ah, cara — Q diz. — A coisa é muito séria, pode abraçar mais.

Quando termino, a camiseta de Q está toda molhada.

— Desculpa — digo.

Ele olha para a marca das lágrimas com um estranho orgulho.

— Não precisa pedir desculpa. Você tem sorte.

— Ah, sim, tenho muita sorte. Olha só pra mim.

— Você ama o bastante pra chorar — Q diz. — Admiro isso.

Tenho que rir disso, e Q se junta a mim.

— Tem ideia de como o que você disse é esquisito? — pergunto.

— Você que é o cara da diarreia verbal e do pift-paft-puft.

Sorrio para meu amigo. Meu melhor amigo.

— Quer dar uma saída?

— Você não vai a lugar nenhum com esse tornozelo — Q diz —, que ainda precisa ser explicado, aliás. Fora que tenho comigo nossa campanha final, pronta e esperando a gente começar.

— Você terminou — digo, impressionado.

Q ajeita o óculos.

— Ontem à noite.

Ele tira da mochila seu grosso caderno com espiral que reúne nossas campanhas de Dungeons & Dragons. O nome da aventura é *O truque ardiloso de jP'Qatlalteiaq: O retorno de Totec*. Tem crânios, pentagramas e tudo o mais. Não sei como ele vai conseguir superar os semideuses e o drama da troca de pedras preciosas da nossa última campanha, mas estou curioso.

— Totec, o mago, ressuscita? — pergunto. — Paul vai jogar também?

Q assente.

— Ele deveria ter chegado há uns dez minutos, na verdade. Cadê ele? Eu trouxe Totec de volta por causa daquele filho da puta.

Esperamos e esperamos, então decidimos que, considerando o tempo limitado que nos resta para passar juntos, é melhor ir em frente e começar. Jogo com meu paladino e com o mago de Paul ao mesmo tempo, trocando o estilo da linguagem antiga inventada quando necessário. Na teoria, somos os maiores nerds da história do colégio Palomino. Dois garotos passando as férias de verão em um jogo solitário de Dungeons & Dragons.

Mas nem ligamos. Em poucos minutos, estamos rindo, conspirando, torcendo e grunhindo.

Valeu, Q.

— Vocês come melão — minha mãe grita, matando nós dois de susto, então traz um prato com as fatias cortadas.

Valeu, mãe.

Fazemos isso por semanas.

Posto fotos de nossos bonecos em meio à batalha. Também posto meu tornozelo, que passa da bota ortopédica para uma faixa simples. Mais melão. Q sustenta um olhar intenso de mestre do jogo. Meu pai finalmente consegue comer algo maior que um pedaço de torrada. Recebo curtidas de meus vinte e poucos seguidores com pena. Tanto faz. Estou ocupado demais pra ligar.

Um dia, três valquírias amaldiçoadas emboscam meu personagem enquanto faço sozinho o reconhecimento de uma fortaleza destruída. Meu personagem nem tem a chance de contra-atacar. Morro sozinho, nas ruínas sem nome.

Derrubo meu boneco.

Q o levanta. Ele se esforça para improvisar.

— Ah, hum, contemple o último espírito protetor que sobreviveu a este antigo castelo — Q cantarola. — Sou conhecida como... Barbra, a Boa e Justa, e por meio disto recompenso a pureza de sua alma.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Estou te trazendo de volta à vida — Q diz.

— Dá pra fazer isso?

— O mestre do jogo pode fazer o que quiser — Q diz. — E eu digo que você está de volta.

O sorriso dele é tão grande que não tenho como não sorrir também.

— Barbra? — pergunto.

Q insiste.

— Barbra, a Boa e Justa.

— Se você diz...

35

champanhe de champanhe

É noite. Estou na cama sozinho, pensando em Paris.

Os Song decidiram em cima da hora tirar duas semanas de férias e ir para Paris, porque a) são ricos e b) isso deixa Joy bem longe de mim. Estou sendo egocêntrico? Parece maluquice minha?

Tem fotos de Joy apertando os olhos à luz do sol ao lado de seu irmão mais novo, Ben, diante dos cenários de sempre: a torre Eiffel, a Sacré-Coeur, e por aí vai. Queijos imensos. Baguetes em bicicletas com cestinha.

Joy parece linda, malditos filtros pra fotos! E perdida. E resignada.

Curto, curto, curto, curto. Por que não? Posso fingir que são beijos que ela não sente.

Uma noite, posto uma foto do papelzinho que Charles, o maluco da Loja, me deu meses atrás e eu guardei. Foco no desenho do homem e da mulher pelados, no *ouroboros vaginal* e tudo o mais.

Joy comenta com um coraçãozinho azul.

Acho que isso vai ter que bastar.

Dias depois, Q e eu passamos outro dia inteiro nos arrastando loucamente por masmorras. Minutos depois de Q arrumar suas coisas e ir embora, a campainha toca.

Meu pai entra na sala, sonolento e perplexo.

— Quem é?

— Talvez Q esqueceu alguma coisa — minha mãe diz.

Olho em volta.

— Ah, droga. Os dados dele.

Estou falando da bolsinha de veludo com sete dados caríssimos, esculpidos à mão em opalina cintilante. São dez dólares cada um. Q ama esses dados idiotas. Pego a bolsinha e passo pra minha mãe.

— Pesado — ela diz.

Quando minha mãe se aproxima da porta, ouço murmúrios em coreano. Coreano?

Meu pai se aproxima dela. O coreano fica mais alto, mais formal.

Levanto pra ver do que se trata. Preciso de um segundo — meu tornozelo continua sensível —, mas ali estão eles, todos de pé na entrada cheia de sapatos.

Os Song.

— Opa — digo diante da visão do pai de Joy. Ele tem uma malha sobre os ombros. É o típico cara que volta da Europa e fica confuso ao encontrar tudo tão americano quanto deixou.

A mãe de Joy e o filho mais novo, Ben, também vieram, e estão perto da estatueta do menino caubói assustado.

Joy completa o grupo. Está usando uma polo do Cheese Barrel Grille. Onde foi que conseguiu uma coisa dessas?

Rio alto, então quero chorar, porque uma parte insuportavelmente piegas de mim quer acreditar que ela colocou essa polo só para me dizer: “Sempre vou te amar”.

Quer saber? Foda-se. Foi por isso mesmo que ela escolheu essa polo. É nisso que vou acreditar. Por que mais ela faria isso, neste dia específico, neste lugar específico, quando veio *me* ver?

— Oi — digo.

— Oi — Joy diz.

O pai dela faz um sinal para a esposa, que obedientemente levanta uma sacola grande e extravagante.

— Só queríamos trazer algumas coisas da viagem — ele diz. — Uns presentinhos.

Na sacola tem três echarpes de seda, um broche de cristal, um pote de mostarda dijon de Dijon, e uma garrafa de champanhe de Champanhe.

— Sentimos muito por não termos vindo antes, assim que soubemos da notícia — a mãe de Joy diz, falando devagar e sem cometer erros. — Queremos oferecer nossas sinceras desculpas.

— Tudo bem — meu pai diz. Ele parece quase constrangido por ser visto como está agora, com a calça de moletom que usa há semanas, segurando um copo descartável trêmulo caso precise vomitar. — Obrigado.

— Se precisarem de alguma coisa... — o pai de Joy diz. — O que quer que seja...

Mantenho os olhos em Joy, que só pode me olhar meio segundo por vez. Ela deve ter contado sobre a doença de papai durante a viagem. Sua linguagem corporal diz tudo: essa coisa toda é esquisita pra caralho.

— Frank — meu pai diz. — Você leva sacola lá em cima, no armário da mamãe.

Pego a sacola. Olho para Joy mais uma vez. Está puxando um dedo tão para trás que parece que vai estalar. Ela ainda me ama — dá pra ver —, mas não sabe o que fazer com esse amor.

Nem eu, mas por motivos diferentes.

— Obrigado pelos presentes — digo por cima do ombro, então subo a escada.

Quando chego ao armário da minha mãe, entro nele e fico respirando no escuro. Olho para a linha de luz embaixo da porta, que fica cada vez mais fraca.

Naquela noite, depois que todo mundo foi dormir, fico sentado sozinho no quintal. Estou com um pijama novinho: um conjunto de short e camiseta de Stanford, presente que Hanna mandou. Posto uma foto horrível da lua com a legenda: *Boa noite, verão no quintal*. Recebo algumas curtidas, inclusive de Joy.

Por uma hora, só fico ali, ouvindo o tráfego na rodovia, me perguntando o que mamãe-e-papai e a família de Joy pensam de mim agora.

Vamos dizer que eu e Joy tivéssemos nascido na Coreia. Seríamos coreanos. Pertenceríamos a uma tribo. Mas isso não significaria necessariamente que deveríamos ficar juntos. Porque há tribos dentro das tribos, todas separadas por inúmeras lacunas.

Lacunas no tempo, lacunas entre gerações. O dinheiro cria lacunas.

Gente da cidade, gente do interior.

Se há tantas pequenas tribos por toda parte, o que “coreano” significa? O que qualquer rótulo em qualquer lugar significa?

Meu devaneio é interrompido por um farfalhar nos arbustos no fundo do quintal. Levanto e acendo a lanterna do celular. Sempre quis pegar um gambá em uma foto, ou um guaxinim.

O gambá é gigante. Tem o cabelo meio verde.

Não é um gambá.

— Que porra é essa? — pergunto.

— Você diz bastante isso quando me vê, sabia? — Joy comenta.

Ela sai dos arbustos meio sem jeito e alisa a camiseta.

— Como...? — pergunto.

— Tem um buraco no muro umas três casas pra baixo, e a cerca está toda torta — Joy diz. — Tenho uns dois minutos. Meu carro está no acostamento, com o pisca-alerta ligado.

— Você é louca.

— É só que... vou embora amanhã.

Droga, ela está certa. As aulas na Carnegie Mellon começam antes que as de Stanford. Joy anda até mim como se pisasse em gelo quebrando.

— Só queria dizer que sinto muito — ela diz.

Joy dá outro passo. Só fico olhando. Ela parece tão solitária que quero apertá-la em meus braços e girá-la, mas a boca do meu estômago me diz para não fazer isso. Então não digo nada.

— Sinto muito mesmo — Joy diz.

Não me mexo. Só fico ali, com meus braços cruzados.

— Queria ser mais corajosa — ela diz, então dá outro passo, mas recua em seguida. — Queria ser tão corajosa quanto você. Me sinto tão idiota às vezes. Tenho dezoito anos, sou uma adulta.

Joy grunhe para o céu. Depois de um momento, ela volta a olhar para mim.

— Mas foda-se tudo isso — ela diz. — Só queria dizer que sinto muito. Estou real, desprezível e pateticamente arrependida. Queria que você me perdoasse, e isso parece a coisa mais cretina do mundo, mas você tem que saber que é meu melhor amigo e que não quero te perder nunca.

A última parte — *não quero te perder nunca* — se perde quando eu a beijo.

Demora muito mais que dois minutos. Que o carro dela seja guinchado. Que todos sejam.

Porque foda-se. Não vou desperdiçar minha vida culpando Joy. Não vou desperdiçar minha vida abanando as brasas do arrependimento sozinho no escuro.

— Eu te amo, *yubs* — Joy diz. — Sempre vou te amar. Você aceita o fato de que sempre vamos amar um ao outro e que foi tudo uma questão de circunstâncias?

— Aceito. Você aceita?

— Aceito.

— Então nos declaro marido e mulher — digo. — Pode, hum, ir para a faculdade e não me ver mais até as festas de fim de ano.

— Argh, essas piadas bobas! — grita Joy, em meio ao barulho do tráfego, e me dá o melhor tapa da história.

— Sempre vou te amar, Joy Song.

— Eu só precisava te ouvir dizendo isso.

— Não posso evitar te amar, Joy Song.

— Agora vou ter algo para guardar.

— Eu também — digo.

O tráfego começa a ganhar um tom insistente, e começo a imaginar um policial curioso descobrindo o carro vazio dela.

— Seu carro — digo.

— Eu sei — ela diz.

— Vai fazer suas coisas — digo, antes que parta na direção dos arbustos de novo.

Joy olha para trás. Seu sorriso brilha no escuro.

— O que mais nos resta, né?

36

vida só sonho

As duas últimas semanas de verão passam como gatos depois de um terremoto. Mamãe-e-papai, sentindo minha melancolia, ficam cheios de dedos comigo. Perguntando se preciso de alguma coisa. Cortando um melão atrás do outro.

Meu tornozelo está melhor agora. Me sinto mais alto, como se as coisas tivessem se curado de tal maneira que minha estatura tivesse mudado. Saio de casa sem avisar ninguém, volto quando quero, preparo minhas próprias refeições. Tenho pesquisado a cena musical em Palo Alto e nas redondezas. Começo a me ver ali.

Falo com mamãe-e-papai a respeito, e eles percebem que isso me empolga. Isso os deixa feliste (feliz e triste). Porque, bem quando pensavam que o filho já tinha crescido, lá vou eu mudar de novo. Estou me tornando alguém diferente.

Q também nota. Terminamos *O retorno de Totec* em um esplendor de glória selvagem sob meu comando inepto. Não tento bancar o esperto. Nem penso direito.

— Totalmente insano, cara. Te amo — Q grita.

O que nem Q nem minha mãe nem meu pai conseguem ver, é a salinha secreta no gabinete de curiosidades do meu coração, e o que ela contém.

De volta à minha campanha sanguinolenta e imprudente: quando Paul finalmente aparece para jogar, já destruímos o bladeling supremo no calabouço central de ¡P’Qatlalteiaq, dividimos as pilhas de tesouros e fizemos a viagem de volta para casa. Em geral, agora passaríamos um tempo reunindo recursos, nos curando e treinando para a próxima campanha importante, mas não vai haver uma. Então Q só fecha o caderno, dobra as proteções de papelão, fecha a mochila e suspira.

Paul examina o boneco de Totec antes de guardá-lo no saquinho apropriado.

— Acho que terminamos — ele diz. — *Isang bagsak?*

Batemos palma.

— A que horas vocês vão amanhã? — Q pergunta.

Olho para Paul.

— A que horas, sr. Olmo?

Eu e Paul vamos para o norte juntos. Vou deixá-lo em Santa Cruz e de lá seguir para Stanford.

— Sei lá — ele diz. — Nove? Dez? Talvez onze. Depois do almoço?

— É domingo, então o trânsito deve estar tranquilo — digo. — A gente só precisa aparecer na segunda, então temos tempo.

— Não consigo acreditar que é a última vez que a gente... — Paul diz, incapaz de terminar a frase.

Depois de um abraço coletivo incrivelmente descoordenado que evita cabeçadas por meros milímetros, Paul e Q vão embora.

Segundos depois, minha mãe aparece.

— Eles foram já?

— Foram.

— Ah — minha mãe diz, chateada. — Não disse tchau.

— Vocês vão se ver no Dia de Ação de Graças.

Minha mãe começa a dizer alguma coisa, então para. Quero dizer o mesmo.

Então papai não vai estar mais conosco.

— Tudo bem? — pergunto.

— Eu bem — minha mãe diz.

— Pode falar. Não importa o que seja, quero ouvir.

— Eu bem — é tudo o que ela diz, então sai e finge lavar a roupa.

Joy e eu voltamos a trocar mensagens. Mandamos figurinhas idiotas, gifs e coisas do tipo. Ela me envia uma foto do quarto novo, e um retrato furtivo da companheira de quarto, que, estranhamente, parece uma versão negra de Brit.

As mensagens de Joy começaram com tudo, mas foram diminuindo à medida que ela explora seu novo mundo. Decido que isso é perfeitamente razoável. Seria estranho se não fosse assim.

Naquela noite, minha mãe faz minha comida favorita para o jantar: panquecas de frutos do mar e *mul naengmyeon*, uma sopa fria com macarrão. Tentamos não entrar em pânico quando meu pai faz uma heroica exibição ao se forçar a comer tudo. Ele acaba vomitando a maior parte no copo descartável.

— Desculpa, mamãe.

— *Aigu* — minha mãe diz, o que significa: *Não se preocupe com nada. Não foi culpa sua.*

Ela dá água a ele, que deixa o copo de lado.

— Dá duas cerveja, por favor — meu pai diz. Esse *por favor*... Ele está tramando alguma.

— Não pode beber, você doente — minha mãe diz.

— Médico diz para beber quanto quero, tanto faz — meu pai diz.

Isso faz minha mãe congelar na hora. Ela o vê, sentado ao lado do filho que vai para a faculdade no dia seguinte, e compreende. Minha mãe sabe que a próxima vez que eu o vir talvez seja tarde da noite, em um quarto de hospital, depois de ter vindo depressa de Stanford.

Então ela pega as cervejas. Ela as abre. E nos deixa.

— Odeio cerveja — digo. — Por que você bebe?

— É água de cevada, natural — meu pai diz, e brindamos.

Bebo, porque não consigo pensar em mais nada para dizer. Bebo de novo. Horrível.

Mas é a melhor coisa que já bebi.

— Então — meu pai diz. — Eu lendo outro dia. Aprende palavra nova.

Meu pai espera que eu morda a isca, e eu faço isso.

— Que palavra?

— Neo-humanista.

Ele está sendo enigmático. Lá vamos nós.

— O que neo-humanista significa? — pergunto, como exigido.

Meu pai toma um gole de cerveja.

— Eu coreano. Você coreano também. Mas você menino americano, cem por cento. Chamam neo-humanista. Conhece?

— Mais ou menos — digo, olhando para minha cerveja.

— Essência espiritual, chamam centro da alma, que nem partícula, partícula física. Conhece quark? Parecido. Átomo? Parecido. Tudo mesmo.

— Entendi — digo.

Enquanto isso, meu pai se prepara para mais uma rodada de sabedoria aleatória gratuita. Me preparo. É nossa última noite juntos. Tenho que fazer isso.

— Então — meu pai diz. — Então.

Ele fica em silêncio.

— Então o que, pai? — pergunto.

— Muito orgulho de você — ele diz. — Muito, muito orgulho. Te amo, filho, hum?

Ele coloca a mão sobre a minha. Sua pele está fina demais. Tem um troço que liga direto à veia preso ao pulso dele, como sempre.

Mal consigo dizer as palavras, de tão congeladas dentro de mim.

— Também te amo, pai.

Tenho aquela velha sensação de flutuar de novo, mas dessa vez não em relação a mim. Nem em relação a meu pai. Em relação a tudo à nossa volta. As cadeiras, a torradeira, as panelas e frigideiras, milhares de bugigangas estranhas se desgrudando das estantes.

É linda, essa constelação de cacarecos.

— Então — meu pai declara, restaurando a gravidade com sua voz. — Vida só sonho. — Ele solta minha mão com a desculpa de limpar a lata de cerveja suando. Nunca se sentiu muito confortável com demonstrações físicas prolongadas de afeto. Nunca foi seu jeito. E tudo bem.

— Vamos, pai, não seja tão mórbido.

— Não, eu não mórbido — meu pai diz. — Vida só sonho. Meu sonho? Tão lindo que tive vida toda, Deus me deu. Linda esposa. Loja sucesso. Filho lindo em Stanford. Filha também, vira linda mulher. Fala Hanna que meu sonho o melhor.

— Por que você não fala?

Meu pai ri, o que em coreano significa: *Tenho muita vergonha da maneira como me comportei.*

— Pai — insisto. — Você mesmo vai falar, está bem?

— Tá, Frank.

— Você precisa conversar com Hanna. Tem coisas importantes acontecendo na vida dela. Está me ouvindo?

— Tá, Frank, tá.

Tomo a cerveja amarga e azeda. Quem gosta dessa porcaria? Tomo mais e mais.

Obrigado, cerveja.

— Vou dormir — meu pai diz. — Grande dia amanhã.

— É.

— Se eu dormindo, me acorda quando vai, hum?

— Claro, pai.

— E música... não tem dinheiro — meu pai diz. — Você estuda administração. Mais melhor.

Rio sozinho. Porque, quer saber? Vou fazer o que tiver vontade. Preciso fazer. Foi o que meu pai fez, no fim das contas.

— Tá bom, pai — digo.

risco baixo de incêndio

Antes que eu e Paul peguemos a estrada, preciso fazer uma parada na casa de Q.

Ele esqueceu o saquinho com os dados em casa de novo.

— Espera aqui — digo a Paul, e corro pelo caminho de cascalho de trezentos quilômetros até a porta.

Quando Q a abre, noto que está sozinho em casa.

— Cadê todo mundo? — pergunto.

— Meus pais foram com Evon para San Francisco, passear um pouco antes que as aulas em Stanford comecem — Q diz. — Ela disse que você poderia querer isso de volta, aliás.

Q me entrega um punhado de cabos em verde-limão, roxo, laranja, e por aí vai. Todas as cores do arco-íris, e mais.

— Valeu — digo. — E todos aqueles parentes?

— Foram ao parque de diversões — Q diz.

— Nossa — digo.

— Eu disse que estava com tênia.

— Boa — digo, e ofereço o punho fechado para Q bater com o dele. — Você esqueceu seus dados em casa.

Entrego o saquinho, e Q pressiona os lábios contra os meus.

— O que... — digo, então ele me beija de novo. Curiosamente, seus lábios são mais macios que os de Joy. Mais hesitantes. Q cheira a soda e nachitos picantes.

Quando ele se afasta, vejo que seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Não conta pra ninguém, por favor — Q diz.

Que rosto, penso. Nunca tinha notado como é bonito, como o formato é perfeito. Nunca tinha notado as sardas. É um rosto, me dou conta, cuja

beleza se mostra só quando se presta atenção nele por tempo o bastante. É um rosto pelo qual alguém um dia sem dúvida vai se apaixonar. Então digo isso a Q.

— Um dia você vai fazer um cara de sorte muito feliz.

— Vou sentir saudades — ele diz.

— Eu também — digo.

Sabemos que deixamos a civilização quando chegamos à floresta queimada. As chamas que correram por aqui começaram enquanto eu partia o coração de Brit, um milhão de anos atrás.

— Cara, o fogo se espalhou bastante — Paul Olmo diz.

— É — digo. Faz uma hora e meia que estamos dirigindo, e continuo meio chocado.

De repente, preciso sair do carro.

— Ei — digo. — Tenho que mijar.

— Sem pressa — Paul diz. — *Frankamente*, temos todo o tempo do mundo.

— Haha — digo. — Não sei *colmo* você pensa nessas coisas.

Paul abre um sorriso triste e começa a passar pelas fotos de todos nós juntos no celular.

Quando termino de mijar e o ruído contínuo de água é interrompido, só resta o silêncio. Silêncio total e completo. Então percebo o motivo: com todas as folhas queimadas, a floresta não faz mais barulho. Tem uma placa nova, que deve ter sido colocada recentemente para substituir a queimada, e diz: RISCO BAIXO DE INCÊNDIO.

No entanto, há uma presença, uma forma e uma qualidade nesta floresta morta que é palpável. Está aqui. Como uma respiração suave. É só um momento na vida desse organismo colossal. As árvores vão voltar a crescer, e todo mundo vai esquecer que uma vez chamas altas e quentes o bastante para derreter casas passaram por aqui.

Estou em uma estrada que me leva para longe de casa. É estranho estar aqui. Eu não deveria estar aqui. Porque em casa está meu pai com seu copo descartável. Minha mãe lhe dá tudo de que precisa, que se torna menos a cada dia. Já faz alguns dias que ele não verifica as câmeras de segurança da Loja. Porque sabe que já não importa mais.

Qualquer outra pessoa acharia que sou estranho por ir embora assim.

Um dia, vou receber a ligação. Vou sair da aula, ou pedir que os caras do alojamento façam silêncio, ou congelar em meio a um passo no caminho. Vou dirigir para casa o mais rápido que meu carro permitir, segurando o último adeus que guardei no meu coração.

Mamãe-e-papai ficariam orgulhosos de me ver aqui nesta estrada. Eles insistiram que eu fizesse isso. Então estou aqui por eles tanto quanto por mim. Isso me deixa orgulhoso também.

— Nós dois bem — meu pai disse quando fui embora. — Aproveita.

Pego meu gravador. Aperto rec. Apoio o aparelho num galho retorcido. A memória é barata e tem espaço de sobra. O gravador ainda pode registrar horas e horas mesmo com todos os outros sons guardados nele: da Lagoa Namorada, das ondas do mar, das pessoas no Velhote, do quarteto de percussão, e muito mais. Talvez alguém encontre esses sons e encontre alegria neles.

Deixo o gravador, volto ao indomável Consta e dirijo para o norte.

ação de graças

depois do fim

Tenho um nome.

Frank.

Eu costumava achar que tinha dois: Frank, meu nome — abre aspas — americano — fecha aspas — e Sung-Mi, meu nome — abre aspas — coreano — fecha aspas.

Mas, agora, decidi que Frank é meu nome e Sung-Mi é meu nome do meio. Tenho alguns motivos para isso:

Ter dois nomes é como tentar ser duas pessoas ao mesmo tempo. E quem faz isso?

Ninguém me chama de Sung-Mi, nem minha mãe. Meu pai nunca me chamou assim também.

Passaram dois meses até que meu celular tocasse.

— Você vem pra casa — foi tudo o que minha mãe disse.

Quando cheguei, Hanna já estava no quarto com meu pai. Ela deixou que ele tocasse sua barriga. Meu pai pegou as mãos de Miles na dele e disse:

— Você pai número um de mundo todo pra Sunny.

Hanna e Miles vão ter uma filha, e o nome dela vai ser Sunny Lane (nove letras).

Fiquei no meu quarto. Hanna e Miles ficaram no quarto dela. Minha mãe ficou com meu pai. Vivemos assim por três dias inteiros, acordando juntos, cozinhando juntos, vendo televisão. Só nos entediando juntos. Sentindo o *jeong*. Minha mãe deu a Miles tudo o que ele queria, em grandes quantidades, querendo dizer: *Estou eternamente arrependida por como tratamos você e sempre sentirei muito por nossa tolice.*

O Dia de Ação de Graças veio, e nosso jantar foi o mais simples do mundo: delivery de comida coreana, com frango frito, arroz e pickles de rabanete. Meu pai até conseguiu comer um pouco sem vomitar.

Foi divertido, de um jeito agri-doce. Por algum motivo, voltei a me sentir como criança.

Até que chegou a hora de papai partir.

Todo mundo se reuniu no gramado verde na tarde do enterro. O pessoal da escola, os Limbos. Q foi também, com Evon, a irmã bonitona. Brit foi. Até Wu apareceu. Todo mundo de preto, sem saber para onde olhar. Tentando não encarar minha mãe, Hanna e eu. A cerimônia foi conduzida em coreano, e traduzida simultaneamente para um inglês excelente pelo pai de Joy.

Joy foi. Quando me abraçou, senti um beijo secreto no pescoço.

— Você está bonito — ela disse.

— Você também — eu disse, e me desfiz em lágrimas. Joy me segurou. Não sei por que chorei tanto, por tanto tempo. Não consigo explicar o motivo. Só sentia meu cérebro explodindo em um milhão de estrelinhas escuras. Quando abri os olhos, eu e Joy éramos os únicos no gramado verde. Todo mundo tinha ido.

Ficamos todos sentados juntos em uma sala estranha, comendo uma comida estranha. Parecia uma festa-fantasma em um sonho. Ninguém tinha mudado — ninguém estava saindo com alguém novo, todo mundo estava com a mesma aparência —, mas, ainda assim, todos estávamos diferentes. Dava para sentir. Em determinado ponto, ficamos sem nada para dizer, então só olhamos para a moldura preta com a foto do meu pai, ladeada pelas chamas dançantes das velas.

Foi Hanna quem teve coragem de começar com os abraços de despedida. Todo mundo a seguiu, um a um. Q foi o último na fila, e me deu um estranho abraço formal. Entendi por que ele fez aquilo, com todas as pessoas presentes. Mas eu não queria saber de um abraço formal: eu o abracei com toda a força, para que soubesse que eu o amava.

E então, fiquei sozinho.

— Tchau, pai — eu disse para a foto, e senti uma mão pegando a minha.

— Ele pode fazer o que quiser agora — Joy disse.

— Provavelmente abriu uma loja no além — eu disse.

Demos risada daquilo. Então Joy começou a me olhar de um jeito que eu reconhecia. Com os mesmos olhos daquela noite em que se esgueirou até meu quintal para um último beijo. Ali, na sala de recepção, o olhar de Joy ficou se alternando entre meus olhos e meus lábios. À espera.

Mas o lance dos últimos beijos é que eles são finais. Eu e Joy já tínhamos passado por isso. Estava encerrado.

Informei aquilo a ela apertando sua mão.

— É ótimo te ver — eu disse.

— Até o Natal, acho — Joy disse.

— Até o Natal — eu disse.

Três dias depois, estou voltando para o norte. Minha mãe insistiu. Hanna e Miles vão ficar por mais alguns dias, para que minha mãe possa comprar uma tonelada de roupinhas de bebê para eles.

— De jeito nenhum vou deixar que ela compre um monte de peças cor-de-rosa de princesa — Hanna diz.

— Até parece — digo.

— Ela vai comprar o que quiser, né?

— E você não vai impedir — digo. — Vai amar cada minuto.

Hanna me dá o abraço mais demorado que já me deu, como quem diz: *Você está certo.*

E agora estou de volta à estrada. Paul Olmo está sentado ao meu lado, e Evon Lee está no banco de trás. Dirigimos e dirigimos. Passamos um celular de mão em mão e nos alternamos para escolher as músicas. Atravessamos a floresta queimada de novo, e quando localizo a placa de risco de incêndio, reduzo a velocidade e viro o pescoço para conferir se meu gravador continua lá.

Mas ele foi levado.

Fico tão feliz de ver que não está lá que meus olhos lacrimejam. Sou grato por ter alguém o escutando agora. Sou grato por tudo: esta estrada, as árvores que logo vão florescer de novo, a vida à nossa frente.

Deixo Paul Olmo em Santa Cruz, então ficamos só eu e Evon no carro.

— É sua vez de escolher — murmuro, passando o celular para ela sem nem olhar.

— Então meu irmão te contou que ele é, hum... — Evon diz.

Olho para ela. Evon me olha por trás do celular.

— É — digo. — Contou.

Evon assente.

— Ele disse que ia contar, então... Bom.

— Desde quando você sabe?

— Desde março.

— Hum.

— Ele teve que se preparar pra contar — Evon diz.

Dirigimos por oito quilômetros, passando por infinitas colinas marrons e refinarias. Olho para Evon mais algumas vezes. Ela não sabe sobre o beijo.

— Q contou pros seus pais? — pergunto.

Evon balança a cabeça em negativa.

— Ele mal conseguiu contar pra mim, quanto mais pra eles.

— E você guardou segredo esse tempo todo.

Evon dá de ombros pra mim, como quem diz: *Claro*.

— Você é a melhor irmã três segundos mais nova do mundo todo — digo.

A abençoada Evon Lee abre um dos melhores sorrisos da história.

Chegamos a Stanford. Eu a deixo no dormitório dela. Vou até meu dormitório, estaciono e saio do carro para esticar as pernas.

Não sei o que mais fazer, então passeio pelo campus.

Atravesso o estacionamento e chego a um campo reclinado que acaba revelando um muro de pedra que lembra uma serpente. É uma escultura famosa, aparentemente, que evoca uma mudança sinuosa e uma permanência inflexível ao mesmo tempo.

Desço até o muro e percorro sua extensão. Passo a mão pelas ondulações do topo afilado, que vão para esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita.

Então o muro acaba e eu continuo.

agradecimentos

Obrigado, mãe. Te amo.

Obrigado, irmão. Também te amo.

Obrigado, Jen Loja, por investir seu tempo e por sua preocupação sincera. Agradeço à sua equipe também.

Obrigado, Jen Klonsky, minha heroína na Penguin. É muita sorte que uma pessoa tão inteligente e destemida como você acredite em mim.

Também agradeço muito a:

Shanta Newlin e sua indomável equipe de divulgação, incluindo Elyse Marshall e Marisa Russell

Emily Romero e sua inspirada equipe de marketing, incluindo Erin Berger, Christina Colangelo, Alex Garber e Felicity Vallence

Felicia Frazier e sua intrépida equipe de vendas

Laurel Robinson, Theresa Evangelista e Caitlin Tutterow, além de Kelly Hurst, do outro lado do oceano

Eu não poderia nem sonhar com pessoas mais agradáveis, pacientes e engenhosas com quem trabalhar. Vocês são a elite dos ninjas do mercado editorial.

Mais agradecimentos à família Alloy: Josh Bank, Sara Shandler e Joelle Hobeika, e a Les Morgenstein e Elysa Dutton aqui na Costa Oeste. Vocês acreditaram tanto em mim, por tanto tempo, mesmo quando as coisas não iam tão bem, que agora fico com os olhos marejados.

Um enorme obrigado a Yoon Bai e Gemma Baek por corrigir meu péssimo coreano e por suas importantíssimas habilidades de tradução.

Tiro o chapéu para o artista Owen Gildersleeve, por criar a capa dos sonhos de qualquer autor.

Agradeço a Jillian Vandall, porque é Jillian Vandall.

Eu nem estaria aqui sem minha esposa, Nicola Yoon. Você é meu amor, minha melhor amiga, minha amiga mais esquisita. É minha mais confiável parceira de escrita e minha porta-voz durona nos negócios. Mal posso

acreditar que estamos nessa jornada criativa juntos. De mãos dadas. Lado a lado. Algumas manhãs, acordo pensando: “Somos casados, e somos escritores!”.

Obrigado, Nathan Cernosek, Wendy Wunder, Gregg Rosenblum, Anna Carey, Adam Silvera, Sabaa Tahir, Ransom Riggs, Tahereh Mafi, Marie Lu e Primo Gallanosa, por seu apoio e sua torcida. Vocês sabem o que apenas colegas escritores podem saber.

Obrigado, Andrew Dodge, Michelle Hlubinka, Sue Jung, Christina Ma, J Chad Evans e todos os TAS originais.

Oi, Penny! Aposto que um dia você também vai escrever seus agradecimentos.

Obrigado também a Billy Lambufonda.

E finalmente: obrigado, pai. Você me ensinou mais do que acredito que qualquer um de nós tenha se dado conta. Sei que você só pôde segurar o livro nas mãos, e nem por muito tempo, de tão cansado que estava, mas sei que o leu à sua maneira, usando o coração em vez dos olhos. Agora você pode se gabar de mim para seus novos e misteriosos amigos. Sinto sua falta.

entrevista com o autor

1. O que é mais surpreendente em *Frank e o amor* é que, a princípio, parece uma história fofa sobre um jovem que se apaixona por uma garota na escola (ou que tenta descobrir por qual garota está apaixonado), mas aí percebemos que também é sobre o amor pela família, pelos amigos, e em última instância sobre amar a si mesmo e sua própria identidade. Você planejava escrever sobre todos esses tipos de amor desde o início, ou começou com um deles e os demais vieram depois?

Eu queria escrever sobre todos esses tipos de amor desde o início. Americanos de ascendência asiática são muito marginalizados nos Estados Unidos quando se trata de representações românticas; por isso, sempre enxerguei o amor através das lentes da política, raça e cultura imigrante. O amor nunca existiu isolado num vácuo para mim.

Eu amo escrever e ler histórias focadas nos casais, mas o contexto em que estão inseridos sempre me fascinou também — a reação dos amigos ao relacionamento, positiva ou negativa, e a de suas famílias, colegas de trabalho e assim por diante. Me interessa quase tanto pelo contexto quando pelo próprio casal!

2. Quando Frank vai ao restaurante coreano com a família de Brit, ele fala da pressão que sente para ser um especialista, para conseguir representar perfeitamente essa cultura para aquela família branca. Numa época em que há poucos personagens de origem coreana (e asiática) em livros e na mídia em geral, você também sente essa pressão quando escreve?

Devo admitir que sim — enquanto escrevia o livro, ficava muito nervoso para escrever direito a romanização das palavras coreanas, incluir os detalhes corretos, e assim por diante. Mas enquanto escrevia esse capítulo especificamente, tive uma grande epifania: Frank, desesperado sob a pressão de ser um especialista em comida coreana, finalmente joga

as mãos pro alto e diz, simplesmente, “eu não sei”. Assim que ele diz essas palavras, sente um alívio. Porque dizer “eu não sei” o liberta da responsabilidade, e mostra para a família de Brit que eles não deveriam pressupor que ele é um especialista nem nada do tipo. Mostra que, como ninguém espera que eles sejam especialistas em cultura britânica (sua origem étnica histórica), por que deveriam esperar isso de Frank?

Depois de escrever esse capítulo, eu realmente adotei essas três palavras mágicas — “eu não sei”. Uso essa frase todo dia, o tempo todo. É ótimo.

3. Frank fala sobre os Limbos, e como nunca se sente coreano o suficiente, nem americano o suficiente. Ele também se pergunta se existe um futuro em que poderia ser ambas as coisas, sem ter que escolher um lado. Essa é uma questão comum entre filhos de imigrantes, mas também entre filhos de pais de origens diferentes, o que é muito comum no Brasil. O que você diria para os seus leitores que também sentem que estão no limbo?

Eu diria que o limbo pode ser um lugar lindo para se estar. É difícil no começo, porque você sente que não se encaixa. Mas na verdade você está recebendo a oportunidade extraordinária de enxergar o mundo profundamente de várias perspectivas — mais profundamente do que as outras pessoas conseguiriam —, e você está na vanguarda da criação de um novo grupo, onde a compreensão e a empatia são instintivas para todos. Você também é um ponto de interrogação maravilhoso, que questiona diretamente as origens e o propósito dos grupos que existem hoje.

4. No fim do livro descobrimos que Q também estava lidando com questões sobre amor e identidade. Será que vamos encontrá-lo de novo numa história futura?

Eu amo Q demais. Escrevi Q como uma amálgama dos meus melhores amigos da vida inteira. Adoraria ver onde ele vai parar, mas não há nada definido ainda. Nunca se sabe!

5. Que outros livros você recomenda para quem gostou de Frank e o amor?

São muitos! Recomendo *O Sol também é uma estrela*, não porque foi escrito pela minha esposa genial, mas porque ele faz grandes perguntas filosóficas ao mesmo tempo que é uma história de amor incrível.

Também recomendo *In Paris with You*, da Clementine Beauvais, que tem uma prosa poética muito perspicaz e consegue ser romântico sem ser sentimental.

Também sou muito fã da Mary H. K. Choi. Seu livro mais recente, *Permanent Record*, é maravilhoso, tem sacadas rápidas e inteligentes, e personagens que não dá pra não amar. Mas cuidado, porque a Mary é tão descolada que você pode acabar se sentindo meio brega. Ou sou só eu.

Por fim, vou indicar *Matéria escura*, do Blake Crouch. Sei que é estranho incluir aqui um livro de suspense cabeçudo sobre multiverso, mas Blake escreveu uma obra-prima superenvolvente, que foi uma grande inspiração para eu construir o texto de *Frank e o amor*. Foi ele que me deu a ideia de escrever uma história de amor como se fosse um thriller.



DAVID YOON cresceu em Orange County, na Califórnia, e hoje mora em Los Angeles com a esposa, a escritora Nicola Yoon, e a filha. Ele ilustrou o primeiro livro de Nicola, *Tudo e todas as coisas*. *Frank e o amor* é seu livro de estreia.

Copyright © 2019 by David Yoon

Publicado mediante acordo com Rights People, Londres. Produzido por Alloy Entertainment, llc.



O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO original Frankly in Love

CAPA Owen Gildersleeve

PREPARAÇÃO Sofia Soter

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Jasce Honorato

ISBN 978-85-545-1528-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 [/editoraseguinte](https://www.facebook.com/editoraseguinte)

 [@editoraseguinte](https://twitter.com/editoraseguinte)

 [Editora Seguinte](https://www.youtube.com/EditoraSeguinte)

 [editoraseguinteoficial](https://www.instagram.com/editoraseguinteoficial)

Um romance entre a Casa Branca
e o Palácio de Buckingham

VERMELHO, BRANCO e SANGUE AZUL



CASEY
McQUISTON



ALFARO

Vermelho, branco e sangue azul

McQuiston, Casey

9788554515751

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que pode acontecer quando o filho da presidenta dos Estados Unidos se apaixona pelo príncipe da Inglaterra? Quando sua mãe foi eleita presidenta dos Estados Unidos, Alex Claremont-Diaz se tornou o novo queridinho da mídia norte-americana. Bonito, carismático e com personalidade forte, Alex tem tudo para seguir os passos de seus pais e conquistar uma carreira na política, como tanto deseja. Mas quando sua família é convidada para o casamento real do príncipe britânico Philip, Alex tem que encarar o seu primeiro desafio diplomático: lidar com Henry, irmão mais novo de Philip, o príncipe mais adorado do mundo, com quem ele é constantemente comparado — e que ele não suporta. O encontro entre os dois sai pior do que o esperado, e no dia seguinte todos os jornais do mundo estampam fotos de Alex e Henry caídos em cima do bolo real, insinuando uma briga séria entre os dois. Para evitar um desastre diplomático, eles passam um fim de semana fingindo ser melhores amigos e não demora para que essa relação evolua para algo que nenhum dos dois poderia imaginar — e que não tem nenhuma chance de dar certo. Ou tem?" Vermelho, branco e sangue azul é escandalosamente divertido. É romântico, sexy, espirituoso e emocionante. Amei cada segundo." — Taylor Jenkins Reid, autora de Daisy Jones & The Six e Os sete maridos de Evelyn Hugo

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)

NOITE DAS GAROTAS

garota <3 garoto

ALI CRONIN

SEGUINTE

Noite das garotas

Cronin, Ali

9788543802336

18 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 1º volume de Garota <3 Garoto (Nada é para sempre). Quatro garotas e três garotos de dezoito anos. Prepare-se para acompanhar seu emocionante último ano na escola... Sarah está indo se encontrar com as outras garotas para passarem um tempo juntas e colocarem as novidades em dia. O que elas aprontam enquanto os garotos não estão olhando?

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O GUARDA

KIERA CASS

SEGUINTE

O guarda

Cass, Kiera

9788580869507

102 páginas

[Compre agora e leia](#)

O guarda é o segundo conto que se passa no universo criado por Kiera Cass, autora da trilogia A Seleção. Depois de conhecermos os verdadeiros pensamentos e inquietações de Maxon em O príncipe, agora temos um vislumbre das ideias e emoções do jovem Aspen, ex-namorado de America, que vai trabalhar como soldado no palácio durante o concurso. Antes de ir para o palácio competir pelo coração do príncipe Maxon, America Singer era completamente apaixonada por Aspen. Criado como um Seis, ele nunca imaginou que acabaria se tornando um dos soldados responsáveis por proteger a monarquia. Em O guarda, a história é contada pelo seu ponto de vista, a partir do momento que a Seleção é reduzida à Elite. Sua rotina é composta de exercícios e tarefas variadas dentro da casa da família real — desde cuidar da correspondência até combater os ataques rebeldes. Pela primeira vez, o enfoque é o mundo paralelo dos funcionários do palácio, suas dinâmicas e rede de relacionamentos, que America nunca chegou a conhecer. O guarda também está disponível em edição impressa, como parte da antologia Contos da Seleção, que traz ainda O príncipe com final estendido e bônus exclusivos (como uma entrevista com a autora e informações inéditas sobre os personagens), além dos três primeiros capítulos de A escolha, último livro da trilogia, que será lançado em maio de 2014.

[Compre agora e leia](#)



Não me esqueça

Cronin, Ali

9788543802343

16 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 2º volume de Garota <3 Garoto. Durante os preparativos para a viagem de férias com seus pais para a Espanha, Sarah descobre uma caixa repleta de recordações. Conforme ela relembra histórias de seus amigos, será que ela descobrirá que seus sentimentos por um deles são mais fortes do que imaginava?

[Compre agora e leia](#)